This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

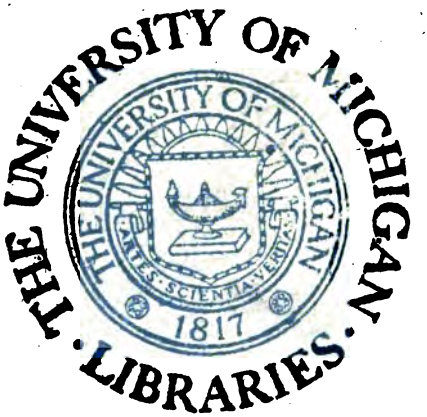
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

JHR A
39015 01815239 06


THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

DP
E78
.L8
1855
v.1-3

GL
GL
V. Beethoven
11-5-70
853684-910
add rel

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

CHRONICA
DO
SENHOR REI D. FERNANDO
NONO REI DE PORTUGAL

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia.

Reinou o infante D. Fernando, primogenito filho d'el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua edade vinte e dois annos e sete mezes e dezoito dias: mancebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a ellas. Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso; tal que estando cerca de muitos homens, posto que conhecido não fosse, logo o julgavam por rei dos outros.

Foi grande creador de fidalgos, e muito companheiro com elles; e era tão mavioso de todos os que com elle viviam que não chorava menos por um seu escudeiro, quando morria, como se fosse seu filho. E a nenhum a que bem quizesse podia crêr [illegible] d'elle fosse dito, mas amava elle e to[illegible] muito de vontade.

em grande quantidade, que em certos logares pelo reino era posto. Alem d'isto, havia el-rei em cada um anno, de seus direitos reaes, oitocentas mil libras, que eram duzentas mil dobras, afóra as rendas da alfandega de Lisboa e do Porto, das quaes el-rei havia tanto que aduz é ora de crêr, cá, antes que elle reinasse foi achado que uns annos por outros a alfandega de Lisboa rendia de trinta e cinco mil até quarenta mil dobras, afóra algumas outras cousas que á sua dizima pertencem.

E não vos maravilheis d'isto e de ser muito mais, cá os reis d'ante elle tinham tal geito com o povo, sentindo-o por um serviço e proveito, que era por força serem todos ricos, e os reis haverem grandes e grossas rendas, cá elles emprestaram sobre fiança dinheiros aos que carregar queriam, e haviam dizima duas vezes no anno do retorno que lhe vinha, e, visto o que cada um ganhava, do ganho deixava logo a dizima em começo de pago; e assim, não sentindo, pagavam pouco e pouco, e elles ficavam ricos e el-rei havia todo o seu.

Havia outrosim mais em Lisboa estantes de muitas terras, não em uma só casa, mas muitas casas de uma nação, assim como genovezes, e prazentins, e lombardos, e catalães d'Aragão, e de Maiorca, e de Milão, que chamavam milanezes, e corcins, e biscainhos, e assim d'outras nações a que os reis davam privilegios e liberdades, sentindo-o por seu serviço e proveito; e estes faziam vir e enviavam do reino grandes e grossas mercadorias, em guisa que, afóra as outras cousas de que n'essa cidade abastadamente carregar podiam, sómente de vinhos foi um anno achado que se carregaram

doze mil toneis, afóra os que levaram depois os navios na segunda carregação de março. E portanto vinham de desvairadas partes muitos navios a ella, em guisa que com aquelles que vinham de fóra e com que os que no reino havia jaziam muitos vezes ante a cidade quatrocentos e quinhentos navios de carregação; e estavam á carga no rio de Sacavem e á ponta do Montijo, da parte de Riba-Tejo, sessenta e setenta navios em cada logar, carregando de sal e de vinhos; e por a grande espessura de muitos navios que assim jaziam ante a cidade, como dizemos, iam antes as barcas d'Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre elles.

E receando os visinhos de Lisboa, que ainda então não era cercada, que gentes de desvairadas misturas e tantas podiam fazer alguns damnos e roubos na cidade, ordenaram que cada noite certos homens de pé e de cavallo guardassem as ruas quando taes navios jaziam ante ella.

El-rei D. Fernando não comprava para carregar nenhuma d'aquellas cousas que os mercadores compram, e porque tem seu costume de viver, salvo aquellas que havia de seus direitos reaes; e, se alguns mercadores queriam tomar cargo de lhe trazer de fóra de seus reinos as cousas que mister havia para suas tercenas, não carregava nenhuma cousa d'ellas, dizendo que seu talante era que os mercadores de sua terra fossem ricos e abastados, e não lhes fazer cousa que fosse em seu prejuizo e descimento de sua honra; e portanto mandava que nenhuns estantes estrangeiros não comprassem, por si nem por outrem, fóra da cidade de Lisboa, nenhum haver de peso, nem comesinho, salvo para

seu mantimento, afóra vinhos e fructa e sal; mas nos portos da cidade podiam comprar soltamente, para carregar quaesquer mercadorias. Nenhuns senhores, nem fidalgos, nem clerigos, nem outras pessoas poderosas consentia que comprassem nenhumas mercadorias para revender, porquanto tiravam a vivenda aos mercadores de sua terra, dizendo que contra razão parecia que taes pessoas uzassem d'actos a ellas pouco pertencentes, mórmente pois por direito lhes era defezo, salvo que comprassem aquillo que lhes cumprisse para seu mantimento e guarnimento de suas casas. E porque Lisboa é grande cidade, de muitas e desvairadas gentes, e ser purgada de furtos e roubos, e d'outros maleficios que n'ella faziam, os quaes presumiam que eram feitos por homens que não viviam com senhores, nem hão bens nem rendas, nem outros mesteres, e jogam e gastam em grande abundancia: porém mandava elle que em cada uma freguezia houvesse dois homens bons que cada mez se inquirissem e soubessem que vivenda faziam os que moravam nella, e os que se com elles colhiam de que fama eram; e se achavam alguns que não uzavam como deviam faziam-n'o saber em segredo a Estevão Vasques e a Affonso Furtado, seus escudeiros, que d'isto tinham cargo, e elles os mandavam prender por seus homens e entregavam á justiça, por se fazer d'elles cumprimento de direito, dizendo que sua vontade era que pessoas que mester não houvessem, nem vivessem com senhores continuadamente, que taes como estes não morassem nas villas e logares de seu senhorio, e que pois elle era teùdo de manter seus povos em direito e justiça, que, recebendo elles damno e sem razão e

elle ahi não tornasse, daria a Deus d'ello grave conta.

Nem consentia que nenhum senhor, nem fidalgo, nem outra pessoa coutasse em bairro em que pousasse nenhum malfeitor, mas mandava que os prendessem dentro nos bairros que se coutavam, pondo grandes penas áquelles que os defender quizessem. Fidalgo nenhum. nem outra pessoa mandava que não pousasse em Lisboa quando elle ahi não fosse, salvo com aquelles que quizessem ter casas e estalagens por pousadias, aos quaes mandava que pagassem por as pousadas rasoados preços, e mandava ás justiças que lh'os fizesse pagar, porque sua vontade era que não pousassem por outra guisa, posto que bairros ahi tivessem. E, para se isto melhor fazer, mandou todos os bispos e mestres e commendadores, e quaesquer outras pessoas a que houvessem de dar pousadas de aposentadoria, que tivesem casas nas villas e logares de seu senhorio, que as corregessem todas até certo tempo, de guisa que podessem n'ellas pousar, e que fossem logo requeridos seus donos d'ellas e seus procuradores que as corregessem; e, se os senhores d'ellas ou seus procnradores fossem a ello negligentes, mandava aos juizes que dos seus bens dessem mantimento a taes que as fizessem correger; e se os juizes punham n'ello tardança mandava ao corregedor da comarca que pelos bens dos juizes as fizesse correger; e se o corregedor era negligente mandava el-rei que se corregessem pelos bens do corregedor; e d'esta guisa eram todos aguçosos a pôr em obra o que el-rei mandava e os poderosos tinham casas em que pouzassem, relevando o povo de muita semrasão que antes d'isto padecia.

Muitas ordenações outras fez e mandou cumprir, por bom regimento e prol do seu povo, este nobre rei D. Fernando, que razoadas todas por miudo fariam tão grande tratado qual aqui não cumpre de ser escripto.

CAPITULO I

Como el-rei de Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando.

DEIXANDO estas cousas que dissemos, que se em outro logar tambem dizer não podem, e tornando ao começo do reinado d'este rei D. Fernando, deveis de saber que, partindo elle d'aquelle mosteiro aonde seu pae fôra trazido e elle levantado por rei, veiu-se a um castello que chamam Porto de Móz, onde esteve alguns dias, e, assim como se elle esperasse nova e grande guerra com algum rei seu visinho, mandou logo por todo o seu reino que soubessem parte quaes poderiam ter cavallos e armas e ser bésteiros e homens de pé; e isso mesmo fez vêr os castellos de que guisa estavam, e mandou-os repairar de muros e torres e cavas de redor, e poços e cisternas onde cumpriam; e ás portas, paredes, travessas e pontes levadiças e cadafalsos; e fornecel-os d'armas e cubas e d'outras vasilhas, segundo os logares onde

cada uns eram; e deu d'isto cargo aos corregedores das comarcas, e aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despeza.

D'ali partiu el-rei e veiu-se a Santarem, e no mez de março, estando elle em Alcanhões, termo d'esse logar, chegaram mensageiros d'el-rei d'Aragão, a saber, *monse* Alfonso de Crasto Novo e fr. Guilherme, mestre em theologia, da ordem dos pregadores, os quaes vinham para tratar paz e amisade entre el-rei d'Aragão, seu senhor, e o dito rei D. Fernando. E foi assim que, falando *monse* Alfonso sobre isto a el-rei, propoz ante elle os grandes e sagrados direitos que entre os reis d'Aragão e de Portugal de longos tempos houvera, por a qual razão, com outras muitas boas, que a seu proposito *provou*, veiu a concluir que vontade era d'el-rei, seu senhor, haver com elle boa e firme paz para sempre e ser seu verdadeiro amigo e de seus filhos e reinos e gentes a elles sujeitas.

A el-rei *prouve* de sua embaixada e deu-lhe boa e *gradiosa resposta*; e firmaram suas avenças o mais firme que se fazer póde: que fossem ambos fielmente amigos, sem outra ajuda nem prestança que se prometessem fazer contra algum outro reino nem senhorio, posto que guerra acontecesse de haver com elle.

Semelhavelmente n'esta sazão ordenou el-rei de Castella d'enviar a elle seu certo recado, para haver com elle paz e amisade, e estando em Burgos fez seu procurador Diogo Lopes Pacheco, que em sua mercê então vivia, para vir tratar esta avença; e, não sendo ainda os embaixadores d'el-rei de Aragão partidos d'aquelle logar d'Alcanhões, chegou Diogo Lopes Pacheco, e devisado o dia para

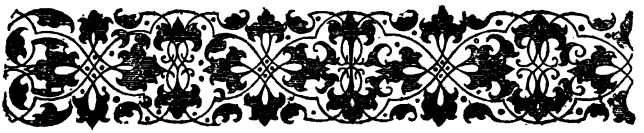
falar a el-rei sobre aquillo porque vinha, propoz ante elle, dizendo assim:

«—Senhor. El-rei D. Henrique de Castella, meu senhor, me envia a vós com sua mensagem, como aquelle que deseja haver boa paz e amorio comvosco, e ser vosso verdadeiro amigo sem nenhum engano; e porem, antes que eu diga nenhuma cousa das por que a vós sou enviado, vos peço por mercê que praza a vossa grande alteza de me dizerdes declaradamente que vontade tendes em haver paz e amor com elle, para eu, com a mercê de Deus e vossa, dizer aquillo que me é mandado e tornar a elle com tal resposta qual cumpre de se dar entre tão nobres reis como vós sois e que hão entre si tão grandes e assignados dividos.»

A estas rasões, respondeu el-rei dizendo: «que elle bem sabia e era certo dos grandes e extremados dividos, assim de linhagem como de bons e compridos merecimentos, que entre elles sempre houvera como irmãos e amigos, os quaes, prazendo a Deus, elle tinha em vontade levar adiante com boa e aguisada rasão, e pois que Deus encommendara paz e amor entre os homens e extremadamente entre os reis mais que outros nenhuns, por seus reinos serem guardados de perigos, que elle por isto e por o logar que de Deus tinha sobre a terra qual sua mercê fôra de lh'o dar, e pelos grandes dividos que entre os reis de Portugal e de Castella sempre houvera serem accrescentados mais cada vez, que a elle prazia de ser seu verdadeiro amigo e haver com elle paz e bom amorio; e que porem elle dissesse sobre tudo o que lhe era mandado e rasoado parecesse de dizer.»

Então firmaram suas amisades e posturas, quaes

entre el-rei D. Pedro, seu pae, e el-rei D. Henrique de Castella antes d'isto foram firmadas, e feitas escripturas sobre ella, quejandas, viram que cumpria; partiu-se Diogo Lopes e foi-se seu caminho, e dizem que d'esta vez falou Diogo Lopes a el-rei como se queria vir para sua mercê.



CAPITULO II

Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra.

CONVEM que sigamos os feitos d'el-rei D. Pedro de Castella com seu irmão el-rei D. Henrique, no ponto que deixamos de fallar d'elles, e isto por de tudo haverdes em breve conhecimento e a ordenança de nossa obra não desvairar do seu primeiro começo; mórmente pois d'el-rei D. Fernando nenhuma couza temos que contar até a morte d'este rei D. Pedro.

E porém deveis de saber que feita esta alliança com el-rei D. Fernando de Portugal, e sendo certo el-rei D. Henrique das muitas gentes que o principe de Galles juntava para vir com el-rei D. Pedro, e como não tinham outro passo tão bom como pelas portas de Roncesvalles, que são no reino de Navarra, e isto cumpria por ser por grado d'el-rei e não d'outra guisa, trabalhou de se vêr com elle e ordenar como não houvesse por ahi passagem. E foi assim que se viram el-rei D. Henrique

e D. Carlos, rei de Navarra, em uma villa do extremo que dizem Santa Cruz de Campaço e ali fizeram seus preitos e menagens juradas sobre o Corpo de Deus, presentes muitos fidalgos: que el-rei de Navarra não desse passagem por aquelles portos ao principe nem a suas gentes, e que passando elles por força, o que entendia que não podia ser, que elle por seu corpo com todo seu poder fosse na batalha em ajuda d'el-rei D. Henrique.

E por segurança d'esta promessa poz el-rei de Navarra em arrefens tres castellos de sua terra, a saber, a Guarda e S. Vicente e o castello de Buradom, o qual havia de ter D. Lopo Fernandez de Lima, arcebispo de Saragoça, e *monse* Beltram de Claquim, um grande cavalleiro de França, que ajudava el-rei D. Henrique e o outro João Ramirez Darelhano; e havia de dar el-rei D. Henrique a el-rei de Navarra, por esta ajuda que lhe promettia, e por defender os portos a el-rei D. Pedro e ao principe, a villa do Gronho.

E estas avenças assim firmadas tornou-se el-rei de Navarra para Pamplona, e el-rei D Henrique se veiu a Burgos mui ledo, crendo que el-rei D. Pedro nem o principe não haviam poder de passar por aquella comarca dos portos de Roncesvalles, porquanto el-rei de Navarra lh'o podia mui bem defender e havia de ser em sua ajuda.

E de Burgos se veiu el-rei a Alfaro e ali se partiu d'elle *monse* Hugo de Carnaboi, inglez, com quatrocentos de cavallo, e foi-se para o principe, seu senhor, que da outra parte vinha; e el-rei D. Henrique, pero lhe muito pesou e lhe podera fazer nojo, não o quiz fazer, tendo que fazia direito em ir servir o principe, filho d'el-rei seu senhor.

CAPITULO III

Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles e juntaram suas gentes para entrar por Castella.

TORNANDO a contar d'el-rei D. Pedro, onde ficámos quando passou por Portugal, elle chegou a Baiona, segundo ouvistes, e não achou n'aquella cidade o principe de Galles, mas a poucos dias se viu com elle e falou com o principe quanto havia mister a ajuda de seu pae e sua; e elle lhe respondeu que el-rei de Inglaterra, seu senhor e pae, e elle isso mesmo, estavam mui prestes de o ajudar, e que já lhe escrevera sobre ello e que era bem certo que lhe prazeria. El-rei D. Pedro, mui ledo da resposta, foi em tanto vêr a princeza sua mulher, em uma villa que dizem Guchesma, e deu-lhe muitas joias das que trazia.

N'isto vieram cartas d'el-rei de Inglaterra a el-rei D. Pedro, em que lhe fez saber como escrevia ao principe seu filho e ao duque d'Alencastre seu irmão, que por seus corpos, com as mais gentes

que haver podessem, o ajudassem a pôr em posse de seu reino; e isso mesmo vieram outras cartas ao principe, em que lhe el-rei fez saber quanto lhe prazeria de toda ajuda que lhe fosse feita por elle e pelos seus, aos quaes escrevia que se juntassem todos com elle; e d'ali adeante começou o principe de mandar por gentes, e juntaram-se muitas para esta cavalgada.

E accordaram el-rei D. Pedro e o principe o que haviam d'haver suas gentes de soldo, e fazia-lhes el-rei pago em ouro e joias, assim das dobras que levava como d'ouro amoedado, que lhe o principe emprestara sobre pedras de gran valor. E foi tratado n'estas avenças que el-rei D. Pedro desse ao principe terra de Biscaya e a villa de Castro Dordialles, e a *monse* João Chantes, condestavel de Guiana, que era um bom e grande cavalleiro, muito privado do principe, a cidade de Soria; e accordaram mais que, até que o principe e todos os seus houvessem pagamento de que haviam d'haver do tempo que servissem e estivessem em Castella, ficassem em tanto em Baiona, em maneira d'arrefens, as suas tres filhas d'el-rei. E, juntas as companhas para entrarem em Castella, fizeram saber a el-rei de Navarra que lhes desse passagem pelos portos de Roncesvalles, e que fosse com elles por corpo na batalha, e que lhe daria el-rei D. Pedro por isto as villas do Gronho e de Bitoria; e el-rei de Navarra, sabendo como as gentes do principe eram muitas mais que as d'el-rei D. Henrique, outhorgou de as deixar passar e de ser com elle na batalha por corpo.

CAPITULO IV

Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro.

El-rei de Navarra, posto em gran cuidado, por a promessa que feita havia a el-rei D. Henrique e depois a el-rei D. Pedro, que era seu contrario, fel-o de feito, porém feiamente.

E foi assim que depois que deu logar ás gentes d'el-rei D. Pedro e do principe, que passassem pelos portos de Roncesvalles, havendo receio de ser na batalha, não quiz attender em Pamplona, mas deixou ahi Martim Henriquez, seu alferes, com trezentas lanças, que se fosse com elles; e foi-se a uma sua villa que chamam Tudella, que é cêrca do reino d'Aragão, e ali tratou com um cavalleiro primo de *monse* Beltram de Claquim, que diziam *monse* Oliver de Manar, que estava na villa de Borja, que era sua, que fizesse d'esta guisa: que el-rei de Navarra andaria á caça entre Borja e Tudella, que eram quatro leguas d'uma á outra, e que

monse Oliver sahisse a elle e o prendesse e levasse preso ao castello, e que o tivesse ali preso em Borja, até que a batalha entre el-rei D. Pedro e el-rei D. Henrique fosse acabada; e d'esta maneira teria boa escusa que não podera por seu corpo ser com elle na batalha, e que por isto lhe daria el-rei de Navarra, em moradia, uma sua villa què chamam Gabrai, com tres mil francos de renda.

Ordenado isto, e feitas suas juras e promettimentos, foi-se el-rei um dia á caça e sahiu a elle *monse* Olivier, e prendeu-o e teve-o preso até que a batalha fosse feita; e então cuidou el-rei outra arte porque sahisse de seu poder sem lhe dar nenhuma cousa, e tratou com elle que lhe deixaria ali em refens o infante D. Pedro seu filho, e que *monse* Oliver o levasse á sua villa de Tudella, e que ali lhe daria recado de tudo o que com elle pozera.

Monse Oliver disse que lhe prazia, e troveram o infante e elle foi-se com el-rei; e, elles em Tudella, mandou el-rei prender *monse* Oliver e um seu irmão, e o irmão, fugindo por uns telhados, foi morto: e preso *monse* Oliver, deram o infante D. Pedro por elle.

Assim que n'esta preitesia elle perdeu o irmão e nenhuma cousa houve do que promettido fôra.

CAPITULO V

Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha.

QUANDO el-rei D. Henrique soube como o principe, com suas gentes, passaram as portas de Roncesvalles, por grado d'el-rei de Navarra, e como se partira da cidade de Pamplona e se fizera prender por arte, ajuntou suas companhas e foi-se aposentar cêrca de S. Domingos da Calçada, em um azinhal mui grande que ahi está, e ali fez alardo e partiu e passou o Ebro, e poz seu arraial cêrca da aldeia de Anastro; e ahi lhe disseram como uns seiscentos de cavallo, dos seus, entre castellãos e ginetes, que elle mandara por cobrar a villa Dagreda, que estava contra elle, eram passados para el-rei D. Pedro, e el-rei D. Henrique não curou d'aquillo, mas cada dia ordenava suas gentes para a batalha.

E os estrangeiros que com elle estavam d'Aragão eram estes: D. Affonso, filho do infante D. Pedro,

CAPITULO VI

Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha, e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro.

Da parte d'el-rei D. Pedro, foi ordenada a batalha d'esta maneira:

Elles todos vinham pé terra, e na vanguarda vinha o duque d'Alencastre, irmão do principe, a que diziam D. João, e *monse* João de Chantos, condestavel pelo principe em Guiana, e *monse* Ruberte Chaullos, e *monse* Hugo Carvaloi, e *monse* Oliver, senhor de Absom, e muitos outros cavalleiros d'Inglaterra, que eram tres mil homens d'armas, assás de bons e usados em guerra.

E na ala da mão direita vinham o conde Darminhaque, e o senhor de Leberte e seus parentes, e o senhor de Rosam, e outros cavalleiros de Guiana, do bando do conde de Foix, e muitos capitães de companhias, até dois mil homens d'armas.

Na batalha postumeira vinha el-rei D. Pedro, e el-rei de Neapol, e o principe de Galles, e o pendão

d'el-rei de Navarra com trezentos homens d'armas, e muitos cavalleiros d'Inglaterra, até tres mil lanças.

Assim que eram por todos dez mil homens d'armas e outros tantos frecheiros, e estes homens d'armas eram então a flor da cavallaria do mundo, ca era paz entre França e Inglaterra, e todo o ducado de Guiana e Arminhaques, e do condado de Foix, e todos os cavalleiros e ricos-homens de Bretanha, e toda a cavallaria d'Inglaterra; e vinham com el-rei D. Pedro, dos seus, até oitocentos homens d'armas, de castellãos e ginetes.

E d'esta maneira foram ordenadas as batalhas de cada uma parte para o dia que se houvesse de fazer, e partiu el-rei D. Henrique d'aquelle logar onde estava, e foi-se contra aquella comarca d'onde el-rei D. Pedro era, e poz seu arraial em uma serra alta que está sobre Alava, onde as gentes d'el-rei D. Pedro não podiam pelejar com elles, pela fortaleza do assentamento, e cobraram os inglezes esforço por isto, porquanto viram que el-rei D. Henrique se pozera n'aquella serra e não descia ao campo, onde elles estavam prestes para lhe dar batalha; e ali soube el-rei D. Henrique como muitos do principe se estendiam pela terra a buscar viandas, e mandou lá alguns capitães com gentes e acharam-n'os derramados buscando viandas, e tomaram-n'os todos; e duzentos homens d'armas e outros tantos frecheiros acolheram-se a um outeiro, e, pero se bem defendessem, em cima, foram mortos d'elles e os outros tomados.

El-rei D. Pedro e o principe, que estavam alem da villa de Bitoria, quando souberam que as gentes d'el-rei D. Henrique ali eram, cuidaram que era elle

que lhe vinha pôr a batalha, e pozeram-se todos em um outeiro álem de Bitoria, que dizem S. Romão, ali reglaram sua batalha; e foi el-rei D. Pedro ar mado cavalleiro de mão do principe, e outros mui tos áquella hora, e tornaram-se os d'el-rei D. Hen rique para seu arraial, e não se fez mais aquell dia.

CAPITULO VII

Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das rasões conteúdas n'ella.

SABENDO el-rei D. Henrique como el-rei D. Pedro e o principe de Galles iam caminho do Gronho por passar o rio Debro, partiu d'onde estava e foi-se para Najara, e poz seu arraial áquem da villa, em guisa que o rio de Najara estava o seu arraial e o caminho por hu el-rei D. Pedro havia d'ir. El-rei D. Pedro e o principe, com suas gèntes, partiram do Gronho e vieram para Navarrete, e d'ali enviou o principe a el-rei D. Henrique um seu arauto com uma carta, que dizia assim: «Eduardo, filho primogenito d'el-rei d'Inglaterra, principe de Galles e de Guiana, e duque de Cornoalha, e conde de Cestre. Ao nobre e poderoso principe D. Henrique, conde de Trastamara.

«Sabei que n'estes dias passados o mui alto e mui poderoso principe D. Pedro, rei de Castella e de Leão, nosso mui caro e mui amado parente,

chegou ás partes de Guiana onde nós estavamos, e fez-nos entender que, quando el-rei D. Affonso, seu pae, morreu, todos os povos dos reinos de Castella e de Leão pacificamente o tomaram por seu rei e senhor, entre os quaes vós fostes um dos que assim lhe obedeceram e estivestes grão tempo em sua obediencia.

«E diz que depois d'isto, pode ora haver um anno, vós, com gentes extranhas, entrastes em seu reino e lh'o tendes occupado por força, chamando-vos rei de Castella, tomando-lhe seus thesouros e rendas, dizendo vós que o defendereis d'elle e d'aquelles que o ajudar quizerem; da qual cousa somos mui maravilhado que um tão nobre homem como vós, e de mais filho de rei, fizesses cousa vergonhosa contra vosso rei e senhor.

«E o dito rei D. Pedro enviou mostrar estas cousas a el-rei d'Inglaterra, meu senhor e pae, e lhe requereu que, pelo grão divido de linhagem que entre as casas d'Inglaterra e de Castella houveram em um e pelas ligas e amisades que com o dito rei meu senhor e commigo tinha feitas, o quizesse ajudar a cobrar seu reino e senhorio.

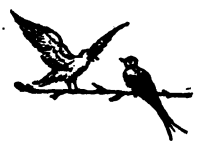
«El-rei meu senhor e pae, vendo que el-rei D. Pedro seu parente lhe enviava pedir cousa justa e arrasoada a que todo rei deve d'ajudar, prouve-lhe fazel-o assim, e mandou-nos que com todos seus vassallos e amigos o houvessemos ajudar, segundo a sua honra pertence, pela qual rasão somos aqui chegados e estamos n'este logar de Navarrete, que é nos termos de Castella.

«E porque se vontade de Deus fosse de se escusar tão grande espargimento de sangue de christãos, como é por força de ahi haver se a batalha

se fizer, de que Deus sabe que a nós pesa muito, vos rogamos e requeremos da parte de Deus e do martyr S. Jorge que, se vos praz que nós sejamos bom medianeiro entre o dito rei D. Pedro e vós, nol-o façaes saber, e nós trabalharemos como vós hajaes em seus reinos e em sua boa graça e mercê tão gran parte por que mui abastadamente possaes manter vosso bom e honrado estado; e, se algumas outras cousas entendeis de livrar com elle, com a mercê de Deus entendemos de pôr ahi tal meio como vós sejaes de todo bem contento.

«E se vos d'isto não praz, e quereis que se livre por batalha, sabe Deus que nos despraz d'ello muito, pero não podemos escusar de ir com el-rei D. Pedro, nosso parente e amigo, por seu reino, e se nos alguns quizerem embargar o caminho nós fazemos muito pelo ajudar, com a ajuda e graça de Deus.

«Escripta em Navarrete, villa de Castella, primeiro dia d'abril.»



CAPITULO VIII

Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao prin cipe por sua carta.

El-rei D. Henrique, vendo esta carta, recebe bem o arauto e deu-lhe pannos d'ouro e do bras, e houve conselho como responderia a principe, porque alguns diziam que, pois lhe nã chamara rei, lhe escrevesse por outra maneira; accordaram que lhe escrevesse cortezmente, e fo a carta n'esta forma:

«D. Henrique, pela graça de Deus, rei de Cas tella e de Leão. Ao mui alto e mui poderoso prin cipe D. Duarte, filho primogenito d'el-rei d'Ingla terra, principe de Galles e de Guiana, e duque d Cornoalha, e conde de Cestre.

«Recebemos por um arauto vossa carta, na qua se continham muitas rasões que vos foram dita por esse nosso adversario que ahi é, e não nos parece que fostes bem informado, como assim seja que nos tempos passados elle regeu estes reinos de

tal maneira que todos o que o sabem e ouvem se podem maravilhar de tanto tempo ser soffrido no senhorio que teve.

«E todos os dos reinos de Castella e de Leão, com grão damno e trabalho e mortes e perigos e malezas que seriam longas de contar, supportaram até aqui seus feitos, os quaes não poderam mais encobrir nem soffrer; e Deus por sua mercê, havendo piedade de todos os d'estes reinos por tão grande mal não ir mais adeante, sem lhe fazendo nenhum de sua terra, salvo obediencia qual devia.

«E estando todos com elle em Burgos, para o servir e ajudar a defender seus reinos, deu Deus sentença contra elle, e de sua vontade propria os desamparou e se foi, e todos os de seu senhorio houveram mui grande prazer, tendo que Deus enviara sobre elles a sua misericordia, por os livrar de tão duro e tão perigoso senhorio que tinham; e todos os dos ditos reinos, assim prelados como cavalleiros e fidalgos e cidadãos, de sua vontade vieram a nós e nos receberam por seu rei e senhor; assim que entendemos, por estas cousas sobreditas, que isto foi obra de Deus.

«E portanto, pois por vontade de Deus e de todos os do reino nos foi dado, vós não tendo rasão por que nos hajaes d'estorvar, e se batalha houver de ser sabe Deus que nos despraz d'ello, pero não podemos escusar de pôr nosso corpo por defender estes reinos, a que teúdos somos, áquelle que contra elles quer ser; e por onde vos rogamos e requeremos, da parte de Deus e do apostolo S. Thiago, que vos não queiraes tremetter assim poderosamente de em nossos reinos fazerdes damno, ca fazendo-o não podemos escusar de os defender.

«Escripta no nosso arraial cêrca de Fajara, segundo dia d'abril.

Mostrou o principe esta carta a el-rei D. Pedro, e disseram que estas rasões não eram bastantes para se escusar de não pôr logo a batalha, e pois todo era na vontade de Deus que com sua mercê fosse assim o livrasse.

CAPITULO IX

Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique.

JÁ ouvistes como el-rei D. Henrique tinha seu arraial posto por onde havia de vir el-rei D. Pedro, de guisa que o rio de Najara estava entre uns e outros, e houve então seu conselho de passar o rio e pôr a batalha em uma grande praça que é contra Navarrete, por onde os inimigos haviam de vir, e d'isto pesou a muitos dos seus, porque tinham á primeira seu arrail posto com mór vantagem do que o depois tiveram; mas el-rei D. Henrique era homem de grão coração e esforço, e disse que não queria pôr batalha, salvo em na praça chã, sem vantagem nenhuma.

E el-rei D. Pedro e o principe, com todas suas companhas, partiram de Navarrete sabbado pela manhã, pozeram-se todos pé terra ante uma gran peça que chegassem aos d'el-rei D. Henrique, ordenados em batalha segundo havemos contado. El-rei

D. Henrique isso mesmo ordenou sua batalha na maneira que dissemos, e ante que as batalhas juntassem, alguns ginetes e o pendão de Santo Estevão, com homens d'esse logar que estavam com el-rei D. Henrique, passaram-se para el-rei D. Pedro.

N'isto moveram as batalhas e chegaram uns aos outros, e o conde D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, e *monse* Beltram e todos os cavalleiros que estavam com o pendão da banda foram ferir na vanguarda, onde vinha o duque de Alencastre e o condestavel, e os da parte d'el-rei D. Pedro e do principe traziam todos cruzes vermelhas em campo branco, e os d'el-rei D. Henrique levavam esse dia bandas; e assim de vontade juntaram uns cõm os outros que cahiram as lanças a todos, e começaram de se ferir ás espadas e achas e porras, chamando os da parte d'el-rei D. Pedro «Guiana S. Jorge» e os d'el-rei D. Henrique «Castella S. Thiago;» e tão rijamente se feriram que os da vanguarda do principe se começaram de retrahir quanto seria uma passada, e foram alguns d'elles derribados, em guisa que os d'el-rei D. Henrique cuidaram que venciam, e chegaram-se mais a elles e começaram-se outra vez a ferir.

D. Tello, irmão d'el-rei D. Henrique, que estava de cavallo, da mão esquerda da vanguarda d'el-rei D. Henrique, não movia para pelejar, que foi um grande azo de se perder a batalha, e por que lhe el-rei D. Henrique depois sempre quiz mal; e os da ala direita da vanguarda do principe aderençaram contra D. Tello, e elle e os que com elle estavam não os ousaram d'attender, e moveram do campo a todo romper, seguindo-os os d'aquella ala que iam a D. Tello, e, vendo que lhe não podiam

empecer, tornaram sobre as espaldas dos que estavam de pé na vanguarda d'el-rei D. Henrique, com o pendão da banda que pelejaram com a vanguarda do principe, e ferindo-os pelas espaldas começaram de matar d'elles, e isso mesmo fez a outra ala da mão séstra da vanguarda do principe, depois que não achou gentes de cavallo que pelejassem com elles; assim que ali era toda a pressa da batalha, sendo D. Sancho e os outros todos cercados de cada parte dos inimigos, porém o pendão da banda ainda não era derribado.

E el-rei D. Henrique, como ardido cavalleiro, chegou por vezes em cima de seu cavallo, armado de loriga, ali hu era a pressa tão grande, por occorrer aos seus, tendo que assim o fariam os outros que estavam com elle de cavallo; e quando viu que os seus não pelejavam, não poude soffrer os inimigos e houve de volver costas e todos os que com elle eram, e d'esta guisa se perdeu a batalha.

E affirma-se, se é verdode, que, sendo a batalha da sua parte bem pelejada, era gran duvida não ser el-rei D. Pedro desbaratado, e assim, mal como ella foi, se não fôra o grande esforço e ardideza do principe e do duque d'Alencastre, que eram extremados homens d'armas, ainda o vencimento d'ella esteve em grande aventura, e foram mortos dos de pé que guardaram o pendão da banda, e entre cavalleiros e homens d'armas até quatrocentos, e presos outros muitos, assim como D. Sancho, e *monse* Beltram, e o mariscal, e D. Philippe de Castro e outros, cujos nomes deixamos por não alongar.

E dos de cavallo foram isso mesmo presos o conde de Denja, e o conde D. Affonso, e o conde D. Pedro, e o mestre de Calatrava, e outros que

D. Henrique isso mesmo ordenou sua batalha na maneira que dissemos, e ante que as batalhas juntassem, alguns ginetes e o pendão de Santo Estevão, com homens d'esse logar que estavam com el-rei D. Henrique, passaram-se para el-rei D. Pedro.

N'isto moveram as batalhas e chegaram uns aos outros, e o conde D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, e *monse* Beltram e todos os cavalleiros que estavam com o pendão da banda foram ferir na vanguarda, onde vinha o duque de Alencastre e o condestavel, e os da parte d'el-rei D. Pedro e do principe traziam todos cruzes vermelhas em campo branco, e os d'el-rei D. Henrique levavam esse dia bandas; e assim de vontade juntaram uns com os outros que cahiram as lanças a todos, e começaram de se ferir ás espadas e achas e porras, chamando os da parte d'el-rei D. Pedro «Guiana S. Jorge» e os d'el-rei D. Henrique «Castella S. Thiago;» e tão rijamente se feriram que os da vanguarda do principe se começaram de retrahir quanto seria uma passada, e foram alguns d'elles derribados, em guisa que os d'el-rei D. Henrique cuidaram q[ue] venciam, e chegaram-se mais a elles e começar[am] se outra vez a ferir.

D. Tello, irmão d'el-rei D. Henri[que] e de cavallo, da mão esquerda da v[anguarda] D. Henrique, não movia para [ferir] grande azo de se perder a ba[talha] el-rei D. Henrique depois se [moveu] da ala direita da vanguard[a] ram contra D. Tello, e e[stes] tavam não os ousaram [ferir] campo a todo romper, [mas] que iam a D. Tello, e

empecer, tornaram sobre as espaldas dos que estavam de pé na vanguarda d'el-rei D. Henrique, com o pendão da banda que pelejaram com a vanguarda do principe, e ferindo-os pelas espaldas começaram de matar d'elles, e isso mesmo fez a outra ala da mão séstra da vanguarda do principe, depois que não achou gentes de cavallo que pelejassem com elles; assim que ali era toda a pressa da batalha, sendo D. Sancho e os outros todos cercados de cada parte dos inimigos, porém o pendão da banda ainda não era derribado.

E el-rei D. Henrique, como ardido cavalleiro, chegou por vezes em cima de seu cavallo, armado de loriga, ali hu era a pressa tão grande, por occorrer aos seus, tendo que assim o fariam os outros que estavam com elle de cavallo; e quando viu que os seus não pelejavam, não poude soffrer os inimigos e houve de volver costas e todos os que com elle eram, e d'esta guisa se perdeu a batalha.

E a[illegible]-se, se é verdade, que, sendo a batalha [illegible] da s[illegible]e bem pelejada, era gran duvida não [illegible] ser [illegible] Pedro desbaratado, e assim, mal co[illegible] [illegible] o grande esfor[illegible] ardide[illegible] [illegible] d'Alencastre [illegible] ran[illegible] [illegible], ainda [illegible] [illegible]ra, e f[illegible] [illegible] pendão [illegible] d'armas [illegible] assim [illegible] iscal, [illegible] s de[illegible] [illegible]

[illegible] na [illegible] el-rei [illegible] por sen- [illegible] d'elles fazer [illegible] de França, [illegible] o principe, [illegible] mentido que [illegible] leu dizendo: [illegible] vos respondo [illegible] o sou traidor [illegible] e queria estar [illegible] ia, e elle disse [illegible] ros de desvai- [illegible] ra elle que na [illegible] nde fôra preso [illegible] oneiro e posto

D. Henrique isso mesmo ordenou sua ba
maneira que dissemos, e ante que as bat
tassem, alguns ginetes e o pendão de Sant
com homens d'esse logar que estavam
D. Henrique, passaram-se para el-rei D.

N'isto moveram as batalhas e chega
outros, e o conde D. Sancho, irmão d'el
rique, e *monse* Beltram e todos os c
estavam com o pendão da banda f
vanguarda, onde vinha o duque de
condestavel, e os da parte d'el-rei D
principe traziam todos cruzes vermell
branco, e os d'el-rei D. Henrique leva
bandas; e assim de vontade juntaram
outros que cahiram as lanças a todos,
de se ferir ás espadas e achas e porr
os da parte d'el-rei D. Pedro «Guian
os d'el-rei D. Henrique «Castella S. T
rijamente se feriram que os da vangu
cipe se começaram de retrahir quan
passada, e foram alguns d'elles der
guisa que os d'el-rei D. He
venciam, e chegaram-se mais
se outra vez a ferir.

D. Tello, irmão d'el-rei D.
de cavallo, da mão esquerd
D. Henrique, não movia p
grande azo de se perder a
el-rei D. Henrique depois
da ala direita da vangua
ram contra D. Tello, e
tavam não os ousara
campo a todo ro
que iam a D. Te

..LO X

..ra o mariscal de França
..mo se livrou por juizo de

..ra domingo, trouveram
..s os prisioneiros que na
..os, porque dizia el-rei
..e elle passara por sen-
..s, para d'elles fazer
mariscal de França,
..mais, e o principe,
..or e fementido que
..espondeu dizendo:
..e não vos respondo
..eu não sou traidor
..e que queria estar
..varia, e elle disse
..lleiros de desvai-
..ntra elle que na
.. onde fôra preso
..sioneiro e posto

dizer não curamos, e foram mortos, no encalso até villa de Najara, muitos d'el-rei D. Henrique; e matou el-rei D. Pedro depois por sua mão, tendo preso, um cavalleiro do principe, Inhego Lopez de Orosco, e fez matar Gomes Carrilho de Quintina, camareiro mór d'el-rei D. Henrique, e Sancho Sanchez de Orosco, e Garcia Jofre Tenoiro, que foram presos na batalha, e tiveram-n'o todos a mal; e foi esta batalha vencida sabbado de Lazaro, seis dias d'abril da era de Cesar de mil e quatrocentos e cinco annos.

CAPITULO X

Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia mortes e como se livrou por juizo de cavalleiros.

No dia seguinte, que era domingo, trouveram ante o principe todos os prisioneiros que na batalha foram tomados, porque dizia el-rei D. Pedro que alguns contra que elle passara por sentença lhe deviam ser entregues, para d'elles fazer justiça; entre os quaes veiu o mariscal de França, homem de sessenta annos e mais, e o principe, quando o viu, chamou-lhe traidor e fementido que merecia morte, e o mariscal respondeu dizendo: «Senhor, vós sois filho de rei e não vos respondo como poderia n'este caso, mas eu não sou traidor nem fementido»; e o principe disse que queria estar a juizo de cavalleiros e que lh'o provaria, e elle disse que sim, e foram juizes doze cavalleiros de desvairadas nações; e disse o principe contra elle que na batalha de Piteus, que elle vencera, onde fôra preso el-rei de França, e fôra elle seu prisioneiro e posto

a rendição, e lhe fizera preito e menagem sob pena de traição e fementido, que se não fosse em companha d'el-rei de França ou com algum de seu linhagem da flôr de lys, que se não armasse contra el-rei d'Inglaterra nem contra o principe, até que sua rendição fosse pagada, o que ainda não era; e ora não foi n'esta batalha el-rei de França nem homem de seu linhagem, e vejo-vos armado contra mim, não tendo pagado o por que ficastes, e portanto haveis cahido em mau caso.

Muitos cuidaram, ouvindo aquisto, que o mariscal tinha muito mau feito e que se não escusava de morte por ello; e disse o principe ao mariscal que seguramente dissesse todo o que entendesse por defender sua fama e honra, ca isto era feito de guerra entre cavalleiros; e elle respondeu dizendo que verdade era todo o que dizia. «Mas eu, senhor, disse elle, não me armei contra vós como capitão d'esta batalha, ca el-rei D. Pedro o é, a cujas gajas como soldadeiro vós aqui vindes, e, pois vós não sois o capitão e vindes assoldadado, eu não errei em me armar contra vós, salvo contra el-rei D. Pedro, cuja é a requesta d'esta batalha.»

Os juizes disseram ao principe que o mariscal respondia mui bem, com direito, e deram-n'o por quite da accusação que lhe fazia; e foi bem notada esta resposta, de guisa que por tal sentença se livravam depois semelhantes casos, quando aconteciam na guerra.

CAPITULO XI

Das razões que el-rei D. Pedro houvè com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.

NA segunda feira, partiu el-rei e o principe do campo para a cidade de Burgos, não bem contentes, por duas rasões: a primeira, porque o dia da batalha matara el-rei por sua mão Inhego Lopez de Orosco, tendo-o preso um cavalleiro gascão, o qual se queixou ao principe como lhe fizera perder seu prisioneiro, e da deshonra que lhe havia feita; e o principe disse a el-rei que bem parecia que não havia vontade de lhe guardar o que com elle pozera, pois este que era um dos principaes capitulos, que não matasse nenhum homem de conta sem primeiro sendo julgado, elle começava de quebrantar; e el-rei se escusou o melhor que poude. A outra razão, porque o domingo depois da batalha pediu el-rei D. Pedro ao principe que todos os cavalleiros e escudeiros castellãos, que de conta eram, lhe fossem entregues por arrasoados preços,

pelos quaes ficasse o principe áquelles que os tinham, que elle lhes faria uma obrigação por o que ahi montasse, e que havendo taes homens que falaria com elles em tal maneira que ficassem da sua parte; e por esta cousa se aficou muito el-rei D. Pedro, dizendo que se d'outra guisa se livrassem que sempre seriam em seu serviço.

O principe disse que não pedia razão, ca os prisioneiros eram d'aquelles que os tinham, e que eram taes homens que por mil tanto do que valiam não lhe daria nenhum o que tivesse, ca logo cuidariam que os comprava para os matar, e que d'isto não se trabalhasse, ca não era cousa para vir a fim.

El-rei D. Pedro disse que, se estas cousas assim haviam de passar, que fazia conta que o principe o não ajudara, e que mais perdido tinha então seu reino que da primeira, e que dispendera seus thesouros de balde.

O principe houve melancolia e disse a el-rei: «Parente senhor, a mim parece que vós tendes agora mais forte maneira para perder o reino do que tivestes quando o regieis e governastel-o de tal guisa que o houvestes de perder; porém, vos aconselho que tenhaes tal geito com todos que cobreis os corações dos grandes e fidalgos de vossa terra, e se o fizerdes como da primeira estaes em ponto de perder o reino e vossa pessoa, e el-rei meu senhor nem eu não vos poderemos mais accorrer.»

CAPITULO XII

Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha.

PASSADAS estas cousas, fez o principe requerer por alguns dos seus a el-rei D. Pedro, como bem sabia que fôrà ordenado entre elles, que assim a elle como aos outros senhores e gentes d'armas que ali eram fossem pagas suas gajas e estados e soldos a cada um, sem nenhuma falta que n'ello houvessem.

E como quer que el-rei havia pago em Bayona a elle e aos outros parte do que haviam d'haver, que porém elle ficava em divida de grandes quantias a todos elles, pelas quaes elle fizera juramentos e menagens aos seus com os d'el-rei, segundo bem sabia; e portanto fosse sua mercê, pois já estava em posse de seu reino, de ordenar como houvessem pagamento e elle fosse fóra das obrigações que lhes feitas havia.

Além d'isto, pois lhe de seu grado promettera, sem lh'o elle requerer, que em todas guisas queria que houvesse alguma terra e renda no reino de Castella, e lhe outhorgara o senhorio de Biscaya e a villa de Castro Urdiales, segundo por suas cartas tinha outhorgado, que lhe aprouvesse de o cumprir assim, para se tornar cedo para sua terra, ca não era proveito, mas perda grande, estar muito tempo com tantas gentes em seus reinos accrescentando despeza.

El-rei ouviu isto que lhe disseram, e mandou-lhe responder, por outros, que verdade era o que dito haviam, e que lhe prazia de cumprir tudo o que promettera, porém que sobre a paga da divida quizera el-rei pôr revolta, dizendo que pagara grandes soldos e gajas em joias e pedras, havendo-as d'elle por mais pouco preço d'aquillo que valiam; e o principe dizendo que os seus foram aggravados em tal paga, dando-lhes pedras e joias que lhe não cumpriam, e não moeda, que mister haviam para comprar cavallos e armas para o servirem, assim que de tal cousa não devia de fazer palavra; e disse mais o principe que, ao que el-rei dizia — que lhe deixasse mil lanças dos seus a sua despeza e gajas e soldo, até que fosse bem assocegado no reino — que bem lhe prazia, mas que os seus queriam vêr primeiro como pagavam os homens d'armas do tempo todo que haviam servido.

Sobre isto, passaram muitas falas e rasões entre el-rei D. Pedro e o principe; no fim, accordaram fazer conta das gentes que vieram, e que houveram de soldo, e quanto lhes deviam, e acharam que montava em todo mui grande quantia, pela qual o principe pediu que lhe desse vinte castellos, quaes elle

nomeasse, em refens, por segurança da paga, e que a cidade de Soria, que promettida havia a *monse* João, condestavel, por suas cartas, que lh'a fizesse entregar.

El-rei disse que por nenhuma guisa não podia taes castellos pôr em fieldade, ca diriam os do reino que queria dar a terra a gentes extranhas, nem as mil lanças que lhe requeria, que não havia por bem de ficarem em seu reino, mas que o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales e Soria a *monse* João que bem lhe prazia de o outhorgar.

E sobre estas cousas houve muitos debates, falando-se tudo por aquelles de que fiavam, dizendo o principe que queria saber como haviam de ser pagos os seus, e elle ser fóra de sua obrigação.

El-rei lhe enviou dizer que logo mandava por todo seu reino a pedir ajuda para paga d'estas dividas, e que a um dia certo lhe faria paga de metade; e pelo mais tivessem em refens as suas tres filhas que em Bayona ficaram, até que fosse pago de tudo. E deu lhe cartas por que entregassem ao principe terra de Biscaya e a *monse* João terra de Soria, e ao principe não se quizeram dar os moradores da terra, pero lá mandou seu recado, porque lhes escreveu el-rei caladamente d'outra guisa que se lhe não dessem; e ao condestavel pediram dez mil dobras de chancelleria da carta e elle não a quiz tomar, dizendo que lhe não pediam tanto, salvo por lhe não darem a dita cidade.

O principe, vendo como estas cousas iam por dar logar que el-rei não se tivesse por mal contente d'elle, disse que lhe prazia attender alguns dias em Castella, e que lhe fizesse el-rei juramento de lhe cumprir tudo o que havia promettido; e el-rei disse

que lhe prazia, e accordaram que viesse o principe das Olgas de Burgos, onde pousava, dentro á cidade, á egreja de Santa Maria, e que lhe jurasse el-rei publicamente, perante todos, a lhe cumprir todas as cousas que entre elles eram devisadas.

O principe disse que não iria dentro, salvo que lhe dessem uma porta da cidade com sua torre, em que pozesse gente d'armas por sua segurança; e el-rei lh'a mandou dar, e foram postos na torre homens d'armas e frecheiros, e a fundo da porta, em uma grande praça que se fazia dentro, contra a cidade, poz o principe mil homens d'armas, e fóra da cidade, ao redor do mosteiro onde elle pousava, as mais das gentes que convieram, todos armados.

Entrou o principe dentro na cidade por aquella porta que era guardada, e iam de béstas elle e seu irmão, pero não armados, e ao redor d'elle alguns capitães e outros homens d'armas até quinhentos, e assim chegou á egreja maior, onde haviam de ser os juramentos. El-rei D. Pedro veiu ali, e publicamente leram as escripturas do que el-rei D. Pedro era teúdo de dar ao principe e aos seus, e como se obrigava de dar a elle ou a seus thesoureiros metade da quantia d'aquelle dia a quatro mezes dentro em Castella e a outra metade em Bayona d'ahi a um anno, por a qual tivesse em refens suas filhas, que lá ficaram quando d'ahi partira.

Outrosim, jurou el-rei aquelle dia que faria entregar o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales ao principe, e a *monse* Chantos, condestavel de Guianna, a cidade de Soria, que lhe promettido havia. Feito isto, foi-se el-rei para seu paço e o principe para o mosteiro onde pousava; el-rei D. Pedro o foi depois vêr, e disse como havia enviado muitos

por seu reino, para juntar dinheiros para a primeira paga, e, por dar aguça muito maior n'ello, que elle mesmo queria ir pela terra, por pôr nello melhor recado.

O principe disse que fazia bem e lh'o agradecia, por manter sua verdade e juramentos que fizera; e disse-lhe mais que a elle era dito que elle mandava suas cartas aos de terra de Biscaya que o não tomassem por senhor, e que isto não podia crêr, e que lhe rogava que lh'a fizesse entregar, como lhe havia promettido, e a cidade de Soria ao condestavel. E el-rei disse que nunca taes cartas mandara, e que de a haver e lhe ser entregue lhe prazia muito, e que em tudo lhe poria bom remedio n'este espaço dos quatro mezes; e assim se despediu d'elle.

CAPITULO XIII

Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal.

PARTIU el-rei D. Pedro de Burgos, e o principe para um logar que dizem Arrusto; e indo el-rei para Toledo, antes que chegasse á cidade, mandou matar Ruy Ponce Palomeque, cavalleiro, e Fernão Martins, homem honrado do logar porque andaram com el-rei D. Henrique depois que entrara no reino, e levou refens dos da cidade por ser d'elles seguro; e d'ali partiu e chegou a Cordova, e d'ahi a dois dias armou-se de noite e, com outros, andou pela cidade por casas certas e fez matar dezeseis homens dos honrados que n'ella havia, dizendo que estes foram os primeiros que foram receber el-rei D. Henrique quando ali chegara.

D'ali se partiu e foi a Sevilha, e antes que chegasse fez matar *micer* Gil Bocca Negra, almirante de Castella, e D. João, filho de D. Pedro Ponce de

Castella mui poderoso e isso mesmo el-rei D. Pedro, eceando-se d'elles, disse que el-rei D. Henrique, omo cobrára o reino de Castella, não lhe cumprira is cousas que entre elles foram accordadas, e tonou logo a infante sua filha, que a rainha D. Joanna trazia por esposa do infante seu filho, e disse que não queria estar por aquelle casamento; e em udo isto não sabia a rainha parte que era d'elrei seu marido depois que fugira da batalha.

O principe de Galles e el-rei D. Pedro trataram ogo suas amisades com el-rei d'Aragão, e tudo se fazia por el-rei D. Henrique não haver acolhimento em sua terra. Por azo d'este não bom acolhimento, houve entre os senhores e fidalgos d'Aragão grandes bandos perante el-rei, dizendo alguns a el-rei d'Aragão que tivesse a parte d'el-rei D. Henrique, o qual em seus mesteres de guerra que houvera com Castella sempre o achara bom ajudador e leal amigo, e que em tal tempo lh'o devia d'agradecer, mórmente que se el-rei D. Pedro ficasse assocegado em seu reino que lhe poderia fazer guerra como da primeira. Outros diziam que el-rei D. Henrique não cumprira a el-rei d'Aragão o que lhe promettera dar quando cobrasse o reino de Castella, e que portanto não era rasão de o ajudar.

A rainha, vendo n'estes feitos que lhe não cumpria estar em Aragão, pois dos senhores ahi havia taes que queriam mal a seu marido, houve accordo de se ir para elle, ca já sabia o logar onde estava, e partiu de Saragoça caminho de França, e achou el-rei D. Henrique em Servianai, que é uma villa em Languedoc.

CAPITULO XIII

Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal.

PARTIU el-rei D. Pedro de Burgos, e o principe para um logar que dizem Arrusto; e indo el-rei para Toledo, antes que chegasse á cidade, mandou matar Ruy Ponce Palomeque, cavalleiro, e Fernão Martins, homem honrado do logar porque andaram com el-rei D. Henrique depois que entrara no reino, e levou refens dos da cidade por ser d'elles seguro; e d'ali partiu e chegou a Cordova, e d'ahi a dois dias armou-se de noite e, com outros, andou pela cidade por casas certas e fez matar dezeseis homens dos honrados que n'ella havia, dizendo que estes foram os primeiros que foram receber el-rei D. Henrique quando ali chegara.

D'ali se partiu e foi a Sevilha, e antes que chegasse fez matar *micer* Gil Bocca Negra, almirante de Castella, e D. João, filho de D. Pedro Ponce de

Leon, e Affonso Arcas de Cadios, e Affonso Fernandez, e outros; e mandou a Martim Lopez de Cardova, mestre de Calatrava, que estava n'essa cidade, que matasse D. Gonçalo Fernandez de Cardova e D. Affonso Fernandez, senhor de Montemayor, e Diego Fernandez, aguazil-mór da cidade, e elle não o quiz fazer, entendendo que faria mal, e el-rei D. Pedro houve d'elle queixume por isto, e ordenou que o prendessem por traição, e a rogo d'el-rei de Granada, por receio que el-rei d'elle houve, soltou D. Martim Lopez e assim escapou de morte; e por queixume que el-rei havia de D. João Affonso de Gusman, que depois foi conde de Nebra, porque se não fôra nem chegara a elle quando outra vez foi o alvoroço de Sevilha, que el-rei D. Pedro fugira para Portugal e o não achou na cidade para o prender, mandou matar D. Branca, sua mãe, de cruel morte, e tomou todos os bens que ambos haviam; e mandou matar Martinhanes. seu thesoureiro-mór, a que fôra tomada a galé do haver, segundo haveis ouvido.

Estando el-rei assim em Sevilha, mandou a Portugal, a el-rei D. Fernando, Matheus Fernandez, seu chanceller-mór e do seu conselho, para tratar com elle paz e amisade, o qual chegou a Coimbra, onde el rei D. Fernando era então, e tratou com elle e disse que el-rei D. Pedro queria com elle paz e amisade e ser seu verdadeiro amigo por sempre em todas as cousas que cumprisse, e confirmaram suas amisades o mais firmemente que poderam, fazendo sobre ello suas escripturas quaes para tal feito cumpriam; e, partido o embaixador de Castella, mandou el-rei D. Fernando João Gonçalves, do seu conselho, para confirmar este amor e paz que o procu-

CAPITULO XV

Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'An jou, e do grande acolhimento que achou em el-re de França.

TORNANDO a contar d'el-rei D. Henrique, qu fez depois que foi cêrca d'Avignon, elle es Villa Nova, segundo ouvistes, onde então es o duque d'Anjou; não embargando que o bem re cebesse e partisse com elle de seus dinheiros, pe zou-lhe muito de sua vinda, porquanto el-rei d França e el-rei d'Inglaterra haviam novamente feita pazes e entregue ao principe o ducado de Guyanna e receando-se o duque, pelo gazalhado que fazi a el-rei D. Henrique, que desprazeria a el-rei d França seu irmão, tendo o principe achaque contr elle, que outra vez quereria a volver guerra, co lhendo em sua terra homens a que bem não que ria, mórmente tal como el-rei D. Henrique, de qu se o principe ainda receava.

E quizera-se escusar o duque, quanto poude, d não vêr então el-rei D. Henrique, pero, quando vi

que se escusar não podia, ordenou que lhe dessem pousada na torre da ponte d'Avignon, que é contra França; e ali o viu escondidamnnte a primeira vez que lhe o duque falou, e deu-lhe conselho que escrevesse a el-rei seu irmão, fazendo-lhe saber o mester em que era.

El-rei D. Henrique fel-o assim, e chegaram seus mensageiros a Paris, onde el-rei de França estava, e contaram-lhe o desbarato da batalha e como a perdera el-rei D. Henrique; e, pois que a casa de França era a maior do reino dos christãos, que não devia fallecer sua ajuda aos que em tal caso houvessem cahido, e que porém lhe pedia que o quizesse ajudar n'aquella maneira que visse que lhe cumpria, mórmente contra homens que lhe bem não queriam, posto que de presente com elles houvesse paz.

El-rei de França, como viu suas cartas, escreveu logo ao duque seu irmão que lhe desse cincoenta mil francos d'ouro e mais um forte castello que diziam Pera Pertusa, em que tivesse sua mulher e filhos; e mais lhe fez tornar o condado de Seseno, que seu antecessor el-rei D. João de França dera a el-rei D. Henrique quando o servira na guerra contra os inglezes, e depois o houvera este rei Carlos empenhado d'elle sobre certo ouro; então desembargou-lh'o e foi entregue de todas estas cousas, as quaes lhe o duque fez haver muito despachadamente.

N'este comenos, vinham-se para el-rei cada dia cavalleiros e escudeiros de Castella, e davam-lhe novas como o principe com el-rei D. Pedro não eram avindos, nem em bom accordo, e que os mais da sua parte, que foram presos na batalha, eram já

CAPITULO XV

Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França.

TORNANDO a contar d'el-rei D. Henrique, que fez depois que foi cêrca d'Avignon, elle em Villa Nova, segundo ouvistes, onde então era o duque d'Anjou; não embargando que o bem recebesse e partisse com elle de seus dinheiros, pezou-lhe muito de sua vinda, porquanto el-rei de França e el-rei d'Inglaterra haviam novamente feitas pazes e entregue ao principe o ducado de Guyanna: e receando-se o duque, pelo gazalhado que fazia a el-rei D. Henrique, que desprazeria a el-rei de França seu irmão, tendo o principe achaque contra elle, que outra vez quereria a volver guerra, colhendo em sua terra homens a que bem não queria, mórmente tal como el-rei D. Henrique, de que se o principe ainda receava.

E quizera-se escusar o duque, quanto poude, de não vêr então el-rei D. Henrique, pero, quando viu

CAPITULO XVI

:omo el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino.

QUANTO o principe durou em Castella, e como partiu, nem de que maneira, nós mais não sabemos ao que tendes ouvido; mas como el-rei D. Henrique soube novas certas e sua partida ordenou de se tornar a Castella, e viu: na villa que chamam Aguas Mortas, com o duque 'Anjou e D. Guilherme, cardeal de Bolonha, paren: d'el-rei de França, e ali fizeram seus tratos com l-rei D. Henrique, em nome d'el-rei de França, os iais fortes que poderam, firmados com juramentos deu o duque a el-rei D. Henrique somma de diheiros para ajuda de sua vinda.

D'ali partiu el-rei e tornou-se a Pera Pertusa, one deixara sua mulher e filhos; e tinha então até uzentas lanças, e mandou buscar companhas para razer comsigo, e vieram-lhe capitães com gentes, a aber: o conde da Ilha, e D. Bernal, conde de C

soltos e estavam nos castellos que primeiro tinham, de que faziam guerra a el-rei D. Pedro; e soube mais como algumas villas e cidades estavam por elle e toda Biscaya. E houve cartas d'alguns seus amigos cavalleiros inglezes, que andavam com o principe e foram em seu serviço quando el-rei D. Henrique entrara em Castella, que não tornasse ao reino até que o principe fosse fóra d'elle, porque el-rei D. Pedro, depois que partira de Burgos, e fôra para Sevilha, pero o principe esperava os quatro mezes da primeira paga, que nunca mais houvera recado nem lhe fôra entregue nenhuma cousa de quantas lhe havia promettidas, e que entendiam que cedo se partiria para sua terra desavindo d'el-rei D. Pedro, e que o não tornaria mais a ajudar nem as gentes que com elle vieram, por todos serem d'elle mal contentes; e mais que o principe havia novas que Lemosim e Perrim de Saboya, com outros, por modo de companhias, lhe faziam guerra no ducado de Guyanna, que sua estada não seria muito em Castella.

Assim que, com estas novas e outras similhantes que a el-rei D. Henrique vinham cada dia, era mui ledo e cobrava esforço.

CAPITULO XVI

Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino.

QUANTO o principe durou em Castella, e como partiu, nem de que maneira, nós mais não sabemos ao que tendes ouvido; mas como el-rei D. Henrique soube novas certas de sua partida ordenou de se tornar a Castella, e viu-se na villa que chamam Aguas Mortas, com o duque d'Anjou e D. Guilherme, cardeal de Bolonha, parente d'el-rei de França, e ali fizeram seus tratos com el-rei D. Henrique, em nome d'el-rei de França, os mais fortes que poderam, firmados com juramentos e deu o duque a el-rei D. Henrique somma de dinheiros para ajuda de sua vinda.

D'ali partiu el-rei e tornou-se a Pera Pertusa, onde deixara sua mulher e filhos; e tinha então até duzentas lanças, e mandou buscar companhas para trazer comsigo, e vieram-lhe capitães com gentes, a saber: o conde da Ilha, e D. Bernal, conde de Os-

sona e o bastardo de Learmen, e *monse* Berni de Villamur, e el begue de Vilhenes; e partiu logo de caminho de Castella com elles, e levou comsigo a rainha sua mulher e o infante D. João, e a infante D. Leonor, com outras donas e donzellas, deixou no castello de Pera Pertusa.

El-rei d'Aragão, que parte soube de sua tornada, e como havia de passar por seu reino, mandou-lhe dizer que elle era amigo do principe de Galles e que lhe não queria fazer nojo, e que porém lhe requeria que não passasse por sua terra, e se o d'outra guisa quizesse fazer que não podia escusar de lh'a defender.

El-rei respondeu áquelle que lhe levou estas novas e disse:

— «Maravilho-me muito d'el-rei d'Aragão enviar-me dizer tal cousa como esta, ca bem sabe elle que, no tempo que lhe eu fui cumpridoiro em sua guerra, que nunca lhe falleci cada vez que me mister houve, e por a entrada que eu fiz em Castella cobrou elle cento e vinte castellos que lhe el-rei D. Pedro tinha tomados; e hora manda-me dizer que nem passe por seu reino! A mim convem d'ir a Castella e não posso escusar que não passe por elle, e, se me elle quizer torvar e têr o caminho, farn'elle sua vontade, mas eu não posso escusar, a quem me torva der ou quizer embargar, que me não defenda d'elle o melhor que puder».

Tornou-se o cavalleiro com esta resposta e el-rei ordenou de lhe têr os caminhos.

Em Aragão havia muitos que tinham por parte d'el-rei D. Henrique e amavam muito seu serviço e honra, assim como o infante D. Pedro, conde de Denia, e o conde Dampurjas, e D. Pedro de Luna, e

o arcebispo de Saragoça e outros; e o infante D. Pedro enviou a el-rei D. Henrique um seu escudeiro que o guiasse por terra de Ribagorça. E vinha el-rei pelo reino d'Aragão recebendo grande nojo dos que lhe tinham os caminhos, pero não ousaram de lhe attender a batalha, e chegou el-rei a uma villa do infante D. Pedro que dizem Arrens, e ali esteve dois dias repousando; depois, partiu d'ali, continuando seu caminho, e achou-o em outro seu logar que chamam a Bem a rapa, e o infante fez-lhe dar viandas e tudo o que mister houve.

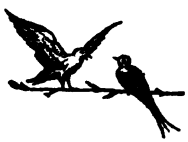
Moveu el-rei por suas jornadas e chegou a Estadilha, e ali houve novas como el-rei d'Aragão mandava aos seus que sahissem de Saragoça ao caminho, a pelejar com elle; e foi essa noite dormir a Belvastro, e ali lhe disseram como el-rei d'Aragão era em Saragoça, e que mandava a todos os seus passar a ponte de sobre Ebro, que lhe fossem têr o caminho; e elles faziam-n'o de mui má mente, ca os mais d'elles queriam bem a el-rei D. Henrique. E, seguindo seu caminho, passou pelo reino de Navarra, e chegou á vista de Calahorra, na fronteira de Castella; e, antes que chegasse á cidade, perguntou el-rei aos que com elle vinham se estavam já no termo de Castella, e disseram que sim, e el-rei desceu-se do cavallo e fincou os joelhos em terra, e fez o signal da cruz em um areal que ali era e disse:

—«Eu juro a esta significança de cruz que nunca em minha vida, por mester que me avenha, saio do reino de Castella, e que antes espere minha morte, ou qualquer ventura que me avier, que jámais sahir d'elle.»

E isto dizia el-rei porque sahira do reino depois

da batalha de Najara, e achara assás graves toi as cousas que houve de livrar com seus amigos feito de sua ajuda.

E armou alguns cavalleiros antes que chegasse Calahorra, onde foi bem recebido com todos os q com elle vinham; e chegaram ali, a el-rei, D. Jo Affonso d'Alfaro, e D. João Ramirez d'Arellano outros cavalleiros e escudeiros que andavam p Castella, até seiscentos homens d'armas, e el-rei f gou muito com elles e foram d'elle mui bem re bidos.



CAPITULO XVII

Como el-rei D. Henrique entrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria.

Esteve el-rei ali alguns dias, onde se muitos vieram para elle, e partiu caminho de Burgos; e, passando cerca da villa de Logroño, que tinha da parte d'el-rei D. Pedro, não a poude cobrar, e encaminhou para a cidade; e antes que lá chegasse mandou saber a vontade dos do loger, se o colheriam n'ella. Aos da cidade aprouve muito com sua vinda, e enviaram-lhe seus mensageiros que no outro dia entrasse n'ella, ca todos eram prestes de lhe obedecer, e posto que o castello estivesse por el-rei D. Pedro, e dentro com o alcaide até duzentos homens d'armas, e isso mesmo a judiaria tivesse sua voz, que não deixasse d'ir porém, ca todos se viriam depois a sua mercê.

El-rei partiu logo e foi-se a Burgos, e receberam-n'o mui honradamente todo o povo e cleresia, não embargando que do castello atiravam settas e

CAPITULO XV

Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França.

TORNANDO a contar d'el-rei D. Henrique, que fez depois que foi cêrca d'Avignon, elle em Villa Nova, segundo ouvistes, onde então era o duque d'Anjou; não embargando que o bem recebesse e partisse com elle de seus dinheiros, pezou-lhe muito de sua vinda, porquanto el-rei de França e el-rei d'Inglaterra haviam novamente feitas pazes e entregue ao principe o ducado de Guyanna: e receando-se o duque, pelo gazalhado que fazia a el-rei D. Henrique, que desprazeria a el-rei de França seu irmão, tendo o principe achaque contra elle, que outra vez quereria a volver guerra, colhendo em sua terra homens a que bem não queria, mórmente tal como el-rei D. Henrique, de que se o principe ainda receava.

E quizera-se escusar o duque, quanto poude, de não vêr então el-rei D. Henrique, pero, quando viu

que se escusar não podia, ordenou que lhe dessem pousada na torre da ponte d'Avignon, que é contra França; e ali o viu escondidamnnte a primeira vez que lhe o duque falou, e deu-lhe conselho que escrevesse a el-rei seu irmão, fazendo-lhe saber o mester em que era.

El-rei D. Henrique fel-o assim, e chegaram seus mensageiros a Paris, onde el-rei de França estava, e contaram-lhe o desbarato da batalha e como a perdera el-rei D. Henrique; e, pois que a casa de França era a maior do reino dos christãos, que não devia fallecer sua ajuda aos que em tal caso houvessem cahido, e que porém lhe pedia que o quizesse ajudar n'aquella maneira que visse que lhe cumpria, mórmente contra homens que lhe bem não queriam, posto que de presente com elles houvesse paz.

El-rei de França, como viu suas cartas, escreveu logo ao duque seu irmão que lhe desse cincoenta mil francos d'ouro e mais um forte castello que diziam Pera Pertusa, em que tivesse sua mulher e filhos; e mais lhe fez tornar o condado de Seseno, que seu antecessor el-rei D. João de França dera a el-rei D. Henrique quando o servira na guerra contra os inglezes, e depois o houvera este rei Carlos empenhado d'elle sobre certo ouro; então desembargou-lh'o e foi entregue de todas estas cousas, as quaes lhe o duque fez haver muito despachadamente.

N'este comenos, vinham-se para el-rei cada dia cavalleiros e escudeiros de Castella, e davam-lhe novas como o principe com el-rei D. Pedro não eram avindos, nem em bom accordo, e que os mais da sua parte, que foram presos na batalha, eram já

Sobre isto houve muitos conselhos, e emfim accordaram que a fosse cercar, pelas muitas viandas que n'aquella comarca havia; e poz seu arraial da parte da veiga, aos trinta dias do mez d'abril.

Com el-rei estavam até mil homens d'armas, e na cidade havia até seiscentos de cavallo e muita gente de pé; e, por se el-rei mais apoderar sobre o cerco da cidade, fez logo cercar todo o arraial e fazer no Tejo uma ponte de madeira, e certas gentes d'armas passar além e pousar ali; e mandou ir a rainha sua mulher e o infante para a cidade de Burgos, para terem azo d'estar de socego. E havia no arraial muitas viandas e grande soccorro de dinheiros dos logares que el-rei cobrou jazendo ali, e d'outros de redor que tinham sua parte; e para paga das gentes que com el-rei andavam houve accordo de lavrar moeda nova, e fizeram uns que chamavam sessenes, que um d'elles vaiia seis dinheiros, e esta moeda lavraram em Burgos e em Talavera, e com ella houve el-rei acorrimento para paga das gentes que comsigo tinha.

que se escusar não podia, ordenou que lhe dessem pousada na torre da ponte d'Avignon, que é contra França; e ali o viu escondidamnnte a primeira vez que lhe o duque falou, e deu-lhe conselho que escrevesse a el-rei seu irmão, fazendo-lhe saber o mester em que era.

El-rei D. Henrique fel-o assim, e chegaram seus mensageiros a Paris, onde el-rei de França estava, e contaram-lhe o desbarato da batalha e como a perdera el-rei D. Henrique; e, pois que a casa de França era a maior do reino dos christãos, que não devia fallecer sua ajuda aos que em tal caso houvessem cahido, e que porém lhe pedia que o quizesse ajudar n'aquella maneira que visse que lhe cumpria, mórmente contra homens que lhe bem não queriam, posto que de presente com elles houvesse paz.

El-rei de França, como viu suas cartas, escreveu logo ao duque seu irmão que lhe desse cincoenta mil francos d'ouro e mais um forte castello que diziam Pera Pertusa, em que tivesse sua mulher e filhos; e mais lhe fez tornar o condado de Seseno, que seu antecessor el-rei D. João de França dera a el-rei D. Henrique quando o servira na guerra contra os inglezes, e depois o houvera este rei Carlos empenhado d'elle sobre certo ouro; então desembargou-lh'o e foi entregue de todas estas cousas, as quaes lhe o duque fez haver muito despachadamente.

N'este comenos, vinham-se para el-rei cada dia cavalleiros e escudeiros de Castella, e davam-lhe novas como o principe com el-rei D. Pedro não eram avindos, nem em bom accordo, e que os mais da sua parte, que foram presos na batalha, eram já

mil e quinhentas pessoas; e com este ajuntamento foi el-rei D. Pedro cercar a cidade de Cardova, que não tinha da sua parte, e era logar de que lhe faziam grande guerra.

Na cidade estavam muitos e bons fidalgos, com gentes assás para se defender, e, cuidando que os mouros pelejariam com elles nas barreiras, não se aperceberam de pôr recado nos muros. Os mouros eram muitos e chegaram rijamente á cidade, emtanto que com a muita béstaria foi o combate tão grande por uma parte que Aben Fallos, capitão mouro que ahi vinha, cobrou a couraça que dizem de Calahorra, e tomaram o alcaçar velho e fizeram n'elle seis portaes, e subiram em cima do muro alguns mouros, com seus pendões.

O desmanho foi tão grande na cidade, por esta rasão, que cuidaram que eram entrados. As donas e donzellas que eram na cidade, vendo aquesto, sahiam ás ruas e praças, chorando escabelladas, pedindo mercê áquelles senhores e cavalleiros, que houvessem d'ellas dó e piedade e não as deixassem ser deshonradas e postas em captiveiro de mouros: e tantas lagrimas e gritos e taes palavras diziam que não havia homem que as ouvisse que não houvesse d'ellas compaixão e dó, o qual tanto esforço fez cobrar aos que dentro eram que rijamente aderençaram para aquelle logar em que os mouros estavam, e pelejaram com elles assim de vontade que por força e mau seu grado lhes fizeram desamparar o muro e os deitaram fóra da cidade, matando d'elles muitos e outros captivando, e ficaram ahi os seus pendões; e fizeram á pressa correger mui bem aquelle rompimento do muro, porque em outro dia esperavam similhante e muito maior combate, toman-

lo muito grão prazer porque os Deus livrara de tanho perigo em que foram postos.

Em outro dia, tornaram os mouros e a gente l'el-rei ao combate, e acharam a cidade apercebida l'outra maneira e arredaram-se a fóra; e aprouvera nuito a el-rei de os mouros cobrarem Cordova e a lestruirem, havendo d'ella gran sanha, porque estavam ahi alguns taes que lhe haviam feito muita guerra; e tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha e el-rei de Granada para sua terra.

Tornou el-rei de Granada outra vez e cercou a cidade de Jaen; os de dentro sahiram ás barreiras e, aficados dos mouros, houveram-se de retrahir, e entraram os mouros com elles de volta e cobraram a cidade, e na entrada foram alguns dos christãos mortos e captivos e os outros acolheram-se ao alcaçar e d'ali preitejaram com os mouros que lhe dariam certa quantia de dobras e que os descercassem.

Desde ahi, partiu el-rei D. Pedro de Sevilha, e chegaram a Cordova elle e el-rei de Granada, e acharam-n'a apercebida de tal guisa que não provaram de lhe fazer nojo; e tomou el-rei de Granada a cidade de Ubeda, que não era bem cercada, e roubou-a de tudo e fel-a queimar, e entrou Utreira e Marchena, e levou d'estas villas quantos ahi achou captivos, e perdeu-se muita gente; ca foi certo que sómente do logar d'Utreira levaram os mouros onze mil prisioneiros entre homens e mulheres e moços pequenos; e cobrou el-rei de Granada os castellos que el-rei D. Pedro tomara quando foi em sua ajuda contra el rei Vermelho, e ainda mais alguns outros, e fez-se n'este tempo muito damno na terra dos christãos, por a divisão d'estes reis.

Feito isto, tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha, fazendo todavia abastecer a villa de Carmona, que é a seis leguas d'essa cidade, receando-se que se havia de vêr em algum grão perigo e ter ali acorrimento.

CAPITULO XX

Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro.

TORNANDO a Toledo, que deixámos cercada, el-rei D. Henrique fez de guisa que cobrou uma bastida que os da cidade haviam feito em uma egreja de sobre a ponte, que chamam San Servande, e alguns de dentro que amavam el-rei D. Henrique tomaram um dia a Torre dos Abbades, que é mui alta e mui forte, e começaram de chamar por el-rei D. Henrique. Os do arraial pozeram logo escadas á torre, e subiram acima bem quarenta homens e pozeram n'ella bem cinco bandeiras; os da cidade, vendo aquesto, pozeram fogo á torre da parte de dentro, que era mais baixa, e os de cima, não o podendo soffrer, houveram todos de deixar a torre e desceram se pelas escadas. Alguns outros da cidade, que quizeram dar entrada a el-rei D. Henrique por vezes, sendo descobertos, foram mortos por ello.

E havendo já dez mezes e meio que Toledo era cercada, aficando-a el-rei por desvairadas guisas, era já o logar mui minguado de gentes e de mantimentos, em guisa que comiam cavallos e mulas e valia a fanga de trigo mil e duzentos maravedis.

El-rei D. Pedro, que havia novas do logar quanto havia mister seu acorro e que se não podia longamente ter, por azo da fome que n'elle havia, mandou chamar todos os que sua parte tinham, e tratou com el-rei de Granada que lhe desse ajuda d'algumas gentes; e antes que partisse de Sevilha levou seus filhos e thesouro e armas, e poz tudo n'aquella villa de Carmona, que abastecida tinha. Feito isto, deixou ahi homens de que se fiava e partiu para Alcantara, onde recolheu todas as gentes por quem havia enviado, com intenção de acorrer a Toledo.

El-rei D. Henrique, sabendo d'isto parte, enviou a Cordova, a todos os seus, que se viessem para elle ali a Toledo, onde tinha o cerco, como soubessem que el-rei D. Pedro partia de Sevilha, porquanto sua vontade era de pelejar com elle. Vendo elles suas cartas, fizeram-no assim, e seriam por todos mil e quinhentos homens d'armas; e quando el-rei D. Pedro chegou a Alcaçar, que é na comarca de Toledo, eram elles em Villa Real, dezoito leguas d'essa cidade.

El-rei D. Henrique, em tudo isto, não era certo se el-rei D. Pedro vinha por lhe dar batalha ou descercar a cidade, e pois a batalha estava em duvida houve accordo de deixar gentes sobre a cidade, que não se fazendo que não perdessem o tempo e trabalho que pozera em a ter cercada, ca se receava que el-rei D. Pedro fingisse que lhe queria dar

batalha, e elle, levantado o arraial, açalmar a cidade de gentes e d'armas e avondo de viandas; e porém deixou no arraial seiscentos homens d'armas, e peões e bésteiros com elles, e partindo de Toledo foi-se para uma villa que chamam Orgas, que são cinco leguas d'essa cidade, e ali chegaram a elle as gentes que dissemos que vinham de Cordova, e mais chegou ali *monse* João de Claquim que vinha de França; e com aquelles que vinham com elle e d'outros estrangeiros que com el-rei andavam seriam até seiscentas lanças.

Assim que se juntaram ali por todos, com estes e com outras gentes, até tres mil outros homens de pé, não curou el-rei de juntar salvo aquelles que cada um costumava de trazer comsigo, e ali ordenou sua batalha por esta guisa: a vanguarda deu a *monse* Beltran e aos outros cavalleiros que vieram de Cordova, e a outra gente toda que fossem com elle em outra batalha, sem fazer mais alas nem mandar outra ordenança.

E, partindo d'ali, soube como el-rei D. Pedro passara pelo campo de Calatrava e que era cêrca de um castello que chamam Montel, que é da ordem de S. Thiago, e que eram com elle D. Fernando de Castro e Fernando Affonso de Samora, e os concelhos de Sevilha e d'outros logares, até tres mil lanças, e de mouros que el-rei de Granada mandara em sua ajuda mil e quinhentos de cavallo.

CAPITULO XXI

Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro.

EL-REI D. Henrique houve seu conselho de trigosamente andar seu caminho, e catar maneira como pelejasse com el-rei D. Pedro, ca bem via que durando a guerra prolongadamente cobraria el-rei D. Pedro muitas vantagens, e portanto andou quanto poude por dar aguça a pôr a batalha, de guisa que chegou cêrca de Montel, onde estava el rei D. Pedro, e alguns dos que iam com elle punham fogo aos mattos, por vêr o caminho que lh'embargava a escuridão da noite.

El-rei D. Pedro não sabia novas d'el-rei D. Henrique, nem era certo se partira do arraial de sobre Toledo, e tinha suas companhas arramadas pelas aldeias, a duas e tres leguas do logar de Montel.

Garcia Moram, alcaide do castello, vendo taes fogos, disse a el-rei como appareciam, e que visse se eram de seus inimigos. El-rei D. Pedro disse que

pensava que era D. Gonçalo Mexia e os outros que partiram de Cordova e se iam juntar com aquelles que estavam em Toledo; pero n'esta duvida mandou el-rei suas cartas a todos os seus, que pousavam pelas aldeias de redor, que na alva da manhã fossem com elle no logar de Montel, onde estava.

Outro dia, grande manhã, chegou el-rei D. Henrique com suas gentes, que desde meia noite haviam andado á vista do logar de Montel, e alguns d'el-rei D. Pedro, que elle enviara ao caminho d'onde appareciam os fogos, tornaram-se á pressa, dizendo que el rei D. Henrique, com suas companhas, vinham já todos muito perto d'ali. El-rei D. Pedro, como isto ouviu, armou-se elle e os seus, e pozeram-se em batalha cêrca do logar de Montel, e não eram ainda vindos todos os da sua parte, que elle mandara chamar ás aldeias.

El-rei D. Henrique, como chegou, aderençou com suas gentes para a batalha; e *monse* Beltram de Claquim e os mestres de S. Thiago e de Culatrava, com os outros que eram na vanguarda, quando moveram para juntar com os de d'el-rei D. Pedro, acharam um valle que não poderam passar, e el-rei D. Henrique, com os que com elle iam, que era a segunda batalha, passaram por outra parte e aderençaram para os pendões d'el-rei D. Pedro, e tanto que chegaram a elles foram logo desbaratados, ca el-rei D. Pedro nem os seus não se tiveram por nenhum espaço, e começaram de se ir.

Os d'el-rei D. Henrique, uns seguiam os mouros matando n'elles, outros se detiveram com os d'el rei D. Pedro até que se acolheu ao castello de Montel e se encerrou n'elle, e parte dos seus se acolheram dentro, outros fugiram, e d'elles foram mortos; e

d'el-rei D. Henrique não morreu outrem, salvo um cavalleiro de Cordova que diziam João Ximenez.

E foi esta batalha á hora de prima, quarta feira, quatorze dias de março de mil e quatrocentos e sete annos.

Martim Lopez de Cordova, que el-rei D. Pedro fizera mestre de Calatrava, vinha esse dia com gentes para ser com elle na batalha, e alguns d'aquelles que iam fugindo deram lhe novas como era vencido, e elle tornou-se para Carmona, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, a saber, D. Diego e D. Sancho e outros, que el-rei D. Pedro, depois da morte de D. Maria de Padilha, houvera d'algumas outras mulheres, e apoderou-se dos alcaçares da villa, todos tres, e dos thesouros d'el-rei e de quanto ahi achou; e acolheram-se dentro ao logar, com elle, até oitocentos de cavallo e muitos bésteiros e homens de pé, ca o logar era abastecido d'armas e viandas em grande abundancia.

CAPITULO XXII

Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com «monse» Beltram de Claquim, sobre o cerco d'el-rei D. Pedro.

DESBARATADA aquella batalha, e posto el-rei D. Pedro no castello de Montel, fez logo el-rei D. Henrique, a mui grande pressa, fazer uma parede de taipas e de pedra secca com que cercou o logar de redor, de guisa que el-rei não se fosse d'ali.

Com el-rei D. Pedro estava no castello um cavalleiro de Galliza, que diziam Mem Rodrigues de Seabra, que fôra preso na villa de Brevesca, quando el-rei D. Henrique entrara novamento no reino, e, tendo preso e rendido um cavalleiro que chamavam *monse* Beltram de Della Salla, pagou por elle *monse* Beltram de Claquim cinco mil francos, porquanto lhe disse o dito Mem Rodrigues que era natural de terra de Trastamara, que *monse* Beltram houvera então novamente por condado; e por esta razão esteve aquelle Mem Rodrigues com *monse* Beltram

um tempo e depois se foi para el-rei D. Pedro; e por este conhecimento que Mem Rodrigues havia com *monse* Beltram falou-lhe um dia do castello, e disse que se a elle prouvesse que lhe queria falar em segredo. *Monse* Beltram disse que lhe prazia, e devisaram a hora quando fosse a fala, e porque a guarda d'aquella parte era de *monse* Beltram veio-lhe Mem Rodrigues falar de noite, e suas razões foram estas:

— «Senhor *monse* Beltram, el-rei D. Pedro, meu senhor, me mandou que falasse comvosco, e vos envia dizer assim que bem sabe que vós sois mui nobre cavalleiro, e que sempre vos pagastes de fazer façanhas de bons feitos; e, porque vós vêdes bem o estado em que elle é posto, que se vos prouver de o livrar d'aqui e pôr em salvo, sendo com elle e da sua parte, que elle vos dará duzentas mil dobras castelhanas e mais seis villas de juro e herdade, para vós e vossos successores que depois vós vier em, e peço-vos por mercê que o façaes, ca grande honra cobrareis acorrer a um rei tal como este, quando todo o mundo souber que por vós cobrou sua vida e reino.»

Monse Beltram respondeu a Mem Rodrigues dizendo:

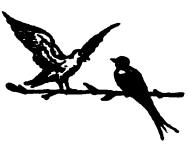
— «Amigo, vós sabeis bem que eu sou vassallo d'el-rei de França, meu senhor, e natural de sua terra, e sou aqui vindo por seu mandado a servir el-rei D. Henrique, porque el-rei D. Pedro tem a parte dos inglezes e fez alliança com elles, especialmente contra aquelle que eu tenho por senhor: além d'isto, eu sirvo el-rei D. Henrique e ando a suas gajas e soldo, e não me cumpria fazer cousa que contra seu serviço e honra fosse, nem vós não

m'o devieis aconselhar, e rogo-vos que, se algum bem ou cortezia em mim achastes, que m'o não digaes mais.

— «Senhor *monse* Beltram, disse Mem Rodriguez, eu entendo que vos digo cousa que, fazendo-o, não vos é nenhuma vergonha, e peço-vos por mercê que cuideis n'ello e havei sobre isto bom conselho.»

Monse Beltram, ouvidas estas razões, disse que se queria avisar sobre ello, para vêr o que lhe cumpria de fazer em tal caso.

Tornou-se Mem Rodriguez com este recado a el-rei, e alguns diziam depois que elle dissera isto com arte a *monse* Beltram, sendo em conselho d'el-rei D. Pedro ser escarnecido, como depois foi, e que pero elle fôra preso quando el-rei D. Pedro foi morto, que tudo fôra arte do dito Mem Rodriguez, porquanto lhe el-rei D. Henrique depois deu em Galliza dois logares de juro e herdade. Outros dizem que isto não pareceu ser assim, porque Mem Rodriguez era mui bom cavalleiro, e não é de crêr que fizesse tal cousa contra seu senhor, mórmente que depois tomou a parte d'el-rei D. Pedro e perseverando n'ella acabou sua vida.



CAPITULO XXIII

Como el-rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar.

Monse Beltram ficou bem cuidoso pelas razões que lhe Mem Rodriguez disse, e outro dia chamou seus parentes e amigos que ali eram com elle, especialmente um seu primo que diziam *monse* Oliver de Mani, e disse-lhe todas as razões que lhe Mem Rodriguez havia propostas, e que lhe dessem conselho como lhe parecia que devia fazer, porém que logo lhe notificava que em nenhuma maneira do mundo elle não faria tal cousa, sendo el-rei D. Pedro inimigo d'el-rei de França, seu senhor, e de mais d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas e serviço elle andava; mas que lhe perguntava se esta razão que lhe Mem Rodriguez commettera se a diria a el-rei ou se faria mais sobre ello, pois lhe commettia cousa que, fazendo-a, era desserviço dos ditos senhores, desde ahi era caso de traição.

Os cavalleiros parentes de *monse* Beltram e alguns outros com quem este falou, ouvidas as razões que entre elle e Mem Rodriguez houvera, disseram que elles n'aquelle conselho outhorgavam que elle não fizesse cousa que contra serviço d'el-rei de França seu senhor, fosse, nem isso mesmo d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas estavm demais, pois sabia que el-rei D. Pedro era bem inimigo dos ditos senhores; mas disseram-lhe que lhes parecia bem que o fizesse saber a el-rei D. Henrique.

Monse Beltram, crendo-os de conselho, falou a el rei tudo o que lhe aviera com Mem Rodriguez de Seabra, el-rei D. Henrique lh'o agradeceu muito, e disse que a Deus graças melhor guisado tinha elle de lhe dar aquellas villas e dobras que lhe el-rei D. Pedro promettia, que não elle; e prometteu logo de lh'as dar, rogando-lhe que dissesse a Mem Rodriguez que el-rei D. Pedro viesse seguro a sua tenda e que elle o poria em salvo, e como ahi fosse que lh'o fizesse saber.

Monse Beltram duvidou de fazer isto, pero por aficamento d'alguns parentes seus demoveu-se ao fazer, e não tiveram porém os que esta razão ouviram salvo que fôra mui mal feito, ca dizem alguns que, quando *monse* Beltram tornou a resposta a Mem Rodriguez, que passaram mui grandes juramentos entre elles que poria el-rei D. Pedro em salvo, de guisa que el-rei se teve por seguro d'elle. Nem é de cuidar que el-rei D. Pedro d'outra guisa sahira do castello e se pozera em seu poder; mas pelo grande aficamento em que se via, em se partirem alguns dos seus d'elle e virem-se para el-rei D. Henrique, desde ahi pela agua, que não tinham senão muito pouca, e com esforço das juras que

lhe feitas haviam, houve-se d'aventurar uma noite, havendo já nove dias que jazia no castello. E vestiu umas solhas e cavalgou em cima d'um cavallo ginete, e com elle D. Fernando de Castro e Diego Gonçalves, filho do mestre d'Alcantara, e Mem Rodriguez e outros, e veiu-se para a pousada de *monse* Beltram, e descavalgou do cavallo e disse-lhe: «Cavalgae, ca tempo é que nos vamos;» e nenhum respondeu a isto, porque fizeram já saber a el-rei D. Henrique como elle estava com *monse* Beltram.

Quando isto viu, el-rei D. Pedro poz duvida em sua estada e não houve isto por bom signal, e quizera cavalgar em seu cavallo, e um dos que estavam com *monse* Beltram travou d'elle e disse: «Esperae um pouco, Senhor», e deteve-o que não partisse. N'isto, chegou el-rei D. Henrique, armado de todas as armas, com o bacinete posto na cabeça como estava prestes para este feito, e como entrou na tenda de *monse* Beltram travou d'el-rei D. Pedro e não o conhecia bem, por haver grão tempo que o não via.

Mas aqui são desvairadas opiniões, posto que afim toda seja uma, ca uns dizem que, travando el-rei D. Henrique d'elle, que ainda duvidava se era el-rei, e que um cavalleiro de *monse* Beltram lhe disse: «Vêde ca esse é vosso inimigo,» e que respondeu logo el-rei D. Pedro duas vezes, dizendo: «Eu sou, eu sou»; e que então o conheceu melhor el-rei D. Henrique e lhe deu com uma adaga pelo rosto e o derribou em terra, ferindo-o d'outras feridas foi morto áquella hora.

Outros affirmam, escrevendo em seus livros, que el-rei D. Pedro, quando se viu em poder de seu irmão, e como era trahido d'aquella guisa, que se

lançou a elle rijamente, dizendo: «Oh! traidor, aqui estás tu,» e, como homem de grão coração, quizera-lhe dar com uma adaga que lhe já tomada tinham, e quando a não achou que se enviou a elle a braços e deu com elle em terra, e que então Fernam Sanchez de Thoar, que era um dos cavalleiros que el-rei D. Henrique comsigo levava, tirou el-rei D. Pedro de cima, e voltou el-rei D. Henrique sobre elle, e que d'esta guisa foi morto; em outra maneira, se os deixaram ambos, crê-se todavia que el-rei D. Pedro matara seu irmão.

Ora nós concordando o desvairado rasoar d'estes e d'outros auctores, dizemos por esta maneira: a queda seja d'ambos, e el-rei D. Pedro havido por bom e ardido cavalleiro, que em tal tempo não perdeu coração e esforço, mas elle sem nenhuma ajuda e el-rei D. Henrique com muitos matou-o por sua mão e assim acabou sua trabalhosa vida.

CAPITULO XXIV

Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro er morto, e da maneira que el-rei D. Henrique ter em alguns logares.

GRANDE ruido foi no arraial quando soube ram que el-rei era morto, e foram preso n'essa hora D. Fernando de Castro e Mem Rodriguez de Seabra e Gonçalo Gonalvez d'Avil e outros que com el-rei sahiram do castello: e foi sua morte vinte e tres dias de março de mi quatrocentos e sete annos, havendo então de su edade trinta e cinco annos e sete mezes. Homem de bom corpo, branco e ruivo, e ciciava um pouc na fala e viveu em seu reino até que se D. Hen rique chamou rei em Calahorra, dezeseis annos cumpridos, e reinou tres annos em contenda com elle; e morto assim, segundo ouvistes, depois fo levado a Toledo, e sepultado com os outros reis.

Os que no castello de Montel estavam deram-se todos a el-rei D. Henrique e entregaram-lhe todas as cousas que d'el-rei D. Pedro foram, e isso mesm

se lhe deu Toledo, aquella cidade que tinha cercada. De Montel partiu el-rei D. Henrique e encaminhou para Sevilha, que já tinha tomada voz por elle, e d'ali mandou todas as gentes para suas terras.

Outrosim foi certo que Ciudad Rodrigo e Samora e Carmona, que d'antes estavam por el-rei D. Pedro, não queriam tomar sua voz, com alguns outros logares, e el-rei fez commetter a Martim Lopez de Cordova, mestre que se chamava de Calatrava, e aos outros que estavam em Carmona com os filhos d'el-rei D. Pedro, que elle poria os moços e elles todos, com os thesouros e joias que d'el-rei D. Pedro ficaram, e com tudo o seu, dentro em Portugal ou em Granada ou em Inglaterra, qual antes quizessem, e deixassem o logar .sem mais contenda; e elles não quizeram fazer nenhuma preitesia.

Além d'isto, fez commetter a el-rei de Granada treguas por algum tempo, e o rei mouro não se outhorgou n'ello; e el-rei, vendo isto, deixou seus fronteiros n'aquella comarca e encaminhou para Toledo, que já tinha sua voz d'elle, e ali houve conselho que, posto que lançasse grande peita pelo reino, não havia poder de chegar a cumprimento de pagar o soldo que devia, e, por não annojar e aggravar os povos, mudou a moeda em mais baixa lei; e esta mudança presente para paga dos estrangeiros, mas damnou muito a terra, subindo as cousas em tão grandes preços, por a moeda, que era febre, que valia uma dobra trezentos maravedis e um cavallo sessenta mil.

CAPITULO XXV

Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle.

Como el-rei D. Pedro foi morto, alguns dos que tinham os logares por elle, tomaram voz por el-rei D. Henrique; outros, que lhe obedecer não quizeram, escreveram logo a el-rei de Portugal que se sua mercê fosse de os haver por seus que levantariam voz por elle, e que começasse a entrar por Castella e que lhe dariam as villas e o receberiam por senhor, fazendo-lhe d'ellas menagem.

El rei D. Fernando, mui ledo d'aquesto, respondeu a todos que lhe prazia muito, e que os havia por seus e lhes faria muitas mercês, e lhes acorreria com suas gentes e por corpo se cercados fossem e lhe mister fizesse.

E as cidades e villas que tomaram sua voz foram estas: Carmona, Samora, Ciudad Rodrigo, Alcantara, Valencia d'Alcantara; e mais: de Galliza, a cidade de Tuy, Padron, Arrocha, a Corufia, Salva-

erra, Bayona, Alhariz, Milmanda, Arahujo, a cidade d'Orense, a villa de Ribadavia, e Lugo, a cidade de S. Thiago, que se deu mais tarde e com certas condicções.

E assim como estes logares se deram a el-rei D. Fernando assim se vieram logo para elle, com suas gentes, todos os fidalgos e cavalleiros que eram da parte d'el-rei D. Pedro, assim de Galliza como de Castella, afóra aquelles que estavam nos logares que tomaram voz por Portugal; e os nomes d'alguns d'elles são estes:

D. Affonso, bispo de Ciudad Rodrigo, que deu a el-rei os castellos de Feolhosa e de Lumbrales; o conde D. Fernando de Castro; Alvaro Perez de Castro, seu irmão bastardo, que depois foi conde; o mestre d'Alcantara, D. Pero Giron; Fernando Affonso de Samora, João Affonso de Beça, João Affonso de Moxica; Soeiro Annes de Parada, adeantado de Galliza; Gonçalo Martins de Caceres, Alvaro Mendez de Caceres, Affonso Fernandez de Lacerda, João Perez de Novoa, João Perez d'Aça; Fernão Rodriguez, Alvaro Rodriguez, seus irmãos; Affonso Fernandez de Burgos, Mem Rodrigues de Seabra, Affonso Lopez de Texeda, Affonso Gomez Churichão, Diogo Affonso de Carvalhal, Gomez Garcia de Foyos, Martim Garcia d'Aliazira, João Fernandez Andeiro, Pedro Affonso Giron, Martim Lopes de Cidade, Affonso Vasquez de Vámonso, Affonso Gomez de Lira, Lopo Gomez, Fernão Caminha e seus filhos, Diego Affonso de Proanho, Fernão Gutterez Tello: Diasanchez, adeantado de Caçolla; Garcia Perez do Campo, Pero Diaz Pallameque, Diego Diaz de Gayoso, Fernando Alvarez de Queiroz, Garcia Prego de Mon-

tão, Diego Sanchez de Torres, João Affonso d. Samora, Diego Affonso de Bollanho, André Fernandez de Vera, Alvaro Dias Pallaçoillo, Gonçalo Fernandez de Valladares, Bernalde Annes do Campo; Martim Chamorro, filho do mestre d'Alcantara.

Estes e outros que não nomeamos se vieram para el-rei D. Fernando, d'elles juntos em companhia e outros por si com suas gentes, fazendo entender a el-rei que, assim como aquelles logares tomaram sua voz, que assim fariam outros muitos, em tanto que entendiam que era pequena maravilha ser rei de Castella ou da maior parte d'ella; quando se não quizesse que podia fazer rei um dos filhos d'el-rei D. Pedro seus sobrinhos, que tinha Martim Lopez em Carmona, assim que d'uma guisa ou d'outra não se lhe podia d'isto seguir senão mui grande honra e proveito, desde ahi vingança da morte d'el-rei D. Pedro seu primo, em que mostraria grande façanha que lhe todo o mundo teria a bem.

El-rei disse que de Castella seria rei quem Deus quizesse, mas que elle se trabalharia a todo seu poder de vingar a morte d'el-rei D. Pedro seu primo. e dizem alguns que mandou fazer queixume ao papa e a el-rei d'Inglaterra e a seus filhos, do mal e deshonra que D. Henrique havia feito a el-rei D. Pedro. seu primo, em o matar d'aquella guisa e lhe tomar o reino, e que a isto foram D. Martim Gil, bispo de Evora, e o almirante, quando os el-rei mandou em mensagem ao principe e a outros senhores, em duas galés.

CAPITULO XXVI

Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada, por fazerem guerra a el-rei D. Henrique.

El-rei D. Fernando era grandioso de vontade e querençoso d'aquillo que todos os homens naturalmente desejam, que é accrescentamento de sua boa fama e honroso estado, e quando viu que sem seu requerimento o mundo lhe offerecia caminho assim azado para cobrar tão grande honra, sem mais aguardar contrarios que avir podessem, determinou em toda maneira de seguir este feito e levar adeante, vendo em sua vontade tantas ajudas para ello prestes que lhe pareceu ligeira cousa toda Castella ser sua em pouco tempo

E sendo certo como el-rei de Granada não quizera fazer treguas com el-rei D. Henrique, por azo da morte d'el-rei D. Pedro, cujo muito amigo era, por as rasões que ouvistes, tratou logo com elle suas avenças, e foram n'esta guisa:

Que ambos fizessem guerra a todos os que su voz tomassem e fossem em sua ajuda, e esta guer fosse por mar e por terra; e que el-rei de Granad não fizesse paz nem tregua com el-rei D. Henrique. mas todavia fosse em ajuda d'el-rei D. Fernando. continuando a guerra contra elle; e que quaesquer villas que tomassem voz por el-rei D. Fernando que fossem seguras d'el-rei de Granada, e isso mesmo as que tomassem voz por el-rei de Granada fossem seguras d'el-rei D. Fernando;

e que se o rei mouro fizesse vir gentes de Bellamarim ou d'outros logares, em sua ajuda contr el-rei D. Henrique, que elle fosse teúdo de pagar o soldo, sem custar a el-rei D. Fernando nenhum cousa, e por esta guisa, vindo gentes estrangeiras em ajuda d'esta guerra a requerimento d'el-rei D. Fernando, que el-rei de Granada não fosse teúdo a lhes pagar parte do soldo que por sua vinda houvessem d'haver;

e que quaesquer villas ou logares que tomassem voz por el-rei de Granada depois que as conquerisse ou indo para as conquerer, que sendo taes logares por seu mandado destruidos que não fosse porém esta paz quebrada, pois que o não faziam senão com medo;

e por esta maneira fizesse el-rei D. Fernando aos quanto lhe prouvesse de o fazer que tomassem sua voz sem quebrar porém esta avença, a qual os reis firmaram entre si por tempo assignado de cincoenta annos, com grandes juramentos segundo a crença de cada um, feitos de uma parte á outra. a não fallecer d'ello por causa que aviesse.

CAPITULO XXVII

Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram.

E ouvido, antes d'isto, quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e os nomes d'alguns fidalgos que se para elle vieram, bem é que saibaes que geito tinha el-rei com elles, e desde ahi se usou d'algum senhorio nas villas e cidades que então sua parte tiveram.

E, dizendo primeiro da maneira que el-rei com elles tinha, esta era mui honrosa e de grande gasalhado, cá além de el-rei ser grado e liberal, não sómente aos seus mas ainda aos estrangeiros, a estes assignadamente mostrava el-rei grandes gasalhados e partia com elles muito gradamente, em tanto, que era prasmado dos de sua terra e lh'o diziam por vezes no conselho; e elle respondia aos fidalgos que lhe em isto falavam que os seus haviam casas e terras em que abastadamente podessem viver, e os que vinham desacorridos haviam mister bem apo-

sentados e fazer-lhes muitas mercês; então lhes r
gava a todos que sempre dessem de si muita hon
aos estrangeiros, dizendo que n'isto se mostrava
sempre os bons fidalgos: — darem de si muita hon
e acolhimento a quaesquer bons que vinham de
acorridos.

Assim que, dizendo por miudo quantas grand
zas contra èlles mostrou, seria longo processo d'ou
vir, porém queremos que tanto saibaes que depo
da morte d'este rei D. Henrique, estando uma ve
el-rei D. João, seu filho, em uma villa de Castel
que chamam Medina del Campo, pousava ali em
umas pequenas casas, de guisa que, ceando el
em uma estreita camara que n'ella havia, estavam
alguns fidalgos fóra rasoando em muitas cousas
dos quaes era um Fernam Peres d'Andrade e Á
varo Pires do Soiro e Garcia Gonçalves de Grisal
e outros.

E começaram de falar nas grandezas dos reis d
Portugal e de Castella — quaes d'elles foram ma
grados — e uns d'elles diziam que el-rei D. Henr
que fôra mui grado, e outros nomearam el-rei D
Affonso, e assim dos antigos reis de Castella cad
um segundo lhe prazia; e, pero ahi portuguezes nã
estivessem, começaram de louvar muito el-rei D. D
niz de Portugal, dizendo que entre os reis de Hes
panha que de grandezas uzaram elle tivera grand
vantagem; e falando n'isto começaram alguns d
dizer que el-rei D. Fernando era o mais grado re
de que se os homens podiam acordar, e os que is
diziam, a provar sua intenção, chamaram Joã
Affonso de Moxica, que com outros fidalgos estav
ahi cêrca departindo em outras cousas, e contaram
lhe todo o seu razoar e a duvida em que eram se

bre as grandezas dos reis que na Hespanha foram, e que, porque alguns tomaram bando por el-rei D. Fernando dizendo que elle o fôra o mais de todos e elle viera a Portugal depois da morte d'el-rei D. Pedro, que dissesse que grandezas achara n'elle, e elle respondeu dizendo:

—«Eu não hei razão de saber todas as grandezas que el-rei D. Fernando mostrou contra aquelles senhores e fidalgos que se para sua terra foram; sei, porém, que recebiam d'elle todos muita honra e grandes gasalhados, e a muitos que nomear poderia deu villas e terras de juro e herdade e grandes dadivas de dinheiros e bestas e outras cousas. E de mim vos digo que, estando uma vez na cidade de Evora, que elle me mandou um dia trinta cavallos e trinta mulas e trinta arnezes e trinta mil libras em dinheiro, que eram mil e cento e tantos marcos de prata, e quatro azemolas, as duas d'ellas com duas camas e as outras duas com roupa de estrado, e mais me deu de juro e herdade uma sua villa que chamam Torres Vedras; e por aqui podereis vêr que daria aos outros senhores e fidalgos de mór estado e condição que eu.»

Então disseram todos que nenhum dos reis que antes foram acharam que tal grandeza mostrasse contra algum estrangeiro que a sua terra viesse.

CAPITULO XXVIII

Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castell que por elle tomaram voz.

FALANDO outrosim do senhorio de que el-re D. Fernando uzou nas villas e cidades qu sua voz então tomaram, sabei que não fo levemente assim tomada que elle não uzasse n'ella de todo poderio, como nos outros logares de se reino, mas assim cumpridamente se lhe deram obedeceram em todas as cousas, como a seu rei senhor natural; e elle tal titulo e nomeação tomo d'alguns logares quando lhes escrevia suas cartas assim como escrevendo a Samora chamava-se «re de Portugal e do Algarve e da mui nobre cidade de Samora», dizendo que por morte d'el-rei D. Pedro seu primo, elle era de direito herdeiro dos reino de Castellas e Leão, e seu senhor natural.

Elle mandou fazer moeda de seus signaes, d'ouro e prata, e graves e barbudas, em alguns logares que sua voz tomaram, assim como em Samora e

na Coruña e em Tuy e em Valencia e em Miranda, e poz n'ellas seus thesoureiros e officiaes, segundo para ello cumpriam, os quaes dispendiam e davam por suas cartas e mandados aquellas moedas, que se então corriam por todo o reino de Portugal.

El-rei deu grandes privilegios á cidade d'Orense e de S. Thiago e dos outros logares que sua voz por elle tinham, dando grandes officios e tenças com elles, muitos vieram a elle d'essas villas e cidades, e pediam-lhe os bens dos que se iam para el-rei D. Henrique, e ganhavam d'elle graças e privilegios e officios, e tudo lhes era dado ledamente; elle dava os bens das egrejas e mosteiros que os em Portugal haviam, e isso mesmo nos logares que tomaram sua voz, não sómente aos clerigos mas ás pessoas leigas se lh'os primeiro pediam, e deu a commenda de Toronho, e as villas e logares que lhe pertencem, a Rui de Meira, freire da ordem de S. João, e mandou ás villas e logares da ordem d'Alcantara que houvessem por logo-tenente do mestre d'essa ordem Garcia Perez do Campo Craveiro.

Todas as cousas defezas d'um reino ao outro corriam então para estes logares, segundo a cada um prazia de levar; assim que não sómente os havia el-rei por seus, como sua herança propria, mas ainda esperava d'haver muitos mais, segundo que lhe alguns faziam entender.

E, pela guisa que el-rei D. Fernando dava os bens d'aquelles que se iam e tinham por parte d'el-rei D. Henrique, assim por esse modo dava el-rei D. Henrique as terras e bens dos que tomaram voz por Portugal, e os perseguia a todo seu poder.

CAPITULO XXIX

Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão.

Em tudo isto, el-rei D. Fernando houve accordo com os do seu conselho que para proseguir a guerra contra el-rei D. Henrique não podia ter melhor maneira que commetter a el-rei D. Pedro, d'Aragão, que a infanta D. Leonor, sua filha, que fôra esposada com o infante D. João, filho de dito rei D. Henrique, que a casasse com elle; e por tal casamento entendia elle de levar seu feito muito adeante, com as outras ajudas que tinha, cá el-rei de Granada d'uma parte, e el-rei d'Aragão da outra, e elle por seu cabo, com as gentes e logares que tomaram voz por elle, pareceu-lhe muito azado para mais cedo acabar o que começar queria.

E foi assim de feito que lh'a enviou pedir, e foram lá por mensageiros Badasal d'Espinola e Affonso Fernandes de Burgos e Martim Garcia, cavalleiros de seu conselho, e falando a el-rei sobre isto prouve

casar com elle, e mandou um seu cavalleiro, hamavam *monse* João de Villaragut, com poder nte para firmar este casamento, o qual chegou boa, onde el-rei D. Fernando estava; e feitas avenças foi el-rei esposado com ella, por pala- de presente, na egreja de S. Martinho da dita le, porquanto el-rei pousava então nos paços chamavam dos Infantes, que são cerca d'essa a.

foi posto nos tratos uma condição, a saber: el-rei d'Aragão o ajudasse e fizesse guerra com seu poder, contra el-rei de Castella, dois annos nuados, e que mil e quinhentas lanças fossem das á custa d'el-rei D. Fernando; e, porquanto gentes d'armas cumpria de haver pagamento moeda que se costumasse a correr no reino agão, foi firmado n'esta preitesia que el-rei D. ando mandasse lá tanto ouro e prata, de que odesse lavrar moeda de florins e reaes, que bas- para paga das gentes que houvessem de fazer ra, as quaes não comecem andando na terra rei d'Aragão depois que a guerra começasse de

havia el-rei D. Fernando de pôr certos refens, ser el-rei d'Aragão seguro do pagamento que seus houvessem d'haver emquanto servissem uella guerra.

CAPITULO XXX

Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe de a Coruña.

Começou el-rei D. Fernando a guerra e poz seus ponteiros pelas comarcas, desde ahi nos logares que sua voz tinham, e mandava que todos os logares fossem velados de certas pessoas em cada vela e outras sobre-velas que as requeriam, e como era o sol posto fechavam as portas de cada logar e abriam-n'as sol levado, e estavam ás portas certos homens com suas armas, que não deixavam entrar pessoa nenhuma dentro que conhecida não fosse. E por cima do muro muitas pedras e traves, para defetar aos de fóra se tal cousa cumprisse.

O pão de todos os covaes era carretado para a villa, e gados affastados dos extremos para dentro do reino; todas as arvores altas de redor dos logares eram cortadas e feitas em trações, por os inimigos não haverem azo de fazer d'ellas cousa com que lhe empecessem.

Estes avizamentos e outros mandou el-rei ter em todos os logares, e, posto que alguns digam que elle não tomou n'esta guerra senão titulo de vingador da morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, isto não foi d'esta guisa; mas faziam entender a el-rei, e elle assim o dizia, que pois el-rei D. Pedro era morto que elle ficava herdeiro nos reinos de Castella e de Leão, cá era bisneto legitimo d'el-rei D. Sancho de Castella, neto da rainha D. Beatriz, filha do dito rei D. Sancho. Porém, elle nunca se entremettera de começar tal demanda, nem buscar esta avoenga de tão longe, se não foram os logares que se lhe deram de seu grado e os muitos fidalgos que se vieram para elle, que lhe isto faziam entender.

E, porque ainda em Galliza alguns logares não tinham sua voz, ordenou el-rei d'ir lá, por receber logares que se lhe davam, e socegar a terra que estava por elle, e cobrar da outra o mais que podesse; mas sua ida foi de tal guisa que mais sua honra fôra não ir lá d'essa vegada.

E partiu el-rei por terra, indo com elle D. Alvaro Perez de Castro e D. Nuno Freire, mestre de Christo, e outros senhores e cavalleiros e gentes muitas, e mandou ir oito galés por mar á Corunha, e por capitão d'ellas Nuno Martins de Goes; e chegou el-rei a Tuy e foi ahi mui bem recebido d'Affonso Gomez de Lira, alcaide da cidade, e dos moradores todos d'ella.

El-rei falou então com Lopo Gomez, seu filho, que fosse adeante á Corunha, e, se visse que os da villa duvidavam de o receber por senhor, que elle, com aquelles que comsigo levava, se pozesse no muro de cima da porta da villa e que d'ali defendesse aos do logar que não cerrassem a porta até que el-rei entrasse, que seria logo cêrca.

CAPITULO XXX

Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe deu a Coruña.

Começou el-rei D. Fernando a guerra e poz seus ponteiros pelas comarcas, desde ahi nos logares que sua voz tinham, e mandava que todos os logares fossem velados de certas pessoas em cada vela e outras sobre-velas que as requeriam, e como era o sol posto fechavam as portas de cada logar e abriam-n'as sol levado, e estavam ás portas certos homens com suas armas, que não deixavam entrar pessoa nenhuma dentro que conhecida não fosse. e por cima do muro muitas pedras e traves, para deitar aos de fóra se tal cousa cumprisse.

O pão de todos os covaes era carretado para a villa, e gados affastados dos extremos para dentro do reino; todas as arvores altas de redor dos logares eram cortadas e feitas em trações, por os inimigos não haverem azo de fazer d'ellas cousa com que lhe empecessem.

Estes avizamentos e outros mandou el-rei ter em todos os logares, e, posto que alguns digam que elle não tomou n'esta guerra senão titulo de vingador da morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, isto não foi d'esta guisa; mas faziam entender a el-rei, e elle assim o dizia, que pois el-rei D. Pedro era morto que elle ficava herdeiro nos reinos de Castella e de Leão, cá era bisneto legitimo d'el-rei D. Sancho de Castella, neto da rainha D. Beatriz, filha do dito rei D. Sancho. Porém, elle nunca se entremettera de começar tal demanda, nem buscar esta avoenga de tão longe, se não foram os logares que se lhe deram de seu grado e os muitos fidalgos que se vieram para elle, que lhe isto faziam entender.

E, porque ainda em Galliza alguns logares não tinham sua voz, ordenou el-rei d'ir lá, por receber logares que se lhe davam, e socegar a terra que estava por elle, e cobrar da outra o mais que podesse; mas sua ida foi de tal guisa que mais sua honra fôra não ir lá d'essa vegada.

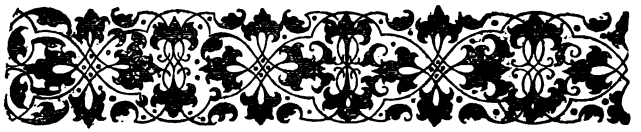
E partiu el-rei por terra, indo com elle D. Alvaro Perez de Castro e D. Nuno Freire, mestre de Christo, e outros senhores e cavalleiros e gentes muitas, e mandou ir oito galés por mar á Corunha, e por capitão d'ellas Nuno Martins de Goes; e chegou el-rei a Tuy e foi ahi mui bem recebido d'Affonso Gomez de Lira, alcaide da cidade, e dos moradores todos d'ella.

El-rei falou então com Lopo Gomez, seu filho, que fosse adeante á Corunha, e, se visse que os da villa duvidavam de o receber por senhor, que elle, com aquelles que comsigo levava, se pozesse no muro de cima da porta da villa e que d'ali defendesse aos do logar que não cerrassem a porta até que el-rei entrasse, que seria logo cêrca.

Lopo Gomez chegou á Corunha e nenhuma cousa disse aos do logar da intenção que levava, salvo que se ia para ali por vêr que maneira os portuguezes queriam ter.

N'isto, chegou el-rei D. Fernando á vista do logar e os da villa o sahiram todos a receber, e entre elles João Fernandez Andeiro, que era o mais honrado do logar, porque as outras gentes são d'elle pescadores e outros homens não de grande conta. E João Fernandez, porque ainda não vira el-rei de Portugal, ia dizendo alta voz entre os outros todos: «Hu vem aqui meu senhor el-rei D. Fernando?» El-rei, quando isto ouviu, deu d'esporas ao cavallo em que ia, e disse: «Eu sou, eu sou», e então lhe beijou a mão elle a aquelles todos que iam de companhia.

E porquanto el-rei d'esta guisa foi recebido na Corunha não se poz em obra nenhuma cousa do que Lopo Gomez houvera de fazer.



CAPITULO XXXI

Como foi tomado Monte-rei.

Tendo a villa da Corunha voz por el-rei D. Fernando, como dizemos, mandou el-rei carregar em Lisboa navios de trigo e cevada e vinhos, que levassem tudo áquelle logar, para ser abastecido, e os outros logares de redor que mingua houvessem de mantimentos.

E, estando uma nau e uma barca ante a villa á descarga, vieram outros navios dos inimigos e tomaram a nau e a barca, e bem cento e quarenta moios de trigo e cevada que n'ellas ainda estavam, e mais onze toneis de vinho, e levaram tudo e queimaram os navios, e mandou el-rei correger os muros de Tuy e de Baiona de Minhor e d'outros logares como quem os entendia de possuir longamente.

As galés de Portugal que andavam pela costa tomaram algumas naus boiantes e um barco no rio de

Pontevedra, em que acharam dez marcos de pra e cincoenta duzias de pelles de cobra e outras cousas de pouco valor.

O conde D. Fernando de Castro foi-se lanca sobre Monte-rei, e levava noventa escudeiros seus e Vasco Fernandes Coutinho sessenta, e João Perez de Novoa cem, e Mem Rodrigues de Seabra oitenta, e assim Fernão Rodrigues de Sousa e outros fidalgos, cada um com suas gentes; e eram ahi mais alguns vassallos do infante D. João, assim como Vasco Martins Porto Carreiro e Gil Fernandez de Carvalho e Martim Ferreira e Fernã Rodriguez do Valle e d'outros mui bons escudeiros até cem; e d'elles foram com o conde sobre o lugar, outros ficaram por essas fronteiras, segund lhes era ordenado.

E pagaram aos que eram armados águisa, trint soldos por dia, e aos bem armados, que nã eram águisa, vinte, e aos outros quinze soldos; e andava aquelle que tinha carrego de pagar es soldo pelos logares onde cada uns estavam, e lhes fazia pagamento.

E poz o conde arraial sobre Monte-rei, combatendo-o com engenhos e bastidas, e pero bem de fezo fosse dos que dentro estavam, ácima foi filhad e teve voz por Portugal.

CAPITLO XXXII

Como o el-rei D. Fernando partiu da Corunha quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle.

El-rei D. Henrique, estando em Toledo, houve novas que el-rei D. Fernando de Portugal se fazia prestes para lhe fazer guerra, e soube quaes logares tomaram sua voz, e quantos fidalgos se foram para elle, e como tomava titulo de herdar os reinos de Castella por ser bisneto lidimo d'el-rei D. Sancho, como dissemos; e foi certo como mandava fazer armada de galés e que nos logares que tomaram sua voz colhiam suas gentes e lhes mandava el-rei D. Fernando soldo.

El-rei D. Henrique, sabendo estas novas, partiu logo de Toledo e foi para Samora, que estava contra elle, e foi isto no mez de julho d'este anno de quatrocentos e sete; e poz seu arraial da parte da ponte.

E jazendo assim el-rei sobre Samora, cuidando trazer com os da cidade algumas preitesias por que

lhe obedecessem e fossem seus, houve novas como el-rei D. Fernando entrara em Galliza, e como se lhe dera a Corunha e que toda aquella terra lhe queria obedecer; e como soube isto partiu logo de sobre Samora e foi para Galliza, com todas suas gentes, com intenção de pelejar com el-rei D. Fernando. E vinham com elle *monse* Beltram de Claquim e todos os bretões que com elle eram, e quantos senhores e grandes cavalleiros em seu reino havia.

El-rei D. Fernando, que d'isto estava dessegurado, e não ia prestes salvo por receber villas, quando soube que el-rei D. Henrique vinha com todo seu poder com intenção de lhe dar batalha, não houve em seu conselho de o attender, e como soube que era em terra de Galliza deixou seus fronteiros nos logares que por elle tinham voz, a saber: na Corunha, D. Nuno Freire, mestre de Christo, natural d'aquella comarca, com quatrocentos homens de cavallo, e em Tuy Affonso Gomez de Lira, e em Salvaterra e nos outros logares seus capitães, e mandou a D. Alvaro Perez de Castro que acautellasse aquellas gentes que foram com elle e se viesse com ellas por terra até Portugal; e el-rei metteu-se em uma das galés que levara Nuno Martins e veiu n'ella até cidade do Porto.

El-rei D. Henrique, onde vinha, soube novas como el-rei D. Fernando era partido e como se tornara para Portugal, e accordou com *monse* Beltram de Claquim e com o conde D. Sancho, seu irmão, e com esses senhores que com elle vinham, que entrasse por Portugal, para vêr se poderia trazer algumas preitesias com el-rei D. Fernando, que fosse seu amigo e não houvessem guerra.

E deixou o caminho da Corunha, que trazia, e veiu por entre Tuy e Salvaterra, e passou o rio do Minho a vau, porque era em tempo que o podiam fazer, e como entraram por Portugal começaram de fazer tal guerra qual homem com má vontade faz em terra de seus inimigos, quando não acha quem lh'o embargue.

CAPITULO XXXIII

Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia.

Chegou el-rei D. Henrique a Braga, e como o logar era grande e mal cercado, sem haver ahi mais d'uma torre, em logar ainda que não prestava, era bem azado para se tomar.

Lopo Gomez de Lira, sabendo como na cidade estava muito pouca gente, e ainda esses poucos que eram muito mal armados para defender a cidade, lançou-se dentro, antes que el-rei de Castella chegasse, com uns dez de cavallo e trinta peões.

El-rei D. Henrique, começou de a combater, e, pero o muro fosse baixo e os de dentro mui mal armados, não a podia el-rei tomar; e jazendo por dias sobre ella ordenou de a combater uma vespera de S. Bartholomeu, e poz-lhe uma bastida e combateu-a de guisa que morreram dos de dentro quarenta e oito homens, por mingua de não serem armados; pero com tudo isto não a poude el-rei tomar.

Então os da cidade, vendo que a não podiam defender, preitejaram-se a certos dias que o fizessem saber a el-rei D. Fernando, que estava em Coimbra, e Lopo Gomez, vendo isto, sahiu-se de noite, ántes do prazo acabado, e foi-se; a cidade não foi acorrida ao tempo que se preitejou e deu-se a el-rei D. Henrique, que entrou dentro n'ella com todos os seus. Os do logar pozeram as cousas que levar poderam dentro na sé, onde lh'as não tomaram, e depois que el-rei ahi esteve uns seis dias, vendo como era má de manter, desde ahi a terra gastada de mantimentos, pozeram-lhe o fogo e foram-se a Guimarães, que são d'ahi tres leguas.

El-rei D. Fernando, quando soube como se Braga dera, houve grão queixume dos do logar, dizendo que se puderam mais manter se quizeram, mórmente que elle se fazia prestes para lhe ir acorrer, e culpou muito n'isto Gonçalo Paes de Braga e Martim Dominguez, mestre escola; e outros, dizendo que elles foram em azo e ajudadores de se dar a cidade a el-rei D. Henrique e dar os bens d'elles a quem lh'os pedia; e depois soube el-rei quanto elles fizeram por se defender e que não eram em culpa, e perdoou-lhes o erro em que não cahiram e houve-os por bons e por leaes, e mandou que lh'o não lançasse nenhum em rosto.

CAPITULO XXXIV

Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro.

QUANDO el-rei D. Henrique chegou a Guimarães, achou o logar mais defensavel e melhor apercebido que Braga, cá se lançou dentro Gonçalo Paes de Meira, um bom cavalleiro e para muito, com seus filhos Fernão Gonçalves, e Estevão Gonçalves, que depois foi mestre de S. Thiago, e comsigo quarenta de cavallo, e assim outros fidalgos d'aquella comarca, de guisa que era dentro assaz boa gente.

E el-rei poz seu arraial sobre elle, primeiro dia de setembro, e cercou a villa toda, de redor, com a muita gente que trazia, e os de dentro sahiam fóra, assim de cavallo como de pé, e escaramuçavam com elles; e isto foi logo no começo, emquanto o arraial estava arredado. Mandou el-rei mais chegar o arraial e armar engenhos, e começou de combater a villa, e os de dentro trabalhavam de a de-

fender, de guisa que os de fóra não aproveitavam nada em seu combate. El-rei D. Henrique dizem que jurou que se não alçasse d'ali a menos de a tomar, e mandava-a combater tão a miude que dava mui pouca folgança aos da villa.

E sendo assim aficada por tres semanas, de muitas pedras d'engenhos que lhe atiravam, prouve a Deus que nunca nenhuma empeceu a homem nem a mulher nem a alimaria. Os de denro armaram outros engenhos e atiraram aos de fôra, e britaram-n'os e mataram alguns homens, e foi grande alvoroço no arraial; e ao serão entrou Diego Gonçalvez de Castro, pae de Lopo Diaz d'Azevedo, em pannos de burel, dentro na villa, dizendo que era homem do julgado que ia a velar, e os da villa conheceram-n'o e foi logo tomado; e, vendo que não havia n'elle senão morte, confessou que entre elle e el-rei D. Henrique havia tal falla que pozesse o fogo á villa em quatro partes, e que emquanto os da villa acorressem a apagar o fogo que trabalhasse el-rei D. Henrique por entrar a villa; e elles, vendo tal traição como esta, mataram-n'o e deixaram-n'o comer aos cães.

Outrosim, o conde D. Fernando de Castro, que el-rei D. Henrique prendera em Montel, quando el-rei D. Pedro foi morto, vinha então ali preso, não com ferros que fugir não pudesse, mas solto, sob guarda d'um alguazil d'el-rei, que chamavam Ramiro Nunez das Covas; e dizem alguns que disse o conde que queria falar com os da villa que se dessem a el-rei D. Henrique, e trazer com elles algumas boas preitesias, e que indo aquelle que o guardava com elle, para vêr como falavam, desde ahi por sua guarda, que estando cêrca do muro

que se lançou dentro na villa. Ramiro Nunez, quando isto viu, não soube que fazer, com medo d'el-rei D. Henrique, e aventurou-se a perigo de morte e poz-se na villa dentro com elle, e foi logo preso.

Outros affirmam este lançamento do conde D. Fernando dentro na villa muito pelo contrario, cá dizem que um dia sahiu Gonçalo Paes de Meira com seus filhos e gentes, e Gonçalo Garcia da Feira e muitos dos da villa, e deram no arraial d'el-rei D. Henrique e mataram alguns dos castelhanos, e que chegaram á tenda onde o conde D. Fernando estava e que por força o tomaram e o trouxeram para a villa, havendo antes d'isto fala entre elles que o fizessem d'esta guisa; e que jazendo el-rei sobre Braga se quizera o conde D. Fernando lançar dentro, mas porque viu o logar fraco e não defensavel não se trabalhou de o fazer. Mas de qualquer guisa que fosse o que o guardava se lançou com elle dentro na villa, com medo d'el-rei D. Henrique, e culparam-n'o alguns que soubera d'ello parte.

Em tudo isto, el-rei de Castella assessegava seu cêrco sobre a villa, dizendo que se não havia d'alçar de sobre ella até que a tomasse.

CAPITULO XXXV

Como el-rei D. Fernando partiu de Coimbra por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou.

Deixemos Guimarães estar cercado e tornemos a contar onde era el-rei D. Fernando emquanto se estas cousas faziam; e sabei que el-rei D. Fernando, quando partiu da Corunha e se veiu ao Porto, encaminhou logo para a cidade de Coimbra, onde esteve de socego, e ali lhe veiu recado quando Braga era cercada, e isso mesmo soube certo como el-rei D. Henrique jazia sobre Guimarães; e ordenou de juntar suas gentes e ir acorrer aquella comarca, e pôr batalha a el-rei de Castella.

E mandou logo suas cartas á cidade do Porto que muito á pressa fosse feita uma ponte de barcas, no rio do Douro, por que elle e toda sua hoste podessem passsar em um dia, porquanto sua vontade era em toda guisa ir pelejar com el-rei D. Henrique, e que isso mesmo se fizessem prestes os moradores do logar para se irem em sua companha.

Os da cidade, mui ledos com este recado, foram todos postos em grande trigança para pôr isto em obra, uns a chegar barcas, d'elles a carretar madeira, outros a lançar ancoras e amarrar cabos, de guisa que muito azinha foi feita uma grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d'areia, tal por que folgadamente podiam ir atravez seis homens a cavallo; e isto feito fizeram-se prestes todos os homens d'armas e de pé e besteiros, com a bandeira da cidade, para irem em companha d'el-rei á batalha.

Partiu el-rei D. Fernando de Coimbra com todas suas gentes, e dizem que chegou até o Porto, e el-rei D. Henrique houve novas d'isto, e ainda affirmam alguns que el-rei D. Fernando lhe escreveu suas cartas que o attendesse; e vendo como não podia tomar Guimarães partiu-se logo do cerco e foi-se para aquella comarca e tomou Vinhaes e Bragança e Çadavi e o outeiro de Miranda, em mui poucos dias, cá uns foram tomados por arte, outros por se não poderem defender. Assim como foi tomada Miranda, que, antes que el-rei D. Henrique chegasse a ella, mudaram-se alguns seus e fingiram-se que eram recoveiros portuguezes e que haviam mister viandas da villa por seus dinheiros. os do logar, não se catando de tal arte, deram-lhes logar que entrassem dentro, e elles, entrando, tiveram logo a porta, e n'isto chegaram á pressa os que iam cerca para lhes acorrer, e d'esta guisa houveram a villa.

Outrosim, os homens de Çadavi defendiam mui bem o logar indo el-rei D. Henrique sobre elle, e houveram alguns do arraial fala com Vasco Esteves e com alguns outros que lhe dessem entrada na villa, e que não receberiam nojo e lhes faria el-rei

muitas mercês, e elles, outhiorgando isto, tomaram as chaves e abriram as portas, e entraram os inimigos e foi tomado o logar; e os moradores de dentro, que d'isto parte não sabiam, andando fugido este Vasco Esteves, lançaram depois inculca sobre elle e tomaram-n'o, e foi enforcado em uma ameia do muro.

E todos os montes d'aquella comarca foram então cheios d'homens e mulheres e moços, gados, e viveram na Abbadia Velha e em Ventusello e em todas as aldeias dos montes altos, e todos os monjes e abbades dos mosteiros d'aquella comarca todos fugiram; e foi isto do mez d'agosto até Santa Maria de setembro.

E deixou el-rei D. Henrique recado na villa de Bragança e foi-se para Castella, e dizem que o azo de sua partida tão cedo, e de não attender el-rei D. Fernando para pelejar com elle, foi novas, que lhe vieram sobre Guimarães, como a cidade d'Aljazira, por não ser posta em boa segurança, a cobraram os mouros e destruiram de todo, e que el-rei de Granada viera ahi por seu corpo; e pelo grão pesar que el-rei d'isto houve se partiu assim e se foi para a villa de Toro, e d'ali repartiu suas gentes á fronteira de Granada e outras a Galliza e d'elles contra Samora e aos outros logares que não tinham sua voz e estavam por Portugal.

CAPITULO XXXIII

Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia.

Chegou el-rei D. Henrique a Braga, e como o logar era grande e mal cercado, sem haver ahi mais d'uma torre, em logar ainda que não prestava, era bem azado para se tomar.

Lopo Gomez de Lira, sabendo como na cidade estava muito pouca gente, e ainda esses poucos que eram muito mal armados para defender a cidade, lançou-se dentro, antes que el-rei de Castella chegasse, com uns dez de cavallo e trinta peões.

El-rei D. Henrique, começou de a combater, e, pero o muro fosse baixo e os de dentro mui mal armados, não a podia el-rei tomar; e jazendo por dias sobre ella ordenou de a combater uma vespera de S. Bartholomeu, e poz-lhe uma bastida e combateu-a de guisa que morreram dos de dentro quarenta e oito homens, por mingua de não serem armados; pero com tudo isto não a poude el-rei tomar.

Então os da cidade, vendo que a não podiam defender, preitejaram-se a certos dias que o fizessem saber a el-rei D. Fernando, que estava em Coimbra, e Lopo Gomez, vendo isto, sahiu-se de noite, ántes do prazo acabado, e foi-se; a cidade não foi acorrida ao tempo que se preitejou e deu-se a el-rei D. Henrique, que entrou dentro n'ella com todos os seus. Os do logar pozeram as cousas que levar poderam dentro na sé, onde lh'as não tomaram, e depois que el-rei ahi esteve uns seis dias, vendo como era má de manter, desde ahi a terra gastada de mantimentos, pozeram-lhe o fogo e foram-se a Guimarães, que são d'ahi tres leguas.

El-rei D. Fernando, quando soube como se Braga dera, houve grão queixume dos do logar, dizendo que se puderam mais manter se quizeram, mórmente que elle se fazia prestes para lhe ir acorrer, e culpou muito n'isto Gonçalo Paes de Braga e Martim Dominguez, mestre escola, e outros, dizendo que elles foram em azo e ajudadores de se dar a cidade a el-rei D. Henrique e dar os bens d'elles a quem lh'os pedia; e depois soube el-rei quanto elles fizeram por se defender e que não eram em culpa, e perdoou-lhes o erro em que não cahiram e houve-os por bons e por leaes, e mandou que lh'o não lançasse nenhum em rosto.

d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que culpava elles porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos, e não culpava a si, que lhes não acorria, podendo-o mais bem fazer.

Certamente, el-rei D. Fernando era mui prasmado dos povos, dizendo que nenhum rei podia acabar grandes feitos a que se pozesse, se elle por si não fosse presente com os seus, para os esforçar e mostrar sua ardideza, e que nenhuma cousa lhe prestava sua mancebia e ardimento, pois elle espalhava todas suas gentes e se punha em poder e conselho do conde D. João Affonso Tello e d'outros, que por covarde encaminhamento lhe faziam entender que se não trigasse a pôr batalha, cá onde se não precatasse toda Castella lhe obedeceria; e por tal azo como este agastava elle si e o reino com mudança de moedas, por satisfazer a todos, e perdia as gentes e logares que tinha assenhoreando-se d'elle a covardice; assim que todo seu feito era de Santarem para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo: «Eis vol-o vae, eis vol-o vem, de Lisboa para Santarem».

N'este comenos, accendia-se a guerra cada vez mais, e trabalhavam-se os das fronteiras de fazer nojo uns aos outros, fazendo cavalgadas nas terras dos inimigos, trazendo roubos de gentes e de gados, cada uns como melhor podiam.

CAPITULO XXXVII

Como Gil Fernandes entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada.

Assim aveiu n'esta sesão que em Elvas havia um escudeiro bem mancebo, chamado por nome Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, neto de Gil Lourenço, prior que fôra de Santa Maria do dito logar, o qual foi homem de bom esforço e para muito, segundo dissemos na historia d'el-rei D. Affonso o quarto.

E este Gil Fernandes, sahindo a seu avô nas condições e ardideza, fez muitos e mui bons feitos, por que depois foi mui nomeado nas guerras que se seguiram, como adeante ouvireis, e o primeiro foi no começo d'esta guerra, antes que Gonçalo Mendes de Vasconcellos viesse a Elvas por fronteiro.

E foi assim que elle se trabalhou de juntar, de seus parentes e amigos, setenta homens d'armas e quatrocentos homens de pé, e passou por Badajoz

e foi correr a terra de Medellim, e apanhou mu grande cavalgada de gados e bestas e de prisioneros, e o roubo era tão grande que ádur o entendiam todos de trazer a Portugal, mórmente havel- de defender a quem lh'o tolher quizesse; isto entendiam elles de gravemente poder fazer, em tant que disseram muitos a Gil Fernandes, porquanto era homem novo e não ainda usado em guerra, que fizera mal de os pôr em perigo, alongando-se tant por terra de seus inimigos. Gil Fernandes, a que natureza provera de bom esforço e ardimento, affoitamente começou de dizer:

— «Amigos, esforçae e não hajaes temor, e se algumas gentes vierem a nós com ousança e sem receio, pelejemos com elles.»

Então usou d'uma arteira sajaria e bom avisamento n'este modo. Porquanto o infante D. João era fronteiro-mór d'aquella comarca, disse a um seu tio, que diziam Martim Annes, que se chamasse infante D. João e que elles em tal conta o trariam, e fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem a mão como a seu senhor, e elle tal geito lhes mostrava, mandando soltar d'elles, por darem fama pela terra que elle era o infante D. João.

E foi assim de feito que os prisioneiros que deixavam ir juravam a quaesquer outros que aquelle era o infante D. João que levava aquella cavalgada, affirmando que lhe beijaram a mão. Os castelhanos que o ouviam, receando seu nome e poder, não ousavam de sahir a elles, e d'esta guisa veiu aquelle roubo a Portugal sem achar quem lhe fizesse nojo, e era a cavalgada tão grande que trazia mais d'uma legua em longo.

CAPITULO XXXVIII

Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveiu a cada uns d'elles.

Logo cêrca, veiu por fronteiro a Elvas Gonçalo Mendes de Vasconcellos, o qual rogou este Gil Fernandes que fossem correr contra Badajoz, e elle outhorgou de o fazer, mas disse que entendia que na cidade estavam tantos que se não podia escusar a peleja, e que levasse elle comsigo todos os da villa bem acaudellados, e elle com quarenta de cavallo iria correr contra Badajoz, até um logar que chamam a Torre das Palombas, e que os fidalgos que no logar estavam sahiriam logo a elle, e que assim os viria tirando até que houvesse de ser a peleja.

Ordenado por esta guisa, foi Gil Fernandes correr, e do logar sahiu muita gente, assim homens de cavallo como de pé, e vinham-se reffertando com elles, por os trazer onde pelejassem; e quando chegou a Gonçalo Mendes começou de dizer altas vo-

zes que se esforçassem todos, cá aquelle era o s: bom dia; e o cavallo de Gil Fernandes trazia já t. testa um ferro de lança com um tração d'haste. : assim andou depois na peleja.

Chegaram os castelhanos e juntaram uns co- outros, e foi tal sua ventura d'um cavalleiro de B. dajoz que chamavam Fernão Sanchez, que era fidalgo de mór estado que ahi havia, que um h- mem de pé, carniceiro de Lisboa, que chamava- Lourencinho, lhe deu com uma almarcova na mã do cavallo, o qual cahiu logo com elle, e Fernã Sanchez em terra, e outro cavalleiro de Toledo. : assim fizeram outros assás de bons, que ficaran logo ali mortos. As outras gentes fugiram para B. dajoz, que era bem perto, e o encalço foi seguid até onde se fazer poude, e tornaram-se os portugue- zes para Elvas mui ledos com esta victoria.

Isso mesmo, o infante D. João, que era fronteir. mór d'aquella comarca, e D. Fr. Alvaro Gonçalves. prior do Hospital, em sua companha, juntaram sua- gentes, com alguns outros dos castellos de red- que se escusar podiam, e partiram de Extremoz. onde estavam, e foram a Badajoz depois d'aquell aquécimento de Fernão Sanchez, pelo combater e tomar se podessem; e accommetteram o logar e d. primeiro combate entraram a cêrca primeira, e a- gentes do logar acolheram-se á cêrca velha e ali se defenderam de guisa que não foram entrados; e o- portuguezes pozeram fogo ás casas da primeir. cêrca e foram d'ellas muitas queimadas, e derriba- ram parte do muro, e tornou-se o infante com suas gentes e os outros para seus logares.

CAPITULO XXXIX

)os logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma.

EL-REI D. Fernando, como ouvistes, quando tornou da ida de Guimarães, mandou seus fronteiros aos logares que por elle tinham voz, ntre os quaes ordenou de mandar Gomez Louenço de Avellar a Ciudad Rodrigo, e que se viesse Affonso Gomes da Silva, que antes d'isto lá estava; foram em sua companha Affonso Furtado e Esevão Vasques Philippe e João Rodrigues Porto Carreiro e outros bons que já dissemos, até duzenas lanças, e mandou-lhe el-rei fazer uma mui fornosa bandeira de suas armas, que levaram quando partiram de Lisboa, que era no mez d'abril.

Gomez Lourenço chegou á cidade, e depois que oi de socego correu a terra de redor e filhou estes ogares, a saber: Sam Fellizes dos Gallegos e o Reco Pardo e a Feolhosa e Carralvo; e poz por ronteiro, em Sam Fellizes, João Rodrigues Porto Carreiro, com vinte e quatro de cavallo.

João Rodrigues, estando no logar, veiu sobre el-
o concelho de Ledesma, que eram bem oitenta de
cavallo, e João Rodrigues sahiu da villa e pelejou
com elles, e foram vencidos os de Ledesma, ma-
tando e prendendo muitos d'elles e isso mesmo dos
homens de pé que ainda vinham á longa; e foi esta
peleja muito soada, porque os poucos venceram
muitos, e d'esta guisa que os portuguezes faziam e
de cuidar que fariam os castelhanos, mas, porque
nenhuma cousa qne elles então fizessem achamos
em escripto, não o podemos pôr em historia.

Mas sabei que n'esta sezão, em Lisboa, uma
terça feira ao serão, se alçou fogo na Ferraria, da
parte do mar, e arderam todas as casas d'aquella
rua e mui grande parte da rua Nova, e foi grande
queima e muito haver perdido e furtado, e durou
o fogo por grande espaço.

Outrosim, no anno seguinte de quatrocentos e
oito, vinte e tres dias do mez de fevereiro, desde a
meia noite até sahinte de missas, fez mui grande
tormenta; e tinha el-rei no porto de Lisboa certas
naus, que armava para a guerra que havia com el-
rei de Castella, e foi a tormenta tão grande que as
mais d'ellas se perderam e quebraram em terra, e
perdeu-se muita companha d'ellas e dos outros na-
vios que n'este porto estavam; e era o vento tão
grande que as telhas dos telhados, que eram co-
bertos com cal, assim as levava como se fosssem
pennas, e o postigo da porta da Sé foi arrancado e
a tranca da porta britada e isso mesmo o fecho, e
muitas oliveiras foram arrancadas; e pesou muito
d'isto a el-rei D. Fernando, que então estava n'essa
cidade.

CAPITULO XL

Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cerco.

Passou o anno de quatro centos e sete e começou a era de quatrocentos e oito, no qual anno, estando el-rei D. Henrique na villa de Toro, soube como Gomez Lourenço do Avellar e as gentes que com elle estavam em Ciudad Rodrigo faziam grandes cavalgadas pela terra de redor, e muita perda e damno por toda aquella comarca que voz de Portugal não tinha; e tendo el-rei d'isto grande sentido ordenou de a vir cercar, e partiu da villa de Toro e veiu pôr arraial sobre ella, e fez-lhe atirar com engenhos e combatel-a de vontade.

Gomez Lourenço e as gentes que com elle estavam, desde ahi Martim Lopes de Cidade, que era o mais honrado cavalleiro que ahi havia, com Pero Mercham e outros do logar que tomaram voz por el-rei D. Fernando, defendiam-se todos de guisa que os do araial haviam bem que fazer.

Vendo el-rei D. Henrique que com engenhos trons e força de béstaria não lhe podia empecer p combates, ordenou de lhe fazer uma cava, e com çaram de a fazer junto com o mosteiro de S. Pa que está arredado do logar.

Gomez Lourenço soube-o por inculcas que traz fóra, e no direito onde entendeu que haviam de v derribou casas dentro na cidade, e fez encher cub de terra e pedra, e grande bastida de madeira co peitoris de portas das casas n'ella, apercebendo-s do damno que lhe recrescer podia.

Os de fóra acabaram sua cava e pozeram grand parte do muro em contos, e devisado o dia do com bate deram fogo á cava e começaram a combate o logar por quatro partes, por não entenderem c de dentro por onde levavam a cava, crendo que p nenhuma guisa os da cidade podessem soffrer força d'aquelle combate, o qual, durando por bo espaço, e cada uns mostrando suas forças, uns p se defender e outros por entrar, arderam os cont que tinham e cahiram d'elle bem dezoito braços t do em torrões grandes, uns sobre outros, da q cousa os de fóra houveram grande prazer; e muit da cidade houve ahi taes que, vendo aquillo, cuid ram por força serem entrados.

Os que combatiam trabalharam logo por sub por cima do muro que cahira, e pondo-o em ob viram os de dentro afortalezados d'aquella part derribada, de guisa que matavam d'elles e feria muitos, e maravilhando-se da sua força e avisa mento affastaram-se a fóra; e foi ahi morto u cavalleiro que diziam *monse* Lemosim, irmão d senhor de Leberth.

El-rei D. Henrique, vendo que com tudo o qu

CAPITULO XLIV

Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Portugal e não tiveram geito, e por que azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha.

QUANDO el-rei D. Henrique chegou a Sevilha, viu como a cidade estava mui agastada e apertada, por azo da frota de Portugal, que lhe tinha empachada a entrada do rio; e dizem alguns que não estavam então ahi mais, de toda a frota, que dezesseis galés e vinte e quatro naus, mas não assignam quaes nem quaes não, nem quem eram os patrões d'ellas.

El-rei fez logo lançar vinte galés na agua, mas não podiam haver remos que as forneccessem, porquanto el-rei D. Pedro fizera levar muitos remos de Sevilha para Carmona, quando a fazia abastecer, assim que se não podiam armar de todo, e porem repartiram cem remos a cada galé e minguavam-lhe oitenta, entendendo que estes bastavam sómente para chegar á frota de Portugal e pelejar com ella; mas taes havia ahi dos mareantes que eram

CAPITULO XLI

Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna e mortos os filhos d'Affonso Lopez de Texeda.

TRABALHANDO-SE el-rei D. Henrique d'haver as villas e logares que sua voz não tinham e vendo que por nenhuns commettimentos nem preitesias que trouxesse aos que eram alcaides d'elles lhe prestava para os haver por sua parte cercava-os e combatia-os com todas artes e forças que para tal feito eram pertencentes, e os que tinham taes fortalezas não trabalhavam menos de se defender d'elle como se el-rei e os seus fossem mouros inimigos da fé que os houvessem de cobrar e haver a seu poder; e não sómente el-rei com suas gentes, mas ainda a rainha sua mulher, que para isto bastante coração havia, isso mesmo se trabalhava de cercar alguns d'elles, entre os quaes cercou Samora, que tinha Affonso Lopes de Texeda com seus irmãos e outros fidalgos com muitas gentes, mantendo voz por el-rei D. Fernando.

o, e que a sua não podia bem lá ir a seu salvo, ouve accordo que d'aquellas vinte galés armasse ete para enviar a Biscaya por remos, e isso mesno armar naus para vir pelejar com a frota de Portugal. E foram logo fornecidas sete galés de tudo o ue lhes cumpria, e com ellas *mice* Ambrosio Boca Negra, seu almirante, e partiram de noite, por s não vêr a frota de Portugal, e el-rei tornou-se a Sevilha e as trez galés suas que ficaram, e as naus galés dos portuguezes tornaram-se a deitar na enrada do rio, onde primeiramente estavam; e a isto não poude el-rei pôr remedio salvo esperar estas sete galés com as naus que mandava armar em Santander e em Castro Dardialles e outros logares da costa, as quaes, como foram armadas, encaminharam logo para Sevilha.

E aconteceu que uma nau d'el-rei D. Fernando, de que era mestre Nicolao Annes Estorninho, ia para Barrameda e levava cem mil libras para pagar soldo á frota de Portugal, e atravez do cabo de Santa Maria de Faro chegaram a ella as galés de Castella e mataram o mestre com outros, e d'elles captivaram e queimaram a nau e tomaram os dinheiros.

As galés de Portugal eram então todas pelo rio acima, cá das naus não fazem menção as historias, e quando as galés deram volta e tornaram para onde antes jaziam viram as naus e galés de Castella ordenadas de guisa que tinham tomada a entrada da foz, que nenhum navio podia por ali passar sem primeiro haver contenda; e não se atrevendo a pelejar com elles foram em grande cuidado de sua sahida. Então pozeram fogo a dois navios que tomaram, carregados d'azeite, e deixaram-n'os ir

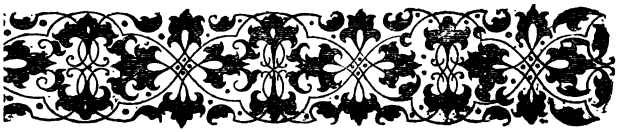
esta rasão que seria a elle mui grande vantagem para cumprir sua vontade. Além d'isto, parte das galés e navios correriam andando a costa e ganhando de seus inimigos o que haver podessem, dariam sempre volta sobre a foz do rio, e ali jariam de socego com as outras quando vissem que cumpria e que d'isto se não podia seguir salvo mui grande proveito.

Partiram as naus e galés juntamente, no mez de maio, d'ante o porto de Lisboa, com grande parte de gentes do reino, qne era formosa companha de vêr, e iam nas galés, por patrões, *mice* Badasa d'Espinola e Brancalleom, genovezes, e João de Mendonça e Gonçalo Durães de Lisboa e Gomes Lourenço de Carnide e outros cujos nomes não fazem mingua, posto que se aqui não escrevam. e chegaram a um logar que chamam Barrameda, que é á entrada do rio de Sevilha, e ali ancoraram todas.

Os castelhanos, quando os ali viram, não lhes prouve de sua visinhança, e diziam contra elles, por modo d'escarneo, «que não foram ajudar el-rei D. Pedro emquanto era vivo e que então lhe iam ajudar os ossos depois da morte.»

Jouve ali a frota por espaço de tempo, e destruiu toda a ilha de Cadez e fez muito damno por aquella comarca, assim no mar como por terra, porém que não achamos que mais tomassem, logo como chegaram primeiro, que um baixel carregado d'azeites, com seis quintaes d'alácar, e uma galé a que pozeram nome a *Bem ganhada.* E agastava-se muito a cidade de Sevilha, por azo da servidão do rio, que d'esta guisa estava embargada.

Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e



CAPITULO XLII

a frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram.

El-rei D. Fernando, no começo d'esta guerra, mandou armar grande frota de galés e naus, a saber vinte e oito galés suas, e quatro a soldas de *mice* Reinel de Guirimaldo, e trinta naus e seu reino e das que se vieram para elle da costa do mar; e ia por almirante nas galés *mice* Lanrote Peçanho, e por capitão João Focim, um d'aelles cavalleiros que se vieram de Castella para rei D. Fernando, o qual se partiu primeiro, com is galés e duas galeotas, aos quinze dias de junho, depois partiu o almirante com toda a frota.

E a intenção d'el-rei era que esta frota jouvesse entrada do rio de Sevilha, para embargar que neium navio podesse ir nem vir com mercadorias em outros mantimentos para a dita cidade, e emachado longamente aquelle porto por esta guisa ue Castella recebia tão grande perda e damno por

esta rasão que seria a elle mui grande vantagem p
ra cumprir sua vontade. Além d'isto, parte das g
lés e navios correriam andando a costa e ganhar
de seus inimigos o que haver podessem, dari
sempre volta sobre a foz do rio, e ali jariam de
cego com as outras quando vissem que cumpr
e que d'isto se não podia seguir salvo mui gran
proveito.

Partiram as naus e galés juntamente, no mez
maio, d'ante o porto de Lisboa, com grande par
de gentes do reino, qne era formosa companha
vêr, e iam nas galés, por patrões, *mice* Badas
d'Espinola e Brancalleom, genovezes, e João
Mendonça e Gonçalo Durães de Lisboa e Gon
Lourenço de Carnide e outros cujos nomes n
fazem mingua, posto que se aqui não escrevam.
chegaram a um logar que chamam Barrameda, qu
á entrada do rio de Sevilha, e ali ancoraram tod

Os castelhanos, quando os ali viram, não lh
prouve de sua visinhança, e diziam contra elles, p
modo d'escarneo, «que não foram ajudar el-rei
Pedro emquanto era vivo e que então lhe iam a
dar os ossos depois da morte.»

Jouve ali a frota por espaço de tempo, e destru
toda a ilha de Cadez e fez muito damno por aqu
la comarca, assim no mar como por terra, por
que não achamos que mais tomassem, logo com
chegaram primeiro, que um baixel carregado d
zeites, com seis quintaes d'alácar, e uma galé a q
pozeram nome a *Bem ganhada*. E agastava-s
muito a cidade de Sevilha, por azo da servidão
rio, que d'esta guisa estava embargada.

Passado o verão e vindo o inverno, começou
gente de adoecer e os mantimentos de minguar.

CAPITULO XL

o el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e rque razão se partiu de sobre o cerco.

ASSOU o anno de quatro centos e sete e começou a era de quatrocentos e oito, no qual anno, estando el-rei D. Henrique na villa de , soube como Gomez Lourenço do Avellar e ntes que com elle estavam em Ciudad Rodrigo m grandes cavalgadas pela terra de redor, e a perda e damno por toda aquella comarca que de Portugal não tinha; e tendo el-rei d'isto de sentido ordenou de a vir cercar, e partiu da de Toro e veiu pôr arraial sobre ella, e fez-lhe r com engenhos e combatel-a de vontade.

omez Lourenço e as gentes que com elle esta-, desde ahi Martim Lopes de Cidade, que era o honrado cavalleiro que ahi havia, com Pero cham e outros do logar que tomaram voz por i D. Fernando, defendiam-se todos de guisa que lo araial haviam bem que fazer.

que lá tinha enviadas por guarda da terra, demais que sendo depois Carmona cercada, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, vinha el-rei de Granada em sua ajuda com muitas gentes, como adeante ouvireis, o que não fizera se tivera tregua com elle: e por estas razões nos parece não darmos fé aos que fallaram do britamento d'esta tregua d'el-rei de Granada.

CAPITULO XLIV

Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Portugal e não tiveram geito, e por que azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha.

QUANDO el-rei D. Henrique chegou a Sevilha, viu como a cidade estava mui agastada e apertada, por azo da frota de Portugal, que lhe tinha empachada a entrada do rio; e dizem alguns que não estavam então ahi mais, de toda a frota, que dezesseis galés e vinte e quatro naus, mas não assignam quaes nem quaes não, nem quem eram os patrões d'ellas.

El-rei fez logo lançar vinte galés na agua, mas não podiam haver remos que as forneccessem, porquanto el-rei D. Pedro fizera levar muitos remos de Sevilha para Carmona, quando a fazia abastecer, assim que se não podiam armar de todo, e porem repartiram cem remos a cada galé e minguavam-lhe oitenta, entendendo que estes bastavam sómente para chegar á frota de Portugal e pelejar com ella; mas taes havia ahi dos mareantes que eram

que lá tinha enviadas por guarda da terra, de
que sendo depois Carmona cercada, onde esta
os filhos d'el-rei D. Pedro, vinha el-rei de Gra
em sua ajuda com muitas gentes, como adea
ouvireis, o que não fizera se tivera tregua com
e por estas razões nos parece não darmos fé
que fallaram do britamento d'esta tregua d'el
de Granada.

to, e que a sua não podia bem lá ir a seu salvo, houve accordo que d'aquellas vinte galés armasse sete para enviar a Biscaya por remos, e isso mesmo armar naus para vir pelejar com a frota de Portugal. E foram logo fornecidas sete galés de tudo o que lhes cumpria, e com ellas *mice* Ambrosio Bocca Negra, seu almirante, e partiram de noite, por as não vêr a frota de Portugal, e el-rei tornou-se a Sevilha e as trez galés suas que ficaram, e as naus e galés dos portuguezes tornaram-se a deitar na entrada do rio, onde primeiramente estavam; e a isto não poude el-rei pôr remedio salvo esperar estas sete galés com as naus que mandava armar em Santander e em Castro Dardialles e outros logares da costa, as quaes, como foram armadas, encaminharam logo para Sevilha.

E aconteceu que uma nau d'el-rei D. Fernando, de que era mestre Nicolao Annes Estorninho, ia para Barrameda e levava cem mil libras para pagar soldo á frota de Portugal, e atravez do cabo de Santa Maria de Faro chegaram a ella as galés de Castella e mataram o mestre com outros, e d'elles captivaram e queimaram a nau e tomaram os dinheiros.

As galés de Portugal eram então todas pelo rio acima, cá das naus não fazem menção as historias, e quando as galés deram volta e tornaram para onde antes jaziam viram as naus e galés de Castella ordenadas de guisa que tinham tomada a entrada da foz, que nenhum navio podia por ali passar sem primeiro haver contenda; e não se atrevendo a pelejar com elles foram em grande cuidado de sua sahida. Então pozeram fogo a dois navios que tomaram, carregados d'azeite, e deixaram-n'os ir

muito contrarios a isto, dizendo que as galés, por esta guisa, iam em muito grande perigo, porque quando viesse a jusante da maré lançal-as-hia em poder da frota de Portugal, que tinha naus armadas em sua ajuda, e podiam-se desordenar e ser desbaratadas.

El-rei, não embargando isto, fez entrar nas galés muitos cavalleiros e homens d'armas e bésteiros e outras gentes, e partiram pelo rio a fundo, e el-rei por terra com muitas companhas; e, chegando as galés a Coira sobre Guadalquivir, souberam os portuguezes como vinham armados de muito boa gente, para pelejar com elles, e el-rei por terra com grandes companhas, para seu acorrimento se lhes mister fosse. E vendo como todos vinham gente folgada e fresca, demais em presença e vista d'el-rei, que lhes daria dobrado esforço para pelejar com grande acorro que tinham muito prestes, e elles por contrario cansados e fracos e muitos doentes, houveram conselho de se lançar a largo no mar, onde, querendo pelejar com elles, teriam vantagem das galés de Castella, as quaes não poderiam ser acorridas assim no mar como no rio; e foi assim de feito que se pozeram as naus e galés todas dentro no mar.

N'outro dia, chegaram as galés de Castella ás Forcadas, e souberam como a frota de Portugal se lançara no mar largo, e as galés de Castella chegaram até S. Lucar de Barrameda e não ousaram ir mais por deante, por os poucos remos que tinham, e não se atreviam entrar no mar, especialmente pelo acorro que haver não podiam.

El-rei chegou ahi esse dia com suas companhas, e quando viu a frota de Portugal andar no mar al-

to, e que a sua não podia bem lá ir a seu salvo, houve accordo que d'aquellas vinte galés armasse sete para enviar a Biscaya por remos, e isso mesmo armar naus para vir pelejar com a frota de Portugal. E foram logo fornecidas sete galés de tudo o que lhes cumpria, e com ellas *mice* Ambrosio Bocca Negra, seu almirante, e partiram de noite, por as não vêr a frota de Portugal, e el-rei tornou-se a Sevilha e as trez galés suas que ficaram, e as naus e galés dos portuguezes tornaram-se a deitar na entrada do rio, onde primeiramente estavam; e a isto não poude el-rei pôr remedio salvo esperar estas sete galés com as naus que mandava armar em Santander e em Castro Dardialles e outros logares da costa, as quaes, como foram armadas, encaminharam logo para Sevilha.

E aconteceu que uma nau d'el-rei D. Fernando, de que era mestre Nicolao Annes Estorninho, ia para Barrameda e levava cem mil libras para pagar soldo á frota de Portugal, e atravez do cabo de Santa Maria de Faro chegaram a ella as galés de Castella e mataram o mestre com outros, e d'elles captivaram e queimaram a nau e tomaram os dinheiros.

As galés de Portugal eram então todas pelo rio acima, cá das naus não fazem menção as historias, e quando as galés deram volta e tornaram para onde antes jaziam viram as naus e galés de Castella ordenadas de guisa que tinham tomada a entrada da foz, que nenhum navio podia por ali passar sem primeiro haver contenda; e não se atrevendo a pelejar com elles foram em grande cuidado de sua sahida. Então pozeram fogo a dois navios que tomaram, carregados d'azeite, e deixaram-n'os ir

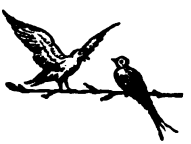
pelo rio afundo; o fogo era grande e cada vez maior, e quando chegaram ardendo ás naus e galés de Castella foi-lhes forçado de lhes dar logar e desordenarem-se de como estavam amarradas, por não receberem damno. As galés de Portugal, por onde os navios do fogo passaram, sahiram umas depois outras quanto mais podiam, antes que se as naus e galés de Castella tornassem a carregar como da primeira, e assim sahiram todas sem mais pelejar umas com as outras.

E alguns em suas historias, que d'este feito escreveram, dizem que ficaram no rio dentro trez galés de Portugal que não poderam sahir tão azinha, e que foram tomadas pelas de Castella; outros desvairam d'isto, os quaes contam que não ficou nenhuma, e provam-n'o por uma forçada rasão, dizendo que se assim fôra que algumas naus ou galés de Portugal foram então filhadas, segundo estes auctores escreveram como lhes prouve, que na paz que no seguinte anno os reis entre si pozeram, fizera d'aquesto menção, cá, pois um dos capitulos n'ella conteudos é que os reis possam tirar dos logares que d'entregar houveram quaesquer açalmamentos que cada um n'elles tivesse postos, e isso mesmo que se entregasse quaesquer prisioneiros que tomados foram sem nenhuma rendição, muito mais razão era falar na entrega de taes galés ou navios com tantas gentes e armas e cousas n'ellas tomadas, que é maior cousa que o abastecimento d'um pequeno logar assim como Sam Fellizes e a Feolhosa e outros similhantes; e que pois taes pazes d'isto não falam que não devem dar fé a tal escriptura.

E tornando a falar nas naus e galés dos portu-

es, cuja estada havia feito muito damno não
ente a Sevilha mas áquella terra toda, depois
as outras de Castella vieram, ellas se partiram
todas da maneira que ouvistes, salvo uma galé
lá se perdeu em Santa Maria del Puerto.

mandou el-rei D. Fernando desarmar as naus
ılés, nas quaes se perdeu muita gente, como dis-
os, porque tiveram dois invernos n'ellas, que
houve ahi, segundo diziam, que foram n'ellas
tidos sem barbas e que á tornada vieram cãos.
el-rei gastava seus thesouros e perdia as gentes,
ı pouco accrescentamento de seu estado e honra.



CAPITULO XLV

Como os de Carmona mandaram dizer a el-r D. Fernando que lhes acorresse, e da respos que deu ao mensageiro.

HAVENDO já um anno e nove mezes que es guerra durava, começando-se a era de qu trocentos e nove, estavam os de Carmo mui esforçados, com pouca vontade de dar a v a el-rei D. Henrique, nem tomar sua voz, po grande esforço que tinham em el-rei D. Fernan que lhes promettera que, sendo cercados, os fo descercar.

E foi assim que morto el-rei D. Pedro, como d semos, estava Martim Lopez de Cordova, mes de Calatrava, em Carmona, com muitas gen comsigo, e quando os outros logares tomaram v por el-rei D. Fernando foi esta villa de Carmo um d'elles, segundo ouvistes, e escreveram-lhe l como estavam ali juntos e prestes para seu servi e que se acontecesse que os d'el-rei D. Henri

viessem cercar que lhe pediam por mercê que lhes acorresse como áquelles que de toda a vontade queriam ser seus.

El-rei foi ledo com aquestas novas, e disse que lh'o agradecia muito, e fez-lhes saber que fossem bem certos, se tal cousa aviesse de serem cercados, que elle lhes acorreria em toda guisa; e por mór segurança d'isto mandou-lhes um alvará assignado por sua mão. D'esta resposta foram elles mui contentes, e trabalharam-se d'açalmar e abastecer melhor o logar, que se lhe tal cousa aviesse o podessem bem defender.

Elles estando n'esta esperança, souberam como el-rei D. Henrique ordenava de os ir cercar, e enviarem á pressa um cavalleiro a el-rei D. Fernando, para lhe fazerem saber como el-rei de Castella juntava suas gentes para vir sobre elles, o qual chegou a el-rei e disse:

—«Senhor, o mestre D. Martim Lopez e aquelles nobres homens que estão na vossa villa de Carmona enviam mui humildosamente beijar vossas mãos e se encommendam muito em vossa mercê: á qual fazem saber que elles são bem certos que el-rei D. Henrique tem juntas suas gentes para os vir cercar, e penso, Senhor, disse elle, que já ora são cercados; e porém vos enviam pedir por mercê que vos praza de lhes accorrer de guisa que elles se não percam por mingua do vosso bom acorrimento, cá bem deveis, Senhor, d'entender que, sendo elles entrados por força ou por outro qualquer modo, o grão cajom e deshonra que lhes de tal feito podia vir.»

El-rei o recebeu mui bem e disse que haveria sobre elle seu conselho, e depois que o houve com

que lá tinha enviadas por guarda da terra, de
que sendo depois Carmona cercada, onde estav
os filhos d'el-rei D. Pedro, vinha el-rei de Grana
em sua ajuda com muitas gentes, como adea
ouvireis, o que não fizera se tivera tregua com e
e por estas razões nos parece não darmos fé a
que fallaram do britamento d'esta tregua d'el-
de Granada.

selha bem, nem verdadeiramente, em vós deixardes perder tal logar como aquelle, com tantos nobres homens como n'elle estão para vosso serviço, e demais quebrantardes vosso promettimento, que lhe feito tendes, por nenhuma outra cousa que vós tenhaes de fazer; e porém eu sou prestes de fazer conhecer, a qualquer que seja, que o que eu digo é verdade e que elles mal e falsamente vos aconselham isto, ca, se elles souberam que lhe vós não havies d'accorrer, elles seguraram suas vidas por outra guisa, e não foram postos em perigo como são ora; mas elles pensando de serem por vós defesos, como era rasão, vos deram a villa e se offereceram a morrer por vosso serviço, não curando das avenças nem preitesias que lhe el-rei D. Henrique promettia com muito sua prol e honra, as quaes lhe agora de mui mámente faria, por a sanha que já d'elles tem.»

El-rei respondeu que, pois já determinado era em seu conselho por aquella guisa, que se não podia por então mais fazer. O cavalleiro se alçou e partiu d'ante elle, bradando e fazendo queixume d'isto a quantos o queriam ouvir; e não quiz tornar com este recado a Carmona, mas mandou á pressa, o mais escusamente que se fazer póde, tirar a mulher e os filhos do logar, antes que fosse cercado, e depois lhe mandou dizer a resposta a tempo que não prestou nada, porque já el-rei D. Henrique jazia sobre o logar.

CAPITULO XLVI

Como el-rei D. Henrique cercou Carmona e deu Martim Lopez por preitesia.

Nós dissémos já em alguns logares como rei D. Pedro, antes que morresse, se tra lhava muito de abastecer e afortalezar C mona o mais que se fazer podia, receando se vêr em algum perigo e ter ali acorrimento não dissemos porque abastecia este logar e afor lezava mais que nenhum dos outros de seu re e, por não ser havido por mingua na historia, d tal-o-hemos da guisa que o alguns em seus liv escrevem, dizendo que el-rei D. Pedro, fazia m por saber de seus astrologos a certidão das coi que lhe haviam de vir, e não sómente pelos letr dos de sua terra mas ainda a Granada mand perguntar Abenahatim, mouro, grande sabedor philosopho, que lhe escrevesse a certidão das co sas que lhe podiam aquecer.

E dizem que por elles soube que havia de ser cercado em um logar que tinha uma torre a que chamavam Estrella, e porque em Carmona ha uma torre a que chamam por tal nome, pensou elle que este era o logar, e, não embargando que forte seja, por esta razão se trabalhou elle de o abastecer e afortalezar o mais que se fazer póde, e ali poz seus thesouros e filhos, como já dissémos.

E quando el-rei D. Henrique cercou em Montel soube elle como havia ali uma torre que chamavam Estrella, e foi muito anojado por ello, e por isso, e por outras razões que ouvistes, se trabalhou de sahir d'elle, como temos já contado.

Sobre este logar de Carmona se veiu el-rei D. Henrique lançar com muitas companhas, e posto arraial sobre ella cercou-a d'uma parte, ca se não podia cercar de todo, e mandou fazer uma bastida, e de noite escalaram uma vez a villa e subiram acima quarenta homens armados, que para aquillo foram escolheitos, e os da villa, que isto sentiram, acudiram ali rijamente e pelejaram com elles, de guisa que a alguns d'elles conveio por força soltarem muito contra seu grado, e outros que haviam cobrada uma torre, não podendo mais fazer, foram n'ella tomados por força, e chegou ahi D. Martim Lopez e fel-os matar todos, que não ficou nenhum, de cuja morte el-rei D. Henrique houve pesar e grão sentimento, e teve grande sanha de D. Martim Lopez porque os matara d'aquella maneira, tendo-os presos e podendo-lhes dar vida.

A' cima durando o cerco por espaço de tempo, e minguando as viandas aos da villa e vendo como lhes não vinha acorro de Portugal, nem de Granada, nem d'Inglaterra, pero soubessem que eram

cercados, foi forçado a D. Martim Lopez de se preitejar com el-rei, e foi na convença: que lhe desse a villa e tudo o que ficara do thesouro d'el-rei D. Pedro, e que lhe entregasse preso Matheus Fernandez de Caceres, que fôra chanceller d'el-rei D. Pedro, que estava com elle no logar, e que D. Martim Lopez fosse posto em salvo em outro reino, ou lhe fizesse el-rei D. Henrique mercê se com elle quizesse ficar; e estas avenças tratou o mestre de S. Thiago, D. Fernando Ossarez, fazendo sobre ello grandes juramentos que el-rei lhe guardaria este seguro.

D. Martim Lopez deu a villa a el-rei e cumpriu tudo o que ficou a fazer, e el-rei mandou-o logo prender e levaram elle e Matheus Fernandes a Sevilha, e mandou-os el-rei matar, e diziam todos que el-rei fizera mui grande mal n'isto, que por queixume que d'elle houvesse por a morte de seus creados, nem por outra nenhuma razão, quebrantasse a segurança que lhe promettida tinha; e pero se o mestre de S. Thiago muito queixasse a el-rei por ello, dizendo que elle o segurava de morte por seu mandado e lhe fizera sobre ello promessas e juramentos, não prestou seu arrazoado para o escapar de morte.

E d'esta guisa cobrou el-rei D. Henrique Carmona e muitas joias que ficaram d'el-rei D. Pedro, e mandou os filhos presos a Toledo, e elle tornou-se para Sevilha.

E dizem aqui alguns que, sabendo el-rei de Granada como os filhos d'el-rei D. Pedro estavam assim cercados, que vinha com muita gente de pé e de cavallo para lhes acorrer, e que vindo no extremo lhe disseram como era tomada Carmona e os filhos de

rei presos, e que então se tornou para Granada não se fez sobre isto mais; e que o azo de sua ida tão tarde foi certos recados que sobre ello viou a el-rei D. Fernando, cujas respostas alongaram tanto e com taes razões que o rei mouro houd'entender que de pôr em tal feito mão el-rei Fernando não havia vontade, e que então se fez estes e vinha d'esta guisa que dizemos.

CAPITULO XLVII

Das razões que alguns disseram falando do casamento d'el-rei D. Fernando com a infante d'Aragão.

GRANDE mingua foi d'alguns auctores, que vontade houveram de fazer historias, em terem tal modo d'historiar qual tiveram, porque cousas necessarias de saber deixaram de todo, sem d'ellas fazer menção, outras tocando em breve falamento ficaram carregadas de grandes duvidas; e se certo e curto falaram algum louvor mereciam d'haver, mas pouco falando, desviados muito da verdade, melhor fôra não dizer taes cousas, mórmente quando por seu escrever fica má fama d'algumas pessoas, que muito é d'esquivar em taes falamentos; e, por não cuidardes que dizemos isto por nosso louvor e sua mingua d'elles, vejamos primeiro seu desvairado modo d'escrever, o qual bem roubado seria do sizo quem o crêsse, e lhe desse fé.

E digamos logo de Martim Affonso de Mello, na chronica que d'estes feitos compoz, o qual, falando

'este passo do cazamento d'el-rei D. Fernando com infante D. Leonor d'Aragão, diz que enviou el-rei i o conde D. João Affonso Tello; e que levou deoito quintaes d'ouro em pasta, para dar a el-rei l'Aragão por este casamento, e que se veiu sem irmar o casamento, e deixou este ouro na praia de Valencia e que ali jouve por grão tempo, e que isto ez o conde por casar el-rei depois com sua sobriha, mulher de João Lourenço da Cunha, como de eito casou.

Outro grande historiador, que mais largo arrazoou que este, diz em um livro que el-rei D. Fernando, depois que foi esposado com esta infante d'Aragão, mandou lá duas galés, uma d'ellas muito bem corregida, em que ella havia de vir, com outras naus e galés que el-rei seu pae havia de mandar em sua companha; e que em uma das galés mandou el rei D. Fernando dezoito quintaes d'ouro e bem setenta quintaes de prata, o qual haver levou o conde D. João Affonso Tello, o qual era o mór privado que então el-rei havia; e que em guisando el-rei D. Fernando por mandar esta embaixada que se namorou de D. Leonor Telles, sobrinha d'este conde, filha de seu irmão Martim Affonso Tello, que fôra casada com João Lourenço da Cunha, e já quite então d'elle, a qual este conde tinha em sua casa sabendo bem parte do amor que lhe el-rei havia.

E que o conde chegou com este haver a Aragão, onde foi descarregado e bem guardado d'aquelles que d'elles levavam cargo; e que vista a infante pelo conde, e por aquelles que com elle iam, que todos disseram que nunca tão feia cousa viram, e mais que disseram alguns que antes perderiam to-

do aquelle haver e sete tantos mais além que c
com tal mulher como aquella.

E que o conde se metteu uma noite na galé, s
falar a el-rei, e amanheceu tão longe no mar
perdeu vista de terra; e que chegando a el
D. Fernando que lhe disse que el-rei d'Aragã
quizera prender, dizendo que lhe tinha dada
sua sobrinha por barregã, e que ficasse lá pr
em refens até que sua sobrinha fosse levada a A
gão ou entregue a seu marido; e que el-rei D. F
nando disse então que pois assim era que mais
prazia receber d'Aragão lá o haver que elle rece
cá sua filha com o que lhe promettera, e que as
se passou este feito.

Estas e outras razões inimigas dá verdade d
xamos d'escrever, por não alongar, as quaes m
lhor fôra não serem escriptas que deixar aos h
mens vãs opiniões que creiam, e dos finados
fama por sempre.

CAPITULO XLVIII

Que moveu el-rei D. Fernando a juntar o ouro que mandou a Aragão e quanto era por todo.

Posto que já falassemos alguma cousa d'estes esposorios d'el-rei D. Fernando com a infante D. Leonor d'Aragão, convem que digamos o mais d'este feito que se depois seguiu, porque aquillo que confusamente é historiado venha á praça com mais clara certidão; dês-ahi, por desabafarmos esta historia, por alguns mal recontada, de tamanhas duvidas como d'ella nascem:

A primeira, que moveu el-rei mandar tanto ouro e prata a Aragão, e quanto era por todo; a segunda, a quem foi entregue em Aragão este haver, e que se fez lá d'elle; a terceira, porque não foi trazida a infante e se desfez este casamento; a quarta, se partiu o conde em sua graça d'el-rei d'Aragão, e porque veiu e porque guisa; a quinta, porque não tornou lá mais o conde, e se houve el-rei d'Aragão parte d'este haver contra vontade d'el-rei D. Fer-

nando; ás quaes, respondendo com muito trabalho, buscando a verdade de cada uma d'ellas, a certidão de todas foi por esta guisa:

El-rei D. Fernando, segundo dissemos, tratou de casar com a infante D. Leonor d'Aragão, por haver seu pae em ajuda contra el-rei D. Henrique, com que havia guerra; e foi esposado el-rei com ella por *monse* João de Vilaragut, que veiu procurador da infante, como já tendes ouvido. E, deixados os outros capitulos das convenças entre elles divisadas, um d'elles foi que el-rei d'Aragão fizesse guerra a el-rei D. Henrique dois annos continuados, na qual guerra el-rei D. Fernando havia de pagar á sua custa mil e quinhentas lanças; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria d'haver pagamento por moeda que se costumasse no reino d'Aragão, foi tratado n'esta preitesia que el-rei mandasse lá ouro e prata de que se fizesse moeda para paga do soldo que haviam de haver; e esta foi a razão porque el-rei juntou aquelle ouro que lá foi enviado, e não por levar á noiva em presente, nem o dar a seu pae por a casar com elle, segundo alguns rudemente falaram.

O ouro que el-rei lá mandou não foi em pasta, mas todo em moedas das que elle mandára fazer quando novamente começou de reinar, a saber: dobras das primeiras, que chamavam pé terra, e gentis primeiros, segundos e terceiros; e de dobras castelhanas e mouriscas e outras moedas francezas não seriam mais que até cem marcos. E foi todo junto em Lisboa por esta guisa: o thesoureiro da moeda e do seu thesouro deram umas cem mil peças, e mandou el-rei tomar do thesouro que estava na torre do castello da dita cidade outras cem mil

dobras d'aquellas primeiras que dissémos, que eram de peso de dobra cruzada; assim que seria todo o haver, quanto então foi junto até quatro mil marcos d'ouro, que eram pouco menos de dezoito quintaes; prata, nenhuma não foi lá levada, como alguns disseram, porque aquella que mister haviam para as moedas que depois lavraram toda foi comprada em Aragão.

E este ouro todo mandou el-rei que recebesse um honrado mercador de Lisboa que chamavam Affonso Domingues Baraceiro, ao qual mandou que toda a despeza que lhe o conde mandasse fazer d'elle que a fizesse presente o escrivão que lhe era dado, sem pôr mais outra duvida, e foi-lhe entregue no mez de março da era já nomeada de quatrocentos e oito.

CAPITULO XLIX

Como o conde partiu de Lisboa para Aragão, e como chegou lá com todo o haver que levava.

Este conde D. João Affonso, que dissémos, era então o mór privado d'el-rei D. Fernando, e de que móres cousas fiava, por sua discrição e sajeza, e seria de sessenta annos.

Este ordenou el-rei de mandar a Aragão por encaminhar seus feitos da guerra que se havia de fazer, e trazer logo a infante, segundo entender podemos, porque, não embargando que alguns digam que el-rei mandou não mais que duas galés a Aragão, a verdade é que lá foram sete, ca elle mandou vir de Barrameda a galé *Donzella* e outras cinco, e mais a galé real, que era uma grande e formosa galé, em que havia largas e espaçosas camaras, a qual el-rei mandou mui nobremente guarnecer d'estandarte e muitos pendões e tenda e apparelhos de cordas de seda, onde havia de vir a infante, e mandou pôr, por nobreza, muitos e grandes dentes de

porcos montezes encastoados ao longo da coxia d'ambas as partes da galé, e todos os remos pintados e outros logares por formosura.

Os galeotes eram todos vestidos d'uma maneira, e iam n'ella quarenta bésteiros assás de mancebos e homens de prol, todos vestidos d'outra libré e cintos cobertos de velludo preto, com as armas d'el-rei brolladas.

E bem parece de rasão que o conde houvera logo de trazer a infante, ca el-rei mandou tirar d'aquella Torre do Haver, que estava no castello da cidade, uma corôa d'ouro feita de macha-femeas, obrada com pedras de grande valor e grossos grãos d'aljofar ao redor, e relicarios e anneis d'ouro, e camafeus e outras joias de grão preço, afóra saias e cotas e cipres de dona e outras cousas que pertenciam a guarnimentos de mulher, as quaes levava o conde n'esta galé em que havia d'ir.

Havia el-rei mais outros seus privados e muito mettidos n'estes feitos, de que tambem muito fiava, a saber: um genovez que chamavam *mice* Badasal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos.

E mandou el rei levar todo aquelle ouro por terra até o Algarve, e iam em companha d'elle cincoenta bésteiros com outra gente, que o guardavam. E foi o conde prestes para se partir, muito acompanhado de bons fidalgos e escudeiros, e partiu de Lisboa aos quinze dias d'aquelle mez de março e chegou ao Algarve, onde foi posto todo aquelle ouro na galé em que elle ia; e fez o conde ahi armar outra galé, que levou em sua companha.

D'ali, seguiu sua viagem e chegou a Barcelona, cidade d'Aragão, onde el-rei então estava, de que foi mui bem recebido e todos os que com elle iam;

e mandando el-rei que o apozentassem mui b
disse o conde que lhe não cumpria então outra p
zada senão a galé em que vinha, por o haver
trazia n'ella, até que fosse tudo posto em terra;
tão foram barcos á galé e descarregaram todas
arcas em que o ouro ia, e foi levado aos paços d
rei e posto em uma camara bem cerrada, e guarda
do thesoureiro que o levava e d'aquelles que iam
sua companha e d'outras gentes assoldadas
com elle estavam costinuadamente; e d'esta g
foi posta n'elle boa guarda, e não deixado na p
em desamparo, como alguns não bem informad
n'isto disseram.

CAPITULO L

Do que o conde ordenou que se fizesse d'aquelle ouro que levava, e como começaram pagar soldo ás gentes que haviam de servir.

O conde, assim em Aragão, tratou com el-rei, por nova convença, outros capitulos da ordenança da guerra e paga do soldo que havia de ser feita, a saber: que a paga das mil e quinhentas lanças que el-rei D. Fernando havia de fazer por seis mezes se tornasse em pagamento de tres mil lanças pagadas por tres mezes, com condição que se el-rei D. Henrique, ao tempo que se começasse a guerra, fosse nas fronteiras d'Aragão, que el-rei fosse teudo d'ir por pessoa, ou enviar o duque, seu primogenito filho, por capitão das ditas tres mil lanças, e o mais com o seu poderio; e outras similhantes cousas que a nosso proposito mingua não fazem, posto que recontadas aqui não sejam.

Dês-ahi, trabalhou logo d'encaminhar com os fidalgos que maneira haviam de ter no proseguimento

da guerra e por que preço cada um, e mais como se logo lavrasse moeda para haverem paga de suas soldadas; e foram feitas escripturas d'avenças e obrigações como cada um havia de servir, e com quantas lanças e quanto havia d'haver por mez, a saber: trinta florins por lança do dia que começasse de servir.

Outrosim, houve licença e carta d'el-rei para fazer moeda d'ouro e prata ali em Barcelona, a saber: florins, taes como el-rei tinha usança de mandar fazer, e reaes de prata dos signaes e cunhos d'el-rei D. Pedro de Castella, de quatro maravedis cada um real. E começaram de lavrar na Casa da Moeda d'el-rei e fizeram logo até duzentos mil reaes de prata e uns noventa mil florins; fazendo logo pagamento de seis domaas a esses capitães, de seu soldo, assim como a *mosse* Rodrigo de Navarra e a *mosse* João de S. Martim, que haviam de servir com quatro lanças, e a D. Gil Garcia de Navarra, que havia de servir com duzentas, e assim a outros aragonezes e castelhanos, segundo as lanças que cada um tinha; e aos que não eram presentes mandaram-lhes o soldo aos logares onde estavam, assim como a Garcia Fernandes de Villa Odre, que estava no reino de Murcia, que havia de servir com quatrocentas lanças, e a Diego Lopez de Montoyo e a outros fidalgos, que seriam por todos os que então foram pagados até duas mil e duzentas lanças.

E pagaram mais soldo, a mil e quinhentas lanças das com que el-rei de Aragão havia de fazer sua guerra, d'outras seis domaas como aos outros, porque nos tratos era conteúdo que el-rei D. Fernando lhe emprestasse o soldo d'um anno para ellas, o

qual se havia de contar do dia que a guerra fosse começada em deante.

Dês-ahi, pagavam mantimentos a esses que os haviam de haver, assim como áquelle conde de Barcellos, D. João Affonso, onze florins por dia, e assim a cada um dos outros, segundo lhe era ordenado; e isso mesmo fizeram pagamento a vinte galés, das que estavam em Barrameda, de soldo que lhes era devido d'alguns mezes que tinham servido; e mais mandaram fazer pendões dos signaes d'el-rei, que haviam de levar na hoste, e mandaram recados a Medinacelli, por Lopo Lopez de Gamboa, escudeiro castelhano, e a Almançon e a outros logares, a falar com alguns cavalleiros e saber parte do estado da terra e onde era el-rei D. Henrique ou quem estava pela comarca de Castella por onde a hoste havia de passar.

E tornaram outra vez a fazer pagamento d'outras seis domaas áquelles capitães e suas companhas, assim que tambem todos elles, como as mil e quinhentas lanças d'el-rei, que dissemos, a todos já era feita paga de tres mezes.

N'isto gastava-se o tempo sem fazer cousa que serviço d'el-rei fosse, e dispendiam se os dinheiros em corregimentos e ordenanças que nunca sómente houveram começo.

CAPITULO LI

Como o conde D. João Affonso se partiu para Portugal e porque não foi trazida a infante a Portugal.

SEGUNDO já d'antes havemos tocado, el-rei d'Aragão havia de haver segurança d'el-rei D. Fernando, por razão da guerra, que havia de começar contra el-rei D. Henrique, de guisa que, pois que fosse começada até dois annos seguintes não desfallecesse soldo áś lanças que elle era teudo de manter, as quaes haviam de ser pagadas de dous em dois mezes, e el-rei d'Aragão isso mesmo havia de fazer seguro el-rei D. Fernando de proseguir a guerra, não eessando d'ella até o tempo que determinado tinham; e a segurança da parte d'el-rei D. Fernando havia de ser que os ditos condes e *mice*[illegible] dasal e Martim Garcia haviam d'estar sempre em Aragão, por refens, até que a guerra fosse acabada e feita cumpridamente paga a todos os que nella houvessem servido.

E por azo da i[illegible]o dos [illegible]os que o co[illegible]

de Barcellos innovara com el-rei, assim do mudamento das mil e quinhentas lanças e tres mil de pé, como d'outras cousas conteúdas nos tratos primeiros, as quaes el-rei D. Fernando havia d'approvar, ordenou o conde de vir a Portugal falar a el-rei sobre ello, e isto por licença de el-rei d'Aragão, assim que não se despediu d'elle por nenhuma desavença e desaccordo, mas com sua graça e pagamento, sem outro escandalo que ahi houvesse; ca se elle partira d'Aragão queixoso por alguma guisa, desamparando todo aquelle negocio como cousa finda, não deixara tal mandado a Affonso Dominguez, thesoureiro d'aquelle haver, qual lhe deixou por sua carta, nem se tratara mais nenhuma cousa sobre a ordenança da guerra, como se depois tratou, ca elle deixou mandado a Affonso Dominguez que, do haver que lhe então ficava em poder, e de todo outro que recebesse emquanto por mandado d'el-rei estivesse no reino d'Aragão, fizesse todas as despezas que lhe *mice* Badasal mandasse, assim como as depois fez que se o conde d'ella partiu.

E havendo já uns tres mezes que o conde lá era, no fim do mez de junho partiu para Portugal, e trouxe comsigo a corôa d'ouro e todas as outras joias que levara para dar á infante, as quaes el-rei mandou tornar á torre d'onde foram tiradas, porque, falando elle a el-rei por vezes no casamento de sua filha com el-rei D. Fernando, respondia el-rei que a não podia mandar por então, porquanto não tinha ainda dispensação do papa para poderem casar, mas que elle se trabalharia de a haver o mais cedo que podesse e que logo lh'a mandaria, segundo pertencia a sua honra.

E esta foi a razão porque a infante não ve
tão, e não por cousa que o conde n'este feito
ciosamente obrasse, nem por ella ser tal como
historiando, feiamente pintaram, ca de corpo e
natureza lhe dera tão boa parte que nenhum se
se descontentaria de a haver por mulher.

E, se ella tal não fôra, não fizera el-rei D. H
rique tanto depois por casar com ella o infan
João, seu filho, que depois foi rei de Castella. e
rainha com elle, enviando muitas vezes dizer
pae que lh'a desse para o infante seu filho, c
fôra tratado quando eram moços, até manda
rogar que lh'a desse todavia, e que não queri
lhe desse com ella nenhuma cousa de quanto
primeira promettera; a qual cousa não é de cu
que fizera se ella tão feia imagem fôra, como al
maldizentes disseram.

Nem el-rei D. Fernando n'esta sezão, nem de
ainda por tempo, não tinha sentido de D. Le
Telles, de que se depois namorou, nem lhe v
por cuido nem penso o que se depois seguiu, se
do adeante claramente podereis vêr.

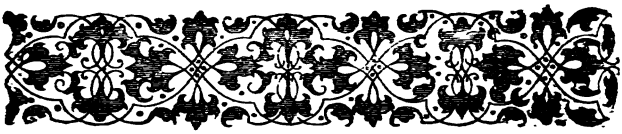
CAPITULO LII

Como os capitulos da guerra foram outra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu recado a el-rei D. Fernando.

PARTIDO o conde, como dissémos, no mez de julho seguinte, aos vinte e quatro dias, na cidade de Barcelona, onde então el-rei estava, *mice* Badassal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos, procuradores que eram d'el-rei D. Fernando, ambos juntamente em companha da infante D. Maria, mulher que fôra do marquez, e irmã d'el-rei D. Fernando, por cujo conselho e accordo se trataram muitas cousas ácerca d'este negocio, chegaram a el-rei, a seus paços, fazendo-lhe recontamento dos capitulos e avenças firmadas sobre o preseguimento da guerra e paga do soldo que havia de ser feita; e que fosse sua mercê que dos dinheiros que Affonso Dominguez, thesoureiro do haver que ali estava, tinha em seu poder lhe deixasse receber dinheiros para soldo de mil e quinhentas lanças, porquanto eram muito necessarias

e mandando el-rei que o apozentassem mui b
disse o conde que lhe não cumpria então outra
zada senão a galé em que vinha, por o haver
trazia n'ella, até que fosse tudo posto em terra
tão foram barcos á galé e descarregaram todas
arcas em que o ouro ia, e foi levado aos paços
rei e posto em uma camara bem cerrada, e guard
do thesoureiro que o levava e d'aquelles que iam
sua companha e d'outras gentes assoldadas
com elle estavam costinuadamente; e d'esta g
foi posta n'elle boa guarda, e não deixado na p
em desamparo, como alguns não bem informa
n'isto disseram.

s cousas fizeram suas escripturas juradas e fir-
as o mais firme que ser póde, sob pena de
: mil marcos d'ouro, que pagasse á outra parte
ıe fallecesse do que entre elles era accordado.
feito isto partiu-se o embaixador caminho de
gão, levando bem recadado tudo aquillo por
viera.



CAPITULO LIII

Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições.

DURANDO a guerra entre Portugal e Castella da maneira que já tendes ouvido, e tratando-se assim estas cousas entre el-rei de Aragão e el-rei D. Fernando, havia já tempo que o Papa Gregorio XI havia enviado por embaixadores aos reis de Portugal e de Castella, para pôr entre elles paz. D. Beltram, bispo de Commercia, e D. Agapito. de Columpna, bispo de Brixa; e, ainda que nos antes d'isto não hajamos feita menção da vinda d'estes prelados, sabei porém que o anno passado antes que Carmona fosse filhada, chegaram elles a Sevilha, onde el-rei D. Henrique estava então, e falando com elle em razão de paz quanto era necessaria entre os reis, mostrando-lhe os damnos e males que se da guerra seguiam a elles e a seus reinos, e como por tal azo se enxalçaria a soberba dos inimigos da santa fé, authorgou el-rei por sua

ıal se havia de contar do dia que a guerra fosse meçada em deante.

Dês-ahi, pagavam mantimentos a esses que os viam de haver, assim como áquelle conde de ırcellos, D. João Affonso, onze florins por dia, e sim a cada um dos outros, segundo lhe era ordedo; e isso mesmo fizeram pagamento a vinte ga-ş, das que estavam em Barrameda, de soldo que ɛs era devido d'alguns mezes que tinham servido; mais mandaram fazer pendões dos signaes d'el-rei, ıe haviam de levar na hoste, e mandaram reca-ıs a Medinacelli, por Lopo Lopez de Gamboa, esdeiro castelhano, e a Almançon e a outros logas, a falar com alguns cavalleiros e saber parte do tado da terra e onde era el-rei D. Henrique ou ıem estava pela comarca de Castella por onde a ste havia de passar.

E tornaram outra vez a fazer pagamento d'outras ıs domaas áquelles capitães e suas companhas, ɜim que tambem todos elles, como as mil e quientas lanças d'el-rei, que dissemos, a todos já ı feita paga de tres mezes.

N'isto gastava-se o tempo sem fazer cousa que ɔviço d'el-rei fosse, e dispendiam se os dinheiros ı corregimentos e ordenanças que nunca sómente uveram começo.

CAPITULO LI

Como o conde D. João Affonso se partiu para P tugal e porque não foi trazida a infante a Por gal.

SEGUNDO já d'antes havemos tocado, el-rei d'A gão havia de haver segurança d'el-rei D. F nando, por razão da guerra, que havia de meçar contra el-rei D. Henrique, de guisa que, pois que fosse começada até dois annos seguin não desfallecesse soldo áś lanças que elle era te de manter, as quaes haviam de ser pagadas de em dois mezes, e el-rei d'Aragão isso mesmo h de fazer seguro el-rei D. Fernando de proseg guerra, não eessando d'ella até o tempo que d sado tinham; e a segurança da parte d'el-rei D. F nando havia de ser que os ditos condes e *mice* dasal e Martim Garcia haviam d'estar sempre Aragão, por refens, até que a guerra fosse acab e feita cumpridamente paga a todos os que n houvessem servido.

E por azo da innovação dos capitulos que o cc

parte de consentir na paz, com boas e aguisadas razões.

Depois, vindo elles a Portugal, e falando a el-rei D. Fernando sobre ello não menos razões das que a el-rei D. Henrique haviam ditas sobre este negocio, mas quantos bons conselhos e auctoridades se dizer podiam para o induzir a haver com elle paz e amorio, lhe foram por elles offerecidas e propostas, sobre as quaes el-rei D. Fernando, havido conselho, sem primeiro se despedir das avenças e preitesias que com el-rei d'Aragão havia tratadas, não sabemos qual razão determinou d'haver com elle paz.

E notificado isto a el-rei D. Henrique por elles, acco[illegible]m os reis d'enviar seus procuradores para est[illegible]as tratar em seu nome, a saber: el-rei D [illegible]e, D. Affonso Perez de Gusman, agua- [illegible]evilha, e [illegible] seu conselho; e el-rei D. [illegible]. João [illegible]o, conde de Barcellos, o [illegible] tornar outra vez a Ara- [illegible] florins para o caminho, [illegible] se d'aquella ida e fosse [illegible] el-rei D. Henrique. [illegible] as partes, firmes e [illegible] rem perpetua paz e [illegible] de ser todos juntos, [illegible], em uma villa que [illegible] Silves, no reino do [illegible] ente, salvo o bispo [illegible] em Aragão, firma- [illegible] recontada [illegible] dos reis [illegible] amigos para [illegible] seus filhos e [illegible]

CAPITULO LIII

Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições.

DURANDO a guerra entre Portugal e Castel
maneira que já tendes ouvido, e trata
assim estas cousas entre el-r de A
el-rei D. Fernando, havia já tempo P
gorio XI havia enviado por emb
de Portugal e de Castella, para
D. Beltram, bispo de Comm
de Columpna, bispo de Bri
antes d'isto não hajamos
d'estes prelados, sabei por
antes que Carmona fosse
Sevilha, onde el-rei D.
falando com elle em ra
cessaria entre os reis,
males que se da guer
reinos, e como por ta
dos inimigos da sant

parte de consentir na paz, com boas e aguisadas razões.

Depois, vindo elles a Portugal, e falando a el-rei D. Fernando sobre ello não menos razões das que a el-rei D. Henrique haviam ditas sobre este negocio, mas quantos bons conselhos e auctoridades se dizer podiam para o induzir a haver com elle paz e amorio, lhe foram por elles offerecidas e propostas, sobre as quaes el-rei D. Fernando, havido conselho, sem primeiro se despedir das avenças e preitesias que com el-rei d'Aragão havia tratadas, não sabemos qual razão determinou d'haver com elle paz.

E notificado isto a el-rei D. Henrique por elles, accordaram os reis d'enviar seus procuradores para esta[illegible]ças tratar em seu nome, a saber: el-rei D. [illegible], D. Affonso Perez de Gusman, agua-[illegible]evilha, e do seu conselho; e el-rei D. [illegible] João A[illegible]so, conde de Barcellos, o [illegible]prestes [illegible] tornar outra vez a Ara-[illegible]los qu[illegible] florins para o caminho, [illegible]lou q[illegible] e d'aquella ida e fosse [illegible]az e [illegible] e el-rei D. Henrique. [illegible]bre [illegible] as partes, firmes e [illegible]cura[illegible] rem perpetua paz e [illegible]s re[illegible] de ser todos juntos [illegible]ens[illegible], em uma villa que [illegible]tim[illegible] Silves, no [illegible] do [illegible]jur[illegible]ente, salv[illegible] bispo [illegible]cia[illegible] em Ara[illegible] firma-[illegible] contada [illegible] dos rei[illegible] [illegible]igos para [illegible]dade[illegible] filhos e [illegible]

um rei não fosse teúdo d'ajudar o outro contra alguma pessoa, posto que com alguma houvesse desvairo, mas que el-rei de Portugal fosse amigo d'el-rei D. Carlos de França, assim como el-rei de França era d'el-rei D. Henrique; e que el-rei de França enviasse seus mensageiros, até seis mezes, a firmar isto com el-rei D. Fernando, como depois enviou.

E por estas pazes serem mais firmes, e os bons dividos d'entre os reis serem sempre accrescentados, foi tratado n'estas avenças que el-rei D. Fernando casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, com a qual houvesse por doação em casamento Ciudad Rodrigo, e Valencia d'Alcantara, com todos seus termos, e Monte-rei, e Alhariz, com seus alfozes e fortalezas, os quaes logares fossem para sempre da corôa do reino de Portugal, e alguns escrevem que havia d'haver mais em dinheiro tres contos da moeda de Castella; e que el-rei D. Fernando desse á dita infante todos os logares que foram dados por el-rei D. Affonso, seu avô, á rainha D. Beatriz, em arrhas de seu casamento.

E havia de ser entregue a infante a el-rei, para a receber e haver por mulher, no extremo dos reinos, entre Talleiga e Figueira, do dia d'este trato firmado a cinco mezes primeiros, com condição promettida e jurada por el-rei, assim como cada um dos outros capitulos, que, do dia que lhe fosse entregue a sete mezes, não houvesse com ella ajuntamento carnal; e isto fazia el-rei seu pae porque ella era ainda muito moça, e dizia que lhe queria emtanto guisar mui honradamente tudo o que cumpria para a festa de suas bodas. E esta condição

foi a el-rei D. Fernando mui má d'outhorgar, porém ácima houve-o de fazer; e diziam-lhe alguns que juras de foder não eram para crêr,—que jurasse elle afoitamente este capitulo, ca não minguaria quem tomasse por elle o peccado d'este juramento sobre si. E foi por isto havida dispensação, por o divido que entre elles havia, e publicada na cidade de Sevilha pelo dito D. Agapito, mensageiro do Papa.

Foi mais firmado, entre os reis ambos, que el-rei D. Fernando abrisse mão e desamparasse todos os logares e terras que elle e aquelles que sua voz mantinham cobraram do senhorio de Castella, salvo dos que havia d'haver em casamento, e isso mesmo fizesse el-rei D. Henrique dos que cobrára de Portugal, tirados os abastecimentos e ouro e prata que cada um n'elles tinha posto; e perdoaram d'uma parte á outra, desde o caso maior até o menor, a todos que em serviço dos senhores andaram e se alçaram com villas e castellos e tomaram voz contra elles.

E ficaram os reis a entregar todos seus bens de raiz, salvo se foi aos de Carmona, que ainda n'este tempo tinham voz por Portugal, posto que já tenhamos escripto sua tomada d'ella, por os quaes el-rei D. Fernando fez muito por entrarem n'estes tratos, e nunca el-rei de Castella n'ello quiz consentir, dizendo, por escusa, que perdoar aos de Carmona era cousa por que se podia recrescer grão desvairo entre elle e el-rei D. Fernando, mas que a mulher do conde D. Fernando de Crasto, com seu filho e companha e cousas suas, se fosse a Portugal para seu marido ou onde lhe aprouvesse.

Outrosim, que todos os prisioneiros que n'esta guerra foram filhados fossem entregues d'uma parte

á outra sem rendição nenhuma, posto que avença tivessem feita com aquelles que os tinham em seu poder.

E assim pozeram outros capitulos, que por não alongar deixamos de dizer, porque se partiram geralmente de toda contenda que por qualquer guisa entre os reis até aquelle tempo podesse nascer, os quaes os ditos procuradores juraram aos Santos Evangelhos nas almas dos reis ambos, e fizeram preito e menagem, nas mãos do dito delegado, que elles guardem cumpridamente estas pazes e jurem outros taes juramentos por suas pessoas, submettendo os ditos reis e seus reinos a censura e sentença ecclesiastica indo contra isto por alguma guisa; e que fossem prestos, até primeiro dia de maio, certos castellos em refens, a saber: da parte d'el-rei D. Fernando, Olivença e Campo Maior e Noudal e Marvão, os quaes havia de ter D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital; e da parte d'el-rei D. Henrique, Albuquerque e Exarez e Badajoz e a Codesseira, que tivesse Affonso Perez de Gusman.

E foram tratadas e juradas estas pazes, com muitas mais firmezas e condições, no dito logar de Alcoutim, postumeiro dia de março da dita era de quatrocentos e nove annos, as quaes el-rei D. Fernando d'ahi a dois dias jurou na cidade de Evora, fazendo preito e menagem, nas mãos do dito delegado, de as ter e guardar cumpridamente, o que elle depois mui mal fez, segundo adeante ouvireis.

E d'ali enviou a Castella o doutor Gil Dosem e Affonso Gomes da Silva, para receberem d'el-rei D. Henrique similhavel firmeza e juramento; e depois foi a Castela Diogo Lopes Pacheco, receber da rainha D. Joanna e do infante D. João, e d'alguns

:ondes e prelados e ricos-homens que ainda não ju-
·aram, outhorgamento dos ditos tratos; e na villa
le Toro, onde então el-rei era, no mosteiro de
5. Francisco, ali juraram todos em mãos do dito
lelegado, que presente estava, aos dez dias d'agosto
la dita era.

CAPITULO LIV

Como el-rei d'Aragão mandou tomar a Affonso D mingues Barateiro quanto ouro tinha em seu pod

QUANDO el-rei d'Aragão soube esta alliança amizade que el-rei D. Fernando com el-rei Castella para sempre tratara, e como ha de casar com sua filha, bem é de cuidar qu to lhe desprazeria de fazer tal paz e amizade com s inimigo que muito desamava, e mandou que tom sem logo a Affonso Domingues Barateiro quan haver lhe fosse achado, e foram-lhe tomados d mil e vinte e quatro marcos d'ouro, afóra cent sete marcos que lhe foram emprestados logo á p meira, quando novamente chegaram; assim que quanto ouro lá foi enviado, não houve el-rei D. F nando outro proveito, salvo de dois mil paus romania que lhe lá compraram para o armazem Lisboa, que custaram pouco mais de duzentos sessenta gentis, e todo o ouro foi despezo de gu que nunca se d'elle aproveitou; e el-rei d'Arag

houve aquelles dois mil e cento e trinta marcos muito contra sua vontade, que nunca mais cobrou, pero se d'ello trabalhasse, como adeante diremos.

E mandou el-rei d'Aragão prender o thesoureiro e o escrivão que tinham aquelle haver, e tomar o livro da receita e despeza, e depois os mandou soltar e dar o treslado do livro, mas não conhecimento nem recado de como lh'o tomara; e assim se tornaram para o reino.

E não sómente mandou el-rei tomar aquelle haver, mas ainda uma arca com armas, que a infante D. Maria mandava a el-rei D. Fernando seu irmão, tudo foi tomado que lhe não deixaram trazer nenhuma cousa.

O *mice* Badasal e Affonso Fernandes escreveram uma carta a el-rei, de como fôra tomado aquelle ouro a Affonso Domingues, e por que maneira, e que lhe não pezasse muito porque lhe não deram d'ello recadação, que se o de cobrar havia tão bem o cobraria sem carta de conhecimento como com carta, e que tal tempo se vinha chegando cêrca por que poderia cobrar tudo aquillo e muito mais. Mas tudo foi nevoa quanto enviaram dizer, ca el-rei nunca houve nenhuma parte; e assim se passaram todas as cousas certamente sobre as duvidas que movemos no começo d'esta historia.

Mice Badasal não tornou mais para o reino, e a affeição longa que com a infante houve, gerador sempre de similhantes fructos, lhe fez que vendeu ella quantas rendas tinha em Aragão, e se foi com elle para Genova, e depois a deixou, e viveu minguadamente, morrendo mui affastada do que a sua honra pertencia.

CAPITULO LV

'Das moedas que el-rei 'D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma.

Dois grandes males recebeu o reino por esta guerra que el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique começou, de que os povos depois tiveram grande sentido: o primeiro, gastamento em grande quantidade, d'ouro e prata que antigamente pelos reis fôra enthesourado, do qual por azo d'ella, foi a Aragão levada mui gran somma d'ouro, como já tendes ouvido; o segundo, isso mesmo fo gasto de muita multidão de prata, por a mudanç das moedas que el-rei fez, por satisfazer ás grande despezas dos soldos e pagas das cousas necessa rias á guerra, por cujo azo montaram as cousas d pois em tamanhos e tão desarrazoados preços qu conveiu a el-rei e foi forçado de pôr sobre todas a motaçaria, e mudar o valor que á primeira pozer em taes moedas.

Onde sabei que no tempo d'el-rei D. Diniz, s bisavô d'el-rei D. Fernando, se corria geralmen

n'estes reinos uma moeda que chamavam dinheiros velhos, dos quaes doze d'elles faziam um soldo, e vinte soldos era uma libra, e vinte e sete soldos faziam um maravedi velho, que se costumava Além Douro, e quinze d'aquelles soldos era outro maravedi que usaram na Extremadura e pelas outras partes do reino; e cem maravedis, d'estes de quinze soldos, era contia d'um escudeiro vassallo d'el-rei, os quaes cem maravedis valiam setenta e cinco libras, que eram cerca de cinco marcos e meio de prata, porque em quatorze libras d'estes dinheiros velhos era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e tanto valia então de compra.

E valia d'aquella moeda um escudo de ouro de França tres libras, e aquelle escudo é menos que dobra cruzada e tem avantagem de corôa; e valia um franco de ouro de França duas libras e meia, ca por então não havia em França moeda de corôas nem de dobras.

E d'estes dinheiros velhos quem queria fazer moeda mais pequena cortava um dinheiro pela metade, com uma thesoura, ou o britava com os dentes, á metade d'aquelle dinheiro chamavam mealha ou pogeja, e compravam com elle uma mealha de mostarda, ou d'alfeloa, ou de tremoços e similhantes cousas; assim que as mealhas não eram moeda cunhada por si, mas era um dinheiro partido por meio, e estes dinheiros são os que uzam nas bençãos dos casamentos, posto que se com outros fazer possam, não deixando porém estes se os houver poderem, pelo costume da Egreja e honra da antiguidade.

Reinando depois el-rei D. Affonso, filho d'este rei D. Diniz, requereu os povos e a clerezia que lhe

consentissem mudar a moeda, a saber: que faria dinheiros que nove d'elles valessem doze dos outros, e sendo lhe outhorgado mandou-os lavrar; e chamaram a esta moeda dinheiros novos, em respeito dos outros velhos, e alguns lhes chamavam dinheiros affonsis, porque os fizera el-rei D. Affonso; e nove d'aquelles faziam um soldo, e vinte soldos uma libra, e vinte e sete soldos um maravedi d'Álem Douro, e quinze soldos um maravedi da Extremadura, assim como dos outros dinheiros velhos.

E em dezoito libras e quatorze soldos d'esta moeda era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e assim subiu logo por compra; e isso mesmo o escudo velho de ouro de França valia tres libras e meia, e o franco de ouro tres libras.

E por tal lavramento ganhava el-rei em cada marco de prata quatro libras e quatorze soldos, e d'aqui pagavam os custos.

E dizem que foi então convença, entre el-rei e os prelados e o povo do reino, que el-rei nunca mais mudasse moeda, mas que se mantivesse d'aquella guisa, sob certas condições e penas que nas escripturas que sobre ello foram feitas são postas, as quaes pozeram em Braga e em Alcobaça e em outros logares em guarda; e contam alguns que dizia el-rei D. Affonso que se lhe o seu povo consentira outra vez mudar a moeda que elle fôra um dos ricos reis do mundo.

Veio el-rei D. Pedro, filho d'este rei D. Affonso, e não mudou moeda por cobiça nem outro ganho. mas fel-a mui boa, d'ouro e de prata, como dissemos; mas foi em pouca quantidade.

Quando el-rei D. Fernando reinou e começou guerra com el-rei D. Henrique, sem prazimento dos

povos do reino, nem o fazendo saber a prelados, nem outro nenhum consentimento, mudou as moedas todas, assim d'ouro como de prata, e fez outras novas quejandas lhe prouve, a saber: dobras d'ouro que chamavam pé terra, as quaes mandou que valessem seis libras; e fez outra moeda d'ouro que chamavam gentis d'um ponto, e mandou que valessem quatro libras e meia; e fez depois de dois pontos outros gentis que eram de mais pequeno peso. e mandou que valessem quatro libras a peça; e depois fez outro terceiro, que valiam tres libras e meia; e depois d'estes lavrou gentis que foram os quartos, que valiam tres libras e cinco soldos. E mandou lavrar uma moeda que chamavam barbudas, e poz-lhe preço de vinte soldos; e eram de lei de tres dinheiros e havia no marco cincoenta e tres. E custava o marco de prata de lei de onze dinheiros, em moeda, vinte e sete libras, e fazia-se n'elle cento e noventa e cinco libras; e assim ganhava el-rei em cada marco cento e sessenta e oito libras, e d'aqui pagava os custos.

E era espanto da simplicidade das gentes, não sómente do povo miudo, mas dos privados d'el-rei e de seu conselho, que mandavam rogar com prata, á Moeda, que lh'a comprassem, entendendo que faziam muito de seu proveito, porque a compraram a dezoito libras de dinheiros affonsis e davam-lhe por ella vinte e sete libras, que eram vinte e sete barbudas, não parando mentes á fraqueza da moeda, mas á multiplicação das libras. E muitos mercadores, que haviam d'ir ao Algarve e a outras partes do reino, iam á Moeda e davam vinte e um soldo de dinheiros miudos pela barbuda, por levar seus dinheiros em mais pequeno logar, não sabendo

nem esguardando a gran perda que se lhe d'aquillo seguia

Mandou el-rei mais lavrar outra moeda que chamavam graves, e eram de lei de... dinheiros e de cento e vinte no marco, e valia cada um quinze soldos de dinheiros alfonsis: e custava o marco de prata de lei de onze dinheiros vinte e sete libras, e faziam-se n'elle trezentas e sete libras, e assim ganhou el-rei duzentas e oitenta libras.

Fez lavrar mais outra moeda que chamavam pilartes, que eram de dois dinheiros de lei, e havia no marco cento e noventa e oito, e cada pilarte valia cinco soldos; e de um marco de prata de lei de onze dinheiros, que custava vinte e sete libras, lavraram d'elle duzentas e trez libras, e assim ganhava em cada marco cento e setenta e seis, e dos ganhos pagaram os custos.

D'outras moedas que el-rei D. Fernando fez, assim como fortes de prata, que valiam dez soldos, e outros de vinte, e tornezes primeiros, d'oito soldos, e tornezes petites, e dinheiros novos avaliados a oito grãos e d'outras leis e preços desvairados, não curamos mais de fazer menção, por não alongarmos dês-ahi porque se lavrou pouca d'ella.

E não embargando as grandes gaanças que el rei D. Fernando havia de taes moedas, segundo ouvistes compridamente, por azo da gran despeza da guerra começada assim por mar como por terra, tudo se gastava que não ficava nenhuma cousa para deposito, e mais todo o ouro e prata que elle achara enthesourado; assim que elle damnou muito sua terra com as mudanças das moedas e perdeu quanto ganhou n'ellas, e tornaram-se os logares a Castella cujos eram, e elle ficou sem nenhuma honra.

CAPITULO LVI

Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas.

CORRENDO estas moedas que tendes ouvido, e posto el-rei em paz como dissémos, aggravaram-se os povos a elle, dizendo que, por azo das muitas moedas de desvairadas leis e preços, que em sua terra havia feitas como lhe prouvera, eram as cousas postas em grandes e desordenados preços, muito mais do que guisadamente deviam valer; além d'isto, que as gentes simples eram muito enganadas com ellas, tomando umas moedas por outras, e muitos se afoitaram de as falsearem fóra de sua terra e as traziam depois ao reino, e andavam todas de mistura.

El-rei disse que, pelos grandes misteres e encargos que se lhe recresceram por azo da guerra que houvera com el-rei D. Henrique, lhe conviera mandar fazer moedas de desvairadas leis e preços, por melhor poder pagar as contias e soldos e as outras

despezas que lhe para tal guerra eram pertence
tes; mas porém que, olhando elle n'isto serviço d
Deus e desencarregamento de sua consciencia
prol de seu povo, pois a Deus aprouvera de o p
em paz com seus contrarios, que elle teria n'e
maneira por que o valor das moedas fosse cor
gido e as cousas tornassem a seus razoados pr
ços,

Então mandou que as moedas que foram feit
em Lisboa e em Valença e no Porto valessem p
esta guisa, a saber: os dinheiros que chamav
graves, que valiam quinze soldos dos dinheir
affonsis, que não valessem mais de sete, e as b
budas que valiam vinte soldos tornassem a vai
quatorze; e os pilartes, que valiam cinco soldo
valessem tres e meio; e os reaes de prata oito so
dos.

E não embargando tal mudança de valor com
este, por as grandes perdas que os povos ainda re
cebiam, mandou el-rei fazer outro maior abaix
mento, a saber: a barbuda, que de vinte soldos tor
nára em quatorze, que não valesse mais de do
soldos e quatro dinheiros; e o grave quatorze d
nheiros, e o pilarte sete, e os fortes dez soldos; e
assim corregeu as outras moedas de Samora e d
Tuy e da Coruña e de Miranda, que eram de t
nome como estas, mas não de tão boa lei, at
mandar que os dinheiros novos que elle mandár
fazer durando a guerra não valessem mais qu
senhas mealhas.

E vendo el-rei que, não embargando este abaixa
mento das moedas, pelo costume que as gentes ti
nham de vender as cousas por preços desaguisados
olhando mais taes pessoas a propria prol que o bem

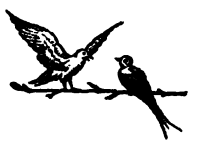
ommunal que todos devem desejar e querer, e que arde ou nunca abaixariam d'elles, ordenou almoaçaria em todas as cousas. E mandou que no eino do Algarve não valesse o alqueire do trigo nais de cinco libras, e o da cevada cincoenta sollos; e Entre Tejo e Guadiana o alqueire do trigo res libras, e a cevada e centeio trinta soldos; e na Extremadura o alqueire do trigo quarenta soldos, e) da cevada e centeio vinte; e na comarca da Beira : Entre Douro e Minho o alqueire do trigo vinte soldos; e no Porto trinta, e o da cevada e centeio e milho dez soldos; e na comarca de Traz-os-Montes o alqueire do trigo trinta soldos, e a cevada e centeio e milho quinze. E assim poz preços nos vinhos e carnes e azeites e pannos e em todas as outras mercadorias; e isso mesmo nos escrivães e tabelliães e nos outros officiaes.

E mandou a todas as villas e cidades de seu senhorio que logo os juizes e vereadores pozessem almotaçaria nas cousas em que a elle não pozera, segundo vissem que era bem e aguisado, e isso mesmo os preços que haviam de dar aos serviçaes; e que lhe enviassem o treslado de tudo, para vêr se o ordenaram segundo proveito commum, e lhes dar pena se o d'outra guisa fizessem.

E disse que, porquanto era direito escripto que cada um deve de ser constrangido para vender as cousas que tiver para uso e mantimento dos homens por preço aguisado em tempo de necessidade, que porém mandava que todo o pão dos rendeiros e dos outros, que o tivessem em celleiros e encovado, fosse vendido primeiramente, e depois que este fallecesse que então constrangesse mos que tivessem de sua colheita, se mister fizesse; e

se tal necessidade viesse que cumprisse de se
partir que então escolhessem dois homens-bons s
cobiça, um d'elles dos melhores do logar e o o
dos pequenos do povo, que fosse homem entend
e de boa condição, que o repartissem egualmen
não dessem d'elle parte áquelles que o tivessem
seu. E que para isto não fosse escusado o celleiro
pão de nenhum conde, nem fidalgo, nem d'arceb
pos, nem abbades, nem d'outra nenhuma pess
e qualquer a que dessem juramento que pão tin
e o negasse todo ou d'elle, que o perdesse, e m
os bens, para a corôa do reino.

Estas e outras muitas cousas ordenou então
rei por proveito e bem do povo, as quaes man
aos juizes e corregedores do reino que as fizess
cumprir, sem malicia, sob pena de lhes custar
cabeças.



CAPITULO LVII

'omo el-rei D. Fernando se namorou de D. Leonor Telles e casou com ella escondidamente.

Em tempo d'el-rei D. Affonso o quarto e d'el-rei D. Pedro, seu filho, não havia em Portugal mais que um conde, o qual se chamava de Barcellos, e este condado deu o dito rei D. Pedro D. João Affonso Tello, de que já é em cima feita nenção. Este D. João Affonso houve um filho que oi conde de Vianna, e foi casado com uma filha le João Rodrigues Porto Carreiro, e houve d'ella ım filho que chamaram o conde D. Pedro, que foi governador da cidade de Ceuta no tempo do mui nobre rei D. João, como adeante ouvireis. Este dito conde D. João Affonso Tello havia um irmão a que diziam Martim Affonso Tello, o qual houve dois filhos e tres filhas, a saber: D. João Affonso Tello, que foi conde de Barcellos, e o conde D. Gonçalo, que foi conde de Neyva e de Faria; e as filhas, uma, bastarda, houve nome D. Joanna, que foi cammendadeira de Santos e deixou a commenda, como o fazer podia, segundo sua ordem, e ca-

sou com João Affonso Pimentel; e a outra foi D Maria Telles, casada com Lopo Dias de Sousa: e outra chamaram D. Leonor Telles, mulher que f. de João Lourenço da Cunha, filho de Martim Lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeir.

Ora assim, aveiu n'esta sezão que reinando el-re D. Fernando, como dissemos, mancebo e ledo e homem de prol, trazia sua irmã D. Beatriz, fi. que fôra de D. Ignez e d'el-rei D. Pedro seu pae. gran casa de donas e de donzellas, filhas d'algo e de linhagem, porque ahi não havia rainha nem outra infante, por então, a cuja mercê se houvessem de acostar; e por affeição mui continuada veiu nascer n'elle tal desejo de a haver por mulher que determinou em sua vontade casar com ella, cousa que até aquelle tempo simulhante não fôra vista. Que cumpre de dizer mais sobre isto, proposto d'haver dispensação para casarem ambos, eram os jogos e falas entre elles tão a miude, misturados com beijos e abraços e outros desenfadamentos de simulhante preço, que fazia a alguem ter deshonesta suspeita de sua virgindade ser por elle minguada.

N'isto veiu-se a tratar casamento entre el re D. Fernando e a infante d'Aragão, o qual não veo a fim, segundo temos recontado. Depois, firmou el-rei D. Henrique pazes com elle, como dissemos, e foi posto que casasse el-rei D. Fernando com sua filha a infante D. Leonor, a qual lhe fosse entregue d'ahi a cinco mezes, como largamente já tendes ouvido; e tendo elle feito tal trato com el re D. Henrique, como cousa que havia de ser, estando el-rei D. Fernando em Lisboa, aconteceu de vir a sua côrte, da terra da Beira onde então estava, D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, que

já dissemos, por espaçar alguns dias com D. Maria sua irmã, que andava em casa da infante e sua morador.

El rei D. Fernando, como era muito costumado d'ir vêr a miude a infante sua irmã, quando viu D. Leonor em sua casa, louçã e aposta e de bom corpo, pero que a d'antes houvesse bem conhecida, por então mui aficadamente esguardou suas formosas feições e graça, emtanto que, deixava toda bemquerença e contentamento que d'outra mulher poderia haver, d'esta se começou de namorar maravilhosamente, e ferido assim do amor d'ella, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se accrescentava mais sua chaga, não descobrindo porém a nenhuma pessoa esta bemquerença tão grande que em seu coração novamente morava.

N'isto, não tardou muito que João Lourenço mandou recado a sua mulher que se fosse para elle; da qual já tinha um filho, que chamavam Alvaro da Cunha.

El-rei D. Fernando, quando ouviu que João Lourenço mandava por ella, foi muito annojado de tal embaixada, como aquelle de que se nunca partia desejo de cumprir seu pensamento, e sendo forçado de o descobrir falou em grão segredo com D. Maria sua irmã, dizendo-lhe que azasse de guisa como D. Leonor não partisse d'ali, fingindo-se ser ella muito doente, e que com tal recado se tornassem a seu marido os que por ella vieram; e, falando claramente seu desejo com D. Maria, disse que sua vontade era de a haver antes por mulher que quantas filhas de reis no mundo havia.

D. Maria era sizuda e corda, e foi muito turvada quando lhe isto ouviu dizer, e vendo que por tal azo el-rei queria desencaminhar seu casamento que feito tinha com a infante de Castella, mórmente

sendo sua irmã casada e mulher de bom fidalgo como era, e ser seu vassallo, começou de lh'o contradizer assás muito.

El-rei respondia a todos os seus ditos, e em razão do casamento d'ella disse que elle azaria como ella fosse quite de seu marido, e ella disse que, posto que descarada fosse, que não cuidasse elle que ella havia de ser a sua barregã; e el-rei, preso do amor d'ella jurou a D. Maria que antes que dormisse com ella depois do quitamento que antes a recebesse por mulher.

Sobre isto correram muitas razões, de guisa que quanto ella trabalhava por lhe desfazer seus amores e mudar de seu proposito nenhuma cousa aproveitava, antes lhe parecia que cada vez cresciam mais; então falou com ella tudo o que el-rei aviera. e uma com outra houveram accordo de o falarem com seu tio; e depois que ambas falaram com o conde falou elle sobre isto a el-rei, e nenhum bom conselho, que lhe dar podesse n'este feito, veiu a fim de o torvar do que em vontade tinha de fazer.

D'esta cousa parte a infante, a que todos tres disseram em grão segredo, e por conselho de todos por fazerem prazer a el-rei, azaram como ella buscasse caminho de ser quite de seu marido por azo de cunhadia, que é ligeira d'achar entre os fidalgos. como quer que muitos affirmavam que João Lourenço houvera dispensação do Papa antes que com ella casasse; mas vendo que lhe não cumpria porfiar muito em tal feito deu á demanda logar que se vencesse cedo, e foi-se para Castella, por segurança de sua vida.

E certifica-se que antes que el-rei dormisse com ella primeiro a recebeu por mulher, prezente sua irmã e outros, que esta cousa traziam callada.

CAPITULO LVIII

Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha.

Feito isto assim escusamente, posto que o quitamento fosse de praça, viu el-rei que lhe cumpria ser partido do que promettera a el-rei D. Henrique em razão do casamento de sua filha com elle.

E estando el-rei de Castella em Toro, onde por então fazia côrtes, por abaixar os preços das moedas, que antes pozera mui altos, por razão da guerra e paga dos soldos, com que a terra era damnada, e mais por ordenar que os judeus e mouros de seu reino trouxessem signaes devisados porque fossem conhecidos, chegaram mensageiros d'el-rei D. Fernando, pelos quaes lhe fez saber que não houvesse por nojo de elle não poder casar com sua filha, porquanto elle era casado com uma dona de Portugal que chamavam D. Leonor Telles de Menezes, mas não embargando isto que sua vontade era de ficar

e ser seu amigo e lhe mandar entregar as vil
logares que de Castella tinha, segundo nos t
era devisado.

El-rei D. Henrique houve melancolia e pezo
muito com estas novas por deixar el-rei de c
com sua filha assim como fôra tratado entre e
e casar-se d'aquella guisa com tal mulher, de
zendo muito em sua honra e estado; e ainda
por este britamento dos tratos elle podera to
a ello por guerra justa ou d'outra maneira, p
tão desejoso era de haver paz e socego, que
logar a isto, por el-rei D. Fernando ficar seu a
e lhe entregar as villas e logares que tomaram
voz.

E respondeu aos mensageiros que pois assim
que el-rei não prazia de casar com sua filha,
não fazia d'ello conta, cá a ella não minguaria
tro tão honrado casamento, e elle que lhe m
vesse todas as outras cousas que nos tratos
conteudo.

E com esta resposta se tornaram para Port
e despediram d'elle.

CAPITULO LIX

Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim.

PARTIU el-rei de Castella de Toro depois que as côrtes foram acabadas, e andou por seu reino e veiu á cidade de Tuy, sendo então el rei D. Fernando na sua cidade do Porto, e d'ali mandou por embaixadas a el-rei D. Henrique um ricohomem de sua casa, muito seu privado e de grande estado, e Affonso Domingues, cavalleiro de seu conselho, sobre algumas duvidas e contendas que entre elle e el-rei de Castella recresciam, assim por razão do casamento da infante D. Leonor, filha d'el-rei de Castella, com que el-rei D. Fernando houvera de casar, como dos logares de que se havia de fazer entrega de uma parte á outra, e isso mesmo dos refens que por guarda dos ditos tratos haviam de ser entregues, segundo nas pazes que dissémos feitas na villa d'Alcoutim fôra largamente devisado.

E chegando elles a el-rei de Castella, e proposta sua embaixada, firmaram outra composição e avença sobre algumas duvidas e contendas que por razão d'aquellas pazes novamente recresciam; e a primeira cousa que logo accordaram assim foi que el-rei D. Fernando fosse escusado de casar com a infante D. Leonor, e que a doação que lhe el-rei de Castella fizera, por razão de tal casamento com sua filha, de Ciudad Rodrigo e de Valencia d'Alcantara e de Monte-rei e de Alhariz, que a renunciasse de todo e qualquer direito e posse e propriedade que n'ellas já havia, e as entregasse ao dito rei de Castella até certo tempo, e isso mesmo outros castellos, que eram seus, que ainda tinham voz d'el-rei D. Fernando, assim como Arahujo e Cabreira e Alva de Lista e outros; e que el-rei D. Henrique entregasse a el-rei de Portugal a villa de Bragança, que tinha Garcia Alvarez d'Osorio, e o castello do outeiro de Miranda e outros quaesquer que fossem embargados pela sua parte depois que se a guerra começára entre elles.

E aquelle rico-homem havia de receber todos os logares d'ambos os reinos, e fazer menagem por elles para os entregar aos reis, e dar em refens a el-rei de Castella dois mui honrados escudeiros seus filhos; e el-rei D. Fernando havia mais de dar em refens, por guarda d'estas avenças, D. João, conde de Vianna, filho de D. João Affonso, conde de Ourem, e João Affonso Tello ou Gonçalo Telles, sobrinho do dito conde, irmãos de D. Leonor.

Outro sim, sobre algumas penhoras e tomadas d'haveres e navios, que se depois das pazes d'Alcoutim fizeram d'um reino ao outro, ordenaram certas maneiras como fossem entregues a seus do-

nos; e feito juramento por el-rei de Castella por guarda d'estas cousas, e isso mesmo pelo conde D. Sancho, seu irmão, e pelo conde D. Pedro, seu sobrinho, e por outros fidalgos e prelados que dizer não curamos, partiram-se os embaixadores para Portugal.

E d'ahi a oito dias, sendo mez de maio, mandou el-rei D. Henrique á cidade do Porto, para receber em seu nome similhantes juras e menagens, D. João Garcia Manrique, bispo d'Orense, e João Gonçalvez de Baçom, cavalleiro; e nos paços do bispo, onde el-rei D. Fernando pouzava, lhe fizeram requerimento para outras taes juras e promettimentos como el-rei seu senhor havia feitos sobre as ditas avenças. Então el-rei, primeiramente, e dês-ahi o infante D. Diniz, seu irmão, e D. João Affonso, conde d'Ourem, e D. Affonso, bispo do Porto, e outros cujos nomes aqui não fazem mingua, fizeram aquellas juras e menagens que pelos embaixadores foram requeridas; e feitas de tudo bastantes escripturas despediram-se d'el-rei e foram-se seu caminho.

CAPITULO LX

Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu.

DA bemquerença e amores que el-rei D. Fernando tomou em Lisboa com D. Leonor Telles, como já dissémos, foi logo fama por todo o reino, affirmando que era sua mulher, com que já dormira, e que a tinha recebida a furto; e desprouve muito a todos os da terra, da maneira que el-rei n'isto teve, e não sómente aos grandes e fidalgos que amavam seu serviço e honra, mas ainda ao commum povo, que d'isto teve grão sentimento. E não prestou razões que lhe sobre isto falassem os de seu conselho, dizendo que não era bem casar com tal mulher como aquella, sendo mulher de seu vassallo, e deixar taes casamentos de infantes filhas de reis como achava, assim como d'el-rei d'Aragão e d'elrei de Castella, com tanta sua honra e accrescentamento do reino; e vendo que seu conselho não aproveitava cessavam de lhe falar mais n'ello.

Os povos do reino, arrazoando em taes novas, cada uns em seus logares, juntaram-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados d'el-rei e os grandes da terra que lh'o consentiam; e que pois lh'o elles não diziam, como cumpria, que era bem que se juntassem os povos e que lh'o fossem dizer. E entre os que se principalmente d'isto trabalharam foram os da cidade de Lisboa, onde el-rei então estava, os quaes falando n'isto foram tanto por seu feito em deante que se firmaram todos em conselho de lh'o dizer, elegendo logo por seu capitão e propodor por elles um alfaiate que chamavam Fernão Vasques, homem bem razoado e geitoso para o dizer; e juntaram-se um dia bem tres mil, entre mesteiraes de todos mesteres e bésteiros e homens de pé, e todos com armas se foram aos paços onde el-rei pouzava, fazendo grande ruido em falando sobre esta cousa.

El-rei, quando soube que aquellas gentes ali estavam, e a razão por que vinham, mandou-os perguntar, por um seu privado, que era o que lhes prazia e a que eram ali assim vindos; e Fernão Vasques respondeu em nome de todos, dizendo:

«Que elles eram ali vindos porquanto lhes era dito que el-rei seu senhor tomava por sua mulher Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, seu vassallo, e, porquanto isto não era sua honra, mas antes fazia grão nojo a Deus e a seus fidalgos e a todo o povo, que elles, como verdadeiros portuguezes, lhe vinham dizer que tomasse mulher filha de rei, qual convinha a seu estado, e que quando com filha de rei casar não quizesse que tomasse uma filha d'um fidalgo de seu reino, qual sua mercê fosse, de que houvesse filhos legitimos que reinassem de-

poz elle, e não tomasse mulher alheia, ca era coss que lhe não haviam de consentir; nem elle não hav por que lhe ter isto a mal, ca não queriam perd um tão bom rei como elle por uma má mulher q o tinha enfeitiçado.»

A gente era muita que isto dizia por desvairad maneiras, não embargando que Fernão Vasqu propunha por todos; e el-rei lhes fez responder:

«Que lhes agradecia muito sua vinda e as razõe que por seu serviço diziam; que no caso entend que faziam como bons e leaes portuguezes, amad res de sua honra; e que ella não era sua mulhe recebida, nem Deus não quizesse; mas que po quanto lhes elle por logo não podia responder com cumpria, a qual resposta havia mister de ser co bom conselho, segundo elles viam que era razã que em outro dia fossem todos ao mosteiro d S. Domingos d'essa cidade e que ali lhes falaria s bre aquillo e haveria seu accordo com elles».

Fernão Vasques disse a todos que aquillo era m bem dito, e que assim o fizessem em outro d Partiram-se então todos contentes da resposta. rando e dizendo que se a el-rei partir de si n quizesse que elles lh'a tomariam por força, e r riam de guisa que nunca a el-rei mais visse; e q se muitos vieram então que muitos mais viriam e outro dia, armados.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

PAG.

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia 5

CAPITULO I. — Como el-rei d'Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando..... 13

CAPITULO II. — Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra..... 17

CAPITULO III. — Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles, e ajuntaram suas gentes para entrar por Castella 19

CAPITULO IV. — Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro..... 21

CAPITULO V. — Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha... 23

CAPITULO VI. — Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro..... 26

CAPITULO VII. — Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das razões conteúdas n'ella..... 29

CAPITULO VIII. — Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao principe por sua carta..... 32

CAPITULO IX. — Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique..... 35

CAPITULO X. — Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia morte, e como se livrou por juizo dos cavalleiros..... 39

CAPITULO XI. — Das razões que el-rei D. Pedro houve com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.... 41

CAPITULO XII. — Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha 43

CAPITULO XIII. — Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal..... 48

Capitulo XIV. — Do que aveio a el-rei D. Henrique depois que fugiu da batalha, e á rainha sua mulher...
Capitulo XV. — Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França.....
Capitulo XVI. — Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella, e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino.....
Capitulo XVII. — Como el-rei D. Henrique entrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria.....
Capitulo XVIII. — Como el-rei D. Henrique cercou a cidade de Leão e mandou lavrar a moeda dos sessenes .....
Capitulo XIX. — Como el-rei D. Pedro fez vir el-rei de Granada em sua ajuda, e como se houvera de perder a cidade de Cordova.....
Capitulo XX. — Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro.....
Capitulo XXI. — Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro
Capitulo XXII. — Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com *monse* Beltram de Claquim, sobre o cêrco d'el-rei D. Pedro.....
Capitulo XXIII. — Como el rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar.....
Capitulo XXIV. — Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro era morto, e da maneira que el-rei D. Henrique teve em alguns logares.....
Capitulo XXV. — Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle.....
Capitulo XXVI. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada por fazerem guerra a el-rei D. Henrique.....
Capitulo XXVII. — Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram .....
Capitulo XXVIII. — Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castella que por elle tomaram voz.....
Capitulo XXIX. — Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão.....

Capitulo XXX. — Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe deu a Coruña 96
Capitulo XXXI. — Como foi tomado Monte-rei 99
Capitulo XXXII. — Como el-rei D. Fernando partiu da Coruña quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle 101
Capitulo XXXIII. — Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia 104
Catitulo XXXIV. — Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães, e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro 106
Capitulo XXXV. — Como el-rei D. Fernando partiu de Coimbra, por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou 109
Capitulo XXXVI. — Como se el-rei D. Fernando tornou, e dos fronteiros que poz em alguns logares 112
Capitulo XXXVII. — Como Gil Fernandez entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada 115
Capitulo XXXVIII. — Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveio a cada um d'elles 117
Capitulo XXXIX. — Dos logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma 119
Capitulo XL. — Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cêrco. 121
Capitulo XLI. — Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna, e mortos os filhos de Affonso Lopez de de Texeda 124
Capitulo XLII. — Da frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram 127
Capitulo XLIII. — Razões sobre as treguas que alguns disseram que el-rei de Granada fizera com os Castelhanos 130
Capitulo XLIV — Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Partugal e não tiveram geito, e porque azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha 133
Capitulo XLV. — Como os de Carmona mandaram dizer a el-rei D. Fernando que lhe escrevesse, e da resposta que deu ao mensageiro 138

Capitulo XLVI. — Como el-rei D. Henrique cercou Co-mona e lh'a deu D. Martim Lopez por preitesia ...
Capitulo XLVII. — Das razões que alguns disseram fa-lando do casamento d'el-rei D. Fernando com a in-fante d'Aragão .....
Capitulo XLVIII. — Que moveu el-rei D. Fernando juntar o ouro que mandou a Aragão, e quanto er. por todo.....
Capitulo XLIX. - Como o conde partiu de Lisboa par Aragão, e como chegou lá com todo o haver que le-vava.....
Capitulo L. — Do que o conde ordenou que se fizess d'aquelle ouro que levava, e como começaram pag soldo ás gentes que haviam de servir.....
Capitulo LI. — Como o conde D. João Affonso se par-tiu para Portugal, e porque não foi trazida a infant a Portugal .....
Capitulo LII. — Como os capitulos da guerra foram ou-tra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu re-cado a el-rei D. Fernando .....
Capitulo LIII. — Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições
Capitulo LIV. — Como el-rei d'Aragão mandou toma a Affonso Domingues Barateiro quanto ouro tinha em seu poder.....
Capitulo LV. — Das moedas que el-rei D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma
Capitulo LVI. — Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas.....
Capitulo LVII. — Como el-rei D. Fernando se namo-rou de D. Leonor Telles e casou com ella escondi-damente.....
Capitulo LVIII. — Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha
Capitulo LIX. — Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim.....
Capitulo LX. — Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu.....

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas.....

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas.....

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.....

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes .....

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume ....

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. I).... .....

EM PUBLICAÇÃO

VII — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. II).

IBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

PROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

L-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1896

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

a El-rei Nosso Senhor que entendem por sua
e serviço, e porque é direito escripto que,
as partes principaes presentes, que o offic
procurador deve de cessar no que elles bem
rem dizer, vós outros, que sois principaes
n'este feito e a que isto mais tange que nós,
dizer isto e eu não; porém, não embargand
assim seja, eu direi aquillo de que me deram
rego, pois vós outros n'ello não quereis pôr
mostrando que vos doeis pouco da honra e se
d'El-rei Nosso Senhor.»

Aguardando elles todos ali, e falando muit
desvairadas razões n'este feito, soube-o el-re
seus paços onde estava, e vendo como todos
vam alvoraçados, e as razões que geralmente
ziam a contradizer aquelle casamento, não qu
ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o
escusamente que poude; e ia dizendo pelo c
nho:

— «Olhae aquelles vilões traidores como se
tavam! Certamente, prender-me quizeram s
fôra!»

Os que estavam no mosteiro aguardando, qua
souberam que se el-rei partira d'aquella guisa,
ram-se por escarnidos, cheios de melancholia e
lavras deshonestas contra este casamento; e
sómente em Lisboa, mas em Santarem e em Al
quer e em Thomar e Abrantes e outros logare
reino, falando as gentes d'este casamento qu
lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor, a que d'este feito muito pes
receiando-se que por azo de taes ajuntament
falas poderia ser que a deixaria el-rei, dizem
mandava saber, por inculcas, quaes eram os

o mais falavam contra ella, razoando mal de casamento, e havia com el-rei que os mandasse ader e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, elle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram epados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e im em alguns logares do reino. E a muitos que lavam fugidos por esta razão, perdoou el-rei des, e não houveram pena.

CAPITULO LXII

Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. nor por mulher, e foi chamada rainha de P gal.

Andou el-rei por seu reino folgando, traz comsigo D. Leonor, até que chegou E Douro e Minho, a um mosteiro que cha Leça, que é da ordem do Hospital, e ali det nou el-rei de a receber de praça; e em um dia isto assignado foi a todos proposto por sua p dizendo n'esta guisa:

— «Amigos, bem sabeis como a ordem do mento é um dos nobres sacramentos que n'este mundo ordenou, para não sómente os mas ainda os outros homens, viverem em e de salvação, e os reis haverem por lidima linha quem de poz elles succeda o reino e regimento que lhes Deus deu. Porende, El-rei Nosso Se querendo viver n'este estado, segundo a elle tence, e considerando como a mui nobre D. nor Telles, filha de D. Martim Affonso Tello

n'isto mais falavam contra ella, razoando mal de tal casamento, e havia com el-rei que os mandasse prender e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, aquelle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram decepados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e assim em alguns logares do reino. E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou el-rei depois, e não houveram pena.

— «Que não havia vergonha nenhuma bei
a mão á rainha sua mulher, o infante D. João.
era maior que elle, e isso mesmo seu irmão, e
dos os outros fidalgos do reino, e elle sómente
zer que lh'a não beijaria, mas que lh'a beijasse
a elle.»

E d'esta guisa andava o infante D. Diniz as
como homiziado da côrte, e o infante D. João
com el-rei e com a rainha, muito amado e bemq
to, porque, sendo o maior no reino, se offerecer
bom grado de beijar a mão á rainha e fôra a
caminho a outros muitos de grande estado. Po
todos os do reino, de qualquer condição que
sem, eram d'isto mui mal contentes.

CAPITULO LXI

Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusamente da cidade.

Não duvideis que muito não prazia a todos os fidalgos e privados d'el-rei d'este ajuntamento que o povo fazia, porque viam que, amando seu serviço e honra, se moviam a fazer isto, e, pois el-rei nenhuma cousa curava de seu conselho d'elles, entendiam que por este caminho lhe era por força de a partir de si. E foram em outro dia muitas gentes juntas no alpendre d'aquelle mosteiro de S. Domingos, onde el-rei havia de vir ouvir, por parte do povo, as razões que lhe haviam de dizer a este casamento não ser bom, e entre os muitos que ahi vieram estavam ahi os do desembargo d'el-rei, todos; e Fernão Vasques, que havia de propôr, emquanto el-rei não vinha, começou de dizer contra elles:

— «Senhores, a mim deram carrego, estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas

CAPITULO LXIV

Das razões que el-rei houve com um de seu cons sobre o casamento da rainha D. Leonor.

TRAZENDO el-rei D. Fernando D. Leonor c sigo antes que a recebesse de praça, c ouvistes, falava algumas vezes com alg seus privados, dizendo como tinha em vontade a receber por mulher, e que dissessem o que parecia, por vêr se acharia alguns que lhe acon lhassem que o fizesse; e um dia falou com d'elles como sua vontade era de a tomar por nha, porém antes que o pozesse em obra qu haver com elles conselho.

— «Senhor, disseram elles, a nós não conv falar n'isto, porque vos vêmos já liado com ella tal maneira que entendemos que nunca outra m lher haveis d'haver senão ella, e ainda nos cer cam alguns que a tendes já recebida por mulh e quanto é por nosso conselho, nem d'outro nhum que vosso serviço e honra deseje, não

n'isto mais falavam contra ella, razoando mal de tal casamento, e havia com el-rei que os mandasse prender e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques, aquelle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram decepados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e assim em alguns logares do reino. E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou el-rei depois, e não houveram pena.

« tarmos aqui sem vós, com pouco vosso pro
« e serviço. Por mercê, tende outra maneira n
« d'aqui em deante, se não...

— « Como se não? disse elle.

— « A la fé, disseram, se não, buscare
« nós outro que reine sobre nós, que tenha cui
« de manter o povo em direito e em justiça, e
« deixe as cousas que tem de fazer de sua faz
« por ir ao monte, e á caça andar um mez.

« El-rei houve d'isto grande melancolia, e di
bradando:

— « E como os meus me hão a mim de diz
« *não*... e elles me hão a mim de fazer isso.

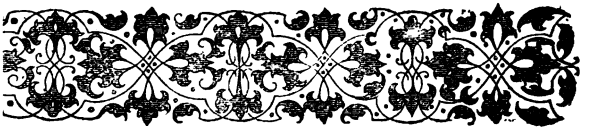
— « Os vossos, disseram elles, quando vós fi
« des o que não deveis.

« El-rei sahiu-se mui queixoso do conselho e
se, e depois cuidou n'ello e achou que lh'o diz
por seu serviço e perdeu queixume d'elles e h
ve-os por bons servidores. E eu assim quizera
vós outros do meu conselho fizereis a mim:
que vieis que não era minha honra tal casam
não me consentisses que o fizesse.»

O privado, que entendeu que el-rei mais lhe
zia isto por vêr que resposta lhe daria que por
em vontade o que lhe falava, respondeu e disse

— « Senhor, vós o dizeis agora mui bem, n
podera ser que, se os do vosso conselho vol-o c
tradisseram d'essa guisa que vós dizeis, que hou
ram de vós peior resposta com obra da que h
veram esses outros d'el-rei D. Affonso, vosso av

E el-rei, dizendo que não mas que o houvera
bem feito, cessaram d'aquesto e falaram em al.



CAPITULO LXV

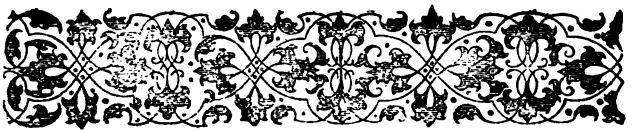
o a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos reino, e do accrescentamento que fez em outros seu linhagem.

STA rainha D. Leonor, ao tempo que a el-rei tomou por mulher, era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo; a loução e gracioso gesto, e todas as feições osto quaes o direito da formosura outhorga; que nenhuma por então era a ella similhavel bem parecer e dulcidão de fala, soffrendo-nos m de a prasmar d'algumas cousas, em que honesta e mui soltamente, houve grande e vivo ndimento por afortalezar seu estado, trazendo u amor e bemquerença assim as grandes pes- como as pequenas, mostrando a todos leda ersação, com gráda prestança e muitas bem- ias.

porquanto ella era certa de que não prazia ás s miudas de ella ser rainha, segundo se mos- em Lisboa e em outros logares, e ainda d'al-

— «Que não havia vergonha nenhuma beijarem a mão á rainha sua mulher, o infante D. João, que era maior que elle, e isso mesmo seu irmão, e todos os outros fidalgos do reino, e elle sómente dizer que lh'a não beijaria, mas que lh'a beijasse ella a elle.»

E d'esta guisa andava o infante D. Diniz assim como homiziado da côrte, e o infante D. João ficou com el-rei e com a rainha, muito amado e bemquisto, porque, sendo o maior no reino, se offerecera de bom grado de beijar a mão á rainha e fôra azo e caminho a outros muitos de grande estado. Porém, todos os do reino, de qualquer condição que fossem, eram d'isto mui mal contentes.



CAPITULO LXIII

Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando.

QUANDO foi sabido pelo reino como el-rei recebera de praça D. Leonor por sua mulher, e lhe beijaram a mão todos por rainha, foi o povo todo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira, porque antes d'isto, não embargando que o alguns suspeitassem, pelo grande e honroso geito que viam a el-rei ter com ella, não eram porém certos se era sua mulher ou não, e muitos, duvidando, cuidavam que se enfadaria el-rei d'ella e que depois casaria segundo pertencia a seu real estado.

E uns e os outros todos falavam desvairadas razões sobre isto, maravilhando-se muito d'el-rei não entender quanto desfazia em si por se contentar de tal casamento; e d'elles diziam que melhor fizera el-rei tel-a por tempo e dês-ahi casar com outra mulher, mas que isto era cousa que mui poucos ou

nenhum, posto que entendessem que tal amor
era damnoso, o deixavam depois e desamparava
mórmente nos mancebos annos.

E deixadas as falas d'alguns simples que e
favor d'elle rasoavam, dizendo que não era mar
lha o que el-rei fizera, e que já a outros aconte
similhavel erro, havendo grande amor a algu
mulheres, dos ditos dos entendidos fundados
sizo alguma cousa digamos em breve, os qua
falando n'isto o que lhes parecia, diziam que
bemquerença era muito d'engeitar, mórmente
reis e senhores, que mais que nenhuns dos ou
desfaziam em si por alliança de taes amores;
pois que os antigos deram por doutrina que o
na mulher que houvesse de tomar, principalme
devia d'esguardar nobreza de geração mais
outra alguma cousa, que aquelle que o contra
d'isto fazia não lhe vinha de bom sizo mas de s
dice, salvo se usança dos homens em tal feito
emprestasse nome de sizudo. E pois que el-
D. Fernando deixava filhas de tão altos reis, c
que lhe davam grandes e honrosos casamentos
tomava D. Leonor, que tantos contrarios ti
para o não ser, que bem devia de ser posto
conto de taes.

Outros diziam que isto era assim como dar
qual ao homem prazia e não prazia, dizendo
todos os sabedores concordavam que todo hom
namorado tem uma especie de sandice, e isto
duas razões: a primeira, porque aquillo que
alguns é causa intrinseca das outras maneiras
sandice é n'estes causa de taes amores; a segun
porque a virtude estimativa, que é imperatriz
outras potencias da alma ácêrca das cousas se

veis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê tal qual elle é, mas tal qual a elle parece, ca elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser a elle proveitosa; e portanto todo juizo da razão é subvertido ácêrca de tal objecto, em tanto que qualquer outra cousa que lhe aconselhem podera bem receber, mas, quanto ácêrca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe e não cure d'ella, antes lhe faz um accrescentamento de dar que é fóra de todo bom juizo; de guisa que se é tal pessoa, o que o aconselhou, de que possa tomar vingança toma-a, assim como fez el-rei D. Fernando, que mandou fazer justiça em alguns do seu povo que o bem aconselhavam em similhante caso, segundo já tendes ouvido.

a El-rei Nosso Senhor que entendem por sua hon
e serviço, e porque é direito escripto que, sen
as partes principaes presentes, que o officio
procurador deve de cessar no que elles bem soul
rem dizer, vós outros, que sois principaes par
n'este feito e a que isto mais tange que nós, devi
dizer isto e eu não; porém, não embargando q
assim seja, eu direi aquillo de que me deram c
rego, pois vós outros n'ello não quereis pôr m
mostrando que vos doeis pouco da honra e serv
d'El-rei Nosso Senhor.»

Aguardando elles todos ali, e falando muita
desvairadas razões n'este feito, soube-o el-rei
seus paços onde estava, e vendo como todos es
vam alvoraçados, e as razões que geralmente
ziam a contradizer aquelle casamento, não quiz
ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o m
escusamente que poude; e ia dizendo pelo ca
nho:

— «Olhae aquelles vilões traidores como se i
tavam! Certamente, prender-me quizeram se
fôra!»

Os que estavam no mosteiro aguardando, quan
souberam que se el-rei partira d'aquella guisa, t
ram-se por escarnidos, cheios de melancholia e
lavras deshonestas contra este casamento; e n
sómente em Lisboa, mas em Santarem e em Al
quer e em Thomar e Abrantes e outros logares
reino, falando as gentes d'este casamento qua
lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor, a que d'este feito muito pesa
receiando-se que por azo de taes ajuntamento
falas poderia ser que a deixaria el-rei, dizem
mandava saber, por inculcas, quaes eram os

o mais falavam contra ella, razoando mal de
:asamento, e havia com el-rei que os mandasse
ıder e fazer n'elles justiça, e foi assim de feito
em Lisboa foi preso depois Fernão Vasques,
:lle alfaiate que ouvistes, e outros, e foram
:pados e tomados os bens d'elles, e fugiram; e
m em alguns logares do reino. E a muitos que
avam fugidos por esta razão, perdoou el-rei de-
, e não houveram pena.

CAPITULO LXII

Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor por mulher, e foi chamada rainha de Portugal.

Andou el-rei por seu reino folgando, trazendo comsigo D. Leonor, até que chegou Entre Douro e Minho, a um mosteiro que chamam Leça, que é da ordem do Hospital, e ali determinou el-rei de a receber de praça; e em um dia para isto assignado foi a todos proposto por sua parte, dizendo n'esta guisa:

— «Amigos, bem sabeis como a ordem do casamento é um dos nobres sacramentos que Deus n'este mundo ordenou, para não sómente os reis, mas ainda os outros homens, viverem em estado de salvação, e os reis haverem por lidima linhagem quem de poz elles succeda o reino e regimento real que lhes Deus deu. Porende, El-rei Nosso Senhor, querendo viver n'este estado, segundo a elle pertence, e considerando como a mui nobre D. Leonor Telles, filha de D. Martim Affonso Tello e de

D. Aldonça de Vasconcellos, descende de linhagem dos reis, dês-ahi como todos os grandes e móres fidalgos d'estes reinos teem com ella grande divido de parentesco, os quaes recebendo d'El-rei honra, como é aguisado, sejam por ello mais teudos de o ajudar a defender a terra; e olhando outrosim como a dita D. Leonor é mulher mui convinhavel para elle, pelas razões sobreditas, tem tratado com ella seu casamento, e porende a quer receber de praça por palavras de presente, como manda a Santa Egreja de Roma, e lhe entende de dar taes villas e logares de seu senhorio, por que ella possa manter honroso estado de rainha, como lhe pertence.»

Então a recebeu el-rei perante todos e foi notificado pelo reino como era sua mulher, de que os grandes e pequenos houveram mui grão pesar.

E deu-lhe el-rei logo Villa Viçosa e Abrantes e Almada e Cintra e Torres Vedras e Alemquer e A'touguia e Obidos e Aveiro, e os Reguengos de Sacavem e Friellas e Unhas, e terra de Merles, em Riba de Douro.

E d'ali em deante foi chamada rainha de Portugal, e beijaram-lhe a mão, por mandado d'el-rei, quantos grandes no reino havia, assim homens como mulheres, recebendo-a por senhora todas as villas e cidades de seu senhorio, afóra o infante D. Diniz, posto que menos fosse que o infante D. João, que nunca lh'a quiz beijar; por a qual razão el-rei D. Fernando lhe quizera dar com uma adaga, se não fôra Gil Vasques de Rezende, seu aio, e Ayres Gomes da Silva, aio d'el-rei D. Fernando, que desviaram el-rei de o fazer, dizendo el-rei sanhudamente contra elle:

— «Que não havia vergonha nenhuma beijarem a mão á rainha sua mulher, o infante D. João, que era maior que elle, e isso mesmo seu irmão, e todos os outros fidalgos do reino, e elle sómente dizer que lh'a não beijaria, mas que lh'a beijasse ella a elle.»

E d'esta guisa andava o infante D. Diniz assim como homiziado da côrte, e o infante D. João ficou com el-rei e com a rainha, muito amado e bemquisto, porque, sendo o maior no reino, se offerecera de bom grado de beijar a mão á rainha e fôra azo e caminho a outros muitos de grande estado. Porém, todos os do reino, de qualquer condição que fossem, eram d'isto mui mal contentes.

CAPITULO LXIII

Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando.

QUANDO foi sabido pelo reino como el-rei recebera de praça D. Leonor por sua mulher, e lhe beijaram a mão todos por rainha, foi o povo todo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira, porque antes d'isto, não embargando que o alguns suspeitassem, pelo grande e honroso geito que viam a el-rei ter com ella, não eram porém certos se era sua mulher ou não, e muitos, duvidando, cuidavam que se enfadaria el-rei d'ella e que depois casaria segundo pertencia a seu real estado.

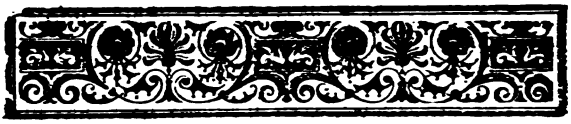
E uns e os outros todos falavam desvairadas razões sobre isto, maravilhando-se muito d'el-rei não entender quanto desfazia em si por se contentar de tal casamento; e d'elles diziam que melhor fizera el-rei tel-a por tempo e dês-ahi casar com outra mulher, mas que isto era cousa que mui poucos ou

nenhum, posto que entendessem que tal amor lhe era damnoso, o deixavam depois e desamparavam. mórmente nos mancebos annos.

E deixadas as falas d'alguns simples que em favor d'elle rasoavam, dizendo que não era maravilha o que el-rei fizera, e que já a outros acontecera similhavel erro, havendo grande amor a algumas mulheres, dos ditos dos entendidos fundados em sizo alguma cousa digamos em breve, os quaes, falando n'isto o que lhes parecia, diziam que tal bemquerença era muito d'engeitar, mórmente nos reis e senhores, que mais que nenhuns dos outros desfaziam em si por alliança de taes amores; ca, pois que os antigos deram por doutrina que o rei na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma cousa, que aquelle que o contrario d'isto fazia não lhe vinha de bom sizo mas de sandice, salvo se usança dos homens em tal feito lhe emprestasse nome de sizudo. E pois que el-rei D. Fernando deixava filhas de tão altos reis, com que lhe davam grandes e honrosos casamentos, e tomava D. Leonor, que tantos contrarios tinha para o não ser, que bem devia de ser posto no conto de taes.

Outros diziam que isto era assim como dar, da qual ao homem prazia e não prazia, dizendo que todos os sabedores concordavam que todo homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é n'estes causa de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das outras potencias da alma ácêrca das cousas sensi-

veis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê tal qual elle é, mas tal qual a elle parece, ca elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser a elle proveitosa; e portanto todo juizo da razão é subvertido ácêrca de tal objecto, em tanto que qualquer outra cousa que lhe aconselhem podera bem receber, mas, quanto ácêrca de tal mulher a elle prazivel, cousa que lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe e não cure d'ella, antes lhe faz um accrescentamento de dar que é fóra de todo bom juizo; de guisa que se é tal pessoa, o que o aconselhou, de que possa tomar vingança toma-a, assim como fez el-rei D. Fernando, que mandou fazer justiça em alguns do seu povo que o bem aconselhavam em similhante caso, segundo já tendes ouvido.



CAPITULO LXIV

Das razões que el-rei houve com um de seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor.

TRAZENDO el-rei D. Fernando D. Leonor comsigo antes que a recebesse de praça, como ouvistes, falava algumas vezes com alguns seus privados, dizendo como tinha em vontade de a receber por mulher, e que dissessem o que lhes parecia, por vêr se acharia alguns que lhe aconselhassem que o fizesse; e um dia falou com dois d'elles como sua vontade era de a tomar por rainha, porém antes que o pozesse em obra queria haver com elles conselho.

— «Senhor, disseram elles, a nós não convem falar n'isto, porque vos vêmos já liado com ella em tal maneira que entendemos que nunca outra mulher haveis d'haver senão ella, e ainda nos certificam alguns que a tendes já recebida por mulher; e quanto é por nosso conselho, nem d'outro nenhum que vosso serviço e honra deseje, não vos

aconselhára tal casamento, por muitas razões, mas se tendes em vontade de a todavia receber por mulher nenhum bom conselho presta n'isto.»

A cabo de poucos dias, a recebeu el-rei, como dissemos, e depois, logo cêrca, disse um dia a um de seu conselho como se reprehendia de ter casado com ella. O outro, respondendo, disse:

— «Isto foi por vossa culpa e por vós haverdes vontade de o fazer, mas não por vós não serdes aconselhado por muitos que o não fizesses.»

— «Verdade é, disse elle, que m'o desdisseram muitos, mas eu quizera que fizeram elles a mim, ainda que eu vontade houvesse, como fizeram os privados d'el-rei D. Affonso, meu avô, a elle.»

— «E como por isso, Senhor?»

— «Eu vos direi, disse el-rei. Meu avô, quando começou de reinar, tinha mais sentido nas cousas em que havia prazer, como homem novo que era, mas que n'aquillo que pertencia a regimento do reino; e estando todos os do conselho em Lisboa juntos, falando nas cousas que pertenciam a regimento do reino e prol do povo, elle deixou o conselho e foi-se á caça a termo de Cintra, e durou lá bem cerca de um mez. Os do conselho, quando viram que elle tão pouco sentido tinha, em começo de seu reinado, das cousas que havia d'ordenar por seu serviço e bem do povo, houveram-n'o por mau começo, e quando el-rei veio e foi ao conselho, depois que falaram na caça em que andára, disse-lhe um d'elles, por accordo dos outros:

— «Senhor, seja vossa mercê não terdes tal geito «como este que ora tivestes:— deixardes vosso con- «selho por tantos dias, onde tão necessario é d'es- «tardes, e irde-vos á caça ha já um mez, e nós es-

« tarmos aqui sem vós, com pouco vosso proveito « e serviço. Por mercê, tende outra maneira n'isto « d'aqui em deante, se não...

— « Como se não? disse elle.

— « A la fé, disseram, se não, buscaremos « nós outro que reine sobre nós, que tenha cuidado « de manter o povo em direito e em justiça, e não « deixe as cousas que tem de fazer de sua fazenda « por ir ao monte, e á caça andar um mez.

« El-rei houve d'isto grande melancolia, e disse, bradando:

— « E como os meus me hão a mim de dizer *se* « *não*... e elles me hão a mim de fazer isso.

— « Os vossos, disseram elles, quando vós fizer- « des o que não deveis.

« El-rei sahiu-se mui queixoso do conselho e foi-se, e depois cuidou n'ello e achou que lh'o diziam por seu serviço e perdeu queixume d'elles e houve-os por bons servidores. E eu assim quizera que vós outros do meu conselho fizereis a mim: pois que vieis que não era minha honra tal casamento não me consentisses que o fizesse.»

O privado, que entendeu que el-rei mais lhe dizia isto por vêr que resposta lhe daria que por ter em vontade o que lhe falava, respondeu e disse:

— « Senhor, vós o dizeis agora mui bem, mas podera ser que, se os do vosso conselho vol-o contradisseram d'essa guisa que vós dizeis, que houveram de vós peior resposta com obra da que houveram esses outros d'el-rei D. Affonso, vosso avô.»

E el-rei, dizendo que não mas que o houvera por bem feito, cessaram d'aquesto e falaram em al.

CAPITULO LXV

Como a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos do reino, e do accrescentamento que fez em outros de seu linhagem.

Esta rainha D. Leonor, ao tempo que a el-rei tomou por mulher, era bem manceba em fresca idade, e igual em grandeza de corpo; havia loução e gracioso gesto, e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma por então era a ella similhavel em bem parecer e dulcidão de fala, soffrendo-nos porém de a prasmar d'algumas cousas, em que não honesta e mui soltamente, houve grande e vivo entendimento por afortalezar seu estado, trazendo a seu amor e bemquerença assim as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todos leda conversação, com gráda prestança e muitas bemfeitorias.

E porquanto ella era certa de que não prazia ás gentes miudas de ella ser rainha, segundo se mostrára em Lisboa e em outros logares, e ainda d'al-

guns grandes duvidava muito, trabalhou-se de haver da sua parte todos os móres do reino, por casamentos e grandes officios e fortalezas de logares que lhes fez dar, como adeante ouvireis.

E fez ainda grande accrescentamento, especialmente nos de seu linhagem, porque dois seus irmãos, a saber, D. João Affonso Tello ázou como fosse almirante e Gonçalo Telles fez conde de Neiva e de Faria, que é Entre Douro e Minho; e dois filhos do conde D. João Affonso, seu tio, um fez fazer conde de Vianna, que chamavam D. João, e outro foi conde de Barcellos, a que diziam D. Affonso, e porque era mui moço deu-lhe por aio um cavalleiro que chamavam Vasco Peres de Camões; e fez fazer conde de Ceia D. Henrique Manoel, seu cunhado; e fez como fosse conde d'Arrayolos D. Alvaro Pires de Castro; e fez dar o mestrado de S. Thiago a D. Fernando Affonso d'Albuquerque, que era irmão das mulheres de seus irmãos; e fez dar o mestrado de Christo a um seu sobrinho, filho de sua irmã D. Maria, que chamavam D. Lopo Dias; e fez pôr todos os castellos e melhores fortalezas do reino nos que eram de seu linhagem.

E porque Lisboa é principal logar do reino, e quem a tiver por sua entende que tem todo o reino, fez ella dar depois o castello d'essa cidade ao conde D. João Affonso Tello, seu irmão, e fez que quantos grandes e bons havia na cidade que todos fossem seus vassallos: assim como Martim Affonso Valente, que tinha o castello por elle, Estevão Vasques Philippe, Affonso Annes Nogueira, Affonso Furtado Capitão, Affonso Esteves d'Azambuja, Antão Vasques. Estes cavalleiros e outrosim muitos escudeiros, que na cidade havia mui honrados e

mui bons, assim como Pero Vasques de Pedra Alçada e Pedro Annes Lobato e outros que não curamos de dizer, todos eram vassallos do conde.

Fez outro sim muitos e bons casamentos, ca ella casou sua irmã D. Joanna, que era bastarda e commendadeira de Santos, com João Affonso Pimentel, e fez-lhe dar Bragança de juro e de herdade; e casou uma donzella sua parenta que trazia em casa, que chamavam Ignez Dias Botelha, com Pedro Rodrigues d'Affonseca, e fez-lhe dar o castello d'Olivença; casou Martim Gonçalves de Athayde com Mecia Vasques Coutinho, e fez-lhe dar o castello de Chaves; e casou Fernão Gonçalves de Sousa com D. Thereza de Meira, e fez-lhe dar o castello de Portel; e casou Gonçalo Viegas d'Athayde com Beatriz Nunes, filha de Nuno Martins de Goes e de Branca do Avellar; casou Fernão Gonçalves de Meira com uma filha do arcebispo de Braga; e casou Paio Rodrigues Marinho com a mulher que foi de João Fernandes Logominho; casou outrosim Gonçalo Vasques Coutinho com uma filha de Gonçalo Vasques d'Azevedo, e casou um filho d'este Gonçalo Vasques, que chamavam Alvaro Gonçalves, com uma filha de João Fernandes d'Andeiro, que foi conde d'Ourem e por ella foi posto em estado.

E fez muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino, por lhe haver todos bom desejo e não cahir em sua malquerença, de guisa que não era nenhum que de sua bemfeitoria e accrescentamento não houvesse parte. Era mui gráda e liberal a quesquer que lhe pediam, em tanto que nunca a ella chegou pessoa, por lhe demandar mercê, que d'ante ella partisse com vã

esperança. Era ainda de muita esmola e muito
dosa a todos, mas quanto fazia tudo damnav
pois que conheceram n'ella que era lavrador de
nus e creada em sua côrte; e falando os maid
tes prasmavam-n'a, dizendo «que todas as cre
d'aquella senhora se fingem sempre muito ama
sas, por tanto que o manto da caridade que
tram seja cobertura de seus deshonestos feitos.

CAPITULO LXVI

ıo el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei . Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e ı resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco.

J'ESTE anno de quatro centos e dez, que el-rei D. Fernando recebeu D. Leonor por mulher, estando el-rei D. Henrique em Burs soube como alguns cavalleiros e escudeiros de tella que andavam em Portugal, assim como ıando Affonso de Samora e outros, haviam to- lo um logar em Galliza, de seu reino, que chaam Vianna, e lhe faziam guerra d'elle. Outro- lhe fizeram saber mareantes da costa de Bis- ı e das Asturias como el-rei D. Fernando lhes ıdára tomar algumas náus no mar e isso mesmo : o porto de Lisboa, e não sabiam porque; e ; lhe fizeram certo que el-rei D. Fernando fazia nça com os inglezes, para entrar em seu reino elles e lhe fazer guerra.

l-rei D. Henrique houve d'isto grão queixume, ıuanto tinha pazes com el-rei D. Fernando, e

dava a entender por tal obra que lh'as não queria guardar de todo, assim em consentir aos que andavam em seu reino que lhe fizessem guerra, como nas náus que lhe mandára tomar sem razão; e por ser mais certo da amizade e alliança com el-rei de Portugal tinha, se havia vontade de lh'a guardar ou não, mandou a elle Diogo Lopes Pacheco, o qual n'esta sezão andava em Castella, e andára sempre com el-rei D. Henrique dês que fugira de Portugal por razão da morte de D. Ignez.

Diogo Lopes chegou a Portugal e falou a el-rei D. Fernando tudo o que lhe el-rei D. Henrique mandára e houve d'elle sua resposta, e quando foi falar ao infante D. Diniz contou-lhe o infante do casamento d'el-rei seu irmão, quanto lhe pesava de o fazer d'aquella guisa, e como andava d'elle muito desavindo, por não querer beijar a mão á rainha. Diogo Lopes respondeu como fôra falar a el-rei e que lhe pesára muito da mira que vira, porque lhe parecia que el-rei era de todo ponto em poder d'ella e que o trazia enfeitiçado, pois que não fazia mais que quanto ella queria; e o infante lhe perguntou que lhe parecia d'este feito:

— «Parece-me, Senhor, disse elle, mui mal, cá entendo que seus irmãos d'ella montaram no reino mais que vós nem vosso irmão, e ainda queira Deus que não seja peior, porque havendo d'ella filhos poderia ser que vos matariam com peçonha, por tirar suspeita da herança do reino; e posto que assim não seja toda a privança e estado ha de ser em poder de seu linhagem, porém me parece são conselho que vades para Castella. Eu falarei agora a el-rei quando fôr e entendo bem que lhe prazera com-

ɔ, e a resposta que n'elle achar vos farei logo
r.»

assim o fez Diogo Lopes de feito. Como che-
a el-rei D. Henrique, certificou-o que el-rei
'ernando não era seu amigo de vontade, nem
ıdera n'elle que lhe prazia guardar as conven-
ɛntre elles firmadas; e disse-lhe mais como el-
ıão estava bemavindo com os fidalgos e povos
ua terra por azo do casamento de D. Leonor,
ıe os tinha tão mal prestes para seu serviço
m tão desvairadas vontades que entendia, se
ısse pelo reino, que ligeiramente o podia co-
, e que o infante D. Diniz e outros cavalleiros
elle se queriam partir do reino e vir para sua
.ê.
isso mesmo chegou ali a Samora, onde el-rei
'a, um escudeiro que elle mandára a Portugal
recado sobre isto, o qual lhe certificou clara-
:e que el-rei D. Fernando não era seu amigo,
quizera desembargar as náus de Castella que
n filhadas no porto de Lisboa. Outrosim lhe
m novas como o conde D. Affonso seu filho,
enviára a Galliza, havia cobrada a villa de
na e prendera alguns d'aquelles que n'ella es-
n.

CAPITULO LXVII

Como el-rei D. Fernando e o duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão.

Assim era certo, como contaram a el-rei de Castella, que el-rei D. Fernando fazia alliança com os inglezes contra elle, não embargando os tratos e pazes que entre elles havia, segundo ouvistes; ca o duque de Lencastre, segundo filho d'el-rei d'Inglaterra, que se chamava rei de Castella por azo da infanta D. Constança sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro, segundo contamos, enviára, pouco havia, seus embaixadores a el-rei D. Fernando, a saber João Fernandes Andeiro, cavalleiro, e Roger Hoar, escudeiro outrosim do duque, os quaes chegaram no mez de julho cêrca de Braga, onde el-rei de Portugal então era, e mostrado bastante poder que para ello traziam firmaram suas avenças n'esta guisa:

Que el-rei e o duque fossem verdadeiros amigos por sempre um do outro, e que se ajudassem por

mar e por terra contra D. Henrique, rei que se chamava de Castella, e contra el-rei D. Pedro de Aragão, a saber: que vindo o duque fazer guerra a el-rei D. Henrique ou a el-rei d'Aragão, e estando no reino de Navarra começando de fazer guerra a cada um d'elles com as gentes que comsigo trouxesse, que el-rei D. Fernando fosse teudo de lhe fazer logo guerra; e, se o duque entrasse por seu corpo em cada um dos ditos reinos, que el-rei de Portugal fosse teudo de entrar com seu corpo por outra parte; e que estas ajudas e guerra que cada um fizesse fosse ás suas proprias despezas, e que toda cousa que el-rei D. Fernando tomasse do reino de Castella, que não fosse villa ou castello ou terra, que fosse sua sem outra contenda, e que toda cousa que fosse tomada do reino d'Aragão que fosse de aquelle que a tomasse.

Estes e outros capitulos, que por não alongar deixamos d'escrever, foram então firmados entre el-rei e o duque de Lencastre sobre esta guerra e ajudas que se haviam de fazer; e o dictado do duque, como se então chamava, era este:

«D. João, pela graça de Deus, rei de Castella e de Leão e de Toledo e de Galliza e de Sevilha e de Cordova e de Molina e de Jaen e do Algarve e d'Algecira, duque de Lencastre e senhor de Molina.»

E n'algumas escripturas enhadiam mais n'elle, dizendo:

«Reinante nos ditos reinos em um com a rainha D. Constança nossa mulher, filha primeira e herdeira do mui alto rei D. Pedro, que Deus perdoe.»

Depois d'estes tratos assim firmados, envio
rei D. Fernando, Vasco Domingues, chantre de
ga, a Inglaterra, para os o duque firmar e jur
foram firmados por elle nos paços de Saboya, t
de Londres, ficando d'esta vez el-rei e o duque
tos em grande amizade.

CAPITULO LXVIII

Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse.

El-rei D. Henrique, não embargando o que lhe Diogo Lopes dissera e as outras novas que de Portugal houvera, como dissemos, não lhe prazia porém haver guerra com el-rei D. Fernando, antes lhe pesava muito de lhe assim quebrantar os tratos e amizade que com elle havia posta, e por mór abundancia, antes que se demovesse a entrar em Portugal, enviou por embaixador a el-rei D. Fernando um bispo, o qual dizem alguns que era D. João Manrique, bispo de Siguenza; e veio a Portugal e achou el-rei em um logar quatro leguas de Santarem que chamam Salvaterra de Magos. O bispo era homem entendido e bem razoado, e depois que deu a el-rei as suas encommendações, presente o conde D. João Affonso Tello e outros que com elle estavam, lhe disse n'esta guisa:

— «Senhor, El-rei D. Henrique, meu senhor, vendo os grandes dividos que entre vós e elle ha, e desejando haver paz e amorio comvosco, assim por proveito dos povos que cada um de vós ha de reger, como por especial amor e boa vontade que vos tem, quiz que fosses ambos em tal accordo que entre vós e elle não podesse vir nem recrescer nenhuma contenda, e isto o demoveu a fazer paz comvosco, a qual foi firmada com certas condições e juras, segundo bem sabem quantos aqui estão.

«E por mór firmeza d'ellas, e vossos bons dividos serem accrescentados, foi posto de vos dar sua filha por mulher, com algumas villas e logares de seu reino; e vós, Senhor, não sei por qual razão, o capitulo que mais devereis de guardar, que era casar com sua lidima filha, por ser a vós honroso casamento e accrescentardes em vosso reino os logares que vos com ella dava, e vós quebrantastelh'o d'ahi a poucos dias, deixando-a de receber e casando-vos com outrem, da qual cousa vos mandastes escusar a el-rei meu senhor como á vossa mercê prouve; e, posto que elle ahi podera tornar com aguisada razão e direito, soffreu-se de o fazer, por dar logar á paz que deseja haver comvosco.

«E hora depois d'isto mandastes aos do seu reino tomar certas náus, assim na costa do mar como ante o porto de Lisboa, e pero vos enviou requerer que lhes mandasses de tudo fazer entrega não foi vossa mercê de o pôr em obra, antes déstes tal resposta áquelles que acá enviou por que mostrastes que de guardar a paz que entre vós e elle foi firmada havieis mui pouca vontade; além d'isto, lhe fizeram alguns entender que vós fazieis liga com

inglezes, para virem a vosso reino e serem em
sa ajuda contra elle.
E porque todas estas cousas mostrava clara-
ıte que vós não tendes vontade de lhe guardar
ız que entre vós e elle foi firmada, vos envia di-
por mim, e vos requer da parte de Deus, que
lhe guardeis cumpridamente as pazes que entre
ambos são firmadas, e mandeis fazer entrega
seus de todo o damno que hão recebido; e fa-
lo-o assim fareis n'ello razão e direito que sois
lo de fazer, e elle agradecer-vol-o-ha muito e
em grande amizade.
D'outra guisa, se vossa mercê é britardes as pa-
que assim haveis em um, a elle é forçado que
lefenda de vós, e então mostrará a Deus e ao
do que não é mais teudo que vol-o requerer, e
Deus, que é justo juiz, terá justa razão de o
ar contra vós.»

CAPITULO LXIX

Da resposta que el-rei D. Fernando deu ao b
e como se despediu d'elle e se foi.

EL-REI D. Fernando, que bem suspeitava as ra
que lhe o bispo havia de dizer e as cousa
que o havia de culpar, como aquelle que d
era bem sabedor, tinha já a resposta prestes pa
escusar, e não pediu espaço para haver sobre
conselho, mas respondeu logo, dizendo assim:

—« Eu, tudo o que fiz, tinha razão de o faz
que mais fizera nenhum m'o deve ter a mal, po
eu não lhe quebrei as pazes, mas elle as quebra
a mim primeiro; e assim lh'o enviei dizer por
tim Peres, doutor em degredos, chanceller do in
D. João seu filho, quando a mim sobre isto ve
sua parte. Porque depois das pazes feitas, a
d'uns seis mezes, chegou a mim a Tentugal,
eu então estava, aquelle doutor, e disse-me e re
reu que bem sabia os tratos e avenças que por
da paz entre mim e el-rei D. Henrique foram fi

das, e como se depois prolongaram além do tempo, por certas razões da sua prol e minha, as quaes eram entrega de certos logares e prisioneiros d'uma parte á outra e mais o casamento da infante D. Leonor commigo.

«E eu lhe respondi que bem sabia el-rei de Castella que o que eu ficára por fazer já era da minha parte cumprido, deixando-lhe as villas e logares que tinha, e entregues todos os prisioneiros que em meu reino eram retidos; e que elle nunca me quizera entregar a villa de Bragança nem o castello de Miranda e outros logares. E porém que me entregasse elle primeiro os logares todos, como eu fizera a elle, e que bem me prazia casar com sua filha e lhe cumprir mais ainda outra cousa, se teudo era de a cumprir; assim que eu fiz tudo o que devia e elle não me teve aquillo que me poz, e porém casei com quem me prouve e fiz o que entendi por meu serviço.»

—«Senhor, disse o bispo, no casamento vos não falei senão por o trazer a meu proposito, e se el-rei meu senhor algumas cousas por cumprir tem, das que entre vós e elle foram firmadas, é mui bem que seja requerido que as cumpra, e sou certo que o fará de bom talante; d'outra guisa, não me parece que é bem ordenardes por onde entre vós e elle haja guerra e discordia. Lá, se os de sua terra furtaram em vosso reino o castello de Miranda, primeiro sahiram os de vossa terra a roubar na sua e lhe fazer guerra, tomando por força em Galliza o logar de Vianna, e d'ali faziam guerra a toda a comarca de redor, consentindo-o vós e não tornando a ello em guisa que houve elle ahi de mandar o conde D. Affonso, seu filho, com gentes, a pôr cobro n'isto; mas entre vós e elle tão pequenas cousas como

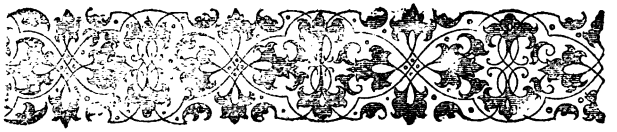
essas ligeiras são de concordar, por serdes em paz e amorio.

«Porém, Senhor, por mercê, esguardae bem primeiro o que quereis fazer, e conhecei que aquella é nobre e aventurada paz que é na vontade e não nas palavras, e que um dos cuidados melhores que haver podeis assim é de haver paz com vossos visinhos; nem pode nenhuma cousa mais dôce ser entre os reis e os povos que viverem em paz e socego, de guisa que onde é um dom de fé haja uma concordia de vida.»

El-rei D. Fernando tinha mandado Vasco Domingues, chantre de Braga, a Inglaterra, como ouvistes, por firmar o trato entre elle e o duque de Lencastre, dês-ahi por fazer vir gentes d'armas, e houvera já recado d'elle que tinha oitocentas lanças e outros tantos archeiros prestes; e quando lhe o bispo dizia estas e outras muitas razões que todavia houvesse paz, el-rei respondia por taes palavras e com tal doairo que bem mostrava que havia d'ello pouca vontade. E d'essa mesma guisa o dizia o conde D. João Affonso Tello, emtanto que o bispo lhe veio a dizer:

—«Conde, vós podeis aconselhar el-rei, que aqui está como vos prouver, mas se o vós aconselhaes que elle haja guerra antes que paz vós podeis dizer o que quizerdes, mas porém sei que não haveis vós de ser o primeiro que haveis de jogar as lançadas ante elle; e se eu fosse de seu conselho, como vós sois, eu lhe aconselharia antes que escolhesse a certa paz com el-rei meu senhor, que esperar a duvidosa victoria.

Sobre isto se seguiram outras muitas razões, pelas quaes o bispo entendeu que el-rei não havia vontade de haver paz; e despediu-se d'elle e foi-se seu caminho.



CAPITULO LXX

)mo o bispo chegou a Castella e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal.

TORNOU-SE o bispo para Castella, e achou el-rei D. Henrique em Samora, e, posto el-rei de parte com os de seu conselho, para ouvir resposta que o bispo trazia, elle ás primeiras nos que lhe deu disse-lhe que se percebesse de erra; e contou-lhe tudo a que lhe aviera com rei D. Fernando, como entendia n'elle que não via vontade de ser seu amigo, nem lhe guardar paz que com elle pozera, e que assim lhe pare- que o aconselhavam alguns senhores dos que n elle eram. El-rei D. Henrique, ouvindo isto, se então perante todos:

— «Deus sabe, que é sabedor de todas as cou-, que eu não hei vontade de haver com elle :rra, antes queria de mui boa mente haver com : paz e ser seu amigo; mas, pois que assim é : eu hei de haver guerra, eu não a quero guar-

dar para mais longe, mas logo em ponto a quero começar, e diga cada um de vós o que lhe parece como se pode melhor fazer.»

Os do conselho, vista a resposta que o bispo trazia, e o desejo que el-rei n'isto mostrava, accordavam todos se fazer guerra, e que el-rei entrasse por Portugal com todo seu poder, mas que isto não fosse logo, por certas razões: á uma, por el-rei não ter as suas gentes prestes, e isso mesmo dinheiros para paga dos soldos e corregimentos que lhe eram necessarios, dês-ahi, pelo inverno que se seguia; assim que por isto, e por outras cousas que cada um mostrava a se não fazer, eram todos em accordo que el-rei espaçasse esta guerra até o verão que havia de vir, e que emtanto faria elle prestes tudo o que para ello era cumpridouro, e assim a poderia acabar com mais sua honra e serviço.

El-rei, quando viu que todos eram d'aquelle accordo e nenhum desviava d'elle, deu-lhes em resposta, dizendo:

— «Ou vós todos estaes bebedos ou sandeus, ou sois traidores.»

— «Não já eu, Senhor, disse o bispo, ca não sou ruivo.»

— «Ah! bispo, disse el-rei, por mim dizeis vós isso,» — porque el-rei era branco e ruivo.

— «Não, Senhor, disse elle, mas por este que aqui está,» — a saber Pero Fernandez de Vallasco, que estava junto com elle, que era um pouco como ruivo.

E rindo d'estas e d'outras razões, que entremettiam por tomar sabor, tornou el-rei a dizer contra elles:

— «Aqui não cumpre mais perlongas nem outro conselho quando se fará, mas antes que se nunca el-rei D. Fernando perceba, nem lhe venha ajuda d'inglezes nem d'outro nenhum de fóra do reino, antes eu quero que me elle ache comsigo; e ou lhe eu destruirei toda a terra, ou nós viremos a tal avença por que sempre sejamos d'accordo, e esta entendo que é bem justa guerra, pois que a faço por haver paz. E logo d'este logar entendo d'encaminhar para Portugal sem mais tornar atraz, e quem vontade tiver de me fazer serviço, elle me seguirá por onde quer que eu fôr.»

E n'este conselho dizem que se firmou muito Diogo Lopes Pacheco, dizendo que entrasse logo subitamente por Portugal, e que se fosse logo lançar sobre Lisboa, não curando d'outro logar nenhum, a qual podia tomar ligeiramente, e que cobrando esta cidade entendesse que tinha todo o reino cobrado e finda sua guerra.

Mandou el-rei logo cartas a todos seus vassallos que se juntassem á pressa onde quer que elle fosse, ca sua intenção era partir sem mais tardança e entrar em Portugal, e que elle os esperaria á entrada do reino. Outrosim, escreveu a *micer* Ambrosio Boccanegra, seu almirante, que armasse logo em Sevilha doze galés, e que tanto que fossem armadas que partissem logo n'ellas para a cidade de Lisboa.

CAPITULO LXXI

Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal e do recado que houve do cardeal delegado do papa.

Partiu el-rei D. Henrique, de Samora e andou seu caminho sem fazer detença, com as gentes que o seguir poderam, até que entrou por Portugal; e esta trigança trouxe, sem mais esperar ninguem, por os seus terem azo e se fazerem prestes de o mais cedo seguir; e foi sua partida em setembro meado, na era que dissemos de quatro centos e dez. E como chegou ao extremo dos reinos aguardou ali suas gentes, e cobrou, emtanto, estes logares: Almeida, Pinhel, Linhares, Celorico e a cidade de Vizeu, que lhe foi bem ligeira de haver, como logar sem nenhuma cerca.

E, estando el-rei n'aquella comarca, foi-se para elle o infante D. Diniz, irmão d'el-rei D. Fernando, segundo falara com Diogo Lopes quando viera a Portugal, e el-rei D. Henrique o recebeu mui bem e lhe deu de si grande gasalhado.

E antes que el-rei d'ali partisse soube como D. Guido de Bolonha, cardeal e delegado do papa, era vindo em Castella, por tratar avença e paz entre elle e el-rei de Portugal; e recebeu el-rei sua carta, em que lhe fez saber a rasão porque era chegado a sua terra, e que lhe enviasse dizer se viria onde elle estava, ou como lhe prazia que fizesse.

E el-rei lhe mandou sua resposta, em que lhe rogava que se fosse emtanto para a villa de Guadalfaiara, onde estava a rainha e os infantes seus filhos, e que elle, Deus querendo, mui azinha livraria o que haviam de fazer em Portugal, e tornaria a Castella e falaria com elle.

O cardeal, vista sua carta, entendeu que el-rei havia vontade de proseguir sua guerra, e portanto lhe enviava dizer isto por encaminhar de o vêr mais tarde; e, pensando n'ello, houve seu conselho que, pois que o papa o havia enviado para pôr paz e amorio entre os reis ambos, que lhe não cumpria pôr n'isto detença, mas trabalhar-se de vêr el-rei de Castella antes que se a guerra mais accendesse, e ordenou de partir de Ciudad Rodrigo, por ir falar a el-rei onde quer que o achasse.

CAPITULO LXXII

Como el-rei D. Fernando começou de se aperc
de guerra, e el-rei D. Henrique entrou pelo r
e do que sobre ello aveio.

Como a guerra foi soada em Portugal e el
D. Fernando certo que el-rei D. Henr
queria entrar em seu reino, foi posto
grão pensamento, porque não cuidou que assim
gosamente se trabalhasse de fazer tal entrada,
que elle fosse o primeiro que começasse a gue
e poz logo suas frontarias pelas comarcas do
e isso mesmo certos senhores e fidalgos nos
res por onde entendeu que el-rei de Castella h
de vir. El-rei D. Fernando estava então em C
bra, e a rainha D. Leonor com elle e alguns fi
gos do reino; e mandou chamar muita gente de
de Guadiana e isso mesmo da Extremadura,
lhe ter o caminho em seu grande e espaçoso
po, seis leguas de Coimbra contra Lisboa, c
chamam o Chão do Couce, onde se todos acco
vam que era bem de o esperar. Depois accorda

que era melhor esperal-o em Santarem e ali pelejar com elle, e que quanto mais entrasse pelo reino, alcançando-lhe os mantimentos, que tanto viriam mais desgarrados e melhores de desbaratar. Com esta intenção, partiu el-rei de Coimbra e deixou sua mulher ahi e alguns fidalgos com ella, e veiu-se a Santarem e ali começou de ordenar seu ajuntamento; e mandou a Lisboa e a outros logares que fizessem sua apuração de certos homens d'armas e peões e besteiros, e que se juntassem com elle todos em Santarem.

N'isto, partiu el-rei D. Henrique, de Vizeu, depois que chegaram aquellas companhas por que havia enviado que se viessem por elle, e sua tenção era que el-rei D. Fernando lhe havia de pôr batalha; e veiu-se caminho direito de Coimbra, e ali se juntaram com elle o mestre de S. Thiago e o mestre d'Alcantara e as companhas d'Andaluzia, que haviam entrado por aquella comarca.

A rainha estando em Coimbra, chegou el-rei D. Henrique e pousou em Tentugal, e o conde D. Sancho, seu irmão, nos paços de Santa Clara, e o infante D. Diniz e Diogo Lopes Pacheco e Lemosim no mosteiro de S. Francisco, e João Rodrigues de Castanheda em Sant'Anna e Pero Fernandez de Vellasco em Sernache; e assim os outros senhores e capitães pelos logares de redor.

Então tiveram geito de cercar a cidade, salvo como quem pousa de caminho, como quer que foi feita uma escaramuça na ponte, em que foram alguns portuguezes; e n'aquelles dias que el-rei de Castella por ali esteve pariu a rainha D. Leonor uma filha, que chamaram D. Beatriz, que depois foi rainha de Castella, como adeante ouvireis.

D'ali partiu el-rei D. Henrique sem desviar da estrada, como fizera depois que entrou em Portugal, e veiu-se caminho de Torres Novas, e ali soube como el-rei D. Fernando estava em Santarem, e que n'aquelle logar se haviam de juntar com elle seus ricos homens e fidalgos e o conselho de Lisboa e d'outros logares, para lhe pôr a praça; e elle esteve ali dois dias ordenando sua batalha, a que pensava que se não escusasse. E era assim de feito que el-rei D. Fernando mandára a todos seus fidalgos e vassallos que estivessem prestes, que tanto que vissem seu recado se viessem para elle; e muitos lhe escreveram se se viriam logo como souberam que el-rei de Castella partira de Coimbra, e se lhe havia de ter o caminho; e elle lhes respondia por suas cartas que estivessem quedos e não viessem a elle até que lhes elle mandasse dizer como fizessem.

E a taes ahi houve, assim como Martim Affonso de Mello e Gomes Lourenço do Avellar e outros, que dos logares onde estavam por fronteiros tresnoitaram uma noite e vieram falar a el-rei; e elle, como os viu, mostrou-lhes bom gasalhado e perguntou-lhes a que vinham, e elles responderam «que elle lhes dissera que ali aguardaria el-rei de Castella para pelejar com elle, e que haviam novas que era já muito perto e que não cumpria tardar mais para tal feito, mas que sahisse a tomar o campo e fosse longe da villa antes que perto, e que lhe pediam por mercê que defendesse seu poleiro e não aguardasse mais gente, ca assaz haveria d'ella.» El-rei disse «que lh'o agradecia muito e que diziam muito bem, como bons fidalgos que eram, mas que se tornassem para onde estavam e se fizessem bem

prestes com as gentes que tinham e podessem haver, e que como vissem seu recado que logo se viessem, e por outro modo não partissem sem mandado.»

E d'esta guisa que el-rei disse a estes assim enviou dizer a alguns que lhe isto mesmo mandaram requerer, assim como ao mestre d'Aviz, seu irmão, que estava em Torres Novas, que cada dia mandava saber que fazia el-rei, e se juntava algumas gentes, receando-se que se houvesse de haver batalha que não curaria d'elle, porque era moço; e porém rogava a um bom cavalleiro, que era seu aio, que por Deus fizesse de guisa que não errasse de ser n'ella, e elle o segurava que não temesse de ficar, se batalha ahi houvesse de haver, mas que via el-rei encaminhar seus feitos que duvidava muito de pôr o campo a el-rei de Castella. E d'aquella guisa aconteceu, ca elle mandou ao concelho de Lisboa, que já estava na Azumbuja, cinco leguas de Santarem, que se tornassem e não fossem mais por deante, e nenhum dos outros mandou chamar.

El-rei de Castella, quando isto soube, moveu com sua gente caminho de Santarem e chegou áquem do logar a uns paços que dizem Alcanhões, e ali foi certo que el-rei D. Fernando não queria pelejar com elle. Então partiu el-rei para Lisboa, a um sabbado dezenove dias de fevereiro, e foi por cima de Santarem, caminho dos Feijoaes e pelas Abitureiras, sem torvação que de nenhum recebesse; pero que dizem alguns que el-rei D. Fernando quizera sahir a elle com aquelles que comsigo tinha, vendo que o contrario lhe era gran mingua, e que sendo já armado em cima do cavallo, com muitos dos seus que ahi então eram, que o conde D. João

Affonso Tello e o prior do Hospital o fizeram descer e desarmar, dizendo «que não consentiriam que sahisse fóra a pelejar com elle, ca o não podia fazer como pertencia a sua honra, salvo tendo tres ou quatro mil de cavallo comsigo, e d'outra guisa não.»

E d'isto foram mui prasmados o prior e o conde e isso mesmo el-rei com elles, dizendo «que com disse de coração lh'o fizera fazer, ca elles não deveram de dar tal conselho, e elle, se boa vontade tivera para pelejar e dera d'esporas ao cavallo, todos os seus seguiram á ventura que lhe Deus quizera.» E entre os que isto depois mais largamente prasmaram foi João Sanches, cavalleiro de Santa Catharina, que era um dos que se vieram para el-rei D. Fernando depois da morte d'el-rei D. Pedro, dizendo «que el-rei mostrava muito grande mingua não sahir a pelejar com el-rei D. Henrique;» e falou n'isto tantas vezes e assim de prol que houve el-rei de saber, e disse aos que ahi estavam «que não curassem de seus ditos, ca era um villão e zombeiro, filho d'um azemel de seu pae.»

João Sanches era homem de mui bom corpo e de gran força e bem ardido, e quando lhe contaram que el-rei isto dissera houve mui gran melancolia. E um dia, estando el-rei de praça, lhe disse perante todos:

— «Senhor, a mim disseram que vós dizieis que eu sou filho d'um azemel de vosso pae. Em verdade, se o elle foi em algum tempo, eu não o sei. que o fosse, foi-o de um mui nobre rei; mas porem sei eu tanto que se vós tivereis mil azemeis taes co

:u, e de tal vontade, que vos não passara a vós
i D. Henrique per ante a porta, como passou,
levara de vós tal honra.»

-rei callou e não respondeu áquillo, e os outros
ram a João Sanches que não curasse d'aquel-
azões; e riam-se do que contra el-rei dizia em
» de escarneo.

CAPITULO LXXIII

Como el-rei D. Henrique chegou sobre Lisboa maneira que os da cidade tiveram em se re

NENHUMAS gentes poderam pensar que D. Henrique entrasse pelo reino, da que elle entrou, especialmente desde Co para Lisboa, onde el-rei D. Fernando estava do elle partiu de Vizeu, que elle muito pr lhe não sahisse ao caminho a embargar sua podendo-o mui bem fazer, ca elle tinha gen sás de seus naturaes para lhe pôr a praça, a ajuda dos fidalgos e senhores que se pa vieram de Castella, por morte d'el-rei D. segundo tendes ouvido. E porém nenhum poc que el-rei D. Fernando soffresse sua vinda ta ge pelo reino; em tanto, que pelas villas e por onde el-rei D. Henrique vinha assim es as gentes desseguradas, por esta razão, q nhuns se apercebiam de se guardar, nem pô em salvo, de guisa que achavam os homens

do e ceando sem terem nenhuma cousa guardada do seu, e já os inimigos andavam pelos termos da villa e ainda o não criam, e assim roubavam e captivavam muitos d'elles, sem achar tal que lh'o de todo embargar podesse.

Os de Lisboa, quando souberam como el-rei D. Henrique passara por Santarem, e que el-rei D. Fernando não sahira a elle nem lhe mandara embargar sua vinda, foram postos em muito cuidado, por a gran perda que de receber entendiam, porque a cidade era toda devassa e sem nenhum muro onde havia mais gente, e não tinha outra guarda nem defensão salvo a cêrca velha, que é desde a porta do Ferro até a porta d'Alfama e desde o chafariz d'El-rei até a porta de Martim Moniz, e toda a outra cidade era devassa na qual moravam muitas gentes abundadas de grandes riquezas e bens; e bem entendiam que elles e os do termo era por força de se acolherem a ella, e que não poderiam caber dentro, com todas suas cousas, sem grande pressa e angustura. E porém diziam alguns que era bem de se juntarem todos e ir pelejar com el-rei de Castella á ponte de Loures, e ali morrerem antes assumados que esperarem de soffrer tamanho mal como esperavam receber por sua vinda.

Outros diziam que era bem que palancassem todas as ruas que sahiam ao Rocio da cidade, e que por ali a defendessem que não entrassem os castelhanos n'ella; e que todos os frades e clerigos que na cidade havia tomassem armas e a ajudassem a defender. E tão mau lhes era de crêr que el-rei D. Henrique chegasse a Lisboa que já suas gentes eram no Lumiar, uma legua da cidade, e entraram

pelos olivaes e vinhas de redor, e ainda alguns duvidaram que a elle viesse cercar. E com este alvoroço e cuidado, começaram clerigos e frades de se ir ao almazem d'el-rei e armarem-se todos das armas que ahi achavam; outros trabalhavam de buscar madeira para palancar as ruas; e taes ahi havia que, desamparando o cuidado da defensão da cidade, não tinham sentido senão de guardar as cousas que em salvo podiam pôr.

E sendo todos assim empachados em desvairadas occupações, el-rei D. Henrique chegou muito de socego, com toda sua hoste, por cima de Santo Antão, dês-ahi por Valverde, para ir pousar no mosteiro de S. Francisco, e o infante D. Diniz com elle; como quer que alguns escrevem que elle trazia em vontade d'ir pousar ao mosteiro de Santos, que é arredado da cidade quanto será um quarto de legua, e os seus encaminharam por desvairadas partes direito para ella, e então ordenou de pousar em S. Francisco, que é logar alto, de que a toda bem podia vêr.

Os da cidade, vendo seu grande poderio, não se atreveram a pelejar com elle, e, deixado o cuidado que tinham de tomar armas, trabalharam todos de se pôr em salvo, e acolheram-se áquella parte da cidade que era cercada, o mais azinha que poderam, com as mulheres e filhos e cousas que levar podiam; e era a pressa tão grande dos que se acolhiam dentro á cêrca, assim christãos como judeus, que embargava a entrada das portas a espessura da gente, que era muita. Uns descarregavam seus hombros cansados das grandes trouxas que traziam, achando logo muito prestes quem de as receber tinha cuidado; outros, como chegavam ás por-

tas, lançavam dentro as cargas que levavam e deixavam-n'as sem nenhuma guarda, com trigança de tornar por outras.

Jaziam muitas cousas desamparadas além dos muros, sobre que depois haviam contenda, extremando cada um quaes eram suas. A segurança que os fez tardar de primeiro não começarem tal trabalho lhes deu azo de perderem grandes riquezas. Contavam uns aos outros, depois do recolhimento, como lhes aviera pondo o seu em salvo, e como o postumeiro temor lhes fazia desamparar e esquecer muitas cousas.

Os mouros forros do arrabalde foram-se todos, com seus gasalhados, para o Curral dos Coelhos, junto com a fortaleza dos paços d'el-rei, que é em um alto monte, e ali estavam em tendilhões acoutados por sua defensão.

E foi esta vinda d'el-rei D. Henrique, quando chegou sobre Lisboa, uma quarta feita, a hora de terça, vinte e tres dias do mez de fevereiro da era de quatrocentos e onze annos.

CAPITULO LXXIV

Como o almirante não quiz que as galés de Portugal pelejassem com as de Castella, e como por seu azo foram tomadas algumas naus de Portugal.

El-rei D. Fernando, quando viu que el-rei de Castella passava por Santarem e se ia lançar sobre Lisboa, ordenou de mandar gentes a ella por ajuda de sua defensão, e porquanto o conde D. Alvaro Peres de Castro era alcaide da cidade, mandou el-rei que se viesse para o castello, por segurança e guarda d'ella, e mandou derribar todas as casas que estavam juntas com o muro por se não acolherem os castelhanos dentro n'ellas e receberem por ali damno.

E mandou mais o almirante *mice* Lançarote e Vasco Martins de Mello e João Focim, capitão da frota, e alguns outros cavalleiros, assim dos que estavam com ello como dos que vieram em companha da rainha, quando partira de Coimbra e chegara a Santarem; e vieram em barcas e lançaram-se na cidade, porque a frota d'el-rei de Castella

não viera ainda, que os embargasse de não entrar n'ella.

E, havendo novas das galés de Castella que vinham armadas de Sevilha, accordaram que era bem de armar quatro galés que jaziam na agua ante a cidade, e algumas naus, e que lhes fossem sahir ao caminho e pelejar com ellas. E foi assim feito que se fizeram prestes e partiram d'ante a cidade, e, indo não mui longe d'ella, houveram vista d'algumas galés que vinham deante, e João Focim, capitão que ia n'uma nau, quizera que afferraram com ellas, certificando que os venceriam, porquanto as naus e galés iam bem armadas, e as de Castella não vinham assim. O almirante, com gran covardice e mingua de bom esforço, pero tinha a vantagem dos inimigos, nunca n'ello quiz consentir, mas disse que as viessem ladrando e que ante a cidade pelejariam com ellas, para todos verem o prazer do vencimento.

As galés de Castella que deante vinham, com grande receio e medo que traziam, como foram perto da cidade, fizeram muito por atravessar o rio. João Focim, quando viu que as galés remavam para terra e que o almirante não curava d'afferrar com ellas, desejoso de bem fazer, terreou tanto por dar n'uma galé antes que enseccasse, que se houvera de perder, e não lhe poude fazer nojo; e as galés de Castella pozeram as prôas ante as tercenas da cidade, e as naus e galés de Portugal além um pequeno espaço, onde chamam o Furadouro.

E como umas e as outras pousaram, começaram logo d'obrar por desvairadas vontades, ca os castelhanos á pressa trabalharam de se metter em suas galés e fornecel-as de gentes d'armas, para ir pele-

jar com as outras, e o almirante sahiu-se l
muitos com elle, e foi-se á camara da cidade
conselho que maneira se teria em razão d'a
armada. E, pero lhe diziam alguns, que as
como se enchiam de gentes as galés de Caste
que visse o que pertencia fazer em tal feit
curava de pôr remedio como defendesse suas

N'isto, encheram-se as galés de Castella d
tos homens que as faziam mais de pejadas q
ligeiras, e começaram de remar contra as n
galés dos portuguezes. As naus e galés, como
vam sem gentes d'armas, porque sahiram com
mirante e depois com o capitão, cuidando mui
o que as galés de Castella queriam fazer, q
as viram vir assim tão poderosamente armadas,
as ousaram d'attender e remaram para a outra
te d'além, contra Ribatejo, e metteram-se em
tas rias que ahi ha, onde não podiam receber
ainda que as galés dos inimigos as seguir quize

As galés de Castella, vendo como se iam
aquella parte, onde lhe empecer não podiam,
raram logo com as naus, e como n'ellas era
gente, pelejando, cobraram algumas, e ficou
então por elles.

O almirante, por esta razão, foi muito culpa
mal desdito, e tirou-lhe el-rei o almirantado e
a D. João Affonso Tello, irmão da rainha, porq
to por sua culpa e azo não cobrara as galés de
tella, e mais perdera parte de suas náus,
quer que fossem das que el-rei tomara aos
lhanos.

CAPITULO LXXV

Como os da cidade pozeram suspeita em algumas pessoas moradores d'ella, e foram presos alguns e mortos dois homens.

PORQUANTO era commum fama, e assim o affirmavam todos, que Diogo Lopes Pacheco fôra o principal azador que fizera el-rei D. Henrique vir cercar Lisboa, fazendo-lhe entender que na cidade havia pessoas que por o seu dariam tal azo por que a elle cobrasse mui cedo, foi grande alvoroço na cidade por esta suspeita, dizendo o povo contra alguns moradores d'ella que eram da parte d'el-rei de Castella por azo de Diogo Lopes, cujos servidores e alliados eram, e que a cidade era vendida por elles; dos quaes foram Lourenço Martins da Praça, que creara o mestre d'Aviz D. João, e Martim Taveira e Affonso Collaço e Affonso Peres e outros dos bons que na cidade havia.

E porque alguns d'elles tinham chaves de certas portas, foram-lhes logo tomadas e elles todos presos, e como em similhantes feitos, muito de recear,

não se esguarda nenhuma desculpação nem espaço de saber a verdade, foram sem mais detença todos mettidos a tormento; e, sem confessar nenhuma cousa, disseram alguns que um homem de Lourenço Martins merecia de ser arrastado, e, sem mais curar de buscar besta que o houvesse de levar, ás mãos o arrastaram pela cidade e o fizeram em postas, e assim morreu.

Outro tomaram e pozeram-n'o na funda dum engenho que estava armado ante a porta da sé, e quando desfechou lançou em cima d'essa egreja entre duas torres dos sinos que ahi ha; e quando cahiu acharam-n'o vivo, e tomaram-n'o outra vez e pozeram-n'o na funda do engenho, e deitou-o contra o mar, onde elles desejavam, e assim acabou sua vida.

Os outros nomeados, que foram presos e feridos, soltaram-n'os sem outra pena que houvessem, mas não fiaram mais d'elles, e d'ahi em deante pozeram em si grande guarda e regimento, velando a cidade de noite e de dia, tendo cautela e avisamento grande em todos seus feitos e defensão.

N'isto, soube el-rei D. Henrique como os frades do mosteiro de S. Francisco, onde elle pousava, tomaram armas para ir pelejar contra elle, quando na cidade fôra sabido que elle vinha; e disse que pois assim era, que se armaram contra elle, que não estava em razão de elle pousar entre seus inimigos. Então mandou tomar duas barcas e metter os frades todos n'ellas, sem barqueiros, e que se passassem além do rio; e os frades, remando, pozeram-se além do rio em salvo, porquanto não é mais de uma legua.

Os seus, quando viram que elle isto mandava
er aos frades, quizeram roubar a sachristia, e
ei soube-o e defendeu que o não fizessem; e
im foi guardada em poder d'um homem bom
de, que era sachristão d'aquelle mosteiro.

CAPITULO LXXVI

Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasques, seu filho, foram presos em uma escaramuça.

As gentes d'el-rei de Castella pousavam nos mosteiros e pela cidade, como lhes prazia, como aquelles que achavam todas as casas desamparadas, com muitos bens e alfaias n'ellas. ca seus donos não houveram espaço, quando se acolheram á cêrca velha, de tudo guardar e levar comsigo, salvo essas cousas que mais ligeiramente apanhar poderam, como dissemos. E muitos christãos e judeus deitaram de seus haveres, os que levar não podiam, dentro nos poços; e, sabendo os castelhanos d'isto parte, buscavam-n'os depois com fateixas e cobraram tudo a seu poder, com outras muitas cousas que depois levaram quando se foram.

E porque todas as gentes pousavam muito perto dos muros da cidade, escaramuçavam a miude uns com outros, e havia ahi feridos e presos ás vezes d'uma parte e da outra; assim como foi preso Vas-

co Martins de Mello, cuja era a guarda da porta do Mar, que sahiu um dia a escaramuçar com João Duque, que tinha logo cerca a guarda dos açougues. E, cuidando Vasco Martins que iam com elle todos os da sua parte, falleceram-lhe d'elles áquella hora, e João Duque sahiu a elle bem acompanhado, e Vasco Martins em se defendendo, foi ferido e derribado em terra. N'isto, chegou Gonçalo Vasques, seu filho, por defender que o não matassem, e estiveram tanto defendendo-se que foram ambos feridos e presos, e levou-os João Duque por prisioneiros para sua pousada.

N'outro dia, veiu-o vêr Diogo Lopes Pacheco, e houveram ambos mui más palavras, dizendo Vasco Martins contra elle que por seu azo e induzimento fazia el-rei D. Henrique esta guerra e se viera lançar sobre Lisboa, e outras desmesuradas razões que por então houve entre elles.

El-rei D. Fernando, sabendo como Vasco Martins e seu filho eram presos d'aquella guisa, mandou a Sines por Pero Fernandes Cabeça de Vacca, que fôra pilhado n'aquelle logar em uma das galés de Castella que viera ali á costa por tormenta, quando por ali passava, e deram-n'o por Vasco Martins e por seu filho, e assim foram livres e soltos.

CAPITULO LXXVII

Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça.

SENDO assim costume de escaramuçar os da cidade com os de fóra, tambem á porta do Ferro, como áquella porta do mar que dissemos, sahiram um dia de dentro da cêrca alguns portuguezes, por escaramuçar com os inimigos, e em se entremettendo de os accometter cresceu-lhes tal força e ardimento que deram com elles pela rua Nova bem até metade da rua.

El-rei D. Henrique olhava do miradouro de S. Francisco, onde pousava, tudo o que se fazia muito a seu salvo, e, louvando presente os seus a ardideza d'aquelles portuguezes que d'aquella guisa faziam, recresceram tantos dos seus em ajuda d'aquella escaramuça que por força fizeram recolher os da cidade dentro, não sem grão perigo dos que escaparam; e foi ali preso Garcia Rodriguez, meirinho-mór d'el-rei D. Fernando, sem mais prisão

d'outra pessoa, nem morte d'algum d'uma parte nem da outra. E dos que assim prendiam davam uns por outros, e ás vezes por rendição, como se acertava.

N'isto, foi o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, com quatrocentas lanças, sobre um logar cercado que chamam Cascaes, que é muito junto com o mar, cinco leguas da cidade, e as poucas gentes d'elle, que o defender não podiam, deram-lh'o logo, sem outra peleja que ahi houvesse; e elles prenderam os que quizeram, e roubaram o logar de mui grande roubo, e tornaram-se com elle para a cidade. E por esta guisa os capitães que com el-rei D. Henrique vinham estendiam-se pelos termos da cidade a forreiar, sem torva que de nenhum houvessem, e traziam grandes roubos de muitas e desvairadas cousas, e cortavam vinhas e olivaes e outras arvores, pondo fogo a muitas quintas, que de todo então destruiram; assim que os castelhanos d'um cabo e as gentes d'el-rei D. Fernando do outro era dobrado fogo que gastava e destruia a terra.

E porquanto das casas que eram mais cêrca do muro recibiam os da cidade damno, atirando-lhes por vezes dentro ás béstas, ordenaram todos de lhes pôr fogo, por se não esconderem ali os inimigos. Os castelhanos, quando isto viram, começaram de roubar toda a cidade, e depois que a tiveram roubada disseram que, pois elles começaram de lhe pôr fogo, elles lh'a ajudariam a queimar de verdade. Então lhe pozeram fogo em muitas partes, e ardeu toda a rua Nova e a freguezia da Magdalena e de S. Julião e toda a judiaria, a melhor parte da cidade. E diziam depois os caste-

lhanos que, se os portuguezes não começaram
meiro de pôr o fogo da sua parte, elles num
pozeram da sua.

E tomaram, para levar por memoria á ida, c
do se foram, umas mui formosas portas da a
dega d'essa cidade, e assim quizeram levar os
vallos d'arame por que cae a agua na fonte
Cavallos, e foram primeiramente guardados a
que se percebessem de os tomar.

CAPITULO LXXVIII

Como Henrique Manuel pelejou com Pedro Sarmento, e foram vencidos os portuguezes.

JAZENDO Lisboa d'esta guisa cercada, entrou Entre Douro e Minho Pero Rodriguez Sarmento, adeantado em Galliza, e João Rodriguez de Bema e outros fidalgos d'aquella terra, e chegaram até Barcellos, e gentes de Portugal, d'aquella comarca, se juntaram para pelejar com elles, assim como D. Henrique Manuel, tio d'el-rei D. Fernando, irmão de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro, e João Lourenço Bubal, cavalleiro, e Fernão Gonçalves de Meira e Nuno Végas o Velho e outros fidalgos, e o conselho do Porto e de Guimarães.

Quando os castelhanos isto souberam, ordenaram de os attender, e lançaram uma grossa cillada de muita gente em um logar escuso, de que os portuguezes não souberam parte; e, começada a peleja, levavam os de Portugal a melhor de seus

inimigos. N'isto, sahiu João Rodriguez de [redacted] da cillada onde jazia, e fez grande som como eram muitos, e começou logo de fugir a cavallo um escudeiro, com a bandeira de Henrique Manuel, e os seus começaram de bradar contra elle, dizendo:

— «Vae-se a bandeira, vae-se a bandeira!»

— «Amigos, disse elle, não cureis da bandeira que é um pouco de panno que se vae, mas curae do meu corpo, que aqui está, em que deveis ter mór esforço que n'ella; porém, pelejemos todavia por vencer, e não cureis da bandeira.»

Então, pelejaram até que se venceram e foram de todo desbaratados.

Nuno Gonçalves, que tinha o castello de Faria, quando viu ir os portuguezes para esta peleja, sahiu do logar com alguns dos que tinha, cuidando de dar de suspeita nos inimigos, e que uns d'uma parte outros de outra que os colhessem na metade: e os castelhanos, que tinham já vencidos os primeiros, voltaram sobre ello, e foi vencido e preso.

E foi ali morto João Lourenço Bubal, e preso Nuno Végas e Fernão Gonçalves de Meira, e Henrique Manuel fugiu para Ponte de Lima; e foram presos d'homens d'armas e de pé, até cento; e mais alguns cidadãos do Porto, entre os quaes foi preso Domingos Peres das Eiras, que era um dos honrados do logar, e pagou por si, de rendição, dez mil francos d'ouro, e n'aquella semana que foi solto chegou uma sua nau de Flandres que em frete e mercadorias trouxe dez mil francos para seu dono. E assim houveram os castelhanos muitas rendições d'outros alguns que ahi foram presos.

CAPITULO LXXIX

Nuno Gonçalves de Faria foi morto, porque quiz dar o castello a Pedro Rodriguez Sarmento.

) bom escudeiro de Nuno Gonçalves, que foi preso n'esta peleja que ouvistes, tendo grão sentido do castello de Faria, que deincommendado a seu filho, cuidou aquillo que adamente era de presumir, a saber: que es que o tomaram o levariam ante o logar e, -lhe alguns tormentos ou ameaça d'elles, que) vendo-o, haveria piedade d'elle e seria deo a lhes dar o castello. E porque não tinha ra como o d'isto podesse perceber disse a Rodriguez Sarmento que o mandasse levar stello, e que elle diria a seu filho, que n'elle que lh'o entregasse.

o Rodriguez foi d'isto mui ledo e mandou levassem logo, e elle, chegando ao pé do lohamou pelo filho, o qual veiu á pressa, e elle, ez de dizer que désse o castello áquelles que vam, disse ao filho n'esta guisa:

— « Filho, bem sabes como esse castell
dado por el-rei D. Fernando, meu senho
tivesse por elle, e lhe fiz por elle menagem
minha desventura, eu sahi d'elle cuidando
vir, e sou ora preso em poder de seus inim
quaes me trazem aqui para te mandar que
tregues; e porque isso é cousa que eu faz
devo guardando minha lealdade, porém te
sob pena de minha benção, que o não faça
o dês a nenhuma pessoa senão a el-rei, meu
que m'o deu, ca por te perceber d'isto me
trazer; e por tormentos e morte que me ve
não o entregues a outrem senão a el-rei, meu
ou a quem t'o elle mandar entregar por se
recado.»

Os que o preso levavam, quando isto ou
ficaram espantados de suas razões, e pergun
lhe se dizia aquillo de jogo ou se o tinha ass
vontade; e elle respondeu que para o percebe
se fizera ali trazer, e que assim lh'o mandav
pena da sua benção. Elles, tendo-se por es
dos, com queixume d'isto, em presença do
mataram n'essa hora, de crueis feridas, e n
braram porém o castello.

E porque aquella terra é muito povoada nã
diam todos caber no castello, e acolhiam-se
entre o muro e a barbacan, em choças cober
colmo que ali fizeram; e, ventando então um
suão, tomou um d'aquelles que estavam fó
colmeiro acceso, posto em uma lança, e de
dentro em cima das choças, e começaram
der.

Os do castello, muito anojados pela mor
Nuno Gonçalves, que lhe assim viram dar, n

Os seus, quando viram que elle isto mandava
ızer aos frades, quizeram roubar a sachristia, e
l-rei soube-o e defendeu que o não fizessem; e
ssim foi guardada em poder d'um homem bom
rade, que era sachristão d'aquelle mosteiro.

CAPITULO LXXVI

Como Vasco Martins de Mello e Gonçalo Vasqu seu filho, foram presos em uma escaramuça.

As gentes d'el-rei de Castella pousavam ne mosteiros e pela cidade, como lhes prazi como aquelles que achavam todas as cas desamparadas, com muitos bens e alfaias n'ellas ca seus donos não houveram espaço, quando s acolheram á cêrca velha, de tudo guardar e leva comsigo, salvo essas cousas que mais ligeirament apanhar poderam, como dissemos. E muitos chris- tãos e judeus deitaram de seus haveres, os qu levar não podiam, dentro nos poços; e, sabendo os castelhanos d'isto parte, buscavam-n'os depois com fateixas e cobraram tudo a seu poder, com outras muitas cousas que depois levaram quando se foram.

E porque todas as gentes pousavam muito perto dos muros da cidade, escaramuçavam a miude uns com outros, e havia ahi feridos e presos ás vezes d'uma parte e da outra; assim como foi preso Vas-

zeis, posto que cercada toda não seja, ca nós não lhe enpecemos até aqui senão no que achámos desamparado fóra da cêrca; dês-ahi, os que dentro são parece-me que hão vontade de a bem defender, e ella é forte de muros e torres em tal maneira que nossa estada por esta guisa será muito mais tempo do que cuidava, no qual não penso que lhe muito damno possamos fazer.»

Diogo Lopes dizem que respondeu e disse:

— «Senhor, eu vos aconselhei n'isto o mais sãmente que eu pude, e ainda agora assim vol-o aconselho; e maravilho-me de vos anojardes por a não cobrar em tão breves dias, ca vós bem vêdes que os tendes cerrados como ovelhas em curral; dês-ahi, sois seguro que a el-rei D. Fernando venha descercar nem vos dar batalha, ca não é para ello, nem tem gentes com que o fazer possa, e, que as tivesse, não é para tanto, pois vós assás de mantimentos haveis que vos não hão de minguar, e elles, pelo contrario, que se gastam cada dia, por força é que lhes pes que vos venham beijar a mão e vos dêem a cidade antes que morrer de fome; assim que d'uma guisa ou d'outra é por força de a cobrardes d'aqui a pouco tempo. E, cobrada Lisboa, tendes cobrado todo o reino, e porém sobre este logar deveis principalmente trabalhar, d'outra guisa dir-vos-hiam que lhe viestes pôr medo e que vos tornastes cedo para casa; e porém inverno e verão deveis continuar sobre ello, ca assim o fizeram os famosos guerreiros sobre os cercos dos logares que tomar queriam, que a perseverança lh'os deu nas mãos, ca d'outra guisa nunca os cobraram.»

El-rei D. Henrique, ouvindo estas e outras razões que Diogo Lopes disse, pareceu-lhe o conse-

CAPITULO LXXVII

Como o conde D. Affonso foi sobre Cascaes, e com foi preso Garcia Rodriguez em uma escaramuça

Sendo assim costume de escaramuçar os da cidade com os de fóra, tambem á porta do Ferro, como áquella porta do mar que dissemos, sahiram um dia de dentro da cêrca alguns portuguezes, por escaramuçar com os inimigos, e em se entremettendo de os accometter cresceu-lhes tal força e ardimento que deram com elles pela rua Nova bem até metade da rua.

El-rei D. Henrique olhava do miradouro de S. Francisco, onde pousava, tudo o que se fazia muito a seu salvo, e, louvando presente os seus a ardideza d'aquelles portuguezes que d'aquella guisa faziam, recresceram tantos dos seus em ajuda d'aquella escaramuça que por força fizeram recolher os da cidade dentro, não sem grão perigo dos que escaparam; e foi ali preso Garcia Rodriguez, meirinho-mór d'el-rei D. Fernando, sem mais prisão

CAPITULO LXXXI

homem era Diogo Lopes Pacheco, e por que o se foi para Castella.

Não sandiamente, mas bem com razão, póde demandar qualquer avisado que por este livro lêr: pois que Diogo Lopes Pacheco portuguez e tão grão privado d'el-rei D. Fer-lo, como algumas historias contam, que o de-eu ir para Castella e fazer vir el-rei D. Henri- contra o reino de que natural era, e por cuja a tanto mal e damno houve recebido? E não ente a discreta cuidação póde isto imaginar, ainda póde inquirir que homem era, e de que gem, e que honra e estado tinha, pois seu con-, em tamanhos feitos, assim era crido e tanto va.

tocando muito breve estas cousas, seu linha- vem de D. Fernando Jeremias, que foi ca- com D. Mór Soares, filha de Soeiro Viegas, o fez o mosteiro de Ferreira; e de D. Ruy Pe-

lhanos que, se os portuguezes não começaram meiro de pôr o fogo da sua parte, elles nun pozeram da sua.

E tomaram, para levar por memoria á ida, q do se foram, umas mui formosas portas da a dega d'essa cidade, e assim quizeram levar os vallos d'arame por que cae a agua na fonte Cavallos, e foram primeiramente guardados a que se percebessem de os tomar.

Ora pois elle vivia com el-rei de Castella e era
ı privado, e lhe el-rei D. Fernando quebrantava
pazes que promettidas tinha, como já comprida-
ente ouvistes, de o elle aconselhar que entrasse
reino, pois tempo azado tinha e com sua vanta-
m: se n'isto faria bem, ou por contrario, julgue-o
ssa discreção como vos aprouver.

CAPITULO LXXXII

Como foram feitas pazes entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que condições.

D. Guido, cardeal de Bolonha, bispo do Porto e delegado da Sé Apostolica, o qual o papa mandara em Hespanha para pôr paz entre estes reis ambos, segundo antes havemos contado, partira de Ciudad Rodrigo para vir falar a el-rei D. Henrique, e, porquanto elle já estava sobre Lisboa, não poude o bispo entrar por aquella comarca que primeiro não achasse el-rei de Portugal; e chegou a Santarem uma terça feira, dia de Entrudo, primeiro dia de março, não havendo mais de nove dias que el-rei D. Henrique por ali passara, e falou com el-rei D. Fernando, dizendo «como o padre santo, tendo grão sentido da guerra e discordia que o inimigo da humanal linhagem a miude se trabalhava de pôr entre os reis filhos da Egreja, mórmente entre aquelles cêrca dos quaes as barbaras nações dos infieis, por azo de tal odio e mal-

querenças, podessem haver entrado a destruir a religião christã, que porém, vigiando sobre isto com grão cuidado lhe convinha trabalhar de pôr paz entre aquelles em que o maligno espirito semeara tal departimento; e, pois elle e el-rei D. Henrique eram na Hespanha dois fieis defensores da fé, que não quizessem tão a miude arder em guerra, por seguimento de não justas vontades, mas ordenassem entre si bemquerença e paz, por amor d'Aquelle que a tão aficadamente encommendara antes que d'este mundo partisse; dês-ahi, por seus reinos e gentes não serem gastados por espargimento de sangue.»

E, ditas estas e outras admoestações que sagesmente ante elle propoz, respondeu el-rei que haveria seu conselho; e havido sobre isto accordo, porquanto tinha perdida esperança das gentes que haviam de vir d'Inglaterra, porque fôra Vasco Domingues, segundo ouvistes, as quaes havia bem cinco mezes que eram prestes e por mingua de tempo não vinham, dês-ahi seu reino não bem encaminhado para haver de proseguir a guerra, outhorgou por sua parte consentir na paz, como elle visse que era razão, sem desfallecimento de sua honra.

O cardeal, ouvindo isto, foi muito ledo de sua resposta, e partiu em outro dia para Lisboa, e falou a el-rei D. Henrique similhantes razões das que dissera a el-rei D. Fernando, e achou n'elle vontade de haver paz, sendo accordados em certas condições que lhe pelo miudo fez declarar.

Tornou-se então o cardeal a Santarem e falou a el-rei D. Fernando a resposta que em el-rei D. Henrique achara. Então ordenou el-rei por seus pro-

curadores D. Affonso, bispo da Guarda, Ayres Gomes da Silva, cavalleiro, os quaes partiram para Lisboa com o cardeal. E de tal guisa andou tratando entre os reis ambos que prouve ao mui alto Deus, amador e auctor de paz, que aos dezenove dias de março, no castello de Santarem, presente el-rei D. Fernando, com accordo dos de seu conselho, foram tratadas pazes e avenças entre elle e el-rei de Castella, n'esta seguinte maneira:

«Primeiramente, que entre elles e seus filhos e descendentes fosse sempre boa e verdadeira paz, sem nenhuma malicia n'ella tocada, e por essa mesma guisa o fosse com el-rei de França e seus successores. E que el-rei D. Fernando e todos seus herdeiros fossem sempre em uma alliança, com os reis de França e de Castella, contra el-rei d'Inglaterra e contra o duque de Lencastre e suas gentes. E que el-rei D. Fernando fosse teudo de o ajudar, por tres annos, com duas galés armadas, porém á custa d'el-rei de Castella, e isto quantas vezes elle armasse seis galés, ou mais, contra os inglezes; e passados os ditos tres annos, que se haviam de começar no mez de maio seguinte, que d'ahi em deante el-rei D. Fernando não fosse mais teudo de lh'as fazer prestes.»

E quem escreve que esta ajuda havia de ser cinco galés, á custa d'el-rei D. Fernando, erra muito em seu arrazoar, ca não foi posta tal cousa em seus tratos.

«E, acontecendo que gentes d'inglezes viessem aos portos do reino de Portugal, que el-rei D. Fernando, nem os seus, lhes não ministrassem viandas, nem armas, nem lhes dessem favor nem conselho, mas que os lançassem de seus reinos e ter-

, como seus capitaes inimigos, e quando o com
1 poderio fazer não podessem, que então fosse
querido el-rei de Castella a vir por pessoa, ou
ndar seu poder, para os deitar fóra.

«Outrosim, que, do dia d'esta paz firmada até
nta dias seguintes, el-rei D. Fernando lançasse
a de seu reino, das pessoas que se para elle
ram de Castella, estas aqui nomeadas, a saber:
Fernando de Castro, Soeiro Annes de Parada,
rnando Affonso de Samora; os filhos d'Alvaro
drigues d'Aça, a saber, Fernão Rodrigues e
varo Rodrigues e Lopo Rodrigues; Fernão Gutter-
Tello, Diogo Affonso do Carvalhal, Diogo San-
es de Torres, Pedro Affonso Giron, João Affon-
de Beça, Gonçalo Martins, e Alvaro Mendes de
ceres, Garcia Peres do Campo, Garcia Mal Feito;
egorio e Fillipote, inglezes; Pay de Meira, deão
Cordova, Martim Garcia d'Algecira, Martim Lo-
de Cidade, Nuno Garcia seu irmão, Gomes de
os, João do Campo, Bernardo Annes seu irmão,
o Fernandes d'Andeiro, João Focim, Fernão
es, e Affonso Gomes Churrichãos.»

Estas vinte e oito pessoas, e mais não, nomeou
ei de Castella que fossem lançadas fóra de Por-
al, segurando-as por mar e por terra até se-
1 postas em salvo. E, se o d'outra guisa alguns
seus livros escrevem, não deis fé a tal escri-
ra.

Foi mais outhorgado que el-rei D. Fernando
doasse ao infante D. Diniz, seu irmão, e a Dio-
Lopes Pacheco e a quaesquer outros, que em
a e favor d'el-rei D. Henrique er[illegible]
e pena e sentenças por qualq[illegible]
s passadas, e lhes tornasse s[illegible]

ças; e isso mesmo perdoasse a todas as v
logares que o por senhor receberam.

«Trataram mais estas avenças que D. Be
irmã d'el-rei D. Fernando, filha d'el-rei D. Pe
de D. Ignez de Castro, casasse com D. S
d'Albuquerque, irmão d'el-rei D. Henrique.
d'el-rei D. Affonso seu pae, e de D. Leonor
de Gusman, sua mãe.»

E quem mais casamentos n'estes tratos as
erra em seu historiar. Outros capitulos, que
crever não curamos, foram devisados entre os
os quaes foram por elles jurados e firmados, e
todos os senhores e fidalgos e prelados, e por
te cidades e villas, quaes os reis quizeram nom

«E que qualquer d'elles por quem estas p
fossem quebrantadas pagasse trinta mil ma
d'ouro, e, mais, que elle e todos seus cavalle
cahissem em taes penas, assim ecclesiasticas
seculares, que maiores não podiam ser postas
escriptura á vista de lettrados. E pozeram e
sentiram que qualquer que fosse requerido
jurar e fazer as menagens que sobre isto fo
devisadas, e o fazer não quizesse, que perdes
mercê do rei cujo vassallo fosse, e que o deit
do reino como seu inimigo capital.»

E porque el-rei D. Henrique, não embargand
juras e menagens que el-rei D. Fernando e os s
por estas pazes faziam, ainda duvidava que
não guardaria compridamente como entre elles e
firmadas, e isto pelo que lhe aviera, com elle
outras pazes d'Alcoutim, pediu em refens ce
pessoas e logares, por tres annos, a saber: V
e Miranda e Pinhel e Almeida e Celorico e Li
res e Segura; e as pessoas foram João Affo

Tello, irmão da rainha, e D. João, conde de Vianna, filho de D. João Affonso, conde d'Ourem, Nuno Freire, Rodrigo Alvares, filho do prior do Crato, o almirante *mice* Lançarote; mas este dizem que pediu por mercê a el-rei D. Henrique que o pedisse em refens com os outros, pelo grão queixume que el-rei D. Fernando d'elle havia, da mingua que mostrara na peleja das galés de Castella, segundo antes dissemos.

Estas e outras pessoas requereu el-rei de Castella que lhe dessem, e mais seis filhos de cidadãos de Lisboa, quaes elle demandou e escolheu, e quatro do Porto, e de Santarem outros quatro, os quaes levou comsigo; como quer que D. João Affonso Tello ficou em Portugal por seu prazimento, e foi fóra do conto dos refens. E foram postas em fieldade, em mão do delegado, as ditas villas, e as pessoas entregues a el-rei, com certas condições que dizer não curamos, antes que partisse do cêrco de Lisboa, no qual jouve trinta dias cumpridos, e mais não, contados do dia que chegou até que as pazes foram apregoadas em Santarem, quinta-feira vinte e quatro dias de março.

CAPITULO LXXXIII

Como os reis falaram ambos no rio Tejo e ram outra vez suas avenças.

FIRMADAS as pazes, como haveis ouvido. f denado que os reis se vissem no rio do em bateis, por falarem algumas cousas marem outra vez suas avenças, segundo já por eram outhorgadas. Então partiu el-rei D. Her de Lisboa, com toda sua hoste, caminho de S rem, porém que muitos seus se foram nas em que levaram muitas alfaias do roubo da c e as portas da alfandega que dissemos; e q el-rei D. Henrique chegou a Santarem pouso uns paços que chamam Vallada, em um esp campo junto com o rio, meia legua do logar.

E o cardeal fez fazer prestes tres barcas peq duas em que fossem os reis com certos que co haviam de levar, sem nenhumas armas, e outr que elle fosse, que havia de ser fiel entre elles notarios, para darem fé de tudo o que se ali pas

antes que el-rei de Castella viesse para entrar
rca em que havia d'ir, teve conselho se falaria
iro a el-rei D. Fernando, como se vissem nos
, ou se attenderia que lhe falasse el-rei D.
ndo primeiro, e os do conselho disseram que
desse que lhe falasse el-rei D. Fernando pri-
, porque elle era mais honrado rei que elle,
er elle rei de Castella e o outro de Portugal;
ais, por estar em sua terra com seu poderio e
, e que porém não lhe falasse primeiro. El-Rei
Henrique era muito mesurado e de boa condi-
e perguntou aos de seu conselho se por elle
primeiro a el-rei de Portugal por ahi perdia
honra, se a tinha; e elles disseram que a não
ia, mas que o não devia fazer, pelo que dito
El-rei respondeu a isto e disse:
«Pois que eu de minha honra não perco nada,
faço força de lhe falar primeiro, por usar de
ra.»
ntão partiu el-rei dos paços de Vallada, com
as gentes d'armas comsigo, em guisa que gran
do campo era cheio, assim por defensão e
da d'el-rei, como por verem como os reis fala-
Isso mesmo partiu el-rei D. Fernando dos pa-
de Santarem, que são no castello, acompanha-
e muita gente d'armas, e veiu-se á Ribeira, on-
hamam Alfange; e entre aquelles que haviam
com elle no barco havia de ser um o infante D.
, seu irmão, e o mestre de S. Thiago e D. João
so, conde d'Ourem, e Ayres Gomes da Silva
cos mais.
o cardeal, que tinha cargo de buscar aquelles
haviam d'ir com os reis que não levassem ar-
achou que o infante D. João levava uma ada-

ga, e disse-lhe que a não levasse, que bem sabia que tal era a ordenança entre os reis, e o infante deixou-a então e não a levou; e buscou o cardeal os que iam com el-rei de Castella e não lhes achou arma nenhuma.

Então moveram os bateis com os reis em direito do cubello que está na agua em Alfange, e como foram juntos disse el-rei D. Henrique a el-rei D. Fernando:

— «Mantenha-vos Deus, Senhor. Muito me praz de vos vêr, porque esta foi uma das cousas que eu muito desejei, de vos vêr como ora vejo.»

E el-rei D. Fernando respondeu a el-rei de Castella por similhantes razões e bem mesuradas. E o batel do cardeal estava em meio, entre os bateis dos reis, prazendo-lhe muito da boa avença que via entre elles. E jurados ali os tratos pelos reis, os quaes já tendes ouvido, e, faladas todas as cousas que lhes cumpriam, despediram se um do outro. E remaram os bateis cada um para onde partira.

E quando el-rei D. Fernando chegou a terra, entre os seus, disse com gesto ledo contra elles: «Quanto eu *henricado* venho!» E isto dizia elle porque a todos os que tinham com el-rei D. Henrique chamavam *henricados*, e elle achara tantas boas razões e mesuras n'elle que queria dar a entender que tinha da sua parte.

E foram estas vistas e falas que os reis fizeram áquella hora sete dias do mez de abril da era em cima nomeada de quatrocentos e onze.

CAPITULO LXXXIV

Como casou o conde D. Sancho com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu para seu reino.

Isto assim feito e os reis d'accordo mutuo, ordenaram de fazer bodas á infanta D. Beatriz, irmã d'el-rei Fernando, com D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, segundo nos tratos era posto; e aos dois dias seguintes lhe foram feitas grandes festas e justas e ella entregue a seu marido, nas quaes justou o dito conde D. Sancho com Martim Affonso de Mello, e encontrou-o Martim Affonso de guisa que deu com elle e com o cavallo em terra. Outros encontros assás se deram de grandes, n'ellas, por bons cavalleiros, de que porém, mercês a Deus, nenhum recebeu cajom.

Ali se tratou então outro casamento, a saber: D. Isabel, filha bastarda d'el-rei D. Fernando, que houvera antes que casasse, com o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, sendo ella então de idade de oito annos e andava em nove, e elle ha-

veria até dezoito. E foram esposados por palavras de presente, em mãos do dito delegado, e feita mui gran festa, qual convinha a taes pessoas; mas este recebimento que o conde fez com ella não foi por seu grado d'elle, mas com prema e constrangimento que lhe el-rei seu pae fez, mandando-lhe todavia que a recebesse, segundo contou algum em segredo, antes que os esposassem, e disse depois de praça, sendo alongados de Santarem.

E levou el-rei comsigo, quando partiu de Portugal para seu reino, esta D. Isabel, e foram com ella honrados cavalleiros, que el-rei mandou em sua companha. E chegou el-rei de Castella a uma sua cidade que chamam S. Domingos da Calzada, e, havendo já uns tres mezes que estava ali, teve seu conselho com D. Gomez Manrique, arcebispo de Toledo, e com D. Affonso, bispo de Salamanca, e com Pero Fernandez de Vallasco e Fernão Sanchez de Thoar, e com outros prelados e cavalleiros que nomear não curamos, e disse presente todos.

«Que bem sabiam como aos vinte e dois dias do mez de março passado fôra firmada paz e bom amorio entre elle e el-rei de Portugal, e que entre as cousas juradas dos tratos da aliança fôra devisado um capitulo em que el-rei D. Fernando fosse teudo de lançar fóra de seu senhorio, depois da paz firmada até trinta dias, a D. Fernando de Castro e outros castelhanos e pessoas nomeadas; no qual termo o dito D. Fernando nem os outros não sahiram do reino de Portugal, antes estiveram no castello d'Ourem outros muitos dias; e ainda depois d'outro termo de vinte dias, que lhes foram dados pelo bispo de Coimbra, da nossa parte, não se quizeram partir.

«E porquanto nos ditos tratos se contem que, não lançando el-rei D. Fernando os sobreditos fóra, antes dos trinta dias, seu reino seja interdicto e excommungado e cahia em pena de trinta mil marcos d'ouro, è que perca os refens das pessoas e a cidade de Vizeu, com outros sete castellos dados em refens; e, mais, que desse o filho de Gomes Lourenço do Avellar antes dos vinte dias, senão que cahisse em todas as penas sobreditas;

«E porquanto eu sei que el-rei D. Fernando fez todo seu poder por os lançar fóra no dito termo, e não pôde, porquanto se elles alçaram no castello d'Ourem contra sua vontade, e alçaram-se quanto poderam por se defender ali, e o filho de Gomes Lourenço lhe foi escondido;

«Porém, temos e crêmos, e é assim, que elle não cahiu nas ditas penas nem em alguma d'ellas, e posto que n'ellas cahisse, disse el-rei, que elle de sua vontade, por si e por todos seus successores, lh'as quitava todas, por juramento que sobre ello fez, remunerando todo o direito de que se ajudar podesse, rogando-lhe, por suas cartas ao cardeal, que absolvesse elle e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto, se n'ello haviam cahido, ficando em sua firmeza todas as cousas conteudas nos tratos.»

E o cardeal assim o fez; e porque Gomes Lourenço do Avellar não quiz dar seu filho para estar em refens, segundo el-rei D. Fernando promettera a el-rei de Castella fóra dos tratos, nem quiz jurar a paz como os outros, foi lançado fóra do reino e havido por inimigo dos reis ambos, como no trato arrazoava.

E deu el-rei de Castella licença, antes q
sassem os trinta dias, que ficassem em serv
rei D. Fernando, Soeiro Annes de Parada e
çalo Martins e Alvaro Mendes de Caceres e
Garcia de Cidade e Martim Garcia d'Alg
Gregorio Lombardo e Garcia Peres do Ca
de tudo isto houve el-rei D. Fernando escri
por sua guarda e segurança.

CAPILULO LXXXV

Como el-rei de Navarra falou com el-rei D. Henrique algumas cousas em que se accordar não poderam.

ESTANDO el-rei D. Henrique n'aquella cidade, enviou dizer a el-rei de Navarra que lhe desse as villas de Victoria e de Logroño, que eram suas, senão que lhe faria guerra; e el-rei de Navarra disse que punha este feito na mão do cardeal de Bolonha, que era então em Castella. E posto em seu juizo, ordenaram que as villas se tornassem a el-rei D. Henrique, e que o infante D. Carlos, filho primogenito d'el-rei de Navarra, casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, que houvera de ser mulher d'el-rei D. Fernando, segundo nas pazes d'Alcoutim fôra divisado entre os reis.

E viu-se el-rei de Castella com el-rei de Navarra em uma villa que chamam Briones, e ficaram muito amigos, e contou-lhe el-rei de Navarra que el-rei de Inglaterra e o principe de Galles queriam ser seus amigos, com tanto que se partisse da liga de França,

e, mais, que desse ao principe alguma s
dinheiros em parte de pago da divida qu
el-rei D. Pedro, seu irmão, das gajas e
quando elle andára na guerra, com outros
que pagára á sua custa; e que por est
partira el-rei e o principe das outras dem
Castella, e isso mesmo o duque de Lenc
era casado com D. Constança, filha d'el-re
dro.

El-rei D. Henrique disse a el-rei de Nav
lhe agradecia sua boa vontade, mas que p
ma guisa não se partiria da liga de Fran
que, fazendo-se paz entre el-rei de França
d'Inglaterra, elle contentaria o principe e
por somma d'alguma quantia, de guisa que
sem a demanda que queriam fazer por p
rei D. Pedro.

E el-rei de Navarra disse que a paz de F
d'Inglaterra era ainda por tratar e que hav
muitas duvidas e debates, que não sabia se
vir a fim.

Então se partiu el-rei D. Henrique para
zia, e el-rei de Navarra para seu reino, se
accordo que sobre isto houvessem, antes se
lhou el-rei D. Henrique d'armar logo quinz
em ajuda d'el-rei de França contra el-rei d'I
ra; e n'este anno lh'as enviou, e Fernão San
Thoar, seu almirante, com ellas, e mais
que em ajuda havia d'haver de Portugal, s
nos tratos era posto.

CAPITULO LXXXVI

el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que ı d'enviar fóra do seu reino, e como se par- ı de Portugal.

ERTIDO el-rei D. Henrique da villa de Santa- em, como dissemos, ficou el-rei D. Fernando brigado de mandar a certos dias, fóra do no, todos os fidalgos que el-rei de Castella a nos tratos; e, estando n'aquelle logar, ı chamar o conde D. Fernando de Castro e dos outros que haviam d'ir com elle, e disse as pazes que entre elle e el-rei D. Henrique firmadas era posto que elle e certos fidalgos lancados fóra do reino.

E ainda, disse el-rei, que vós tivesseis ten- vos defender no castello d'Ourem, a que los acolhestes como defensão, isto foi cousa o como bom accordo e que vos manter não Dês-ahi, fazieis a mim meu reino cahir em penas, assim d'excommunhão como de quantia d'ouro, por vossa partida ser tão

tarde feita, posto que por meu grado n
em guisa que até eu houve d'escrever
D. Henrique sobre ello, e, sendo elle certo
meu consentimento não era, teve n'ello aque
que em tal caso com razão devia ter.

«E ainda mais vos digo que eu não fui b
sado em tal feito, nem isso mesmo os
conselho, em commetter tal guerra qual fe
çar; porque se eu á primeira bem cuidar
se o duque de Lencastre chamava rei de
e sua mulher rainha, dissera a vós outros
foreis todos para elle, e que elle viesse de
o reino, se lhe por direito pertencia; e n'isto
melhor sizo que gastar meus reinos e gente
gastei, e comprar omezio de que me não ve
veito, mas mui grande perda.»

A estas e outras razões que lhes el-re
respondeu o conde e alguns dos outros o q
um por sua honra entendia. Em fim das
vendo todos como se mais não podia fazer.
garam de se partir, e el-rei disse que os m
honradamente, como cumpria a suas honras.
faria muitas mercês; e assim o fez, ca mand
armar duas galés e certas naus, as quaes
em Lisboa se foram todos metter n'ellas; e
dos outros que nomeados não eram partiram
em sua companha, sentindo-o por mais se
veito que ficar no reino, aos quaes chamava
jurados, porque tinham da parte d'el-rei D.

Partidas as naus e galés com estas gente
garam a Gibraltar, que estava então cerca
rei Mafomede, de Granada, que fôra vassa
rei D. Pedro; e a villa era d'el-rei de Bella
e jaziam quatorze galés suas. E seis galés

ıada estavam encalhadas em secco, com
s de Bellamarim, e houveram conhecimento
que eram de Portugual por algumas pina-
iam adeante e juntaram-se todos e foram
ı galés de Bellamarim, e fizeram-n'as tanto
em terra que as defendiam os mouros de
muro.
ıi, sahiram e pousaram no arraial com el-
ʒranada, de quem receberam muita honra
ado, e estiveram ahi uns quinze dias. De-
tiram e desembarcaram em Valencia, ci-
ıragão; e tornaram-se as naus e galés para
, e trouxeram comsigo D. Martinho Caste-
ıe era bispo do Algarve.

CAPITULO LXXXVII

Das ordenações que el-rei D. Fernando fe[z] gimento e bem de seu reino, e que armas tivessem então.

Não seguiu el-rei D. Fernando, de[pois] teve esta paz firmada por sempre. do propheta Isaias n'aquelle log[ar] disse que fariam das espadas fachos e das podadeiras, e que não alçaria gente contr[a] espada, nem usariam de lidar; mas com[o] novamente espera d'haver guerra grande como foram despachadas estas cousas que ouvidas, estando elle na cidade d'Evora, [e] por todo seu reino fazer novas apurações d[e] os moradores n'elle, e mudar as armas que tinham por outra nova maneira que se entã[o] çou de costumar.

Primeiramente, elle mandou que nenhum [s] que o houvesse de servir com certas lanç[as] filhasse por seu nenhum acontiado dos viz[i]nhos moradores do logar, porque tomando taes h[o]

por seus, ficavam poucas gentes do concelho para servir, e elles eram teudos de servir com outros que não fossem acontiados.

Item. Mandou pôr em escripto quantos mancebos azados e de bons corpos houvesse em cada villa e logar, posto que vivessem por soldada com outrem, para taes como estes pelejarem pé terra, armados com as armas dos acontiados pousados.

E se alguns acontiados em armas e cavallos eram pertencentes para pelejar, mas não se podiam bem armar e encavalgar sem grão damno de sua fazenda, a estes taes mandava el-rei dar ajuda, estimando quanto havia mister para perfazimento de se bem armar e encavalgar, com o que elle tinha; e esta contia mandava el-rei lançar por todos os moradores das villas e logares onde taes acontiados eram achados, na qual pagavam viuvas e orphãos e frades de terceira ordem e mancebos de soldada e jornaleiros e mancebas do mundo e mouros e judeus e besteiros e quaesquer outras pessoas priviligeadas, cada um segundo merecia de pagar, salvo clerigos e homens e mulheres fidalgos e genovezes e outros estantes estrangeiros. E por esta guisa, por muito pouco que estes pagavam, eram os outros bem armados e encavalgados sem damnamento de suas fazendas.

E aos que eram fidalgos, e não tinham por onde haver boas armas e cavallos, a estes fazia el-rei mercê por onde as pudessem haver, e isso mesmo aquelles que sem sua culpa desfalleceram das contias que haviam. E dizia, pois que todos os que haviam bens em sua terra era razão de ajudar e defender, que os tutores dos orphãos tivessem por

elles armas, segundo os bens de cada um. cavallos; e os filhos a quem ficavam bens mães, e estavam em poder dos paes, não trangiam para nenhuma cousa.

E ordenou que, como elle mandasse a suas gentes para algum mister, se lhe av nhum não se partisse d'aquelle com quem se ir para outrem, mas vivesse com elle e o n'aquella guerra, ca desaguisado seria m dar-lhe do seu no tempo da paz e desa depois no tempo do mister; assim que s villão o que tal cousa fizesse fosse açoitado vivesse com seu amo, e o fidalgo tornas lhe dera aquelle com quem vivia, e então para quem quizesse, e não se podesse p que o entregasse.

As armas mandou el-rei mudar a esta g cambais mandou que fizessem jaque, e cota, e da capelina barbuda com camalh que eram bem armados haviam de ter barb seu camalho, e estofa e cota e jaque e c canelleiras francezas e luvas e estoque e g homens de pé, de vinte annos acima, ha ter funda e lança e dois dardos, por ser e do paço, pois trazia azcuma ou lança. trazer dardos. Outros homens de pé havia deiros, que havia cada um de ter duas fun tes, que chamavam de manguella, e outr fundas de mão.

Das cavalgadas e do seu quinto manda que tomasse o dizimo e mais um dia de s todos os que em algum mister fossem, p dos cavallos dos acontiados que emmanqu ou morressem.

as ordenações outras ordenou el-rei n'este
ɔor defensão e apercebimento de seu reino,
ɜe logo houvesse de entrar em guerra, de
ɔ fazemos aqui menção, por não fazer longa
ıra de similhantes cousas.

CAPITULO LXXXVIII

Como el-rei D. Fernando mandou cercar a de Lisboa.

ORDENANDO el-rei estas cousas que ha vido, partiu d'Evora e veiu-se a L começou de cuidar no mal e damn povo da cidade havia recebido por duas ve castelhanos, e como especialmente houvera perda os moradores de fóra da cêrca, em gr formosas casas e muitas alfaias e outras r que levar não poderam comsigo, quando e Castella veiu sobre ella; e isto porque mui mais ricas gentes moravam todas fóra, em u de e espaçoso arrebalde que havia ao redo dade, desde a porta de Ferro até á porta d Catharina e desde a torre d'Alfama até á p Cruz.

E vendo el-rei como esta só cidade era a e mais poderosa de sua terra, e que n'ella palmente estava a perda e defensão de se

dês-ahi como fôra damnificada dos inimigos por fogo e outros males que havia recebido, de que elle tinha grande sentido, determinou em sua vontade de a cercar toda, ao redor, de boa e defensavel cêrca, de guisa que nenhum rei lhe podesse empecer, salvo com grande multidão de gente e fortes artificios de guerra.

E, falando esta cousa com algnns de seu conselho, bem se mostrava que prazia a poucos, achando tantas contradicções a se não poder fazer, por a obra ser grande, dês-ahi as gentes muito minguadas da guerra passada, que mais parecia cousa não para falar que áquelle tempo em tal feito pôr mão; e porém se gerava na vontade de todos, posto que grão desejo d'isto houvessem, uma tal contradicção que nenhum pensava ser cousa para acabar, posto que começada fosse, e quasi impossivel de ser.

Mas porque não ha cousa, por grande e alta que seja, que a vontade do poderoso homem não traga a execução se n'ello puzer boa femença, pareceu a el-rei D. Fernando que isto, com a ajuda de Deus e seu bom encaminhamento, era cousa para mui cedo vir a fim; e aos da cidade bem lhes prazia de a cercarem, pelo damno que recebido haviam, não lhes pesando, mas maravilhavam-se, porque todas as novas cousas parecem mui asperas e duras de fazer antes do seu primeiro começo.

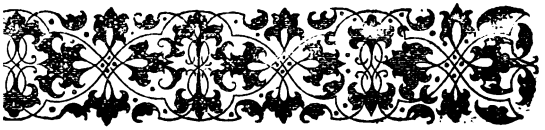
Então el-rei, sendo presente, deixando todas as contrarias razões que cada um dizer podia, ordenou por onde houvesse de ser cercada, devisando o modo como fosse feita e a maneira que se em tudo houvesse de ter, e mandou que servissem n'ella por corpos ou por dinheiro, para ser depressa cercada, estes seguintes logares, a saber: da parte do mar,

Almada, Cezimbra, Palmella, e Setubal, C
Benevente e Samora Corrêa e todo o Riba-
da parte da terra, Cintra, Cascaes e Torres
e Alemquer e a Arruda e a Athouguia e a
nhã, Tilheiros e Mafra, Povos e Carnagoa e
Gallega, assim os moradores dos logares co
termos; e uns serviam por adua e outros
certas fornadas de cal a qual traziam á sua
cidade, em barcas. E deu el-rei, para ajuda
despezas, todos os residios da cidade e seu

E foi logo accordado que começassem de
primeiramente, da porta de Martim Moniz
para a porta de Santo André, dês-ahi por
Agostinho e por S. Vicente de Fóra e assi
Ribeira até a torre de S. Pedro; e a razão
houveram accordo de cercar primeiro d'aque
te foi porque disseram que a gente d'aque
marca era mais pobre que a que morava da
da rua Nova, e que emquanto ahi havia avon
cousas que para ello cumpriam e as gentes no
ço serviam com prazer e de boamente que e
cercassem aquella parte, porque depois que
cercada, se as gentes se enfadassem, os que
vam da parte da rua Nova, que eram gentes
mais ricas, trabalhariam muito por se cerca
e não lhes vir, por mingua de cerca, sim
perda da que já houveram.

E começaram de lavrar o muro d'ella post
dia de setembro da era em cima escripta de
trocentos e onze annos, e deu el-rei cargo
mandar fazer a Gomes Martins, corregedor n
cidade.

Cêrca do logar onde lavravam, havia prac
pão e de vinho e d'outros mantimentos, e ali fa



CAPILULO LXXXV

l-rei de Navarra falou com el-rei D. Henri- lgumas cousas em que se accordar não po- i.

NDO el-rei D. Henrique n'aquella cidade, viou dizer a el-rei de Navarra que lhe desse villas de Victoria e de Logroño, que eram não que lhe faria guerra; e el-rei de Navarra ıe punha este feito na mão do cardeal de , que era então em Castella. E posto em o, ordenaram que as villas se tornassem a Henrique, e que o infante D. Carlos, filho nito d'el-rei de Navarra, casasse com a in- . Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, que de ser mulher d'el-rei D. Fernando, segun- ɔazes d'Alcoutim fôra divisado entre os reis. -se el-rei de Castella com el-rei de Navarra villa que chamam Briones, e ficaram muito e contou-lhe el-rei de Navarra que el-rei de a e o principe de Galles queriam ser seus com tanto que se partisse da liga de França,

CAPITULO LXXXIX

Como el-rei D. Fernando ordenou que as ter
seu reino fossem todas lavradas e aproveita

AINDA que el-rei visse n'esta sazão que e
tinha muitos azos de ser minguado d
timentos e d'outras cousas necessaria
que dito havemos, pero tão extranho lhe p
essa mingua em respeito da abundancia que
sabia de haver que com aficado desejo come
cuidar como e por que maneira tal mingua de
timentos podia ser recobrada, e mais não po
tal desfallecimento; e posto que lhe tal cous
cesse muito convenhavel, e de todo em todo de
nar-se de a pôr em obra, pero por que mane
poderia vir a bom fim, entendeu que lhe cu
tomar conselho. E porque era cousa que per
a todo o reino, fez chamar condes e prelados e
tres e outros fidalgos e cidadãos de sua terra.
um dia ajuntamento de todos, para ouvir po
eram chamados, propoz um por sua parte, diz

«Que entre todas as obras da policia e regimento do mundo não fôra achada nenhuma arte melhor, nem mais proveitosa, para mantimento e vida dos homens que era a agricultura; e não sómente, disse elle, para os homens, e alimarias que o Senhor Deus creou para serviço d'elles, mas ainda para ganhar algo a boa fama sem peccado esta é a mais segura.

«Ora assim é que El-Rei Nosso Senhor, que aqui está, considerando como por todas as partes de seu reino ha grão fallecimento de trigo e cevada e outros mantimentos, de que, entre todas as terras do mundo, elle sabia de ser mais abastado, e esse pouco mantimento que ahi ha é posto em tanta carestia que aquelles que hão de manter fazenda e estado não podem chegar a haver essas cousas sem grão desbarato d'aquillo que hão;

«E vendo e esguardando que, entre as razões por que este falamento vem, a mais especial é por mingua das lavras, que os homens deixam e desamparam, lançando-se a outros misteres que não são tão proveitosos ao bem commum, por cujo azo as terras que são convenhaveis para dar fructos são lançadas em ressios bravos e montes maninhos;

«Porém, elle, considerando que, sendo a isto posto remedio, a terra tornaria a seu grande abundamento, como sohia, que é uma das bemaventuranças que o reino pode haver, propoz de vos chamar todos para, vos notificar o que n'este feito entende de fazer, e com vosso bom accordo e conselho ordenar como melhor e mais proveitosamente se possa dar a execução.»

Isto assim proposto, louvaram todos seu bom desejo, e depois de muitas razões que sobre ello faladas foram, com seu conselho e accordo d'elles, ordenou el-rei que se fizesse por esta guisa:

Mandou que todos os que tivessem herdades suas proprias, e emprazadas, ou por outro qualquer titulo, que fossem constrangidos para as lavrar e semear, e se o senhor das herdades as não podesse lavrar, por serem muitas ou em desvairadas partes, que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse, e as outras fizesse lavrar por outrem ou désse a lavrador por sua parte, de guisa que todas as herdades que eram para dar pão todas fossem semeadas de trigo e cevada e milho.

E que fossem constrangidos cada uns que tivessem tantos bois quantos cumpriam para as herdades que tinham, com as cousas que á lavoura pertencem; e, se aquelles que houvessem de ter estes bois não os podessem haver senão por mui grandes preços, mandava que lh'os fizessem dar as justiças por arrazoados preços, segundo o estado da terra.

E que fosse assignado tempo aguisado, aos que houvessem de lavrar, para começarem d'aproveitar as terras, sob certas penas; e, quando os donos das herdades as não aproveitassem ou dessem a aproveitar, que as justiças as dessem, por certa cousa, a quem as lavrasse por sua ração, a qual seu dono não houvesse, mas fosse despeza em proveito commum, onde essas herdades fossem.

E que todos os que eram ou sabiam ser lavradores, e isso mesmo os filhos e netos dos lavradores, e quaesquer outros que em villas e cidades ou fóra d'ellas morassem, usando de officio que não fosse tão proveitoso ao bem commum como era o officio da lavra, que taes como estes fossem constrangidos para lavrar, salvo se houvessem de seu valor de quinhentas libras, que seriam umas cem dobras; e, se não tivessem herdades suas, que lhes fizessem dar

das outras, para as aproveitarem, ou que vivessem por soldadas com os que houvessem de lavrar, por soldada arrazoada.

E porquanto para lavrar a terra são muito necessarios mancebos que sirvam assim em guarda do gado como para as outras necessidades da lavoura, os quaes haver não poderiam por se lançarem muitos a pedir, não querendo fazer serviço senão buscar azo para viver ociosos sem affan; dês-ahi, pois, que a esmola não era devida salvo áquelles que o ganhar não podem, nem por serviço de seu corpo podem merecer por que vivam; e, segundo ainda dito dos santos, mais justa cousa é castigar o pedinte sem necessidade que lhe dar esmola, que é devida a envergonhados e pobres que não podem fazer serviço: porém, mandou el-rei que quaesquer homens ou mulheres que andassem alrrotando e pedindo, e não usassem de mister, que taes como estes fossem vistos e catados pelas justiças de cada um logar; e se achassem que eram de taes corpos e edades que podiam servir em algum mister ou obra de serviço, posto que em algumas partes do corpo fossem minguados, pero com toda essa mingua poderiam fazer sIgum serviço, que fossem constrangidos para servir n'aquellas obras que o podessem fazer, por suas soldadas e mantimentos, segundo lhes fossem taxados assim no mister da lavra como em outra qualquer cousa.

Outrosim mandava que quaesquer que achassem andar vadios, chamando-se escudeiros e moços d'el-rei ou da rainha e dos infantes e de quaesquer outros senhores, e não fossem notoriamente conhecidos por seus ou mostrarem certidão como andavam por serviço d'aquelles cujo se chamavam, que fos-

sem logo presos e recadados pelas justiças dos lugares onde andassem, e constrangidos para servir na lavoura ou em outra cousa.

Ainda mais mandava que quaesquer que andassem em habito d'ermitães pedindo pela terra, sem trabalhar por suas mãos em cousa por que vivessem, que lhes mandassem e fossem constrangidos que usassem do mister da lavoura ou servissem os lavradores; e se o estes fazer não quizessem, ou os pedintes a que mandado fosse, e isso mesmo os que se chamassem d'el-rei ou da rainha e o não fossem, que os açoitassem pela primeira vez e constrangessem-n'os todavia que lavrassem ou servissem, e se o d'ahi em deante fazer não quizessem que os açoitassem outra vez publicamente com pregão e deitassem fóra do reino, dizendo el-rei que não queria que nenhum em seu senhorio fosse achado que vivesse sem mister ou serviço.

Aos fracos e velhos e doentes, que nenhuma cousa podiam fazer, mandava que déssem alvarás por que podessem seguramente pedir, e qualquer que alvará não trazia havia a pena sobredita.

Assim que quantos na terra havia, e os que viessem de fóra do reino, todos haviam de ser sabidos pelas vinteneiras, que homens eram e que geito tinham de viver, e dito logo ás justiças e portos todos em escripto; e qualquer pessoa, por poderosa que fosse, que se trabalhasse de defender alguns dos que assim fossem constrangidos, se fosse fidalgo que pagasse quinhentas libras e fosse degredado do logar onde vivesse e d'onde el-rei estivesse, a seis leguas, e se fidalgo não era pagasse trezentas e mais outro tal degredo, encarregando muito as justiças que logo isto dessem á execução.

logares onde se costuma de haver ganhadei-
ɔ se escusar não podem, mandava deixar por
) certo os que se escusar não podessem, e
os constrangiam para servir.
ɔ cada uma cidade e villa ou logar havia d'ha-
s homens-bons que vissem as herdades para
), e as fizessem aproveitar por grado ou cons-
ıento, taxando entre o dono d'ellas e o la-
o que razoado fosse de lhes dar; e quando
)r da herdade não quizesse convir em cousa
azoada fosse que a perdesse por sempre, e
. d'ella fosse para o commum onde jouvesse.
reação e trazimento dos gados, mandava que
ı não trouxesse gados seus nem alheios, sal-
osse lavrador ou mancebo de lavrador que
: com elles; e se os outrem quizesse trazer
: de obrigar de lavrar certa terra, d'outra
erdia o gado, para proveito commum dos
onde era filhado.
, e outras cousas, por se manter esta orde-
mandava el-rei assim guardar, que nenhum
m ousado passar seu mandado, por cujo
:rra começou de ser mui aproveitada e cres-
abundancia de mantimentos.

CAPITULO XC

Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu a comprassem ou fizessem naus.

VENDO o mui nobre rei D. Fernando com sómente d'esta santa e proveitosa o ção que assim fizera se seguia grão to a elle e a todo o povo do reino, mas ain mercadorias muitas que d'elle eram levadas zidas outras, havia grandes e mui grossas d e que o proveito que haviam dos fretes os estrangeiros era melhor para os seus naturae ahi muito maior honra da terra havendo n'el tas naves, as quaes o rei podia ter mais p quando cumprissem a seu serviço, que a provincias d'elle alongadas, ordenou, para mens haverem mór vontade de as fazer d ou comprar feitas, qual mais sentissem p proveito, que aquelles que fizessem naus d toneis a cima podessem talhar e trazer para dade, de quaesquer mattas que d'el-rei fo

quanta madeira e mastros para ellas houvessem mister, sem pagar nenhuma cousa por ella; e mais que não dessem dizima de ferro, nem de fullame, nem d'outras cousas que de fóra do reino trouxessem para ellas, e quitava todo o direito que havia d'haver aos que as compravam e vendiam feitas.

Outrosim, dava aos senhores dos ditos návios, da primeira viagem que partiam de seu reino carregados, todos os direitos das mercadorias que levavam, assim de sal como de quaesquer outras cousas, tambem de portagem como de siza como d'outras imposições, assim das mercadorias que seus donos das naus carregassem como das outras mercadorias.

Dava mais aos dònos das naus metade da dizima de todos os pannos e de quaesquer outras mercadorias que da primeira viagem trouxessem de Flandres ou d'outros logares, assim das cousas que elles carregassem como das que outros carregassem n'ellas.

Alem d'isto, mandava que não tivessem cavallos, nem servissem por mar nem por terra, com concelho nem sem elle, salvo com seu corpo, e que não pagassem em fintas, nem talhas, nem cizas que fossem lançadas, para elle nem para o concelho, nem em outra nenhuma cousa, salvo nas obras dos muros onde fossem moradores, e das herdades que ahi tivessem, e d'outras nenhumas não.

E, acontecendo que os navios assim feitos ou comprados perecessem da primeira viagem, mandava que estes privilegios durassem aos que os perdessem tres annos seguintes, fazendo ou comprando outros, e assim por quantas vezes os fizessem ou comprassem; e se dois em companhia faziam ou compravam alguma nau ambos haviam estas mesmas graças.

CAPITULO XCI

Como el-rei D. Fernando ordenou companh naus, e da maneira que mandou que se n vesse.

TRABALHANDO-SE muitos de fazerem naus tros de as comprarem, por azo de ta vilegios, e vendo el-rei como por esta sua terra era melhor manteuda e mais hom os naturaes d'ella mais ricos e abastados, p das muitas carregações que se faziam; e qu prover com algum remedio de cada vez se accrescentado o conto de taes navios, e os rados cajões do mar não deitarem em pe aquelles que suas naus de tal guisa perdesse denou com conselho de uma companhia de pela qual se remediasse todo contrario, p seus donos não cahissem em aspera pobrez blicando a todos que fosse por esta guisa:

Mandou que se escrevessem, por homens id e pertencentes, todos os navios tilhados que e reino houvesse, desde cincoenta toneis para

os que ahi então havia como os outros que
houvesse, e isto em Lisboa e no Porto e
ıtros logares onde os houvesse; e posto as-
ɑ livros o dia e preço por que foram com-
ou feitos de novo, e a valia d'elles e quan-
am deitados á agua, tudo aquillo que esses
ganhassem fosse de seus donos e dos ma-
, como se sempre usou.
tudo quanto esses navios percalçassem de
vindas, assim de fretes como de quaesquer
cousas, pagassem para a bolsa d'essa compa-
ıas corôas por cento; e que fossem duas bol-
ıa em Lisbóa e outra no Porto, e terem car-
ter estas bolsas aquelles a quem el-rei dava
de taes estimações e avaliamento, para do
ɔ d'ellas se comprarem outros navios em lo-
quelles que se perdessem, e para outros
ıer encargos que cumprissem para prol de

ando acontecesse que algum ou alguns na-
recessem por tormenta ou por outro cajão,
m portas ou seguindo suas viagens, ou sen-
ados por inimigos, indo ou vindo em acto
cadorias, que esta perda dos ditos navios
ım perecessem se repartisse por todos os
s dos outros navios, por esta guisa: vêr-se
de todos os navios que áquelle tempo ahi
e, e outrosim o valor d'aquelle navio ou
ue se perdessem ou fossem tomados, e
e tudo quanto montasse soldo por libra,
heiros ou centos, que cada um navio vales-
o pagar cada um senhor de cada navio,
na bolsa não houvesse por que se podesse
e que aquillo fosse visto e estimado por

aquelles homens-bons que por elle, ou pel
que apoz elle viessem, fossem postos por ex
res d'esta ordenação. E mandou que nenhu
desse appellar nem aggravar do alvidro e e
ção que elles fizessem, mas que logo fizess
cução nos bens d'aquelles que pagar não quiz
o que lhes montasse, para o darem ás pesso
perderam os navios, para fazerem ou comp
outros.

E se por ventura algum navio, por fortu
tormenta ou por outro algum cajão, seguind
de mercadoria, abrisse ou peiorasse, chega
logar onde se podesse correger por menos o
d'aquillo que valeria depois que fosse adubad
o senhor do navio fosse teudo de o adubar á
despezas, e não o querendo assim fazer que
tros senhores dos navios não fossem teudos á
adubar, nem pagar outro. E acontecendo que
n'esse navio tamanho damno feito que se n
desse emendar senão por mais do que vale
pois que adubada fosse, ou por tanto, e a
cendo este cajão sem culpa dos mareantes d
sem outra malicia, que então os senhores d
sem d'elle e dos apparelhos aquillo que pod
haver á boa fé e sem malicia, e então que se
o que aquelle navio valia ao tempo que lhe
teceu aquelle cajão, e fosse logo pago a seu
para comprar ou fazer outro, descontando
que houvesse do navio e apparelhos que sal
e os adubios, se se houvessem de fazer, i
vistos por mestres que houvessem d'ello co
mento.

E se alguns mestres ou senhores dos navio
tassem para terra de inimigos sem receber p

ro segurança, e sendo tomados por elles ou perecendo em taes viagens, que seus donos dos outros navios não fossem teudos de lh'os pagar. Mandava mais que, se alguns mestres e senhores de navios fizessem alguns damnos ou erros a algumas outras naves, ou em villas e logares, ou os culpassem n'elles, e por tal razão lhes fosse feita penhora e tomada em seus navios, que os outros não fossem teudos de lh'os pagar, nem quitar de penhora, nem d'outra nenhuma cousa que lhes acontecesse, salvo se provassem e fizessem certo que aquillo de que os culpavam fizeram seguindo viagem de mercadorias, e em seu defendimento ou por serviço d'el-rei e prol de sua terra.

E porque alguns mestres e senhores dos navios, sob esperança que lhes haviam de ser pagos, ainda que se perdessem, não curariam de os fornecer d'ancoras e cabos e outros fullames, e isso mesmo n'armas e gentes e d'outras cousas que pertencem para defensão do mar e dos inimigos, mandava el-rei que os vedores e escrivão chegassem ás naus e que se escrevessem todos os apparelhos e gentes que levavam, para se vêr se se perdiam por mingua das cousas que lhes eram cumpridoiras para seguirem sua viagem, e assim lhes serem pagas ou não.

E, quando se perdiam tantas naus que os senhores dos outros navios não podiam logo tudo pagar sem seu desfazimento, pagavam logo metade, e pela outra lhes davam certo tempo a que pagassem tudo.

E acontecendo de el-rei haver guerra com reis seus visinhos ou com outras gentes, e armando cada unsd'aquelles navios para sua defeza e ajuda, e

perecendo d'elles em taes armadas, sen
por prol communal, que fossem pagos
communs de seu senhorio e fossem primeir
do seu thesouro, para seus donos fazerem
tros ou os comprarem; e quando os navios
com mercadorias e houvessem alguns p
assim d'inimigos como por outra qualqu
que taes percalços fossem entregues aos s
e mareantes dos navios que os assim ganha
elles houvessem seu direito, como era cost
do que acontecesse aos senhores dos navi
vessem elles metade, e a outra fosse posta
sa para prol de todos, ficando resguardado
seu real direito que havia de haver.

E mandou el-rei que as suas naus, que
doze, entrassem n'esta companhia, e que n
sem de maior condição que os outros nav
seu senhorio, mas que nos fretamentos e m
tes e nos apparelhos e em todas as outras
fossem julgadas como se todas fossem de
d'uma condição; e não o querendo el-rei as
zer e indo contra ello, que a companhia não
se nada quanto aos navios d'el-rei, e a com
dos outros navios ficasse firme para todo se

E outhorgou que todos aquelles que tinha
vios e entrassem n'esta companhia, e os
d'ali em deante houvessem e entrassem n'ell
houvessem todos os privilegios e graças que o
gadas tinha aos que comprassem navios ou
sem de novo, como já tendes ouvido; e quit
chancellaria aos que tiravam a carta de tal
nança.

E mandou que os executores d'esta orde
dessem mareantes aos navios, segundo lhes

e que o que fosse mestre d'um navio não o
;e deixar, salvo depois que fosse tal que não
)ara servir.
ez em Lisboa executores d'esta companhia
Martins e Gonçalo Peres Canellas, e deu-lhe
ío que escrevesse a receita e despeza e todas
ras cousas que a isto pertencessem, e que ti-
ı a bolsa n'uma arca de tres chaves, de que
ım tivesse sua; e cada anno davam conta,
te dois homens-bons sem suspeita, de toda
ta e despeza que faziam dos ditos dinheiros.
crivão havia d'haver trinta libras por anno, e
:cutores cada um cincoenta, dos dinheiros
ı bolsa.
dou el-rei a todas as justiças que trigosamen-
;em a execução toda cousa que por elles fos-
enada, pondo mui grandes penas aos que o
rio fizessem, e assim se costumou d'ahi em
em seu reino.

CAPITULO XCII

Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. nando fizeram contra el-rei d'Aragão, e co condições.

CESSANDO mais de falar d'isto e tornan feito dos reis, vós ouvistes em seu lendo o capitulo da fugida d'el-rei D. rique quando a batalha de Najara foi perdida, el rei D. Pedro e o principe de Galles trataram amizades com el-rei d'Aragão, por el-rei D. H que não haver acolhimento em sua terra; pela cousa lhe el-rei de Aragão enviou depois dizer, do ordenava de tornar para Castella, que não sasse por seu reino, senão que era por força de embargar, de que el-rei D. Henrique ficou mu contente, pero que passou, segundo contamos.

E desde então até este tempo não achamos ças de paz que entre elles fossem firmadas, nos parece que estiveram sempre em desvairo. que, n'este anno de quatrocentos e doze, o in de Maiorca, sobrinho d'el-rei de Aragão, filho

nã, que era então rei de Napoles por razão
lha D. Joanna, com quem cazara, fazia guerra
gão por azo do reinado de Maiorca, que lhe
cia por morte d'el-rei D. Jayme, que d'elle
ei e privado d'elle por este rei D. Pedro de
o, que de presente reinava; e el-rei D. Henri-
or queixume que havia d'elle, sabia que entra-
s seus por algumas partes d'Aragão, em ajuda
i de Napoles, e não lh'o extranhava, dizendo
faziam de sua vontade e não por seu man-
em que parece que lhe não tinha bom desejo.
ıtra parte, el-rei D. Fernando de Portugal era
ıeixoso d'el-rei d'Aragão, pelos damnos e sem-
que d'elle havia recebidos até então, como
ue claramente outros não achemos escriptos,
a tomada do ouro que lhe por elle foi feita,
lo tendes ouvido. E porende, estando el-rei
nrique em Sevilha, mandou Fernão Fernan-
Estobar a Portugal, para firmar novas aven-
ım el-rei D. Fernando, além d'aquellas que
ızes que dissemos eram conteudas, e foram
guisa:

os reis ambos se ajudassem contra el-rei
ão e seus herdeiros e ajudadores, e que el-
Castella começasse de fazer guerra a el-rei
ão, por mar e por terra, desde o dia que
galés d'el-rei de Portugal chegassem em aju-
l-rei de Castella e entrassem pelo rio de Gua-
vir, até trinta dias primeiros seguintes, não
lo el-rei D. Henrique primeiro feita paz ou
com el-rei d'Aragão; e que não alçasse mão
ı guerra, salvo se lhe aviesse tal necessidade
e lhe fosse cumpridouro deixar fronteiras con-
e reino.

Nas quaes galés el-rei D. Fernando havia de mandar o seu capitão-mór do mar; e, se antes que estas quatro galés chegassem elle não houvesse feita paz com el rei d'Aragão, que a não podesse depois fazer sem consentimento d'el-rei D. Fernando, nem el-rei D. Fernando sem seu consentimento d'elle.

E que, n'aquelle primeiro anno que el-rei de Castella começasse esta guerra, el-rei D. Fernando o ajudasse com dez galés bem armadas á sua custa por tres mezes pagas, desde aquelle dia que chegassem ao rio de Sevilha; e, durando a guerra mais d'aquelle anno, que el-rei D. Fernando o ajudasse com seis galés bem armadas, á sua custa, por tres mezes, e passados os tres mezes, e havendo-as el-rei de Castella mais mister, que d'ahi em deante désse de soldo a cada uma galé, por mez, mil dobras cruzadas, pagando-as no começo d'elle.

E, no tempo que el-rei de Portugal pagasse as suas galés, que qualquer cousa que ellas ganhassem sem companhia d'outras fosse tudo para elle, e quando em companhia d'outras repartido por todas egualmente, e, quando fossem pagas á custa d'el-rei de Castella, que quanto ganhassem fosse d'elle.

E se el-rei D. Henrique não quizesse fazer guerra a el-rei de Aragão senão por terra, e el-rei D. Fernando lh'a quizesse fazer por mar, que el-rei de Castella lhe fizesse outra tal ajuda de galés, com similhantes condições.

E, armando el-rei d'Aragão tão grande frota que as galés de Castella com as de Portugal não ousaram de pelejar com ella, que então cada um dos reis que houvesse de ajudar o outro armasse tama-

rota que com sua melhoria podesse pelejar
lla.
as e outras condições, que não curamos de
foram postas n'estas novas avenças que el-
Fernando enviou commetter a el-rei D. Hen-

CAPITULO XCIII

Do recado que el-rei D. Henrique enviou a D. Fernando, e como lhe prometteu ajuda de galés.

El-rei D. Henrique, segundo parece, não bargando estas avenças que dissemos, m a vontade de fazer guerra a Aragão, e entendemos que foi por duas razões: uma. grande armada que este anno ordenou de faze ajuda d'el-rei de França contra os inglezes; o porque determinou de mandar dizer a el-rei d'Ar que lhe désse sua filha a infante D. Leonor, quem houvera de casar el-rei D. Fernando, mulher do infante D. João, seu primogenito que já fôra esposada com elle, sendo mais m

E, porém, enviou dizer a el-rei D. Fernando lhe rogava e pedia que, em caso que lhe houv feita paz ou trégua com el-rei d'Aragão antes as suas galés chegassem ao rio de Sevilha, e não houvesse por mal, porque seu talante era f que el-rei d'Aragão lhe emendasse alguns erros

os d'elle havia recebidos; e que enviasse elle a elle seus procuradores abundosos, para sobre isto poderem firmar o que cumpridoiro fosse, ca sua tenção era fazer sobre ello tanto como por seu feito proprio; e que o ajudasse contra os inglezes com dez galés ou ao menos com seis.

El-rei D. Fernando, quando viu este recado, respondeu áquelles que lh'o trouxeram, e disse:

— «Bem sabe el-rei D. Henrique, meu irmão e amigo, como el-rei de Granada tem tomados navios e haveres e gentes captivas de minha terra, pela qual razão eu hei com elle guerra; e durando esta discordia entre mim e elle, seria grão perigo a meu reino enviar tão longe minhas galés, e ficar a costa de minha terra desamparada. Pero, por mostrar o bom desejo e vontade que lhe temos, dizei que nos praz de o ajudar com cinco galés armadas, por tres mezes, á nossa custa, ca as outras haveremos mister para defensão da nossa terra e guerra dos mouros; nas quaes o nosso capitão do mar irá e fará tudo o que o seu almirante mandar, segundo nos manda requerer.

«E quanto é ao que nos dizer envia,—que nos praza que, d'aquillo que havemos de dar á infante D. Beatriz, nossa irmã, de seu dote, paguemos o soldo a estas nossas cinco galés do tempo que lhes é teudo de pagar, a saber, d'oito mil e setecentas e cincoenta dobras cruzadas, ou cincoenta e duas mil e quinhentas libras de nossa moeda em preço d'ellas, a seis libras por dobra, como ora valem,—dizei que nos praz, por sua honra, de o fazermos assim, e que nos mande quitação d'isto.»

Partiram-se os mensageiros com esta resposta, e el-rei D. Fernando enviou logo a Castella, para tra-

tar os feitos de Aragão, Gonçalo Vasques vedo e Lourenço Annes Fogaça, seus priv...

E mandou fazer as cinco galés prestes p... com armada das naus e galés de Castella. ... mui grande, de que era almirante Fernão ... de Thoar; e passaram em Inglaterra á ilh... che e fizeram grão damno por toda aque... E a ajuda e armada d'estas cinco galés, e ... tras que haveis ouvido, fez el-rei D. Fernan... rei de Castella na maneira que dissemos, e ... mo alguns auctores, ignorantes da verdade, ... ram em seus livros, dizendo que eram da... obrigação a que el-rei D. Fernando ficára ... nas pazes que foram feitas sobre o cêrco d... boa.

CAPITULO XCIV

el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de ıgão sua filha, e como casou com o infante João, seu filho.

ssim como dissemos n'este capitulo, era desavença entre el-rei D. Henrique e el-rei de Aragão, por tal guisa, que, não embargando ıe el-rei D. Henrique enviasse requerer por que fosse seu amigo, nunca poderam haver boa resposta aquelles que sobre ello lá enviou, inha-lhe tomada a villa de Molliana e fazia-lhe o castello de Requena.

ś, com tudo isto, el-rei D. Henrique lhe enlizer que bem sabia que estando elle em Arauando *mosse* Beltram e outros cavalleiros viem sua ajuda para entrar em Castella, foram tratos firmados entre elles, entre os quaes osto que o infante D. João, seu filho, casasse infante D. Leonor, sua filha, e que a trouxesse ıa casa por tempo; e que, depois que a batae Najara fôra perdida, tomara elle sua filha

e dissera que não era sua vontade que se aquelle casamento, e que, pero lh'o depois por vezes requerer, não quizera consentir e que ora novamente lhe rogava que lhe pra de se fazer.

El-rei d'Aragão respondeu a isto, por mu zões, que o não devia fazer, e houve por e tos debates e sanhas entre ambos; ácima, ac el-rei d'Aragão de lhe dar sua filha, não emb do que á rainha sua mulher, filha d'el-rei de não prazia que se fizesse e torvava n'ello q podia.

N'isto, enviou el-rei d'Aragão a Almaçom. o infante D. João estava, seus embaixadores, e cordaram com elle o casamento seu e da infa que el-rei d'Aragão deixasse os castellos de M e de Requena e todas as outras cousas que e mandava, e que el-rei D. Henrique lhe desse, despezas que elle faria em mandar sua filha a tella, e por alguns lavores e cousas que mar fazer nos ditos castellos, oitenta mil francos d e d'esta guisa ficaram os reis muito amigos e po em paz e accordo.

Os embaixadores tornados, ordenou el-rei d'A gão d'enviar a infante, para fazer suas bodas. gundo tinham ordenado, e no anno seguinte quatrocentos e treze, a enviou seu pae mui ho damente á cidade de Soria, onde el-rei D. He que, com todos os senhores do reino, foram p sentes a seu casamento.

E, mais foram ahi feitas as bodas de D. Car filho d'el-rei de Navarra, com a infante D. Leon filha d'el-rei D. Henrique, a que houvera de mulher d'el-rei D. Fernando de Portugal, con

-rei deu ao dito infante cem mil dobras em
ento; e foram estas bodas feitas com mui
s festas e alegrias, e duraram todo o mez
io.

CAPITULO XCV

Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henr
que, fez suas bodas com D. Isabel, filha d'el-re
D. Fernando.

O não honesto e forçoso poderio faz ás ve
zes, por cumprir vontade, casamento d'a
gumas pessoas, em que muito condemn
sua consciencia, fazendo-lhes outhorgar a taes co
sa contraria a seu desejo, quando um no outro
recebendo-o por tal modo, livremente nunca con
sente; assim que quanto a Deus nunca são casados
posto que ambos longamente vivam. E d'esta guis
aveio ao conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Hen
que, com D. Isabel, filha d'el-rei D. Fernando,
qual recebeu em Santarem, como ouvistes, porq
no começo e logo depois, não lhe prazendo de tae
esposarios, sempre mostrou por gesto e palavr
que sua vontade não era contente; ca elle, pelo c
minho e depois em Castella, nunca lhe falou, nem
chamou esposa, nem lhe deu sómente uma joia;
assim andou ella em casa d'el-rei até que cumpri
os annos para poder casar.

Então, disse el-rei ao conde que a recebesse pu-
amente e fizesse suas bodas segundo lhe cum-
a, e elle o contradisse e o não quiz fazer, e por
e azo se recresceram tão asperas palavras entre
ei e o conde seu filho que elle, receando-se de
são ou deshonra, fugiu do reino e andou em
nça e em Avinhão, querelando-se a el-rei de
nça e ao papa Gregorio como el-rei seu pae o
strangia que casasse com aquella filha d'el-rei
Portugal, com quem vontade nunca houvera.
l-rei, vendo o talante que seu filho em tal feito
strava, mandou-lhe tomar as rendas e terras que
ia, e deu-se algumas d'ellas ao duque seu irmão;
so mesmo mandou tomar os bens a alguns dos
se foram com elle para fóra do reino.
condessa, vendo tudo isto, estando el-rei em
ladolid, no mez de fevereiro, um dia á tarde,
um logar que chamam Paraizo, presente a rai-
D. Joanna e outros muitos que dizer não cura-
, reclamou os esponsorios e casamento que ha-
feito com o conde, dizendo que, se lhe a elle
prazia de casar com ella, tão pouco prazia a
de casar com elle; e tomou d'elle assim ins-
nentos.
l-rei havia d'isto grande queixume, e, depois que
ve feitas estas bodas que dissemos, mandou di-
ao conde que viesse todavia para receber sua
sa, se não que o desherdaria de todo e deixa-
em seu testamento maldição ao infante seu filho,
nunca lhe perdoar, nem lhe dar cousa alguma
que lhe elle havia tomadas. Então veiu o conde a
gos no mez de novembro, onde el-rei seu pae
mais com receio e temor d'elle que com von-
de casar com ella.

E foi assim que o dia que os houveram de receber no castello d'aquella cidade, estando el-rei e a rainha presente e o infante seu filho e outros muitos senhores fidalgos, o arcebispo de Sant'Iago, que os de receber havia, perguntou ao conde se queria receber por sua mulher D. Isabel, que presente estava, e o conde não respondeu nada, até que lhe el-rei sanhudamente mandou que dissesse sim, e elle então com receio do pae disse que sim, pero que o disse de tal guisa que muitos dos que ahi estavam entenderam bem n'elle que de tal casamento era pouco contente; porém foram suas bodas feitas mui honradamente, e isso mesmo a D. Pedro, filho do marquez de Vilhena, com D. Joanna, filha outrosim d'el-rei D. Henrique.

Ora sabei, sem duvida nenhuma, posto que vos pareça cousa extranha, que, como foi serão, o conde se foi para a condessa, por receio que houve d'el-rei se o d'outra guisa fizera, e, jazendo ambos n'uma cama, usou elle de tudo o contrario que a condessa arrazoadamente devia d'esperar áquelle tempo, privando elle então assim seus sentidos que nenhum deixou usar de seu officio qual cumpria, antes lhe foram todos tão escassos que elle nunca a abraçou, nem beijou, nem se chegou a ella pouco nem muito, nem a tocou com o pé nem com a mão, nem lhe falou tão só uma fala n'aquella noite nem pela manhã, nem ella a elle isso mesmo; nem nunca lhe chamou condessa em jogo nem em sizo, nem comeu com ella a uma meza; mas vinha-se cada dia ao serão dormir com ella, tendo tal geito em todas as noites como tivera na noite primeira.

E esta vida continuou com ella, de que el-rei não sabia parte, emquanto esteve em Burgos e em Pa-

:a, que seriam até dois mezes, e, depois que el-
partiu d'aquelle logar, o conde não curou mais
la, mas foi-se a outras partes onde a vêr não
esse; e assim andou até que el-rei seu pae mor-
e foi d'ella quite por sentença, como adeante
mos.

CAPITULO XCVI

Como a infante D. Beatriz de Portugal espos com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella. com que condições.

FEITAS assim estas bodas que dissemos, logo anno seguinte de quatrocentos e quatorze tratado outro casamento entre el-rei D. Hen que e el-rei de Portugal a saber: que D. Frad que, duque de Benavente, filho de el-rei D. Hen que e d'uma dona que chamavam D. Beatriz Pon casasse com a infante D. Beatriz, filha d'el-rei Fernando e da rainha D. Leonor.

E firmado sobre isto tudo o que cumpria, or nou el-rei D. Fernando de fazer côrtes, por se fa rem estes esposorios, e foram feitos na villa de L ria, no mez de novembro, sendo presentes o ini te D. João e D. João, mestre da cavallaria da ord d'Aviz, seus irmãos, e condes e ricos-homens. prelados e cavalleiros e escudeiros e muita ou gente dos concelhos, todos chamados especialm te para estes esposorios da infante, e para rece

em por rainha e senhora dos reinos de Portugal e do Algarve e lhe fazerem por ello menagem.

As gentes assim juntas, ordenou el-rei que aos vinte e quatro dias do dito mez se fizessem os recebimentos, e foi assim de feito que Fernão Perez d'Andrade, como procurador d'el-rei D. Henrique e de D. Fradarique, seu filho, recebeu por palavras de presente, como manda a Santa Egreja, a dita infante D. Beatriz por mulher do dito D. Fradarique, e ella recebeu elle por seu marido, nas mãos d'este seu procurador.

Em outro dia, todos os senhores e gentes que ahi eram, a que isto cumpria de fazer, fizeram preito e menagem nas mãos de D. Frei Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e de Henrique Manuel Vilhena, senhor de Cascaes, curadores da dita infante, e em mãos do dito Fernão Perez: que morrendo o dito rei e não deixando filho lidimo tomassem por rainha a dita infante e por rei o dito seu marido, havendo com ella cumprido aquelle honesto ajuntamento que se faz entre os casados, salvo se el-rei D. Fernando morresse ficando a rainha D. Leonor prenhe e parindo filho varão; e morrendo el-rei D. Fernando antes que elles fossem de tamanha edade que cumprir podessem o natural divido, que a rainha D. Leonor regesse em tanto o reino, ou quem el-rei D. Fernando ordenasse em seu testamento; e que desde o dia de S. João Baptista seguinte lhe dessem casa em Portugal; e qualquer dos reis por que isto fallecesse de ser cumprido pagasse ao outro dez mil marcos d'ouro.

Feitos os esposorios com estas e outras condições que deixamos de dizer enviou el-rei D. Fernando a Castella D. Pedro Tenorio, bispo de Coim-

bra, e Ayres Gomes da Silva, do seu conselho, e seu alferes-mór. E chegaram a el-rei D. Henrique á cidade de Cordova, onde então estava, e, recon tados todos os capitulos que conteudos eram nos tratos d'estes esposorios, elle os jurou a cumprir e manter aos dezenove dias do mez de janeiro de quatrocentos e quinze annos; e mais que houvess dispensação do papa, porquanto eram parentes no quarto gráo; e mais que el-rei D. Fernando hou vesse as rendas dos logares de que fizera doação dita sua filha, por bem de tal casamento, até que fizesse suas bodas e fosse entregue a seu marid

CAPITULO XCVII

Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão.

Nós não achamos que Gonçalo Vasques de Azevedo, nem Lourenço Annes Fogaça, que foram enviados a Castella para tratar os feitos d'Aragão, como ouvistes, tratassem sobre ello nenhuma cousa de que el-rei D. Fernando fosse contente, antes nos parece que foi por contrario, porque, tanto que estes esposorios e avenças que dissemos foram ordenados, tendo el-rei grão sentimento do ouro que lhe tomára el-rei d'Aragão, e a não boa maneira que tivera n'aquelle feito, muito contraria do que elle cuidava, e para haver de tudo emenda, tratou amizade com D. Luiz, duque d'Anjou filho d'el-rei de França, que fossem ambos d'um accordo em fazer guerra a el-rei d'Aragão.

E foi assim que enviou o duque a elle seus embaixadores, a saber, Ruberte de Noyers, bacharel

em leis, e Yvo de Gernal, de seu conselho, os quaes chegaram a Tentugal no mez d'abril, onde então el-rei estava, e concordadas suas avenças em muitas cousas, ficando porém certos pontos por determinar, os quaes cumpria de o duque primeiramente saber, ordenou el-rei de enviar seus embaixadores a França, com os mensageiros do duque; e foram lá Lourenço Annes Fogaça, seu chanceller-mór e João Gonçalves, seu secretario e do seu conselho, e em uns paços d'el-rei de França, cerca de Paris, no mez de junho seguinte, firmaram suas allianças n'esta guisa:

Que o duque fizesse guerra contra el-rei d'Aragão, assim por mar como por terra, e que a guerra por terra se fizesse á despeza do duque, e na guerra que se fizesse por mar el-rei D. Fernando pozesse a terça parte das fustas, com tanto que não passasse conto de quinze galés; e segundo a despeza que cada um fizesse houvesse proveito dos bens moveis e de raiz que tomados fossem ao reino d'Aragão, reservando porém seu direito aos capitães, segundo seu costume de guerra;

E que todas as cidades, castellos e fortalezas que fossem tomadas ao reino de Maiorca e nas ilhas de Minorca e de Iviça e no condado de Roussillon e terras de redor fossem entregues ao dito duque;

E que, se el-rei de Castella quizesse ser n'esta liga, fazendo guerra ao reino d'Aragão, assim por mar como por terra, segundo já tinha outhorgado ao duque, as fortalezas que se tomassem em Murcia e em terra de Mollina, em que el-rei de Castella dizia que tinha direito, isso mesmo lhe fossem entregues;

E que de quaesquer outros logares que fossem tomados, afóra estes que ditos são, el-rei D. Fernando fosse primeiro entregue, sem nenhuma custa, de duzentas e cincoenta mil dobras, em que dizia que lhe el-rei d'Aragão era obrigado; e, depois que elle fosse pago, que todos os outros logares fossem partidos entre elles, segundo a despeza que cada um fizesse.

E estes e outros capitulos que dizer não curamos foram postos n'aquellas avenças que el-rei D. Fernando tratou com o duque, mas sé esta guerra houve algum começo, ou que se fez sobre este negocio, nós, por livros nem escripturas, nenhuma cousa podémos achar que mais pozessemos em escripto; mas porém entendemos que não faz mingua. (*)

(*) Em Angers foram ultimamente descobertos os interessantes documentos d'estas «avenças» que, com a historia d'ellas, publiquei sob o titulo: *O thesouro do Rei Fernando* (no Bol. da Soc. de Geogr. e em tiragem avulsa, 1895).

L. C.

CAPITULO XCVIII

Das manhas e condições do infante D. João de Portugal.

CESSANDO dos feitos d'el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique e isso mesmo com el-rei d'Aragão, pois cousa nenhuma mais achar não podemos que d'historiar necessaria seja, convém que digamos d'outras cousas pertencentes a nosso falamento, segundo aquillo que promettido temos no reinado d'el-rei D. Pedro, onde dissémos que falariamos dos infantes D. João e D. Diniz quando conviesse arrazoar dos seus feitos; mas, por abreviar, deixando de todo o infante D. Diniz, que já é em Castella, digamos qual foi o azo por que se o infante D. João depois partiu de Portugal e se foi para lá; e antes que d'isto façamos menção não se aggravem vossas orelhas d'ouvir em breve recontamento algum pouco de seus geitos e manhas, sequer por honra de sua pessoa.

Este infante D. João era muito egual homem em corpo e em gesto, bem composto em parecer e feições, e comprido de muito boas manhas, muito mesurado e páção, agasalhador de muitos fidalgos do reino e estrangeiros, e muito grado e prestador a qualquer que n'elle catasse cobro, dando-lhes cavallos e mulas e armas e vestidos e dinheiros e aves e alãos e quaesquar outras cousas que em seu poder fosse de dar.

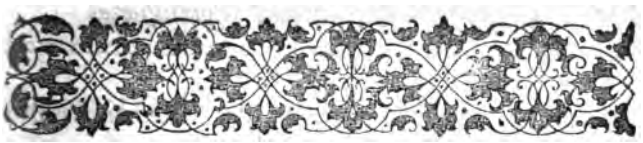
Foi muito amigo de seu irmão D. João, mestre d'Aviz, de guisa que, como el-rei D. Pedro ordenára que sempre acompanhassem ambos quando eram na côrte, assim nunca eram partidos de monte e de caça e comer e dormir e das outras conversações usadas d'aquelles que se bem amam, em tanto, que sendo elle mui doente uma vez em Evora, d'um grande accidente que lhe dera, tendo elle cargo, com o mestre seu irmão, de manter a tavola em umas grandes justas que el-rei D. Fernando fazia a uma festa que ordenou o conde de Vianna, filho do conde velho, em um ruido que se levantou n'ellas entre Vasco Porcalho, commendador-mór d'Aviz, e Fernando Alvares de Queiroz, que era da parte dos condes, não podia Affonso Gomes da Silva e outros fidalgos ter o infante que se não levantasse da cama, por ir ajudar seu irmão o mestre, quando lhe disseram que andava em cima d'um cavallo, com um tração de pau na mão, por desviar de cajão o Vasco Porcalho que não recebesse damno dos outros; o qual ruido prouve a Deus que foi amansado sem perda de nenhum d'elles.

Elle foi homem de toda a Hespanha que melhor e mais aposto desenvolvia um cavallo, de guisa que suas manhas más nem braveza lhe prestar podia

que o não amansasse; grande justador e torneador. e lançava muito atavolado.

Era muito usado de saltar e correr e remessar a cavallo e a pé, soffredor de grandes trabalhos a monte e a caça e similhantes desenfadamentos, e a elle por dias e noites nunca perdia afan, levantando-se duas e tres horas ante-manhã, aprasando de noite por invernos e calmas, dês-ahi cavalgar e correr fragas e montes espessos, e saltar regatos e corregos de grandes cajões, cahindo n'elles e os cavallos sobre elle.

Em tanto era querençoso de montes, que nunca receava porco nem urso com que se encontrasse, a pé nem a cavallo; e de muitos perigos em similhantes feitos o quiz Deus guardar, que contados por miudo seriam assás saborosos de ouvir, mas receando de vos fazer fastio não ousaremos de contar mais d'um ou dois de taes aquécimentos.



CAPITULO XCIX

Do que aveio ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte.

El-rei D. Fernando era mui querençoso de caça e monte, onde quer que sabia que os havia bons, filhando n'ello grande prazer e desenfadamento; e, porque o certificaram que em terra da Beira e por riba de lôa havia bons montes d'ursos e porcos em grande abundancia, fez-se prestes com toda sua casa e da rainha, e muitos monteiros com sabujos e alãos, e levou caminho d'aquella comarca.

E, fazendo n'elles grande matança, aconteceu um dia que o infante se encontrou com um mui grande urso, e juntou-se tanto a elle, por o ferir a mão tenente, que o urso firmou bem seus pés e levantou os braços, por o arrebatar da sella. O infante, quando isto viu, empicotou-se tanto sobre a sella que foi de todo sobre o arção deanteiro, e o urso, estendendo as pontas das mãos, por o filhar,

CAPITULO XCVIII

Das manhas e condições do infante D. João de Portugal.

CESSANDO dos feitos d'el-rei D. Fernando co el-rei D. Henrique e isso mesmo com el- d'Aragão, pois cousa nenhuma mais ach não podemos que d'historiar necessaria seja, co vém que digamos d'outras cousas pertencentes nosso falamento, segundo aquillo que prometti temos no reinado d'el-rei D. Pedro, onde disséra que falariamos dos infantes D. João e D. Die quando conviesse arrazoar dos seus feitos; ma por abreviar, deixando de todo o infante D. Die que já é em Castella, digamos qual foi o azo p que se o infante D. João depois partiu de Portug e se foi para lá; e antes que d'isto façamos menç não se aggravem vossas orelhas d'ouvir em bre recontamento algum pouco de seus geitos e manha sequer por honra de sua pessoa.

dor de si, pela cintura. N'este comenos, sobreveiu o grão porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d'alãos, exudrado pela gran calma que fazia; e veiu nascer pela bicada d'um monte, junto com a armada onde jazia o infante e seu pagem dormindo.

Ora deveis de saber que aquelle bom alão de *Bravor*, comprido d'ardimento e de bondades, segundo sua natureza, era assim acostumado que, sem trella, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavallo podesse andar, e porco nem urso, nem outra alimaria com que se encontrasse não havia de travar n'ella, a menos de lh'o mandarem fazer.

E quando o porco assim nasceu, o outro alão *Rabez* deu uma arrancada, e o *Bravor* teve-se quedo; e quando *Rabez* viu que se o porco sahia e que o não desatrellavam fez uma grande arrancada por um mesto matto, levando apoz si o pagem e o outro alão.

Ao som d'isto, accordou o infante, e, quando viu o moço e os alãos ir d'esta guisa, e o porco que se punha em salvo, houve tão gran sanha que maior ser não podia, e foi-se rijo com um cutello de caça fóra da bainha e cortou as trellas que iam atadas ao pagem. Os alãos, com as trellas cortadas, foram pilhar o porco em um espesso arvoredo, e chegando o infante a elle o porco se queria espedir dos alãos, que eram empeçados em umas curtas carvalheiras, e sahindo-se o porco, não querendo aguardar de justa, o infante o remessou; e então foi feita a mais formosa azcumada de seu braço que até ali fôra vista nem ouvida entre monteiros, porque as cutellas da azcuma entraram pelos polpões da coxa e cortaram os ossos e as juntas, e sahiram as cutellas

que o não amansasse; grande justador e torneado
e lançava muito atavolado.

Era muito usado de saltar e correr e remessar
cavallo e a pé, soffredor de grandes trabalhos
monte e a caça e similhantes desenfadamentos.
a elle por dias e noites nunca perdia afan, leva
tando-se duas e tres horas ante-manhã, aprasand
de noite por invernos e calmas, dês-ahi cavalgar
correr fragas e montes espessos, e saltar regatos
corregos de grandes cajões, cahindo n'elles e os c
vallos sobre elle.

Em tanto era querençoso de montes, que nunc
receava porco nem urso com que se encontrasse.
pé nem a cavallo; e de muitos perigos em sim
lhantes feitos o quiz Deus guardar, que contad
por miudo seriam assás saborosos de ouvir, m
receando de vos fazer fastio não ousaremos de co
tar mais d'um ou dois de taes aquécimentos.

CAPITULO XCIX

) que aveio ao infante D. João com um urso e :om um porco, andando ao monte.

L-REI D. Fernando era mui querençoso de caça
e monte, onde quer que sabia que os havia
bons, filhando n'ello grande prazer e desen-
amento; e, porque o certificaram que em terra
Beira e por riba de lôa havia bons montes d'ur-
e porcos em grande abundancia, fez-se prestes
n toda sua casa e da rainha, e muitos monteiros
n sabujos e alãos, e levou caminho d'aquella co-
rca.
E, fazendo n'elles grande matança, aconteceu
dia que o infante se encontrou com um mui
nde urso, e juntou-se tanto a elle, por o ferir a
o tenente, que o urso firmou bem seus pés e
ıntou os braços, por o arrebatar da sella. O in-
te, quando isto viu, empicotou-se tanto sobre a
a que foi de todo sobre o arção deanteiro, e o
o, estendendo as pontas das mãos, por o filhar,

segundo cada um merecia, dando-lhes dês-ahi grande gasalhado. Era de gran casa de donas e donzellas e camarareiras e outra gente miuda, dês-ahi escudeiros e muitos officiaes, e gráda e prestador a todos. Havia coração e abastança para o fazer, porque o mestrado de Christo lhe fôra dado para D. Lopo Dias, seu filho, e as rendas eram postas em seu poder, afóra muitos herdamentos moveis e de raiz e muito bem-fazer da rainha sua irmã.

O infante, que a via a miude, femençando sua formosura e estado e assim graciosa, que a juizo de todos enhadia muito n'ella, começou de a amar de vontade, e, revolvendo-se a miude n'este pensamento, secretariamente lhe enviou descobrir seu amor; mas a cumprir seu desejo como elle queria lhe eram muitas cousas contrarias, porque a dona era muito sizuda e corda e discreta e bem guardada, e enviou-se-lhe defender com boas e mesuradas razões.

O infante, que sua vontade gastava por continuada imaginação de tal bemquerença, foi-lhe forçado de a seguir a miude, em tanto que ella, afficada d'elle, cuidou de lhe requerer cousa que em outra guisa não fôra ousada de lhe commetter, e enviou-lhe dizer por uma Margarida Lourenço, sua camareira do infante, que, pois elle dizia que a amava tanto, ella lhe enviaria um tal embaixador qual convinha ser meeiro entre elles, e que elle o cresse do que lhe da sua parte dissesse, e assim podia cumprir sua vontade, mas d'outra guisa não.

Então falou ella com um bom fidalgo que chamavam Alvaro Pereira, a quem o infante queria grande bem, e isso mesmo era mui chegado a D. Maria, e contando-lhe tudo o que lhe o infante

por vezes mandara dizer e tudo o que se até ali passara n'aquelle feito, dizendo que lhe dissesse da sua parte que, pois que a tanto amava de palavra, o pozesse assim em obra: que casasse com ella e a recebesse por mulher, e que leda era de fazer todo seu mandado; e a bem sabia elle que mais em razão estava de elle casar com ella que el-rei D. Fernando com sua irmã, e que, se outro modo com ella queria ter, alhur buscasse sua ventura; nem lhe falasse nenhum mais em tal historia, que lh'o não consentiria, nem lhe tornaria a ello resposta que boa fosse.

E, sem mais perlonga, dizem alguns que, ouvindo isto o infante, foram em grão segredo recebidos escusamente; mas um outro auctor, cujas razões não são d'enjeitar, enhade n'isto dizendo assim:

Que D. Maria, sendo bem sizuda, pela commum regra por que os homeus em similhantes feitos cahem, entendeu que escorregaria o infante D. João, e que encaminhar por aquella estrada por que el-rei D. Fernando encaminhara com sua irmã era muito azado e pequena maravilha; e guisou como uma noite a fosse vêr o infante escondidamente não levando comsigo mais d'um escudeiro, e, além d'ella ser assás de formosa e para cobiçar, ella corregeu si e sua camara assim nobremente para tal tempo que a nenhum homem seria ligeiro postar com seu sizo que se partisse d'ali cedo.

E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu ella e seus corrigimentos assim dispostos para o receber por hospede, que parecia que cada um corregimento o rogava que ficasse ali aquella noite, a qual cousa

com toda a haste pelo conto da azcuma, da out
parte da calluga da espalda.

E muitas outras boas andanças, e d'ellas contr
rias, lhe aquéceram em seus montes, que seria
longas de contar, de que não curamos fazer me
ção. E, assim como era grande monteiro, d'ess
guisa era caçador de todas as maneiras d'aves, a
sim d'açores como falcões e gaviões, galgos de l
bres e raposas e podengos de mostra; e elle mesm
trabalhava com elles a lhes tirar, em tanto que t
dos haviam por muito o trabalho e afan que em s
milhantes feitos levava.

que demandada por elle não era a ella nenhuma deshonra; e, querendo com ella entrar em razões outras mais chegadas a seu proposito, ella disse que mais palavras lhe não escutaria, mas que lhe pedia por mercê que se fosse a boa ventura. A mulher que o pozera dentro, acabadas estas razões, disse então ao infante:

— «Senhor, bem vos diz minha senhora, recebei-a vós, pois aqui estaes, ca vos não é prasmo nenhum, ca bem vêdes vós que el-rei vosso irmão tomou sua irmã por mulher, e a fez rainha, e tem d'ella filhos que entendem de herdar o reino. Pois quem vos ha de ter a mal casardes vós com ella, que está bem manceba e mulher de prol, e vem de tal linhagem, como todos sabem? Demais, que a rainha sua irmã vos fará tanto accrescentar em terras e estado por que podeis viver mui honradamente; e vosso pae, el-rei D. Pedro, d'esta guisa tomou D. Ignez, vossa mãe, e a recebeu a furto, e depois de sua morte jurou que era sua mulher, por vós ficardes lidimo e vosso irmão. Pois não vejo razão por que o deixeis de fazer, salvo por não haver vontade.»

O infante, preso por imaginação e posto mui firme sob juizo do amor, por congeitura das cousas que via, tinha em grão preço e desejava muito as que não appareciam, em tanto que o fogo da bemquerença, acceso em dobrada quantidade, lhe fazia assimilhar aquelle pouco espaço que falavam uma mui prolongada noite. Então, querendo acabar o ázo o que a vontade começara, concordaram seus apraziveis desejos, outhorgando elle que a recebia e havia por sua mulher; e foi assim de feito que a recebeu logo, presente Alvaro Dantes e outros de que

segundo cada um merecia, dando-lhes dês-ahi grande gasalhado. Era de gran casa de donas e donzellas e camarareiras e outra gente miuda, dês-ahi escudeiros e muitos officiaes, e gráda e prestador a todos. Havia coração e abastança para o fazer. porque o mestrado de Christo lhe fôra dado para D. Lopo Dias, seu filho, e as rendas eram postas em seu poder, afóra muitos herdamentos moveis e de raiz e muito bem-fazer da rainha sua irmã.

O infante, que a via a miude, femençando sua formosura e estado e assim graciosa, que a juizo de todos enhadia muito n'ella, começou de a amar de vontade, e, revolvendo-se a miude n'este pensamento, secretariamente lhe enviou descobrir seu amor; mas a cumprir seu desejo como elle queria lhe eram muitas cousas contrarias, porque a dona era muito sizuda e corda e discreta e bem guardada, e enviou-se-lhe defender com boas e mesuradas razões.

O infante, que sua vontade gastava por continuada imaginação de tal bemquerença, foi-lhe forçado de a seguir a miude, em tanto que ella, afficada d'elle, cuidou de lhe requerer cousa que em outra guisa não fôra ousada de lhe commetter, e enviou-lhe dizer por uma Margarida Lourenço, sua camareira do infante, que, pois elle dizia que a amava tanto, ella lhe enviaria um tal embaixador qual convinha ser meeiro entre elles, e que elle o cresse do que lhe da sua parte dissesse, e assim podia cumprir sua vontade, mas d'outra guisa não.

Então falou ella com um bom fidalgo que chamavam Alvaro Pereira, a quem o infante queria grande bem, e isso mesmo era mui chegado a D. Maria, e contando-lhe tudo o que lhe o infante

dor de si, pela cintura. N'este comenos, sobreveiu o grão porco, seguro e desacompanhado de sabujos e d'alãos, exudrado pela gran calma que fazia; e veiu nascer pela bicada d'um monte, junto com a armada onde jazia o infante e seu pagem dormindo.

Ora deveis de saber que aquelle bom alão de *Bravor*, comprido d'ardimento e de bondades, segundo sua natureza, era assim acostumado que, sem trella, aguardava com o rosto na estribeira quanto o cavallo podesse andar, e porco nem urso, nem outra alimaria com que se encontrasse não havia de travar n'ella, a menos de lh'o mandarem fazer.

E quando o porco assim nasceu, o outro alão *Rabez* deu uma arrancada, e o *Bravor* teve-se quedo; e quando *Rabez* viu que se o porco sahia e que o não desatrellavam fez uma grande arrancada por um mesto matto, levando apoz si o pagem e o outro alão.

Ao som d'isto, accordou o infante, e, quando viu o moço e os alãos ir d'esta guisa, e o porco que se punha em salvo, houve tão gran sanha que maior ser não podia, e foi-se rijo com um cutello de caça fóra da bainha e cortou as trellas que iam atadas ao pagem. Os alãos, com as trellas cortadas, foram pilhar o porco em um espesso arvoredo, e chegando o infante a elle o porco se queria espedir dos alãos, que eram empeçados em umas curtas carvalheiras, e sahindo-se o porco, não querendo aguardar de justa, o infante o remessou; e então foi feita a mais formosa azcumada de seu braço que até ali fôra vista nem ouvida entre monteiros, porque as cutellas da azcuma entraram pelos polpões da coxa e cortaram os ossos e as juntas, e sahiram as cutellas

enhadeu áquella hora dobrado azo em sua bem
rença e amor; e depois das primeiras razões co
elle chegou, falou ella então e disse:

— «Senhor, eu me maravilho muito de vós m
dardes-me commetter vossa bemquerença e a
do geito que mandastes, o qual devera ser para
sar commigo e d'outra guisa não, que bem vê
vós que eu sou irmã da rainha, de pae e de mãe.
sim dos Tellos como dos Menezes, que veem de
nhagem dos reis; dês-ahi, sabeis que fui casada co
Alvaro Dias de Souza, que foi mui honrado ca
leiro e do linhagem dos reis, de quem tenho um
lho, que é mestre de Christo, como vêdes que é
dos honrados senhores de Portugal.

«Pois, senhor, razão vos parecia a vós, uma de
tal como eu, quererdel-a vós deshonrar d'esta gui
como se fosse uma mulher refece?! Em verdade
senhor, parece-me que sómente pelo divído que
hei com a infante vossa sobrinha o não devêreis v
de commetter; e sabei que eu sou de vós mui
queixosa por isto, e portanto vos fiz aqui vir po
vol-o dizer á minha vontade, ca me parece, se vo
por outrem mandara dizer, que não fôra minha von
tade desabafada, ca assás d'empacho houvereis vó
d'haver, mandardes-me demandar, como se eu fosse
uma dona de mui má fama?

E, razoando n'isto, mostrava queixume e que qu
ria chorar, que ás mulheres é ligeiro de fazer, d
zendo que se fosse muito em boa hora por on
viera, que pero lhe parecesse que estava só, acom
panhava sija mais perto do que elle cuidava.

O infante, cercado de querer e vontade d'aquell
desejo que todo sizo e estado põem de parte, o
thorgava quanto ella dizia, escusando-se, porém

CAPITULO C

Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente.

Vivendo o infante d'esta guisa, ledo e a seu prazer, veiu a pôr sua vontade em uma dona que chamavam D. Maria, irmã da rainha D. Leonor. Esta D. Maria fôra mulher de Alvaro Dias de Souza, grão fidalgo de linhagem dos reis e bom cavalleiro e muito honrado; e, segundo alguns affirmam em suas historias, el-rei D. Pedro de Portugal havia afazimento com uma dona com a qual Alvaro Dias foi culpado que dormia, e, receando-se que a gran sanha que el rei D. Pedro por esta razão havia quizesse dar alguma deshonrada e perigosa execução, foi-se fóra do reino, e andando assim por tempo morreu de sua natural morte.

E ficou D. Maria viuva assás em boa edade de mancebia, formosa e aposta e muito graciosa, achegada de muitos fidalgos seus parentes e de quaesquer outros que bons fossem, honrando-os muito,

muito fiavam, os quaes se logo foram, e elle
cou ahi. E, satisfazendo um ao desejo do ou
elle se partiu ledo, sem ella ficar triste, muito ce
ante-manhã, o mais afastado de fama que se fa
póde.

por vezes mandara dizer e tudo o que se até ali passara n'aquelle feito, dizendo que lhe dissesse da sua parte que, pois que a tanto amava de palavra, o pozesse assim em obra: que casasse com ella e a recebesse por mulher, e que leda era de fazer todo seu mandado; e a bem sabia elle que mais em razão estava de elle casar com ella que el-rei D. Fernando com sua irmã, e que, se outro modo com ella queria ter, alhur buscasse sua ventura; nem lhe falasse nenhum mais em tal historia, que lh'o não consentiria, nem lhe tornaria a ello resposta que boa fosse.

E, sem mais perlonga, dizem alguns que, ouvindo isto o infante, foram em grão segredo recebidos escusamente; mas um outro auctor, cujas razões não são d'enjeitar, enhade n'isto dizendo assim:

Que D. Maria, sendo bem sizuda, pela commum regra por que os homeus em similhantes feitos cahem, entendeu que escorregaria o infante D. João, e que encaminhar por aquella estrada por que el-rei D. Fernando encaminhara com sua irmã era muito azado e pequena maravilha; e guisou como uma noite a fosse vêr o infante escondidamente não levando comsigo mais d'um escudeiro, e, além d'ella ser assás de formosa e para cobiçar, ella corregeu si e sua camara assim nobremente para tal tempo que a nenhum homem seria ligeiro postar com seu sizo que se partisse d'ali cedo.

E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, viu ella e seus corrigimentos assim dispostos para o receber por hospede, que parecia que cada um corregimento o rogava que ficasse ali aquella noite, a qual cousa

do, mórmente não sendo el-rei bem são, e mu
geitoso para durar pouco que viver prolongad
mente. Assim que por estas e outras razões, ven
seu estado azado para montar altamente, não pou
carecer de peçonha da inveja, e começou de mo
trar á irmã peior talante do que sohia, nem o in
fante não havia tal gasalhado d'el-rei como ant
tinha em costume de lhe fazer; e não sómente
elles, mas ao mestre d'Aviz, seu irmão, não mo
trava el-rei e a rainha bom semblante, pelo gran
amor e affeição que lhes viam ter com o infante D
João.

E, durando assim por tempos, a rainha não pe
dia cuidado da fazenda do infante e de sua irm
pensando todavia que por tal casamento se lhe p
deria seguir desfazimento de sua honra e estado:
para desviar isto de todo ponto, ázou de fazer e
tender ao infante que lhe prazeria de o vêr casa
com a infante D. Beatriz, sua filha, e falou de to
seu cuidado com D. João Affonso Tello, seu irmã
que lhe era muito obdiente, por muitas mercês q
d'ella recebia, que encaminhasse como o infan
houvesse d'isto algum conhecimento.

O conde, induzido assim pela rainha, comec
d'haver mór conversação com o infante do que s
hia, e mostrar ser muito mais seu amigo do que a
tes era, e um dia, falando ambos em cousas de s
gredo, contou-lhe o conde como era certo da rain
que, desejando seu accrescentamento e honra, c
biçava muito de o vêr casado com a infante D. Be
triz, sua filha, dizendo que, pois a Deus prazia
não haver filho que herdasse o reino depois
morte d'el-rei seu senhor, antes queria a infante s
filha vêr casada com elle que com o duque de B

navente, que era castelhano; ca mais razão era herdarem o reino que fôra de seu pae e de seus avós os filhos seus e de sua filha a infante que não os de linhagem de el-rei D. Henrique, de que Portugal tanto mal e damno havia recebido. Mas que lhe pesava muito da torva que n'isto via, porquanto se rugia por algumas pessoas que D. Maria, sua irmã, era casada com elle, e que portanto se não poderia cumprir isto que ella muito desejava.

Ouvidas as doces palavras do conde, que largamente n'iste falou, dispostas a gerar damnoso fructo, logo o infante ligeiramente creu isto, que lhe foi mui aprazivel, representando a seu entendimento todas as honras e grandes vantagens que se lhe de tal feito podiam seguir. Dês-ahi, como vêdes, que desejo de reinar é cousa que não receia de commetter obras contra razão e direito, não podia o infante pensar n'outra cousa, salvo como havia de casar com a infante e ser quite de D. Maria por morte.

E andando n'este cuidado, antes que o a outrem dissesse, falaram mais a rainha e o conde com Diogo Affonso de Figueiredo, vedor do infante, e com Garcia Affonso, commendador d'Elvas, que era então de seu conselho; e d'entre todos, não se sabe quem, se da parte do infante se da parte dos outros, foi levantada uma mui falsa mentira, que seu coração d'ella nunca pensára, dizendo que bem a poderia matar sem pasmo, porque era fama que dormia com outrem sendo sua mulher recebida. E por azo de taes conselhos já mais o infante não perdeu cuidado de casar com sua sobrinha, e descazar-se de D. Maria por morte.

E se cumpriu aqui o exemplo que dizem: q
quem seu cão quer matar, raiva lhe põem nome;
tanto que elles tal testemunho entre si levantar
logo o infante determinou em sua vontade de
a privar da presente vida.

CAPITULO CII

Como o infante chegou a Alcanhões, onde el-rei estava, e do recado que D. Maria houve de sua ida d'elle.

Partiu o infante com este proposito firmado de todo em seu coração, e foi-se caminho d'Alcanhões, onde el-rei e a rainha eram então com toda sua casa, e vieram-n'o receber o conde de Barcellos e outros senhores e fidalgos que andavam na côrte, e foi aquelle dia convidado do conde ao jantar.

Em outro dia, o convidou D. Isabel, sua prima co-irmã, filha do conde D. Alvaro Peres de Castro, e teve-o bem viçoso ao jantar e pela sésta, em umas casas cêrca dos paços onde ella pousava, como moradora que era da rainha. A'quella sésta, veiu o conde de Barcellos mui brioso, ledo e namorado, segundo fama, d'esta D. Isabel de Castro, e foram ali juntos muitos da côrte e alguns estrangeiros, tanto por mirar a formosura d'ella como por acompanhar o infante.

N'aquelle dia, á tarde, depois que dançaram houveram vinho e fructa, mandou o conde por um cóta muito louçã e um bulhão bem guarnido. guisa de basalarte, e por uma faca mui formos que lhe trouxeram d'Inglaterra, e deu tudo ao i fante. Dês-ahi, partiram para o paço com o infan muitos cavalleiros e escudeiros, e com D. Isal muitas donas e donzellas, e assim chegaram ao pa onde el-rei e a rainha estavam, de quem foram m bem recebidos. A'quella hora foram apartados co a rainha o infante e o conde, todos tres falando parte por mui longo espaço; dês-ahi, despediram d'ella e isso mesmo d'el-rei e dos da côrte, e d miu o infante aquella noite com o conde, para p tir no seguinte dia.

Como foi manhã, partiu o infante caminho Thomar, e como quer que o mestre, filho de Maria, ahi não era, mandou requerer o infante fosse sua mercê de ser seu convidado, e que l se viria para elle. O infante, que pouco tinha vontade de lhe prestar seu jantar, não quiz rece seu convite. O mestre, que já dias havia que tin sentido d'algumas razões, que lhe fizeram saber casa do infante, quando viu que não queria tom seu convite, logo receou aquella ida, e mando gran pressa fazer saber á mãe como o infante p sara por Thomar, e o requerera de convite e q quizera ser seu convidado, e que porém se avisa sobre ello.

D. Maria havia já antes d'isto recebidas no d'alguns de casa d'el-rei, assim parentes como c dos, uns d'ouvida outros de presumpção, do t fego que se começava d'ordenar entre ella e o fante, apercebendo-a que se avisasse; e, sendo

a por taes razões, então o foi muito mais quando
o recado do filho. Porém não perdeu bom es-
:o, como dona d'alta linhagem e de gran cordura
zo, e deu em resposta, a isto que ouvia, que to-
as cousas eram em poder de Deus, e que aquillo
a Elle prouvesse e fosse sua mercê isso seria
ıais não, e, quanto montava aos feitos d'este
ıdo, que ella havia tão gran fiança na mercê
infante seu senhor que não consentiria em ne-
ma guisa sua deshonra nem desfazimento. E
ı este proposito se deixou estar, sem fazer ne-
ma mudança.

CAPITULO CIII

Como o infante chegou a Coimbra, por matar Maria, e das razões que houve com ella antes a matasse.

AQUELLE dia que o infante de Thomar fez tida foi dormir a um logar que chama Espinhal, e como foi meia noite cava com os seus para Foz d'Arouce, dês-ahi a Alm guez, comarca de Coimbra, e chegou aos olivae cidade e desceu ao Mondego, áquem do mos de Sant'Anna, que é junto com a gran pont n'aquelle logar chamou o infante todos aquelles achou comsigo, e fel-os estar quedos, e aparte d'elles, a falar com Diogo Affonso e Garcia A so do Sobrado; e acabado de fallar com este chegar os outros a si e começou de lhes dizer:

— «Vós todos, assim como estaes juntos, meus vassalos e creados e isso mesmo de pae, e hei de vós gran fiança, porque desce de boa creação e linhagens, e não devo de cousa que vos não faça primeiro saber, e

ue até hora vos encobrisse algumas cousas de mi-
ha fazenda não me deveis pôr culpa, porque con-
eio de se fazer assim, E hora vos faço saber que
mim é dito que D. Maria, irmã da rainha, não
essa de publicar e dizer que é minha mulher e eu
eu marido, e que tem escripturas e fidalgos por
estemunhas d'ello, e esta cousa ou é assim ou não;
, posto que assim fosse, cumpria ser guardado
m grão segredo, por sua honra e minha. E ora
ue por parte sua se levantou e descobriu cousa de
ue se a mim recrescia grão perigo e cajão, e a ella
utro-sim, eu vou aonde ella está, a falar e fazer
om ella o que cumpre a minha honra e estado.»

A isto, cada um e todos responderam que eram
restes e apparelhados, não só para aquillo, que era
ada, mas para mais alta cousa que lhe avir podes-
e; e elle lh'o agradeceu muito.

Então, começaram d'andar, e passada a ponte,
hegando á Couraça, chamou o infante um dos
seus e disse:

— «Vós sabeis esta cidade e as entradas e sahi-
das d'ella melhor que outro que aqui vá, porque
estivestes já aqui no estudo. D. Maria pousa nas
casas d'Alvaro Fernandes de Carvalho; encaminhae
por tal logar por onde possamos ir a ellas mais de-
pressa e fóra de praça que ser puder.»

E elle respondeu que assim o faria, e então os
levou á egreja de S. Bartholomeu, d'onde nasce
uma estreita rua que direitamente vae sahir ás
portas d'aquellas casas; e elles ali, esteve a guia
queda, e disse contra o infante:

— «Estas são as casas que vós demandaes.»

N'isto, a alva começava d'esclarecer e trigava-se
a manhã para vir.

Ora assim aveiu, como suas tristes fadas m daram, que o infante, com os seus á porta, e mulher que havia de lavar roupa destrancou portas e abriu-as de todo. E assim como fo abertas logo os do infante subiram acima, a sala onde jaziam algumas mulheres dormindo assi a entrada da sala, ande se fazia um verge larangeiras e outras arvores, apartaram o infa Diogo Affonso e Garcia Affonso, e falando com o detiveram por espaço; e desde que falaram ram-se para onde estavam os outros todos. infante perguntou por D. Maria, a qual jazia sua camara cerrada, segundo lhe mostraram as dormiam de fóra, e em outra camara detraz d'a la jazia uma ama e camareiras, com um seu O infante perguntou então se havia áquellas to alguma outra entrada, e foi-lhe respondido que e as portas eram muito fortes e bem trancadas o infante mandou logo que quem mais pod quebrar mais quebrasse, e cada um se trabalh com paus e pedras, de guisa que depressa fo quebradas.

Ella, accordando subitamente, quando se entrar por aquella maneira, alçou-se do leito espantada e temerosa que ádur se podia ter e quando se levantou nenhum vestido nem m teve accordo nem tempo para deitar sobre si, quem lh'o désse, porque as que eram dentro ella, de sob o leito, se não podiam compor de e terror; e, sendo a ella cuidado de cobrir as ve nhosas partes, não teve outro accorrimento se uma branca colcha, em que envolveu todo corpo, e acostou-se assim a uma parede, cêrca leito. E logo, assim como entrou o infante, el

conheceu no rosto e fala, e quando o viu cobrou já quanto d'esforço e ousança, e disse:

—«O' senhor, que vinda é esta tão desacostumada?!»

—«Boa dona, disse elle, agora o sabereis. Vós andastes dizendo que eu era vosso marido e vós minha mulher, e enxemprastes o reino todo, até que o soube el-rei e a rainha e toda sua côrte, que era azo de me mandarem matar ou pôr em prisão por sempre; e vós devêreis d'encobrir tal razão contra todos os do mundo, e, se vós minha mulher sois, portanto mercieis vós melhor a morte, por me pordes as cornas, dormindo com outrem.»

E dizendo isto lançou mão n'ella. D. Maria, vendo taes razões, respondeu ao infante e disse:

—«Oh! Senhor! Eu entendo bem que vós vindes mal aconselhado, e perdôe Deus a quem vos tal conselho deu, e se prouver á vossa mercê de vos apartardes commigo um pouco n'esta camara, ou se façam estes afóra, eu vos entendo de mostrar mais proveitoso conselho do que vos deram contra mim; e por mercê vós ouvi-me, e tempo tendes para fazer o que vos prouver.

E elle não lhe quiz ouvir suas razões, nem lhe dar espaço para se escusar do erro que não fizera, mas disse:

—«Não vim eu aqui para estar comvosco em palavras.»

Então deu uma gran tirada pela ponta da colcha e derribou-a em terra, e parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista dos que eram presentes, em tanto que os mais d'elles em que mesura e boa vergonha havia se alongaram de tal vista, que lhes era dorosa de vêr, e não se podiam ter de lagrimas e soluços, como se fosse mãe de cada

um d'elles. E, n'aquelle derribar que o infante fez, lhe deu com o bulhão que lhe dera seu irmão d'el- por entre o hombro e os peitos, cerca do coraçã. e ella deu umas altas vozes mui doridas, dizend: Mãe de Deus, accorre-me e havei mercê d'esta mi nha alma.» E tirando o bulhão d'ella lhe deu ou ferida pelas verilhas, e ella levantou outra voz e di se: «Jesus, filho da Virgem, accorre-me;» e esta f sua postumeira palavra, dando o espirito e bofan muito sangue d'ella.

O piedade do mui alto Deus, se então fôra m mercê de embotares aquelle cruel cutello, não dam nara o seu alvo corpo, innocente de tão torpe culp

Foi a casa logo cheia de brados e choros d homens e de mulheres, depennando-se sobre ella, fazendo grande e dorido pranto; o som dos gritos e ouvido por toda a cidade, e foi gran turbação e muitos, que não sabiam que cousa era. Ao gran arruido e volta, veiu Gonçalo Mendes de Vasc cellos, que era seu parente d'ella, e quando achou obra feita, e os seus faziam por ella tal dó, e co tão doridas palavras, que o povo que de redor estava olhando, não podiam reter suas lagrimas.

O infante como acabou aquillo porque viera, cavalgou com os seus e tomou pela ponte, e não quedou d'andar, sem fazer detença, até que chegou S. Paio, que são d'alli algumas leguas. E pela jornada, que era grande, e fraqueza das bestas, não chegaram com elle mais de seis, e alli os esper todos, até que foram depois juntos. E d'aque logar partiram caminho da Beira, baratando cad um armas o melhor que podia, e não perdiam uso d'ellas em monte e em caça; e assim durara por espaço de tempo, por onde quer que andavam.

CAPITULO CIV

Como o infante D. João foi perdoado, e como veiu vêr el-rei e a rainha.

Foi esta cousa sabida pelo reino, e pesou a muitos d'esta morte, mórmente quando souberam que fôra d'aquella guisa, sem sua culpa d'ella; e a rainha, quando o ouviu, mostrou que lhe pesava muito, pondo por ella dó, porém, dizia a el-rei que não curasse d'aquillo, nem tomasse por ello nojo, ca cousas eram que aconteciam pelo mundo.

E depois que esta cousa foi arrefecendo, andando o infante na Beira e por Riba de Côa, cêrca dos extremos, fez saber a el-rei e á rainha que lhe não cumpria viver em sua terra sem sua graça e contra seu talante; e se sua mercê fosse de lhe perdoar a elle e aos seus, se não que se trabalharia de ir buscar cobro a outro reino, onde vivesse sem temor de nenhum.

N'isto, não quedavam embaixadores em idas e vindas: ora lhe traziam novas de ledice, ora con-

tavam outras de tristezas, dizendo que o mestre de Christo e o conde D. João Affonso e D. Gonçalo e o conde de Vianna, todos primos, se jervam para o ir buscar, elle e os seus. Assim que todas partes se temiam, salvo do conde D. Afonso Peres, seu tio do infante, que tratava com o conde velho como o infante fosse perdoado; e por elle pelo prior do Hospital, D. Fr. Alvaro Gonçalves por Ayres Gomes da Silva, a quem el-rei que grão bem, dês-ahi pela rainha, cuja voz valia mais que todos, foi o infante perdoado e todos os que eram com elle.

E vistas as cartas de perdão, que lhe el-rei e rainha sobre isto mandaram, partiu o infante seguro, para vir á côrte, e chegou a Santarem com cento e cincoenta de cavallo, e d'ali mandou dizer a el-rei, que era em Salvaterra de Magos, que a espaço de quatro leguas, se o iria vêr assim como ia de caminho ou com certas pessoas e mais não e el-rei lhe enviou dizer que viesse muito em boa hora com quantos trazia e mais, se mais quizesse trazer.

Então chegou o infante, e foi elle e os seus muito bem recebidos d'el-rei e da rainha e dos condes seus irmãos, que estavam ahi e o acompanharam e o foram receber até junto de Santarem, que veiu. O infante esteve ahi com el-rei uns dias, dando ao monte e á caça com elle, e ás vezes com os seus; e d'ali os mandou cada um para sua terra e ficou elle com os que lhe prouve, andando muito privado d'el-rei e da rainha, muito á sua vontade. E mandou-lhe el-rei pagar as contias trespassadas e as presentes, e muitos dinheiros de graça.

E, vendo elle a boa maneira que el-rei e a rai-

tinham com elle, teve mentes de lhe ser feito aquillo que o conde com elle falára, em razão do casamento de sua sobrinha, esperando cada dia de se pôr em obra.

E a rainha havia d'isto mui pouca vontade, não embargando que a irmã fosse já morta, porque a ella era grande empacho viver o infante em Portugal, vendo el-rei cada dia mais adórado; e temia-se que, fallecendo por morte, fosse o infante logo levantado por rei e tomar tal mulher que seria rainha, e ella desfeita de sua honra e estado. E, por esquivar de todo ponto este azo, havia desejo de ter sua filha casada em Castella, da guisa que o era, ou melhor, se ser podesse, por ficar ella regedora se el-rei D. Fernando morresse, como nos tratos do duque de Benavente era conteúdo; e que assim livremente se assenhoriaria do reino, e que o infante não buscaria cobro senão em Castella, onde lhe ella depois ázaria prisão ou morte, por que ficasse segura.

Ora n'este tempo são alguns que escrevem, não sómente razões de que nenhuma cousa nos ajudar podemos, mas ainda seus ditos nos desprazem muito, e de todo em todo são para enjeitar: dizendo que o infante foi esposado com a infante D. Beatriz, como lhe fôra promettido; e uns contam que foi em Vallada, sendo el-rei doente; outros dizem que foi em Portalegre, em muito grande segredo;—escrevendo isto por largos falamentos, que resumir não curamos, E, posto que umas palavras sejam contra as outras e todas em summa contradigam á verdade, nós porém crêmos que suas erradas razões não foi por malicia dos auctores, mas por ignorancia da verdade, a qual sabei que foi d'esta guisa.

CAPITULO CV

Como se o infante partiu nojoso da côrte, e s
para entre Douro e Minho.

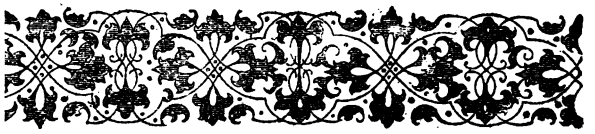
EL-REI partiu d'aquelle logar onde estava e f
para terra do Alemtejo; e, antes que
partisse e depois, o infante falava em fei
seu casamento com a rainha e com aquelles
quem tinha razão de o falar. E ella, como q
não havia vontade, dês-ahi os outros, segundo
biam seu desejo, faziam entender ao infante
isto se não podia fazer tão depressa como elle
ria, porquanto cumpria ser a infante primeiro
casada do duque de Benavente, com quem
com tão grandes firmezas, como elle bem sabi
que depois d'isto era necessario haver dispens
para seu casamento ser firme e feito como dev
que isto se não podia fazer logo assim de pres
mas por ordenança e tempo, como convinha
feito.

E com estas e outras razões foram-lhe pon

pela armada, untando lhe os beiços com doces
ras de boa esperança, de guisa que elle enten-
:m seus geitos e falas que isto era cousa para
ı vir a fim ou tarde; e, anojado com taes
s de detença, partiu-se da côrte, d'um logar
chamam Vimeiro, e levou caminho do Porto
se para Entre Douro e Minho, e ali andou por
ɔ, dês-ahi foi-se á Beira. E andando por esta
conheceu bem que era escarnido, e começou
ristecer e andar muito nojoso, em tanto que,
ı como elle na morte de D. Maria se partiu
ivel, vingador da culpa não commettida, assim
s se apartava a chorar a miude, fazendo
:o por sua morte, reprehendendo-se muito do
que fizera.
sim que elle vivia nojosa vida, e os seus isso
ıo passaram mui mal, ca d'el-rei lhe vinham
ɔs e maus desembargos de suas tenças e mo-
s, de guisa que empenharam as armas e os
dos, e já não tinham que empenhar senão alãos
ujos; e com esta pobreza se passou o infante
ɔa de Côa, e ali faziam sua gostada vida.
isto chegaram-lhe novas que o conde D. Gon-
e o mestre de Christo iam sobre elle, para vin-
ı morte da irmã e da mãe, e el-rei e a rainha
cêrca, e o conde de Barcellos com elles; e era
ı de feito que elles iam contra aquella comarca
esta voz, e a tenção era mais pelo desterrar
pelo matar; e, assim como se elles iam che-
o, assim se arredava o infante com os seus,
que o pozeram em um logar que dizem Villar
ır. N'aquelle castello assocegou o infante, crendo
d'ahi em deante o não seguissem mais, e os
partiram-se para umas aldeias que são de parte

de Castella, e elle ficou com Garcia Affonso e D
Affonso; e á meia noite chegaram-lhe incul
guias, que as traziam, que lhe disseram que os
des e mestre seriam antes da alva com elle, a p
del-o ou matal-o, com grão poder que traziam.

O infante, quando se assim viu aficado e só
mandou conselho áquelles com que se achou.
les aconselharam-n'o a que se partisse; e assim
acompanhado se partiu de noite e foi amanhece
San Felizes dos Gallegos, senhorio de Castella.
são d'ali oito leguas, sem levar mais em sua c
panhia que Garcia Affonso e Diogo Affonso, e
tro moços que iam de besta. E assim sem
gente chegou a casa da infante D. Beatriz, su
mã, mulher do conde D. Sancho, áquelle log
San Felizes, onde foi bem recebido e feito gr
acorrimento.



CAPITULO CVI

o se o infante partiu com temor para Castella, do que se seguiu em sua ida.

Os desaventurados dos vasalos do infante, que se espalharam pelas aldeias de redor d'aquelle logar onde elle ficara, por serem ıor aposentados, quando veiu na alva da ma- começaram de guisar suas fracas fazendas, por minhar para onde deixaram o infante; e, elles pelo caminho, acharam um Fernão Gallego, manteeiro, que lhes disse como o infante era ido e de que guisa, o qual lhes mandava dizer se o amavam, o não fossem mais buscar, mas se tornassem todos, cada um para onde me- entendesse, e isto por espaço d'um pouco de po, ca não tardaria muito que cedo d'elle não ɔessem novas, e que então, quem lhe bom de- tivesse, o seguisse onde quer que elle fosse. sta mensagem foi ouvida com grande dôr e las- a, e a resposta dada com taes razões e pranto

que não havia homem que os ouvisse que de
não houvesse piedade. Os brados e choros e
muitos, depennando-se, e dando grandes punha
no rosto, e fazendo suas faces taes que todas e
tornadas em sangue. Durou isto por grande e
ço, como quem não tinha que os estorvasse, e
saço e mingua de fala os fez cessar de suas dó
vozes.

Duas grandes pressas os moviam a fazer isto
primeira, saudade e bemquerença que haviam
seu senhor, por lhes ser grádo e liberal e m
aprazivel companheiro, a outra, quando elle f
com tal receio de ser preso ou morto, que e
cuidar que fariam elles, ou que esperança te
de sua vida. Então se confortaram uns com out
e foram todos arramados cada um a sua parte, c
a frota das naves no mar, quando é perseguida
grande tormenta.

O infante esteve com sua irmã, por tempo,
quelle logar de San Felizes, até que por seu
azo e encaminhamento houve recado e segura
d'el-rei de Castella que lhe prazia de o filhar
sua guarda e mercê, e foi-se para elle, de quem
bem recebido e dos senhores da côrte; e poz
el-rei grande poymento de dinheiros, e deu-lhe
ras e fortalezas, e encaminhou-lhe sua vida as
honradamente.

Então, mandou o infante a Portugal requere
seus que se fossem para elle, e d'elles o fizeram
mo viram seu recado; outros não curaram de
tendo já acceitado outros modos de viver.

CAPITULO CVII

Como morreu o papa Gregorio e foi elegido em seu logo D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto.

Pois que já contámos o azo da ida do infante D. João para Castella, ora convém que tratemos do feito da schisma que se n'este tempo levantou na Egreja, não sómente por necessidade da historia, que nos constrange falar d'ello, segundo adeante podereis vêr, mas por não mostrarmos mingua em nossa obra, pois que os famosos historiadores, em suas chronicas, fazem d'ella menção. Assim que nós, em breve arrazoado, mais claro porém que elles, vos contaremos por ordem seu começo e fim, qual foi e quanto tempo depois durou; onde sabei que seu feio nascimento, muito d'aborrecer, houve principio n'este modo.

Sendo Gregorio papa undecimo, e estando em Avinhão com sua côrte, veiu por certo recontamento a suas orelhas que algumas cidades e castellos de Italia, sujeitos a elle no temporal e espiritual, lhe

rebellavam de todo, de guisa que a seu mand
nem de seus mensageiros queriam obedecer..
causa d'esta rebellação, segundo diziam, era por
o papa e todos os seus cardeaes, que pela ma
parte eram francezes, lhes impunham taes en
gos e sujeições que os não podiam mais suppor
Pela qual razão, o dito senhor papa, aos quato
dias do mez de setembro da era de mil quatroc
tos e quinze, partiu d'aquella cidade d'Avinh
foi-se a Marselha, com seus cardeaes, e d'ahi e
barcou em galés de Genova e foi-se a Roma, p
subjugar aquelles que lhe assim rebellavam; e
mez de março, aos vinte e sete dias, da era segu
te de mil quatrocentos e dezeseis, morreu e
papa Gregorio em Roma.

Elle morto, ficaram em Roma dezeseis cardea
a saber, doze ultramontanos e os outros italic
aos quaes pertencia o direito de eleger; e jun
ram-se estes cardeaes em alguns logares, falar
apartadamente, e ás vezes juntos, qual d'elles s
cederia em seu logo, e não concordavam em e
ger pessoa ultramontana, a saber, de França
d'Inglaterra ou das Hespanhas.

E faziam os ultramontanos de si duas part
Uma era dos cardeaes de Lemonicense, que é
França, a saber, o bispo Prenestino e o cardeal
Agrifollio e outros; estes queriam haver por pa
o cardeal de Pictavia ou sequer o cardeal de Bi
ro, que é em França, que era da sua parte d'el
A outra parte era dos francezes, da qual era o c
deal de Genebra e o cardeal Pero de Luna e o s
nhor dos Ursins e outros. E alguns italicos estav
em si mesmos, sem ter a uma parte nem á out

Os francezes contendiam de haver por papa

cardeal de Santo Estacio, o qual disse uma vez ao maior senhor de Lemonicense: «Eu vos digo que declarado é d'esta vez que não haja ahi papa da vossa terra de Lemonicia, porque dizem que todo o mundo se aggrava de seu senhorio.» E d'ahi em deante foi sua discordia mais declarada, para tratar sua parte pelos italicos, e cresceram entre elles muitas palavras, por azo da qual divisão se offereceu aos italicos, dizendo que antes queriam papa italico que da nação de Lemonicia.

E, sabendo isto, os de Lemonicia logo cataram um caminho de enganar os francezes, vendo que suas vozes eram tão poucas que não podiam eleger papa francez; e concordaram entre si de eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e isto por entenderem que a outra parte seria em seu favor. E este segredo que os cardeaes entre si traziam de eleger não foi porém tanto guardado que o cardeal de Grifollio, antes por dias que entrassem ao conclave, não dissesse um dia a este D. Bartholomeu que cedo poria sobre seus hombros um mui grande cargo; e isso mesmo disseram em grão segredo os cardeaes procuradores da rainha de Apulia a D. Tomé, seu procurador, que então era em côrte, como queriam eleger D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e elle assim o escreveu á rainha sua senhora, antes da entrada do conclave.

Sendo já andados oito dias d'abril, entraram os cardeaes pela manhã, segundo fórma de direito, no conclave, para elegerem, como é seu costume, e o cardeal de Agrifollio e o de Pictavia inquiriram depois da entrada as intenções e desejos do cardeal de S. Pedro e d'outros, e acharam que seu desejo e intenção era de eleger o arcebispo do Bairre; e

contando as vozes que eram por sua parte acha
que havia ahi que abundasse para o confirma
papa.

N'isto, o povo romano começaram de se al
çar, d'elles armados e outros sem armas, como
gumas vezes sóem de fazer, e foram-se ao p
onde estavam os cardeaes, bradando com gra
arruido que lhes dessem papa romano ou ao me
italico.

Então o cardeal de Sabina disse aos outros
deaes:

—«Senhores, sejamos logo, que creio, com
ajuda e graça de Deus, concordaremos cedo e
geremos papa.»

—«Não assim, disse o cardeal de Ursins,
espacemos esta eleição e enganemos estes roma
que pedem papa natural de Roma, e finjamos
já elegemos um frade de S. Francisco, que vos
nomearei, e vistamos-lhe a capa e a mitra, dep
quando quizermos, faremos a eleição.»

O cardeal de Prenestina e outros disseram
este não era bom conselho, porque por tal cami
traziam o povo christão a seguir em idolatria.

—«Mas venhamos á eleição, disse elle, emquan
nos ninguem não torva, e não curemos do cla
do povo, do qual por ora não devemos de cura

Passado isto, começaram de tratar da eleição.
disseram que falasse logo o cardeal de Floren
que por direito tinha a primeira voz, e sua int
ção foi de guiar os cardeaes a eleger o cardeal
S. Pedro, e lhe deu então sua voz; os outros
seram que aquelle cardeal era desázado e não a
para os trabalhos do papado, por muitas razões
não falaram mais n'elle. Isto dito, guiaram to

tinham com elle, teve mentes de lhe ser feito aquillo que o conde com elle falára, em razão do casamento de sua sobrinha, esperando cada dia de se pôr em obra.

E a rainha havia d'isto mui pouca vontade, não embargando que a irmã fosse já morta, porque a ella era grande empacho viver o infante em Portugal, vendo el-rei cada dia mais adórado; e temia-se que, fallecendo por morte, fosse o infante logo levantado por rei e tomar tal mulher que seria rainha, e ella desfeita de sua honra e estado. E, por esquivar de todo ponto este azo, havia desejo de ter sua filha casada em Castella, da guisa que o era, ou melhor, se ser podesse, por ficar ella regedora se el-rei D. Fernando morresse, como nos tratos do duque de Benavente era conteúdo; e que assim livremente se assenhoriaria do reino, e que o infante não buscaria cobro senão em Castella, onde lhe ella depois ázaria prisão ou morte, por que ficasse segura.

Ora n'este tempo são alguns que escrevem, não sómente razões de que nenhuma cousa nos ajudar podemos, mas ainda seus ditos nos desprazem muito, e de todo em todo são para enjeitar: dizendo que o infante foi esposado com a infante D. Beatriz, como lhe fôra promettido; e uns contam que foi em Vallada, sendo el-rei doente; outros dizem que foi em Portalegre, em muito grande segredo;—escrevendo isto por largos falamentos, que resumir não curamos, E, posto que umas palavras sejam contra as outras e todas em summa contradigam á verdade, nós porém crêmos que suas erradas razões não foi por malicia dos auctores, mas por ignorancia da verdade, a qual sabei que foi d'esta guisa.

que viesse com outros prelados e fingisse que
mandava chamar para haver com elles conse
Veiu elle com outros, e estando assim, era já
de comer, e disseram os cardeaes que comesse
e comeram os cardeaes a uma parte e os prel
a outra; e depois que comeram tornaram-se o
vez, á eleição, e propozeram alguns, dizendo:

— « Senhores, bem sabeis como hoje pela ma
elegemos o arcebispo de Bairre, e porque alg
duvidavam na eleição, por razão do arruido
romanos, agora não póde nenhum allegar cla
nem torvação, porque todas as cousas pelo pres
são em paz, porém vejamos o que quereis faze

Então, mais que as duas partes outra vez ele
ram o dito arcebispo de Bairre, dizendo que aqu
fosse verdadeiro papa.

Depois d'aquelle fingimento e encoberta que
ram, partiram-se quatro cardeaes da cidade, p
alguns logares de que confiavam, e seis d'elles
traram no castello de Sant'Angelo, porque era
te, e outros seis ficaram em suas casas, os qu
passada uma semana depois da eleição, chegar
ao paço onde estava o papa assim como escond
e os officiaes da cidade informaram o povo qu
cardeal de S. Pedro não era eleito, por não ser
que supportasse os encargos do papado, mas q
era o arcebispo de Bairre, homem de boa v
lettrado em theologia, e discreto e mui prude
nos feitos da côrte, e bem azádo para ser pa
como outro ahi não havia. E assim pacificara
povo.

E, sabendo isto os seis cardeaes que estavam
castello de Sant'Angelo, vieram-se para o papa
assim todos doze vieram á capella do paço e o

ım papa, e assim como verdadeiramente eleito ceberam entre si e lhe mostraram a eleição, andando-lhe que consentisse n'ella; e, elle rece-lo a eleição, pozeram o dito arcebispo na ca-ı, chamando-lhe Urbano Sexto, e assim o pu-ram ao povo, fazendo-lhe gran solemnidade ;ua coroação.

CAPITULO CVIII

Como se alguns cardeaes partiram do papa U
no e elegeram outro, que chamaram Cle
Septimo.

ESTANDO o papa Urbano em Roma, de so
com seus cardeaes, escreveu aos reis e pr
pes christãos, e enviou seus embaixadore
alguns, fazendo-lhes saber como depois da m
do papa Gregorio elle fôra elegido por pasto
Egreja e que lh'o notificava, como era de razã
mais lhes fazia saber que sua vontade era tr
quanto podesse, para pôr paz em todos os
christãos, ainda que por seu corpo cumprisse e
se necessario trabalhar n'ello; e que seu desejo
mais ordenar que elle e os cardeaes seguissem
e honesta vida, n'aquella maneira que os dire
mandam e que elles eram teudos de fazer; o
sim, que todos os reis e rainhas christãos e s
primogenitos filhos fossem cada um anno vestidos
sua libré, que era côr vermelha; e logo, por co
ço d'isto, enviou a alguns certas peças d'escar

para cada um sua, dizendo em suas cartas que isto lhes não enviava por tal cousa ser grande dom, mas por signal de grande amor, e que seu talante era de dar as dignidades e beneficios aos naturaes de cada um reino, e não aos estrangeiros.

E pero estas cousas fossem boas e honestas que o papa Urbano ordenava, tiveram-lhe porém grão damno, porque as tão cedo começou de publicar e pôr em obra, ca elle começou de ser contra os cardeaes e aspero, reprehendendo-os algumas vezes que vivessem pobres e honestos, como teudos eram; e elles receiando, segundo affirma a commum fama, que o papa ao deante mais rijo procedesse contra elles do que então começava, passados quatro mezes e mais que com elle estavam, deixaram-n'o treze cardeaes, cujos nomes e dignidades não curamos de dizer, e foram-se para um logar que chamam Anavia, do condado de Fundis, e d'ali lhe escreveram uma carta, cuja conclusão era esta:

«Que elles em Roma, por morte do papa Gregorio, entrando no conclave para eleger, viera sobre elles o povo armado, dizendo que elegessem papa romano ou italico, senão que por suas mãos haveriam morte; e que elles, por seu afficamento e contra sua vontade, por escapar á sanha de tanta multidão, de praça o elegeram, cuidando, segundo presumiam de sua vida e consciencia, que elle não acceitaria tal honra e dignidade, posto que elegido fosse, e que, cessando o arruido, não acceitado por elle a alteza de tal estado, então elegeriam quem lhes provesse. Mas que ora em cima de seus dias, posto atraz seu desprezamento do mundo que antes mostrara, acceitara a eleição que lhe fôra feita, sendo coroado e solemnisado por papa como não de-

rebellavam de todo, de guisa que a seu mandado nem de seus mensageiros queriam obedecer, e a causa d'esta rebellação, segundo diziam, era porque o papa e todos os seus cardeaes, que pela maior parte eram francezes, lhes impunham taes encargos e sujeições que os não podiam mais supportar. Pela qual razão, o dito senhor papa, aos quatorze dias do mez de setembro da era de mil quatrocentos e quinze, partiu d'aquella cidade d'Avinhão e foi-se a Marselha, com seus cardeaes, e d'ahi embarcou em galés de Genova e foi-se a Roma, para subjugar aquelles que lhe assim rebellavam; e no mez de março, aos vinte e sete dias, da era seguinte de mil quatrocentos e dezeseis, morreu este papa Gregorio em Roma.

Elle morto, ficaram em Roma dezeseis cardeaes, a saber, doze ultramontanos e os outros italicos, aos quaes pertencia o direito de eleger; e juntaram-se estes cardeaes em alguns logares, falando apartadamente, e ás vezes juntos, qual d'elles succederia em seu logo, e não concordavam em eleger pessoa ultramontana, a saber, de França ou d'Inglaterra ou das Hespanhas.

E faziam os ultramontanos de si duas partes. Uma era dos cardeaes de Lemonicense, que é em França, a saber, o bispo Prenestino e o cardeal de Agrifollio e outros; estes queriam haver por papa o cardeal de Pictavia ou sequer o cardeal de Biveiro, que é em França, que era da sua parte d'elles. A outra parte era dos francezes, da qual era o cardeal de Genebra e o cardeal Pero de Luna e o senhor dos Ursins e outros. E alguns italicos estavam em si mesmos, sem ter a uma parte nem á outra.

Os francezes contendiam de haver por papa o

armadas, e foi-lhe dada certa quantia, que os
esse á cidade d'Avinhão, aonde foram trazi-
sem torva de nenhum, e estiveram depois por
).

CAPITULO CIX

Escusação d'estes cardeaes porque elegeram p
e resposta a duas razões mais fortes das sua

De tal divisão e sofisma como esta foram
espantados quantos o ouviram, e, fala
n'ello, não sem razão diziam:

«Qual é o christão que haja fé, posto que
pequena, que se não espante de tal feito como es
Homens tão lettrados e assim discretos perverte
seu bom juizo, de guisa que levantaram tal erro
Egreja de Deus, partiram-se dos outros card
seus irmãos e por seu só sizo fizeram outra
ção, creando outro papa além do primeiro, m
trando-se sem culpa por duas razões de fraco
damento: a uma, dizendo que, por escapar
morte, elegeram em papa este D. Bartholom
arcebispo de Bairre; a outra, cuidando que
era de tal condição e assim devoto que, mais p
sando na morte que ser papa, não acceitaria
eleição, quando lhe notificada fosse!»

as nenhum homem de são conselho era con-
ɔ de taes escusas, dizendo que se elles, com
o e por escapar de morte, elegeram papa,
o diziam, elegeram-n'o depressa e á vontade
romanos, natural de Roma ou italico, como
por elles era pedido; mas elegeram por pro-
ɔ de grande espaço uma vez e depois outra,
irindo da melhor pessoa e mais certa nos ne-
ɔs da côrte, e acharam que este D. Bartholo-
era então conhecido por mais proveitoso para
greja de Deus que outro nenhum de todos elles.
e mais, que direitamente medo não é, salvo
ıdo é feito por tal guisa que se não póde enco-
por nenhumas razões, assim como se elles fo-
tomados pelas capas forçosamente, e com pre-
e por grão medo os trouxessem a tal cuidação
não fazendo o que lhes requeriam, não havia
es al senão morte; e isto foi muito pelo con-
ɔ, ca a elles nunca lhes disseram nem manda-
dizer palavra d'ameaça nem medrosa, antes,
ıdo-lhes reverencia, entraram no conclave, di-
o lhes que entendiam por prol da Egreja ser
aquella vez feito papa romano ou italico, e
porquanto lhes disseram que elles queriam
da cidade e ir eleger a outra parte, portanto
ıntara assim aquelle povo e entraram d'aquella
ı, para lhes dizer que de todo em todo eleges-
e não partissem d'ali até que lhes dessem

se por medo fôra elegido, quem os forçou de-
a se virem n'outro dia para elle, e lhe vestirem
duras de papa, fazendo-lhe reverencia e mos-
lo-lhe obediencia qual deviam a seu prelado, e
vendo suas cartas ao imperador e reis e prin-

cipes christãos, como este D. Bartholomeu haviam elegido e creado canonicamente em papa, por verdadeiro pastor da Egreja?

E, se o por medo elegeram e não haviam por verdadeiro papa, quem os constrangeu a ganhar d'elle graças e beneficios, para si e para seus servidores e amigos, e lhe apresentarem rotulos e supplicações, impetrando d'elle graças na forma que se costuma demandar, chamando-lhe n'ellas «santissimo e mui alto pastor da Egreja», offerecendo-lh'as com aquella ordenada reverencia que teem em costume fazer a seu senhor, ganhando d'elle que podessem eleger confessor que os cumpridamente absolvesse, havendo d'isto lettras bulla das deque uzaram em fôro de consciencia, indo ao consistorio em sua companhia e servindo-o em seus officios quando dizia missa, conversando com elle como verdadeiro papa, da guisa que sempre foi costume de se fazer em todas as cousas?

E, depois de quatro mezes que isto assim fizeram se partiram d'elle e se foram para aquelle logar que ouvistes, e elegeram outro papa á sua vontade, deixando as consciencias dos christãos em infindas duvidas e desvairadas cuidações! posto que muitos doutores grandes letrados, por certas e fortes razões provassem assás claramente, em seus tratados que sobre isto fizeram, este Urbano ser verdadeiro papa e não outro, assim como João de Liniano e Bartholomeu de Saliceto e outros, que, longamente arguindo sobre isto, determinaram a verdade, das quaes o modo de historiar não consente nenhuma d'ellas ser aqui posta.

CAPITULO CX

guerra que se começou entre Castella e Navarra da morte d'el-rei D. Henrique.

DEIXANDO mais falar de taes feitos, cujo processo seria mui longo, ao feito dos reis que deixámos, tornemos nosso arrazoado, e, posue entre el-rei de Castella e el-rei de Portugal uma cousa mais aviesse do que antes tendes lo, da morte d'el-rei D. Henrique queremos , por saberdes de que guisa foi.

ıde aveiu que el-rei de Navarra quizera tratar os inglezes de ser em sua ajuda contra el-rei de ça, não embargando o divido que com elle haca estava el-rei de Navarra casado com sua ; e soube-o el-rei de França e percebeu-se , e enviou rogar a el-rei D. Henrique, que ı sazão estava em Sevilha, que tivesse d'isto lo, pela amizade que ambos haviam; e el-rei enrique houve queixume d'el-rei de Navarra e ɔz logo de lhe fazer guerra.

Ora foi assim que, antes d'isto, el-rei de Navarra commettia Pero Manrique, adeantado-mór de Castella, que lhe désse a villa de Logroño, de que era alcaide, e que lhe daria vinte mil dobras; e el-rei D. Henrique sabia d'isto parte, e quando viu aquelle recado de França mandou dizer a Pero Manrique que dissesse a el-rei de Navarra que lhe queria dar a villa, e que houvesse as dobras d'elle. e que fizesse muito por o tomar dentro. Pero Manrique fez saber a el-rei de Navarra que havia cuidado no que lhe commetter mandara, e que lhe prazia de lhe entregar a villa, dando-lhe algumas dobras das que lhe mandara prometter.

A el-rei prouve muito, e juntou quatrocentas lanças e chegou com ellas cêrca de Logroño e mandou-lhe por um seu parte das dobras que lhe promettidas havia. Pero Manrique tinha assás de gentes no logar, e mais seiscentas lanças que estavam em Navarrete, duas leguas d'ahi, de que era capitão Pero Gonçalves de Mendonça. fazendo mostranca que estavam contra Pero Manrique. El-rei de Navarra, pero tinha gran cubiça de cobrar o logar, duvidava se lhe faziam isto por arte, e chegou até a ponte de Logroño e fez entrar suas gentes dentro, e Pero Manrique os acolheu mui bem e lhes fez dar pousadas, e sahiu fóra a el-rei, pedindo por mercê que entrasse. El-rei de Navarra, não se fiando d'esta cavalgada, pensou que, pois os seus já eram dentro. logo pareceria se n'este feito havia alguma burla, e não quiz então entrar, antes se arredou da ponte, dizendo que n'outro dia viriam para entrar dentro. Pero Manrique, quando viu que el-rei duvidava de entrar, tornou-se depressa para a villa,

e como entrou fez prender e roubar todas as gentes d'el-rei de Navarra, e foi a guerra por aqui descoberta.

El-rei D. Henrique mandou logo o infante D. João, seu filho, com muitas gentes, que entrassem por Navarra, e levava quatro mil lanças e muita gente de pé e bésteiros; e houve el-rei de Navarra seiscentas lanças d'inglezes a soldo, que entravam por Castella com os navarrezes. E o infante D. João, depois que tomou alguns logares em Navarra, tornou-se, por razão do inverno, que era grande, ca era isto no mez de dezembro, e chegou a Toledo, onde el-rei D. Henrique estava; e d'ali partiu el-rei e foi-se para Burgos, e ali fez outra vegada juntar suas gentes, para o infante entrar por Navarra. E el-rei soube d'isto parte e enviou dizer a el-rei D. Henrique que queria com elle haver paz; e vieram por embaixadores D. Ramiro Sanchez d'Arellano e um prior de Roncesvalles.

A el-rei D. Henrique prouve com elles e trataram suas amisades, a saber: que el-rei de Navarra enviasse os capitães inglezes fóra da sua terra, e que el-rei D. Henrique lhe emprestasse vinte mil dobras para pagar do soldo que lhes devia; e assim outras condições que não curamos dizer. D'ali se partiu el-rei D. Henrique para uma sua cidade, que chamam San Domingos de la Calzada, e ali veiu el-rei de Navarra, que foi d'elle bem recebido, e ratificaram seus tratos e amizades; e esteve ahi seis dias e tornou-se para seu reino.

E el-rei, depois de sua partida; começou de se sentir mal, e afficou o a dôr de tal guisa que uma segunda feira, aos vinte e nove dias de maio, requereu o sacramento e a uncção, e depois assentou-

se na cama, acostado, vestido em pannos d'ouro, e disse presente os que ahi estavam:

— «Dizei a meu filho o infante D. João que, em razão do schisma da Egreja, haja bom conselho como deve fazer, porquanto é caso mui perigoso. Outrosim, que lhe rogo que sempre seja amigo da casa de França, de que eu recebi muita ajuda, e que lhe mando que todos os prisioneiros inglezes e portuguezes e d'outra qualquer nação sejam soltos.»

N'isto, afficando-se a alma para partir do corpo, vestiram-lhe um habito da ordem de S. Domingos, e sendo já duas horas andadas do dia acabou sua vida e deu o espirito, havendo quarenta e seis annos e cinco mezes de sua edade, e treze annos e dois mezes que fôra alçado por rei em Calahorra: e morreu na era de mil e quatrocentos e dezeseis annos.

E porquanto n'este mez que elle morreu, treze dias antes que finasse, aos dezeseis do dito mez, foi um grande eclipse depois do meio dia, que parecia a todos que era noite, de guisa que fugiam as gentes fóra dos muros dos logares onde viviam. disseram muitos que se fizera por sua morte; mas os entendidos mostravam que os eclipses se fazem por obra de natureza em certos tempos, e que aquelle eclipse não fôra feito por azo de sua morte, mas que elle acertara de se finar n'aquelle tempo que o eclipse havia de ser.

CAPITULO CXI

Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique.

FINADO el-rei D. Henrique, foi alçado por rei, na cidade de S. Domingos da Calçada, o infante D. João, seu primogenito filho, n'aquella segunda feira que seu pae morreu; e foi este rei D. João o primeiro que houve assim nome, dos reis que reinaram em Castella. E começou de reinar em edade de vinte e sete annos e dois mezes e meio, e no mez de julho seguinte, em dia de S. Thiago, se coroou, cerca de Burgos, em um mosteiro de donas que chamam as Olgas, e fez n'esse dia coroar a rainha D. Leonor, sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro d'Aragão; e armou cem cavallleiros, filhos de ricos-homens e fidalgos de seu reino, e foram esse dia feitas grandes festas dentro na cidade de Burgos.

Ora sabei que, n'esta sazão que el-rei D. Henrique seu pae, morreu, tinha armadas oito galés e cinco que lhe el-rei D. Fernando de Portugal dava

Ora foi assim que, antes d'isto, el-rei de Nav
ra commettia Pero Manrique, adeantado-mór d
Castella, que lhe désse a villa de Logroño, de q
era alcaide, e que lhe daria vinte mil dobras; e
rei D. Henrique sabia d'isto parte, e quando
aquelle recado de França mandou dizer a Pe
Manrique que dissesse a el-rei de Navarra que
queria dar a villa, e que houvesse as dobras d'e
e que fizesse muito por o tomar dentro. Pero Ma
rique fez saber a el-rei de Navarra que havia c
dado no que lhe commetter mandara, e que lhe p
zia de lhe entregar a villa, dando-lhe algumas d
bras das que lhe mandara prometter.

A el-rei prouve muito, e juntou quatroce
lanças e chegou com ellas cêrca de Logr
e mandou-lhe por um seu parte das dobras q
lhe promettidas havia. Pero Manrique tinha
sás de gentes no logar, e mais seiscentas lan
que estavam em Navarrete, duas leguas d'ahi.
que era capitão Pero Gonçalves de Mendo
fazendo mostrança que estavam contra Pero M
rique. El-rei de Navarra, pero tinha gran cub
de cobrar o logar, duvidava se lhe faziam isto
arte, e chegou até a ponte de Logroño e fez
trar suas gentes dentro, e Pero Manrique os a
lheu mui bem e lhes fez dar pousadas, e s
fóra a el-rei, pedindo por mercê que entra
El-rei de Navarra, não se fiando d'esta car
gada, pensou que, pois os seus já eram den
logo pareceria se n'este feito havia alguma bu
e não quiz então entrar, antes se arredou
ponte, dizendo que n'outro dia viriam para en
dentro. Pero Manrique, quando viu que el-rei
vidava de entrar, tornou-se depressa para a vi

CAPITULO CXIII

Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente, e lhe deram a obediencia.

A ordenança de bem historiar nos requer tornamos dar fim ao feito do schisma, que começado temos, posto que brevemente seja contado, pelo muito que temos de dizer das seguintes historias.

Onde sabei que, feitos no mundo aquelles dois papas, a saber Urbano e Clemente, que ouvistes, foram os reis em suas provincias mui contorvados de tal feito, duvidando muito qual a parte teriam, entre os quaes foi um el-rei D. João de Castella e el-rei D. Fernando de Portugal. E, posto que cada uns em suas terras e senhorios se trabalhassem, com maduro conselho, saber qual d'aquelles era seu certo pastor, allianças e affeições, que levamo direito a qual das partes querem, fizeram divisão na Egreja de Deus, ca el-rei de França, que havia gran liga com el-rei de Castella, enviou a elle seus

se na cama, acostado, vestido em pannos d'ouro. disse presente os que ahi estavam:

— «Dizei a meu filho o infante D. João que. razão do schisma da Egreja, haja bom conselho: mo deve fazer, porquanto é caso mui perigoso. O trosim, que lhe rogo que sempre seja amigo da sa de França, de que eu recebi muita ajuda, e lhe mando que todos os prisioneiros inglezes e tuguezes e d'outra qualquer nação sejam soltos.»

N'isto, afficando-se a alma para partir do cor vestiram-lhe um habito da ordem de S. Doming e sendo já duas horas andadas do dia acabou vida e deu o espirito, havendo quarenta e seis nos e cinco mezes de sua edade, e treze annos dois mezes que fóra alçado por rei em Calahor e morreu na era de mil e quatrocentos e deze annos.

E porquanto n'este mez que elle morreu, tr dias antes que finasse, aos dezeseis do dito m foi um grande eclipse depois do meio dia, que p cia a todos que era noite, de guisa que fugiam gentes fóra dos muros dos logares onde vivi disseram muitos que se fizera por sua morte; m os entendidos mostravam que os eclipses se faz por obra de natureza em certos tempos, e aquelle eclipse não fôra feito por azo de sua mo mas que elle acertara de se finar n'aquelle tem que o eclipse havia de ser.

CAPITULO CXI

reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nas- um filho que houve nome D. Henrique.

NADO el-rei D. Henrique, foi alçado por rei, na idade de S. Domingos da Calçada, o infante D. João, seu primogenito filho, n'aquella segunra que seu pae morreu; e foi este rei D. João ıeiro que houve assim nome, dos reis que reiı em Castella. E começou de reinar em edavinte e sete annos e dois mezes e meio, e no e julho seguinte, em dia de S. Thiago, se cocerca de Burgos, em um mosteiro de donas ıamam as Olgas, e fez n'esse dia coroar a rai. Leonor, sua mulher, filha d'el-rei D. Pedro ção; e armou cem cavallleiros, filhos de ricosıs e fidalgos de seu reino, e foram esse dia grandes festas dentro na cidade de Burgos. sabei que, n'esta sazão que el-rei D. Henrieu pae, morreu, tinha armadas oito galés e que lhe el-rei D. Fernando de Portugal dava

em ajuda, e estavam todas treze em Santander, p
irem em ajuda d'el-rei Carlos de França, que h
então desvairo com el-rei d'Inglaterra, sobre co
que dizer não curamos. E, quando as galés de P
tugal souberam como el-rei D. Henrique era mo
partiram-se da companhia das outras e viera
para Lisboa.

O capitão das galés de Castella, quando isto
enviou dizer a el-rei seu senhor como as galés
Portugal eram tornadas, e como era sua mercê
fazer; e elle lhe mandou que com as suas oito
se em ajuda d'el-rei de França. E foram lá e to
ram quatro barchas d'inglezes, que andavam d
mada, e fizeram alguns outros nojos; e agrade
lhe muito el-rei de França esta ajuda, e firma
seus preitos e avenças, ficando muito amigos e a
dos n'um.

E nasceu n'este anno, a el-rei D. João, de
mulher, um filho que houve nome D. Henrique.
qual natureza apresentou a este mundo na cid
de Burgos, quatro dias do mez de outubro, e
depois rei de Castella, como adeante ouvireis.

CAPITULO CXII

Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el-rei de Castella.

No anno seguinte de quatro centos e dezoito, estando el-rei de Castella em Sevilha, depois que houve armadas vinte galés para mandar em ajuda d'el-rei de França, e com ellas por capitão Fernão Sanchez de Thoar, das quaes armava el-rei de França dez á sua custa, segundo os tratos que havia entre elles, partiu el-rei d'aquella cidade no mez de maio; e andando por seu reino chegaram á villa de Caceres, do bispado de Coyra, onde elle por então estava, D. João Affonso Tello, conde d'Ourem, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, senhor de Lourinhã, embaixadores d'el-rei de Portugal, para tratarem casamento entre a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. Fernando, e o infante D. Henrique, seu primogenito filho, dizendo que, por serviço de Deus e bem de paz e de concordia, se desfizessem os esposorios da dita in-

fante com D. Fradarique, duque de Benavente, s
irmão, com quem estava esposada, segundo a
tendes ouvido, e que casasse com este seu i
pois que a infante ainda era menor de edade
podia bem fazer.

A el-rei de Castella prouve d'ello e trataram s
avenças em razão d'estes esposorios, e outras a
sas, sobre as quaes esse rei de Castella envio
go seus embaixadores a el-rei de Portugal, a s
D. João Garcia Manrique, bispo de Siguenza, c
celler-mór d'el-rei, e Pero Gonçalves de Mendo
seu camareiro-mór, e Inhego Ortiz d'Estunh
sua maior guarda. E chegaram á villa de Por
gre, onde el-rei Fernando era então, e tratar
firmaram com elle:

Que, quando o infante D. Henrique chegas
edade de sete annos, el-rei seu pae fizesse de
que esposasse com a infante sua filha por pala
de presente, e quando viesse a edade de quat
fizesse suas bodas com ella de praça; e que
de Castella, nò mez de setembro, ordenasse c
em seu reino, nas quaes fizesse receber por
por rainha, depois de sua morte, o dito seu
a dita infante; e que houvesse dispensação do
para poderem casar; e que daria logo ao in
seu filho Lara e Biscaya, com seus condados:
a infante, vindo a ser rainha, havia de haver
as villas e cidades que as rainhas de Castella
tumavam de haver; e acontecendo morrer o
infante, tendo já havido com ella ajuntamento
ella houvesse por honra de seu corpo Medin
Campo e Calhar e Madrigal e Olmedo e Arev
e morrendo o dito infante sem haver d'ella
ou não se fazendo o casamento, sem
azo e

ı, e morrendo el-rei D. Fernando e não dei-
o filho herdeiro, que el-rei de Castella ajudas-
cobrar o reino á dita infante e manter em sua
a.

porquanto el-rei de Castella e el-rei de Portu-
ram primos, filhos de irmãos, ca el-rei D. Fer-
o era filho de D. Constança, mulher que fôra
ei D. Pedro de Portugal, e el rei D. João filho
ainha D. Joanna, mulher que fôra d'el-rei
enrique seu pae, as quaes foram ambas irmãs,
de D. João Manuel, por isso ordenaram os
entre si, pois um do outro era mais chegado
ıte que cada um havia, sendo de parte dos
no terceiro grau e da parte das mães primas
nãs, que, avindo caso que de nenhum d'elles
achado por linha direita descendente varão
mea lidimamente nado, então el-rei de Castella
ısse herdar os reinos de Portugal, ou el-rei de
gal os reinos de Castella.

por estas e outras cousas, que entre os reis
ı divisadas, serem mais firmes, posto que bas-
ı escripturas sobre tudo fossem feitas, ordena-
que antes do mez de maio seguinte se vissem
s pessoalmente, para falar e approvar mais
nente todas as cousas que por seus procura-
eram feitas e determinadas, pondo el-rei de
gal em refens, por segurança d'estas vistas, o
lo de Portalegre e d'Olivença, os quaes tivesse
› conde e Gonçalo Vasques, e el-rei de Cas-
Albuquerque e Valencia d'Alcantara, que ti-
Pero Gonçalves de Mendoça e Inhego Ortiz
ınheda.

›ois d'isto, no mez seguinte d'agosto, chega-
cidade de Soria D. Affonso, bispo da Guar-

da, e Henrique Manuel de Vilhena, senhor de Cascaes, e o doutor Gil Dossem, e Ruy Lourenço, deão de Coimbra; e disseram a el-rei de Castella que, segundo os tratos que entre elle e el-rei D. Fernando seu senhor havia, elle devia de fazer côrtes até primeiro dia de setembro, nas quaes todos os senhores e fidalgos e cidades e villas de seu reino haviam de fazer menagem para guardarem aquelles tratos na maneira que foram devisados, e que prouvesse á sua real alteza de o mandar assim fazer. El-rei disse logo que lhe prazia e que, sendo ia d'isto avisado, o notificára por todo seu reino e dera por procuradores ao infante D. Henrique, seu filho, para em seu nome receberem taes menagens, Pero Gonçalves de Mendoça e Pero Lopez d'Ayala, seu alferes-mór.

Então foram ali feitas côrtes, presente todos os prelados e senhores e fidalgos, por si e por seus procuradores, e isso mesmo das villas e cidades de todo o reino; e todos fizeram preito e menagem de guardarem cumpridamente todas as cousas n'aquelle trato conteudas. E, feitas d'isto e d'outras cousas publicas e bastantes escripturas, ordenou el-rei de mandar a Portugal, para receberem outras taes menagens em similhantes côrtes, D. Gonçalo Inhego Ortiz d'Arelano e Fernando Affonso, doutor em degredos.

E nasceu a el-rei D. João de Castella outro filho n'este anno, que chamaram o infante D. Fernando, que foi senhor de Lara e duque de Penafiel.

CAPITULO CXIII

Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente, e lhe deram a obediencia.

A ordenança de bem historiar nos requer tornamos dar fim ao feito do schisma, que começado temos, posto que brevemente seja contado, pelo muito que temos de dizer das seguintes historias.

Onde sabei que, feitos no mundo aquelles dois papas, a saber Urbano e Clemente, que ouvistes, foram os reis em suas provincias mui contorvados de tal feito, duvidando muito qual a parte teriam, entre os quaes foi um el-rei D. João de Castella e el-rei D. Fernando de Portugal. E, posto que cada uns em suas terras e senhorios se trabalhassem, com maduro conselho, saber qual d'aquelles era seu certo pastor, allianças e affeições, que levamo direito a qual das partes querem, fizeram divisão na Egreja de Deus, ca el-rei de França, que havia gran liga com el-rei de Castella, enviou a elle seus

embaixadores, dizendo que o eleito chamado C
mente era verdadeiro papa, o qual alguns diz
que era seu parente; e que por esta guisa
ziam que el-rei D. João mandára rogar a el
D. Fernando que declarasse por aquelle papa C
mente.

E el-rei de Portugal, posto que primeiro houve
accordo com os lettrados de seu reino, contra v
tade do mais conselho e contra desejo de povo.
guindo mais a affeição da carne que o juizo da
zão, declarou na cidade d'Evora, onde então est
o dito Clemente ser verdadeiro papa, e não Urb
Sexto, em cima nomeado, a qual declaração, co
dizemos, entenderam a mór parte dos de seu c
selho que fôra por rogo do dito rei de Castel
por conselho de D. Martinho Castelhano, bispo
tão de Silves, que era muito seu privado.

Depois d'isto, el-rei de Castella, na cidade
Salamanca, similhavelmente declarou ter a p
d'aquelle Clemente, que se chamava papa sept
escrevendo uma mui grande carta, por todos s
reinos e a outras partes, por quaes razões se
vera a tal declaração, como quer que a fama c
mum era que el-rei de Castella não fizera isto
vo por conselho e amor d'el-rei de França,
amizade que ambos haviam contra a casa d'In
terra, que tinha com Urbano Sexto.

E posto que estes reis ambos de Portugal e C
tella fizessem taes declarações, mostrando ao p
sua intenção, muitos houve ahi que lhes prou
o dia que assim declaravam, que disseram
razões de protestação que el-rei de França
quando declarou pelo papa Clemente, dizendo n
guisa:

« Nós, Carlos Quinto, rei de França, protestamos e somos sempre prestes d'estar obediente á declaração do conselho geral, e de nos não partir por nenhum modo da unidade da Santa e Apostolica Egreja; em pero parando mentes ás relações que nos trouxeram alguns nossos mensageiros, que enviamos em Italia e em outras alongadas partes, e o juramento, feito sobre este caso, de tres cardeaes que a nós vieram; e vista sobre o dito juramento sua informação das palavras que nos disseram pela parte de cada um dos ditos eleitos, salva sempre nossa consciencia, quanto é de presente, não nos ousamos partir da obediencia de nosso senhor o papa Clemente, o qual temos por verdadeiro até aqui, antes lhe obedeceremos como verdadeiro pastor, vigario de Jesus Christo, salvo se formos em outra devida maneira informado.»

E diziam alguns, que estas palavras viram, que el-rei de França, se sua mercê fôra, devera de dizer fazendo protestação especial, ca assim o disseram outros reis e principes que tiveram com qualquer d'estas partes; outros afirmavam que fôra muito melhor nenhum rei nem principe não declarar por algum d'elles, ca, se os senhores todos se tiveram sem fazer nenhuma declaração, não durara tanto o schisma na Egreja, como ouvireis que durou. Mas cada uns andando a escolher, tiveram com Urbano o imperador e os seus isso mesmo e el-rei d'Inglaterra e outros reis e senhores, e com Clemente el-rei de França e el-rei de Castella e el-rei de Portugal e el-rei d'Aragão; e d'esta guisa, por nossos pecados, foi então o corpo mystico da Egreja feito com duas cabeças, assim como o corpo monstro, que era feia cousa de vêr.

CAPITULO CXIV

Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus p vados de que guisa poderia fazer guerra e d de Castella, e da resposta que sobre ello der

AINDA que o trabalho e usança das armas os fidalgos corações e lhes dê gran melhe para supportar os affans e asperezas que avir podem, não foi a intenção d'el-rei na segu guerra, que se por isto demovesse a ella, mas se vingar das injurias e grandes vantagens qu rei D. Henrique contra elle mostrara, assim em queimar Lisboa como em outras cousas, de mais tocado não cumpre aqui ser, pois já compr mente são escriptas cada uma em seu logar; e rém, sempre trazia sua fala com os inglezes, o encobertamente que podia, entendendo que em gum tempo lhe cumpria sua ajuda.

E tendo elle sentido que, mais por fortuna e co tellação que por sua ardideza e esforço, el-re Henrique acabava taes feitos, posto que assaz bom e ardido cavalleiro fosse, determinou, não e bargando as avenças que com elle, em sua vid

depois com el-rei D. João, seu filho, fizera de commetter guerra contra elle, crendo que porventura lhe seria fortuna esquerda, e não em sua ajuda, como fôra a el-rei seu pae; e fez chamar os de seu conselho, para falar com elles esta cousa, e todos juntos na villa de Santarem, onde el-rei D. Fernando então estava, propoz el-rei, um dia perante todos, dizendo n'esta guisa:

— «Eu vos fiz aqui vir para falar comvosco cousas que em vontade tenho de fazer; por me aconselhardes que vos sobre isto parece bem. Vós sabeis os nojos e damnos que de el-rei D. Henrique hei recebidos, os quaes me nunca fugiram da vontade, tendo sempre desejo de os vingar, vindo-me tempo á mão de o bem poder fazer; e, posto que com elle paz e avenças fizesse, mais foi por força de desventura que por talante de as eu fazer, porque me parecia que este homem, mais por constellação e fortuna que por vantagens de cavallaria, nascera em planeta de se honrar de todos seus visinhos. E porque sempre tive coração de haver d'isto vingança, como visse tempo azado agora, que me parece que o melhor posso fazer que em outra sazão, pois que elle é morto, tenho vontade de o pôr por obra; ca, posto que seu filho herde o reino por sua morte, não herdará a ventura dos bons aquecimentos que seu pae havia, ca muitas vezes de bemaventurado pae acontece de sahir mui desaventurado filho, e eu haver-me-hia por mui contente se podesse vingar no filho os nojos e damnos que me o pae fez. Porém, lançando de mim todo o empacho das cousas passadas, quero logo haver com elle guerra, e rogo-vos que me deis conselho de que guisa vos parece que se isto melhor póde fazer.»

Os que eram presentes, quando isto ouviram, f
ram mui espantados de el-rei querer commetter
cousa, e isto pelas grandes juras e promettimen
que nos tratos entre elle e el-rei D. Henrique fe
foram firmados, segundo ouvistes; dês-ahi, por
não viam geito como el-rei, com sua honra, tal c
sa podesse commetter. E disseram:

— «Senhor, isto que vós dizeis é mui gra
cousa, e tange a vossa honra e estado de tod
reino, e, assim como perda commum e dôr em to
o corpo, se deve n'ello haver conselho, e por
seja vossa mercê que nos deis espaço para cui
n'ello e vos darmos respostas segundo nos parec

El-rei respondeu que lhe prazia, dizendo que
massem d'espaço tres dias; e elles se juntaram to
no mosteiro de S. Domingos, e, havido seu co
lho, deram logar ao conde velho que dissesse a
rei tudo o que accordaram. E sua resposta foi d'e
maneira:

— «Senhor, vós sabeis bem como já por ve
houvestes guerra com Castella, e, vistos os mal
perdas que se de taes guerras seguiram a vós e a v
so reino, porque ella é mui grande e abundada
muitas gentes e armas e do al tudo que lhe
mister, e o vosso reino é pelo contrario; e ora p
a Deus prouve de vos pôr com el-rei D. Henri
em paz, e elle é já morto e vossa terra está de
cego, parece-nos que não é razão nem direito q
vos demovaes a fazer tal guerra, mórmente c
taes juramentos e promessas quaes vós e nós to
sobre ello temos feitas. Quanto é aos nojos e d
honras que seu pae dizeis que vos fez, já outros
nhores mais poderosos que vós as receberam mó
d'alguns reis seus visinhos, e fizeram paz com e

ıito em peior maneira da que vós fizestes; e, po-
n, nos parece que deveis cessar de tal cousa,
s nenhum arrazoado fundamento tem para o ha-
·des de começar.»
El-rei, ouvindo isto, filhou-se de sorrir, e disse
ıtra o conde:
— « Parece-me, conde, que vós outros não apren-
ıtes bem a maneira como vos eu isto disse, ca
não vos pedia conselho se era bem de haver
:rra ou não, ca eu quero-a haver em toda guisa,
› embargando todas vossas razões e outras mais
: possaes dizer, mas demandava-vos conselho de
: geito a poderia melhor fazer e mais a meu sal-
; mas pois que o vós assim dizeis eu haverei a
:rra todavia, e Deus me dará conselho e maneira
no a possa fazer e acabar com minha honra.»

FIM DO SEGUNDO VOLUME

d'ella, e morrendo el-rei D. Fernando e não deixando filho herdeiro, que el-rei de Castella ajudasse a cobrar o reino á dita infante e manter em sua honra.

E porquanto el-rei de Castella e el-rei de Portugal eram primos, filhos de irmãos, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que fôra d'el-rei D. Pedro de Portugal, e el rei D. João filho da rainha D. Joanna, mulher que fôra d'el-rei D. Henrique seu pae, as quaes foram ambas irmãs, filhas de D. João Manuel, por isso ordenaram os reis entre si, pois um do outro era mais chegado parente que cada um havia, sendo de parte dos paes no terceiro grau e da parte das mães primas co-irmãs, que, avindo caso que de nenhum d'elles fosse achado por linha direita descendente varão ou femea lidimamente nado, então el-rei de Castella podesse herdar os reinos de Portugal, ou el-rei de Portugal os reinos de Castella.

E por estas e outras cousas, que entre os reis foram divisadas, serem mais firmes, posto que bastantes escripturas sobre tudo fossem feitas, ordenaram que antes do mez de maio seguinte se vissem ambos pessoalmente, para falar e approvar mais firmemente todas as cousas que por seus procuradores eram feitas e determinadas, pondo el-rei de Portugal em refens, por segurança d'estas vistas, o castello de Portalegre e d'Olivença, os quaes tivesse o dito conde e Gonçalo Vasques, e el-rei de Castella Albuquerque e Valencia d'Alcantara, que tivesse Pero Gonçalves de Mendoça e Inhego Ortiz d'Estunheda.

Depois d'isto, no mez seguinte d'agosto, chegaram á cidade de Soria D. Affonso, bispo da Guar-

Capitulo LXXII. — Como el-rei D. Fernando começ
de se aperceber de guerra, e el-rei D. Henrique e
trou pelo reino, e do que sobre ello aveio.....
Capitulo LXXIII. — Como el-rei D. Henrique chegc
sobre Lisboa, e da maneira que os da cidade tiveraz
em se recolher.....
Capitulo LXXIV. — Como o almirante não quiz que
galés de Portugal pelejassem com as de Castella,
como por seu azo foram tomadas algumas naus d
Portugal.....
Capitulo LXXV. — Como os da cidade pozeram suspe
em algumas pessoas moradores d'ella, e foram pr
sos alguns e mortos dois homens.....
Capitulo LXXVI. — Como Vasco Martins de Mello
Gonçalo Vasques, seu filho, foram presos em u
escaramuça.....
Capitulo LXXVII. — Como o conde D. Affonso foi s
bre Cascaes, e como foi preso Garcia Rodriguez e
uma escaramuça.....
Capitulo LXXVIII. — Como Henrique Manuel peleje
com Pedro Sarmento e foram vencidos os Portug
zes.....
Capitulo LXXIX. — Como Nuno Gonçalves de Faria f
morto, porque não quiz dar o castello a Pero Rod
guez Sarmento.....
Capitulo LXXX. — Das razões que el-rei D. Henriq
houve com Diogo Lopes Pacheco sobre o cerco d
Lisboa.....
Capitulo LXXXI. — Que homem era Diogo Lopes Pa
checo, e por que azo se foi para Castella.....
Capitulo LXXXII. — Como foram feitas pazes entre e
rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e em que con
dições.....
Capitulo LXXXIII. — Como os reis falaram ambos a
rio do Tejo e firmaram outra vez suas avenças....
Capitulo LXXXIV. — Como casou o conde D. Sancho
com D. Beatriz, e se el-rei D. Henrique partiu pa
seu reino.....
Capitulo LXXXV. — Como el-rei de Navarra falou co
el-rei D. Henrique algumas cousas em que se acco
dar não poderam.....

CAPITULO CXIII

Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente, e lhe deram a obediencia.

A ordenança de bem historiar nos requer tornamos dar fim ao feito do schisma, que começado temos, posto que brevemente seja contado, pelo muito que temos de dizer das seguintes historias.

Onde sabei que, feitos no mundo aquelles dois papas, a saber Urbano e Clemente, que ouvistes, foram os reis em suas provincias mui contorvados de tal feito, duvidando muito qual a parte teriam, entre os quaes foi um el-rei D. João de Castella e el-rei D. Fernando de Portugal. E, posto que cada uns em suas terras e senhorios se trabalhassem, com maduro conselho, saber qual d'aquelles era seu certo pastor, allianças e affeições, que levamo direito a qual das partes querem, fizeram divisão na Egreja de Deus, ca el-rei de França, que havia gran liga com el-rei de Castella, enviou a elle seus

Capitulo CI. — Como a rainha falon com o conde D. João Affonso sua fazenda, e das razões que disse ao infante D. João .....
Capitulo CII. — Como o infante chegou a Alcanhões onde el-rei estava, e do racado que D. Maria houve de sua ida d'elle .....
Capitulo CIII. — Como o infante chegou a Coimbra, por matar D. Maria, e das razões que houve com ella antes que a matasse .....
Capitulo CIV. — Como o infante D. João foi perdoado e como veiu vêr el-rei e a rainha .....
Capitulo CV. — Como se o infante partiu nojoso da côrte, e se foi para Entre Douro e Minho .....
Capitulo CVI. — Como se o infante partiu com temor para Castella, e do que se seguiu em sua ida .....
Capitulo CVII. — Como morreu o papa Gregorio, e foi eleito em seu logo D. Bartholomeu, arcebispo de Bairre, e chamado Urbano Sexto .....
Capitulo CVIII. — Como se alguns cardeaes partiram do papa Urbano, e elegeram outro, que chamaram Clemente Septimo .....
Capitulo CIX. — Escusação d'estes cardeaes porque elegeram papa, e resposta a duas razões mais fortes das suas .....
Capitulo CX. — Da guerra que se começou entre Castella e Navarra, e da morte d'el-rei D. Henrique ....
Capitulo CXI. — Como reinou el-rei D. João de Castella, e lhe nasceu um filho que houve nome D. Henrique .....
Capitulo CXII. — Como se tratou casamento entre a infante D. Beatriz de Portugal e o infante D. Henrique, filho d'el rei de Castella .....
Capitulo CXIII. — Como el-rei de Castella e el-rei de Portugal declararam pelo papa Clemente e lhe deram a obediencia .....
Capitulo CXIV. — Como el-rei D. Fernando pediu conselho a seus privados de que guisa poderia fazer guerra a el-rei de Castella, e da resposta que lhe sobre ello deram .....

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume de 240 paginas.....

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume de 240 paginas.....

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes.....

IV — O Infante D. Pedro, chronica inedita, por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes .....

V — Chronica de El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro), por *Fernão Lopes*, 1 volume ....

VI — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. I e II) .....

EM PUBLICAÇÃO

VII — Chronica de El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, (vol. III).

BLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario—Conselheiro Luciano Cordeiro

ROPRIETARIO E FUNDADOR — *MELLO D'AZEVEDO*

CHRONICA

DE

-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1896

BIBLIOTHECA
DE
ASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario
LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES
DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. III

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
1896

CAPITULO CXV

) João Fernandes Andeiro veiu falar a el-rei re a vinda dos inglezes, e da maneira que el- com elle teve.

QUANDO el-rei firmou em sua vontade de mover guerra contra el-rei de Castella, antes por tempo que demandasse este fingi- nselho que tendes ouvido, logo concebeu em ntendimento que a maneira como se isto mepodia fazer, e com mais sua honra e vanta- assim era haver gentes d'inglezes em sua

assim aveiu que nos tratos das pazes que). Henrique fez, sendo vivo, com el-rei D. o, quando veiu cercar Lisboa, foi posto um que el-rei de Portugal lançasse fóra de seu nhores fidalgos que se para elle vieram rte d'el-rei D. Pedro, vinte e oito pes- le quiz nomear, como largamente já e d'estes nomeados que el-rei lan- elles João Fernandes d'Andeiro,

CAPITULO CXV

o João Fernandes Andeiro veiu falar a el-rei ore a vinda dos inglezes, e da maneira que el- com elle teve.

QUANDO el-rei firmou em sua vontade de mover guerra contra el-rei de Castella, antes por tempo que demandasse este fingionselho que tendes ouvido, logo concebeu em ntendimento que a maneira como se isto mepodia fazer, e com mais sua honra e vantaassim era haver gentes d'inglezes em sua

a assim aveiu que nos tratos das pazes que D. Henrique fez, sendo vivo, com el-rei D. ndo, quando veiu cercar Lisboa, foi posto um ilo, que el-rei de Portugal lançasse fóra de seu , dos senhores fidalgos que se para elle vieram s da morte d'el-rei D. Pedro, vinte e oito pesquaes elle quiz nomear, como largamente já s contado; e d'estes nomeados que el-rei lanóra foi um d'elles João Fernandes d'Andeiro,

CAPITULO CXV

João Fernandes Andeiro veiu falar a el-rei re a vinda dos inglezes, e da maneira que el- com elle teve.

QUANDO el-rei firmou em sua vontade de mover guerra contra el-rei de Castella, antes por tempo que demandasse este fingiıselho que tendes ouvido, logo concebeu em ntendimento que a maneira como se isto mepodia fazer, e com mais sua honra e vantaassim era haver gentes d'inglezes em sua

a assim aveiu que nos tratos das pazes que D. Henrique fez, sendo vivo, com el-rei D. ndo, quando veiu cercar Lisboa, foi posto um ılo, que el-rei de Portugal lançasse fóra de seu dos senhores fidalgos que se para elle vieram s da morte d'el-rei D. Pedro, vinte e oito pesquaes elle quiz nomear, como largamente já ; contado; e d'estes nomeados que el-rei lanóra foi um d'elles João Fernandes d'Andeiro,

INDEX

PAG.

CAPITULO LXI. — Como el-rei não quiz falar aos povos, segundo lhes promettera, e se partiu escusadamente da cidade 5

CAPITULO LXII. — Como el-rei D. Fernando recebeu de praça D. Leonor, por mulher, e foi chamada rainha de Portugal 8

CAPITULO LXIII. — Razões desvairadas que alguns falavam sobre o casamento d'el-rei D. Fernando 11

CAPITULO LXIV. — Das razões que el-rei houve com um do seu conselho sobre o casamento da rainha D. Leonor 14

CAPITULO LXV. — Como a rainha D. Leonor casou alguns fidalgos do reino, e do accrescentamento que fez em outros de seu linhagem 17

CAPITULO LXVI. — Como el-rei D. Henrique mandou saber d'el-rei D. Fernando se lhe prazia de ser seu amigo, e da resposta que lhe levou Diogo Lopes Pacheco 21

CAPITULO LXVII. — Como el-rei D. Fernando e o Duque de Lencastre fizeram alliança contra el-rei de Castella e el-rei d'Aragão 24

CAPITULO LXVIII. — Como el-rei D. Henrique enviou requerer a el-rei D. Fernando que houvesse com elle paz, e das razões que o embaixador disse 27

CAPITULO LXIX. — Da resposta que el-rei D Fernando deu ao bispo, e como se despediu d'elle e se foi 30

CAPITULO LXX. — Como o bispo chegou a Castella, e como se el-rei D. Henrique demoveu a fazer guerra a Portugal 33

CAPITULO LXXI. — Como el-rei D. Henrique entrou em Portugal, e do recado que houve do cardeal delegado do papa 36

maneira que tivesse; e elle chegou a Leiria a h
que o achou na cama, e tomou-o preso e lev
ao castello d'esse logar, e ali o deixou e tornou-
e quando se d'elle houve de partir deu-lhe J
Fernandes um gomil de crystal, obrado d'ouro,
désse á rainha sua senhora, e que o encommen
se muito em sua mercê. A poucos dias fingiu e
que o mandava soltar, e que logo se fosse fó
seu reino, sob pena de morrer porém; e elle
tiu-se e foi-se á pressa, mostrando que se tor
por aquella razão.

E porquanto el-rei D. Fernando tinha já acer
de aquelle conde de Cambridge, com certos n
gos e gentes d'inglezes, vir em sua ajuda, pa
guerra que contra el-rei D. João queria comme
portanto falou assim affoito contra os do seu co
lho, não recebendo nenhumas razões boas que
por elles sobre isto fossem dadas; ca elle não
propoz o que fazer queria para haver por elles c
selho, mas por lhe não dizerem depois que com
tera tal guerra sem lh'o fazer saber primeiro.

PAG.

CAPITULO LXXXVI. — Como el-rei D. Fernando falou aos fidalgos que havia d'enviar fóra do seu reino, e como se partiram de Portugal 87
CAPITULO LXXXVII. — Das ordenações que el-rei D. Fernando fez, por regimento e bem de seu reino, e que armas mandou tivessem então 90
CAPITULO LXXXVIII. — Como el-rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa 94
CAPITULO LXXXIX. — Como el-rei D. Fernando ordenou que as terras de seu reino fossem todas lavradas e aproveitadas 98
CAPITULO XC. — Dos privilegios que el-rei D. Fernando deu aos que comprassem ou fizessem naus 104
CAPITULO XCI. — Como el-rei D. Fernando ordenou companhia das naus e da maneira que mandou que se n'ello tivesse 106
CAPITULO XCII. — Das avenças que el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando fizeram contra el-rei d'Aragão, e com que condições 112
CAPITULO XCIII. — Do recado que el-rei D. Henrique enviou a el-rei D. Fernando, e como lhe prometteu ajuda de cinco galés 116
CAPITULO XCIV. — Como el-rei D. Henrique enviou pedir a el-rei de Aragão sua filha, e como casou com o infante D. João, seu filho 119
CAPITULO XCV. — Como o conde D. Affonso, filho d'el-rei D. Henrique, fez suas bodas com D. Isabel, filha de el-rei D. Fernando 122
CAPITULO XCVI. — Como a infante D. Beatriz de Portugal esposou com D. Fradarique, filho d'el-rei de Castella, e com que condições 126
CAPITULO XCVII. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com o duque d'Anjou, para fazer guerra a Aragão 129
CAPITULO XCVIII. — Das manhas e condições do infante D. João de Portugal 132
CAPITULO XCIX. — Do que aveio ao infante D. João com um urso e com um porco, andando ao monte 135
CAPITULO C. — Como se o infante D. João namorou de D. Maria, irmã da rainha, e como casou com ella escondidamente 139

parte de D. Constança, sua mulher, filha que fôra d'el-rei D. Pedro de Castella. E, falando-se isto em sua côrte, sobrevieram-lhe mais por certas novas que el-rei D. Fernando em toda guisa se percebia de lhe fazer guerra, fazendo-se prestes d'armar galés e pagar soldo e perceber suas gentes e pôr fronteiros pelas comarcas.

E era assim, de feito, que el-rei D. Fernando se percebia d'armar muitas galés e tinha já postos fronteiros entre Tejo e Guadiana, a saber: seu irmão, o mestre d'Aviz, em Olivença, e Arronches e Campo Maior; e em Elvas o conde D. Alvares Peres de Castro; e em Portalegre o prior do Crato, D. Pedro Alvares; e em Beja o mestre de S. Thiago, D. Estevão Gonçalves; e em Villa Viçosa o conde de Vianna e Fernão Gonçalves de Sousa; e assim nos outros logares d'aquella comarca, segundo cumpria por guarda da terra.

E el-rei de Castella, como d'isto foi certo, mandou áquella parte, á cidade de Badajoz, o mestre de S. Thiago, D. Fernand'Osorez, com muitas companhas comsigo. e isso mesmo mandou logo a Sevilha armar as mais galés que podessem; e partiu-se logo de Salamanca e foi-se a Paredes de Nava, que era do conde D. Affonso, seu irmão, porquanto lhe disseram que estava ali e tratava suas preitesias com el-rei D. Fernando. E o conde foi percebido primeiro, e quando el-rei chegou não foi achado no logar, ca se partira para as Asturias. e d'ali tratou suas avenças com el-rei e veiu-se para sua mercê; e el-rei foi-se para Samora, sendo já a guerra publicada a todos e apregoada, por mandado dos reis, no mez de maio d'este presente anno.

CAPITULO CXVII

o o mestre de S. Thiago de Castella entrou por rtugal, e levou grão roubo e se tornou em salvo.

omo a guerra foi apregoada, e as gentes certas que não haviam paz, trabalharam-se todos, nas villas e logares dos extremos, de larem todas suas cousas e colherem os mantios para as cêrcas, por não serem achados de inimigos e com elles se supportarem em longo sobre elles; e tiravam as portas ás casas e vam os vinhos a longe, que de nenhuma coupodessem prestar.

vindo el-rei D. Fernando a Evora, Vasco Roes Façanha e Lopo Rodrigues, seu irmão, disn a el-rei que lhes parecia bem de mandar bar a cêrca velha, mostrando que todos os que moravam tinham da parte do infante D. João, andava em Castella, e que vindo os inimigos a cidade, a cerca velha se poderia defender, ova não; e este conselho lhe davam elles por-

que moravam fóra da cerca velha. E el-rei, crendo-os, mandou-a derribar, e durou o derribar d'ella bem tres annos; e todos os do reino lh'o tiveram a mal, por derribar tal cêrca, e assim afortalezada de muros e de torres, como outra tal em sua terra não havia.

N'isto, o mestre de S. Thiago de Castella, que estava por fronteiro em Badajoz, como dissemos, e D. Mem Soares, mestre d'Alcantara, com elle, e muitas gentes em sua companha, entraram por Portugal, e eram por todos muita gente de pé e de cavallo. E chegaram a Elvas uma quinta feira e pozeram suas tendas nos olivaes, e d'ali partiram em outro dia e foram-se a Veiros, e combateram a villa de guisa que pozeram fogo ás portas da barbacan; e dormiram ahi essa noite, da parte além da ribeira, e partiram ao sabbado pela manhã e foram-se por Souzel e pelo Cano; e correndo por aquella terra apanharam muito gado que por aquella comarca andava, e tornaram-se e vieram dormir á Ribeira do Freixo. E assim tornando por suas jornadas, havendo já oito dias que andavam por Portugal, vieram dormir a Rio Torto, termo d'Elvas, e outro dia á quarta feira mandaram toda a sua presa de gado e prisioneiros para Badajoz, e os mestres com sua companha, partiram para as Broças, por ter o caminho ao prior do Crato e ao Craveiro, que lhes era dito que as tinham cercadas, e queimaram o arrabalde de Valença e não os encontraram, e tornaram-se para Badajoz.

CAPITULO CXVIII

Como o conde D. Alvaro Peres sahiu a correr contra Badajoz, e do que lhe aveiu com os do logar.

Não achamos cousa, que contar seja, que os fronteiros portuguezes que estavam n'aquella comarca fizessem emquanto os mestres entraram por Portugal, salvo que o conde D. Alvaro Peres de Castro, que por fronteiro estava em Elvas, ordenou d'ir correr contra Badajoz, e disse a Gil Fernandes, morador n'aquelle logar, de que já havemos feita menção na guerra d'el-rei D. Henrique, que lhe rogava que fosse em sua companha e lhe prometesse que se não partisse d'elle; e Gil Fernandes lh'o prometteu. Então se fizeram prestes e foram correr cerca da cidade, e foram os da corredura deante e o conde ficou em cilada, com Gil Fernandes e com parte das gentes.

O logar estava bem fornido de defensores, de que logo sahiram tantos após os portuguezes que lhes começavam de fazer mau jogo. Gil Fernandes,

quando os d'aquella guisa viu vir, disse ao c
mui trigosamente:

— «Senhor, não cumpre mais supportar a
damno que os da corredura veem soffrendo.
acorrei-lhes depressa, antes que mais seja.»

O conde começou de pôr o feito em vagar,
Fernandes cavalgou logo, com vinte de cavalle
o seguir quizeram, e disse contra um escudeir
chamavam Gil Vasques Barbudo, com quem
vera palavras perante o conde:

— «Andae para aqui, Gil Vasques, ca agor
quero vêr como se extrema o macho da femea.

E o conde, quando isto viu, disse contra
Fernandes:

— «Parece que mal vos lembra o que me
mettestes, que dissestes que vos não partire
mim.»

— «Senhor, disse elle, não é tempo para t
promessa, pois que vemos os nossos passar
nós estarmos olhando.»

Então se partiu a todo correr e chegou aos
redores esforçando-os quanto podia, e de tal
o fizeram todos que deram volta os castelha
contra sua vontade, e por força lhes fizeram pe
o vau do Guadiana e na passagem houve assa
muitos feridos; e assim os metteram dentro p
portas da villa, e tornaram-se para Elvas.

CAPITULO CXIX

› el-rei D. Fernando mandou aos fronteiros Entre Tejo e Guadiana que fossem pelejar com nestre de S. Thiago de Castella.

L-REI D. Fernando estava em Santarem esperando novas, quando lhe disseram que o mestre de S. Thiago de Castella queria entrar a r em seu reino, como ouvistes, crendo, o que cuidavam, que lhe poriam a praça aquelles ›res e gentes que estavam pelas fronteiras.
dizem aqui alguns que o mestre D. Fernand' ez, que era mui bom cavalleiro, quando houve ızer aquella entrada, mandou dizer a todos os estavam por fronteiros n'aquella comarca que rcebessem, ca elle queria entrar a certo dia; e elles todos houveram seu conselho, e uns dis- ı que lhe pozessem a praça e outros accorda- ıue não, e n'isto entrou elle, da guisa que tecontado.
quando el-rei ouviu que elle entrara e que os corriam a terra e roubavam, pezou-lhe muito

de os deixarem assim entrar, pero tinha fiuza á tornada pelejassem com elle; e quando s que se o mestre tornara em salvo com tan roubo de sua terra houve grande nojo por is mandou a todos os senhores e cavalleiros que vam n'aquella pontura que se juntassem to fossem contra Badajoz, pelejar com o mestre nand'O sorez; e enviou Gonçalo Vasques d'A do, seu grande privado, que se fosse para elles de companha n'aquella obra.

E a fama era que o mandava por capitão d dos, e que por elle se regessem, mas isto er dizer e não verdade, ca não era razão nem aguisada que tal homem como elle, posto que e grande fosse, tivesse cargo da capitania de senhores e fidalgos como ali estavam; porém ma soava assim d'aquella cousa que aquelles criam eram muito anojados.

Pero, sem embargo d'isto, todos os fronteir ram juntos em Villa Viçosa, e Gonçalo Vas d'Azevedo com elles, um domingo, sete di mez de julho; e seriam por todos até mil lanç boa gente e muitos bésteiros e homens de pé.

CAPITULO CXX

ıo os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se ntaram para pelejar com o mestre, e por qual ızão se não fez.

ANTES d'este ajuntamento, estando assim os fronteiros cada um em seu logar, mandou el-rei D. Fernando chamar Nuno Alvares, o do prior do Hospital, D. Pedro Alvares, que ra Entre Douro e Minho, fazendo-lhe saber por carta que elle, por seu serviço, ordenara de fronteiro Entre Tejo e Guadiana, e mandara em Portalegre o prior D. Pedro Alvares e irmãos, e que porém lhe mandava que se logo para elles.

ıno Alvares, tanto que viu o recado d'el-rei, sem ı tardança se guizou do que lhe cumpria, e le- comsigo vinte e cinco homens d'armas e trinta ens de pé escudados, todos bons e para feito, e ou a Portalegre, onde foi bem recebido dos os e d'outros, a que prouve com sua vinda.

Nuno Alvares era filho do prior D. Alvaro

Gonçalves Pereira, de cuja geração e obras ma
adeante entendemos tratar, quando nos convier
crever os grandes e altos feitos do mestre d'Av
que depois foi rei de Portugal, em que lhe es
Nuno Alvares foi mui notavel e maravilhoso co
panheiro.

E, estanto assim Nuno Alvares com estes sen
res, ordenaram sua ida n'esta guisa: repartiram ce
tos capitães que levassem a vanguarda e com el
Gonçalo Vasques d'Azevedo; e porque entendera
que ainda podiam ir, sem empacho dos inimig
até Elvas, ordenaram que todos os homens de p
e carriagem fossem pelo caminho direito ante
vanguarda, regidos e concertados para qualq
cousa que lhes aviesse. E assim partiram á seg
da feira, e indo assim pelo caminho, chegand
um sobral que é entre Villa Viçosa e Elvas, áqu
do campo onde jaz Villa Boim, Nuno Alvares
sahiu do caminho, a cuidar no que lhe prazia p
aquelle sobral; e indo assim cuidando olhou p
deante pelo caminho contra umas aldeias altas
são cerca de Villa Boim, e viu nas ladeiras a ca
riagem e homens de pé, que iam ordenados co
cumpria, e o sol sahia então, porque era bem p
manhã, e dava nas lanças aos homens de pé, de g
sa que seu reluzir os fazia parecer homens d'arm
postos em azes, como muita gente em batalha.

Nuno Alvares, como isto viu de suspeita, não
lembrando da carriagem que ia deante, deixou
cuidar em que ia pensando, e pelo desejo que le
va na batalha, de que havia gran vontade, outh
gou-se-lhe o coração que aquelle era o mestre
S. Thiago de Castella, que já vinha com suas gen
prestes, e como isto concebeu em sua vontade

a gran pressa, dizendo aos que vinham na van-
rda:
–«Boas Novas, senhores.»
; elles abalaram para elle dizendo:
–«E que novas são essas, Nuno Alvares?»
–«Senhores, disse elle, digo-vos que vós tendes
i o mestre de S. Thiago de Castella, o qual vem
stes para vos pôr a batalha, assim que escusado
osso trabalho de o mais irdes buscar.»
; elles todos ledamente responderam que de taes
as lhe prazia muito, dando muitas graças a
s no qual esperavam que os ajudaria contra

uno Alvares, como isto falou com elles, sem
s detença se foi rijamente á reguarda onde vi-
Gonçalo Vasques d'Azevedo, e deu lhe aquellas
mas novas; e Gonçalo Vasques, como as assim
u, não poude tão ledo ser que não dissesse es-
palavras, as quaes a mór parte dos que eram
entes ouviram: «Bem sabia eu, que muito hora
cá viemos, pero antes lh'o eu disse.» E pergun-
a Nuno Alvares se era verdade o que dizia, e
crendo que era da guisa que cuidara, respon-
que sim, pero que viu que Gonçalo Vasques
taes novas era pouco contente houve vergonha
ão lh'as quizera ter ditas, e assim como viera
se tornou para a vanguarda onde havia d'ir e
todos por deante n'aquella ordenança acharam
não era nada do que Nuno Alvares dissera, da
causa a muitos prouve, e chegaram assim até
s
elles ali, para haverem conselho da maneira
haviam de ter, veiu-lhes certo recado como o
nte D. João, que andava em Castella, vinha

com muita gente de cavallo e de pé, em ajuda
D. Fernand'Osorez, que elles iam buscar. Ent
houveram accordo que não fossem mais por dea
e que se tornassem para suas fronteiras, do q
conselho Nuno Alvares foi muito anojado, e b
mostrava que se o poder n'elle fôra d'outra g
ordenaram seu feito.

E partidos elles á quinta feira, ao sabbado s
guinte, que eram treze dias do dito mez, chego
infante D. João com o mestre de S. Thiago e d
cantara, com muitas gentes comsigo, e cercara
villa d'Elvas e jouveram sobre ella vinte e c
dias, e levantaram seu arraial e foram-se.

CAPITULO CXXI

Como Nuno Alvares mandou requestar Juan d'Osorez, filho do mestre de S. Thiago, e a razão porque se demoveu.

QUANDO Nuno Alvares viu que aquelle ajuntamento se desfazia, e que cada uns capitães se tornavam a suas fronteiras, foi mui anojado, como dissemos, e como homem novo de grão coração, que muito desejava servir el-rei que o creara, dês-ahi ser conhecido e haver nome de bom, cuidou, sem falar com outro nenhum, a gran creação que el-rei n'elle fizera e as muitas mercês que seu linhagem havia d'elle recebidas, e deu á memoria os desserviços que lhe o mestre D. Fernand'Osorez fizera em seu reino. E como elle não era poderoso de tantas gentes que tornasse a ello, como lhe seu coração mandava, pensou que um filho que o mestre muito amava, que chamavam João d'Osorez, o mandasse requestar para se matar com elle dez por dez; tendo que se a Deus prouvesse de o matar faria grão nojo ao mestre, pois lh'o

d'outra guisa não podia fazer, e acontecen
ser o contrario que elle haveria por bem emp
do aquelle aviamento que lhe Deus dar quize
pois era por serviço de seu senhor, el-rei.

E logo sem mais detença poz em obra seu
samento e mandou requestar Juan d'Osorez,
estava em Badajoz com seu pae, declarando-lh
sua carta, por palavras quaes em tal caso cump
que se queria matar com elle dez por dez.

Juan d'Osorez era bom cavalleiro e de grã
ração, e ledamente recebeu sua requesta, mos
do que de lhe ser feita lhe prazia muito, esco
do logo para ello aquelles que com elle haviam de

Nuno Alvares, tanto que houve seu recado
lhe prazia d'entrarem em campo, foi d'ello tão
que mais d'outra cousa não podia ser, e trab
se logo de haver nove companheiros, e com el
viam de ser dez, e houve-os de sua creação e
tade, a saber: Martim Annes de Barbudo, qu
tão era commendador de Pedroso, e depois em
tella mestre d'Alcantara; Gonçalo Annes d'A
que então era senhor de Castello de Vide; V
Fernandes, Affonso Peres, Vasco Martins do O
ro e outros, por todos, nove. E com estes parti
gradamente do que havia, de guisa que foram
tentes, e muito mais o eram pelo grande amor
lhe haviam.

Nuno Alvares, como os teve prestes, qu
que esta obra não se prolongasse, m
Castella pedir salvo-conducto, assi
D. João, que na comarca estava, co
D. Fernand'Osorez, perante o qual a
assignada; e d'ambos os senhores
conducto qual cumpria para tal fe

CAPITULO CXXII

o el-rei D. Fernando soube parte da requesta Nuno Alvares, e mandou a seu irmão que lh'o o consentisse.

AZENDO-SE Nuno Alvares prestes para dar fim a sua requesta, parecia-lhe o dia tarde que havia de ser acabada, e, tendo já para ello pres- ;eus companheiros e concertado tudo o que :r havia, falou com o prior seu irmão, dizendo a guisa:

«Irmão senhor, bem sabeis a obra que hei co- .da, e como, a Deus graças, d'aquillo que me ıister nenhuma cousa fallece; e porém vos pe- ɔor mercê, que me deis licença para me, com da de Deus, haver d'ella de desembargar.»

o prior, rin[illegible] lhe respon- d'esta man[illegible]

«Irmão, [illegible] boa, eu com ra[illegible] se ıma dizer e[illegible] da *io e al cuida*[illegible]

tanto. Vós sêde certo que El-rei Meu Senhor. be parte da obra em que andaveis, e, segundo ce pelo que me escreveu, a elle não praz que mettaes d'ello, e mandou a mim, que vos não logar, e em caso que o fazer quizesseis que não consentisse; porém, vos rogo que d'isso cureis mais e que vos façaes prestes para ve commigo, porque El-rei manda que chegue aonde elle está, e iremos ambos de compan

Nuno Alvares, quando isto ouvio, pesou-lhe to de vontade, e bem deu a entender ao prio irmão que não cria que lhe el-rei tal recado dasse, mas que elle lh'o dizia de seu, por o des do que fazer queria. O prior, pelo fazer certo mostrou então carta que lhe el-rei sobre mandara. Nuno Alvares, quando a viu, creu o lhe seu irmão dizia; então, disse que, pois a era, elle não sahiria de mandado d'el-rei, pos fosse muito contra sua vontade, e que lhe p muito de se ir com elle a casa d'el-rei. E logo prior fez prestes e partiram ambos de compa

CAPITULO CXXIII

ue el-rei disse a Nuno Alvares em feito de sua uesta, e das razões que lhe respondeu.

) prior e Nuno Alvares chegaram a Lisboa, onde el-rei estava, e, tanto que el-rei viu Nuno Alvares, perguntou lhe como estava bra, que havia começada com Juan d'Osorez, do mestre de S. Thiago de Castella.

«Senhor, disse Nuno Alvares, a vossa mercê e tão bem e melhor que eu.»

tão, falou el-rei e disse:

«De verdade, fazieis isto que assim começas-

«Por Deus, Senhor, de verdade, disse elle, e bom desejo.»

el-rei lhe perguntou qual era a razão porque ello movia. Respondeu Nuno Alvares e disse:

«Senhor, a vossa mercê saiba que por eu ser creado, dês-ahi pelas muitas mercês que meu meu linhagem e eu isso mesmo de Vós have-

de os deixarem assim entrar, pero tinha fiuza á tornada pelejassem com elle; e quando s que se o mestre tornara em salvo com tam roubo de sua terra houve grande nojo por is mandou a todos os senhores e cavalleiros que s vam n'aquella pontura que se juntassem tod fossem contra Badajoz, pelejar com o mestre F nand'O sorez; e enviou Gonçalo Vasques d'Az do, seu grande privado, que se fosse para elles de companha n'aquella obra.

E a fama era que o mandava por capitão de dos, e que por elle se regessem, mas isto era dizer e não verdade, ca não era razão nem o aguisada que tal homem como elle, posto que e grande fosse, tivesse cargo da capitania de senhores e fidalgos como ali estavam; porém ma soava assim d'aquella cousa que aquelles q criam eram muito anojados.

Pero, sem embargo d'isto, todos os fronteiros ram juntos em Villa Viçosa, e Gonçalo Vas d'Azevedo com elles, um domingo, sete dia mez de julho; e seriam por todos até mil lanças boa gente e muitos bésteiros e homens de pé.

CAPITULO CXX

o os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se ntaram para pelejar com o mestre, e por qual ção se não fez.

NTES d'este ajuntamento, estando assim os fronteiros cada um em seu logar, mandou el-rei D. Fernando chamar Nuno Alvares, o do prior do Hospital, D. Pedro Alvares, que a Entre Douro e Minho, fazendo-lhe saber por carta que elle, por seu serviço, ordenara de fronteiro Entre Tejo e Guadiana, e mandara em Portalegre o prior D. Pedro Alvares e irmãos, e que porém lhe mandava que se logo para elles.

no Alvares, tanto que viu o recado d'el-rei, sem tardança se guizou do que lhe cumpria, e le- comsigo vinte e cinco homens d'armas e trinta ns de pé escudados, todos bons e para feito, e ou a Portalegre, onde foi bem recebido dos s e d'outros, a que prouve com sua vinda. Nuno Alvares era filho do prior D. Alvaro

d'outra guisa não podia fazer, e acontecend. ser o contrario que elle haveria por bem emp: do aquelle aviamento que lhe Deus dar quiz pois era por serviço de seu senhor, el-rei.

E logo sem mais detença poz em obra seu samento e mandou requestar Juan d'Osorez. estava em Badajoz com seu pae, declarando-lh: sua carta, por palavras quaes em tal caso cump: que se queria matar com elle dez por dez.

Juan d'Osorez era bom cavalleiro e de grã: ração, e ledamente recebeu sua requesta, mos: do que de lhe ser feita lhe prazia muito, esco: do logo para ello aquelles que com elle haviam de:

Nuno Alvares, tanto que houve seu recad: lhe prazia d'entrarem em campo, foi d'ello tão que mais d'outra cousa não podia ser, e trab: se logo de haver nove companheiros, e com el: viam de ser dez, e houve-os de sua creação e tade, a saber: Martim Annes de Barbudo, qu: tão era commendador de Pedroso, e depois em: tella mestre d'Alcantara; Gonçalo Annes d'Al: que então era senhor de Castello de Vide; V. Fernandes, Affonso Peres, Vasco Martins do C: ro e outros, por todos, nove. E com estes parti: gradamente do que havia, de guisa que foram: tentes, e muito mais o eram pelo grande amor: lhe haviam.

Nuno Alvares, como os teve prestes, quer: que esta obra não se prolongasse, mandou l: Castella pedir salvo-conducto, assim do in: D. João, que na comarca estava, como do m: D. Fernand'Osorez, perante o qual a requesta assignada; e d'ambos os senhores lhe veiu conducto qual cumpria para tal feito

CAPITULO CXXIII

ıue el-rei disse a Nuno Alvares em feito de sua ıuesta, e das razões que lhe respondeu.

) prior e Nuno Alvares chegaram a Lisboa, onde el-rei estava, e, tanto que el-rei viu Nuno Alvares, perguntou lhe como estava ›bra, que havia começada com Juan d'Osorez, do mestre de S. Thiago de Castella.

«Senhor, disse Nuno Alvares, a vossa mercê ›e tão bem e melhor que eu.»

tão, falou el-rei e disse:

«De verdade, fazieis isto que assim começas-

«Por Deus, Senhor, de[illegible] disse elle, e bom desejo.»

el-rei lhe pergu[illegible]ão porque ello movia. Res[illegible]ce e disse:

«Senhor, a vossa [illegible]

› creado, dés-ahi pe[illegible]

: meu linhagem e eu [illegible]

mos recebidas e entendo receber mais ao d
hei grande vontade de vos servir em cousa q
houvesseis de mim por bem servido. E consi
do eu como o mestre de S. Thiago de Castel
ha feitos alguns desserviços n'esta guerra, e
eu não sou em estado de tantas gentes nem
maneira, que lh'o por ora de presente d'outra
possa vedar; e, vendo como Juan d'Osorez, s
lho, é mui bom cavalleiro e que elle muito
cuidei de o requestar, como de feito fiz, pa
matar com elle dez por dez, como a vossa m
bem sabe. E isto por duas razões: a primeira
Deus prouvesse de eu d'elle levar a melhor.
nojo e grão desprazer a seu pae, em emen
damno que vos elle em vossa terra fez, pois
por ora meu poder a mais não abrange; a seg
posto que eu ahi fallecesse, entendo que f
bem, pois era com minha honra e por vosso s
ço. Porém, Senhor, vos peço por mercê que
via vos praza d'ello, e que haja de Vós logar e
ça para n'isto cumprir meu desejo.»

El-rei escutou com vontade as palavras q
Nuno Alvares disse, e, tendo-lhe a bem, n
d'ellas respondeu assim:

— «Nuno Alvares, eu vejo bem v
que foi e é boa, n'isto que fazer quer
eu muito agradeço e tenho em serv
certo que de tão bom creado como
não podia sahir senão tal obra e outra
esta fiuza houve sempre em vós e hei. Ma
que saibaes que a mim não praz de vós ser
tal feito, porque eu para mais vos
maior cousa de vossa honra, que d
tal requesta, de que se vos podia

ui grande honra, o que eu não queria; ca vós
os taes tempo e logar havereis, prazendo a
para ante mim, em uma batalha ou em ou-
andes feitos, provardes vossa ardideza e von-
onde sei que não fallecereis. E quando isto
ei eu mais razão e azo de vos fazer mercês e
entar, como é meu desejo, e porém de por-
ão em tal requesta não me praz, antes, vos
que o não façais, nem cureis mais d'ello.»
o Alvares, quando viu a tenção d'el-rei, des-
lhe d'ello e ficou muito quebrantado; e assim
fim sua requesta, porque mais não poude fa-

mos recebidas e entendo receber mais ao
hei grande vontade de vos servir em cousa
houvesseis de mim por bem servido. E cons
do eu como o mestre de S. Thiago de Caste
ha feitos alguns desserviços n'esta guerra, e
eu não sou em estado de tantas gentes nem
maneira, que lh'o por ora de presente d'outra
possa vedar; e, vendo como Juan d'Osorez. se
lho, é mui bom cavalleiro e que elle muito
cuidei de o requestar, como de feito fiz, pa
matar com elle dez por dez, como a vossa
bem sabe. E isto por duas razões: a primeira
Deus prouvesse de eu d'elle levar a melhor.
nojo e grão desprazer a seu pae, em emen
damno que vos elle em vossa terra fez, pois
por ora meu poder a mais não abrange; a se
posto que eu ahi fallecesse, entendo que
bem, pois era com minha honra e por vosso
ço. Porém, Senhor, vos peço por mercê que
via vos praza d'ello, e que haja de Vós logar e
ça para n'isto cumprir meu desejo.»

El-rei escutou com vontade as palavras
Nuno Alvares disse, e, tendo-lhe a bem,
d'ellas respondeu assim:

— «Nuno Alvares, eu vejo bem vossa
que foi e é boa, n'isto que fazer queirieis,
eu muito agradeço e tenho em serviço, e
certo que de tão bom creado como eu em
não podia sahir senão tal obra e outras
esta fiuza houve sempre em vós e hei.
que saibaes que a mim não praz de vós
porque eu para mais vos tenho
vossa honra, que de
que se vos podia seguir

ui grande honra
os taes tempo
para ante mim
randes feitos
onde sei que
ei eu mais
centar, com
ião em
) que o
o Alvares
lhe d'ello
fim sua

de os deixarem assim entrar, pero tinha fiuza á tornada pelejassem com elle; e quando s que se o mestre tornara em salvo com tam roubo de sua terra houve grande nojo por is mandou a todos os senhores e cavalleiros que vam n'aquella pontura que se juntassem to fossem contra Badajoz, pelejar com o mestre nand'O sorez; e enviou Gonçalo Vasques d'A do, seu grande privado, que se fosse para elles de compunha n'aquella obra.

E a fama era que o mandava por capitão dos, e que por elle se regessem, mas isto er dizer e não verdade, ca não era razão nem aguisada que tal homem como elle, posto que e grande fosse, tivesse cargo da capitania de senhores e fidalgos como ali estavam; porém ma soava assim d'aquella cousa que aquelles criam eram muito anojados.

Pero, sem embargo d'isto, todos os fronteir ram juntos em Villa Viçosa, e Gonçalo Va d'Azevedo com elles, um domingo, sete di mez de julho; e seriam por todos até mil lanç boa gente e muitos bésteiros e homens de pé.

CAPITULO CXX

› os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se ıtaram para pelejar com o mestre, e por qual ʒão se não fez.

NTES d'este ajuntamento, estando assim os fronteiros cada um em seu logar, mandou el-rei D. Fernando chamar Nuno Alvares, › do prior do Hospital, D. Pedro Alvares, que a Entre Douro e Minho, fazendo-lhe saber por carta que elle, por seu serviço, ordenara de fronteiro Entre Tejo e Guadiana, e mandara em Portalegre o prior D. Pedro Alvares e irmãos, e que porém lhe mandava que se logo para elles.

ino Alvares, tanto que viu o recado d'el-rei, sem tardança se guizou do que lhe cumpria, e le- comsigo vinte e cinco homens d'armas e trinta ins de pé escudados, todos bons e para feito, e ›u a Portalegre, onde foi bem recebido dos ›s e d'outros, a que prouve com sua vinda. Nuno Alvares era filho do prior D. Alvaro

Gonçalves Pereira, de cuja geração e obras ma
adeante entendemos tratar, quando nos convier e
crever os grandes e altos feitos do mestre d'Ar
que depois foi rei de Portugal, em que lhe es
Nuno Alvares foi mui notavel e maravilhoso co
panheiro.

E, estanto assim Nuno Alvares com estes seis
res, ordenaram sua ida n'esta guisa: repartiram e
tos capitães que levassem a vanguarda e com e
Gonçalo Vasques d'Azevedo; e porque entender
que ainda podiam ir, sem empacho dos inimig
até Elvas, ordenaram que todos os homens de
e carriagem fossem pelo caminho direito ante
vanguarda, regidos e concertados para qualq
cousa que lhes aviesse. E assim partiram á seg
da feira, e indo assim pelo caminho, chegand
um sobral que é entre Villa Viçosa e Elvas, áqu
do campo onde jaz Villa Boim, Nuno Alvares
sahiu do caminho, a cuidar no que lhe prazia
aquelle sobral; e indo assim cuidando olhou
deante pelo caminho contra umas aldeias altas
são cerca de Villa Boim, e viu nas ladeiras a c
riagem e homens de pé, que iam ordenados co
cumpria, e o sol sahia então, porque era bem p
manhã, e dava nas lanças aos homens de pé, de g
sa que seu reluzir os fazia parecer homens d'arm
postos em azes, como muita gente em batalha.

Nuno Alvares, como isto viu de suspeita, não
lembrando da carriagem que ia deante, deixou
cuidar em que ia pensando, e pelo desejo que le
va na batalha, de que havia gran vontade, outh
gou-se-lhe o coração que aquelle era o mestre
S. Thiago de Castella, que já vinha com suas gen
prestes, e como isto concebeu em sua vontade v

a gran pressa, dizendo aos que vinham na van-
rda:
-«Boas Novas, senhores.»
elles abalaram para elle dizendo:
-«E que novas são essas, Nuno Alvares?»
-«Senhores, disse elle, digo-vos que vós tendes
o mestre de S. Thiago de Castella, o qual vem
tes para vos pôr a batalha, assim que escusado
sso trabalho de o mais irdes buscar.»
elles todos ledamente responderam que de taes
is lhe prazia muito, dando muitas graças a
s no qual esperavam que os ajudaria contra

uno Alvares, como isto falou com elles, sem
s detença se foi rijamente á reguarda onde vi-
Gonçalo Vasques d'Azevedo, e deu lhe aquellas
mas novas; e Gonçalo Vasques, como as assim
u, não poude tão ledo ser que não dissesse es-
palavras, as quaes a mór parte dos que eram
entes ouviram: «Bem sabia eu, que muito hora
cá viemos, pero antes lh'o eu disse.» E pergun-
a Nuno Alvares se era verdade o que dizia, e
crendo que era da guisa que cuidara, respon-
que sim, pero que viu que Gonçalo Vasques
taes novas era pouco contente houve vergonha
ão lh'as quizera ter ditas, e assim como viera
se tornou para a vanguarda onde havia d'ir e
todos por deante n'aquella ordenança acharam
não era nada do que Nuno Alvares dissera, da
causa a muitos prouve, e chegaram assim até
is
elles ali, para haverem conselho da maneira
haviam de ter, veiu-lhes certo recado como o
nte D. João, que andava em Castella, vinha

com muita gente de cavallo e de pé, em a
D. Fernand'Osorez, que elles iam buscar.
houveram accordo que não fossem mais por
e que se tornassem para suas fronteiras.
conselho Nuno Alvares foi muito anojado.
mostrava que se o poder n'elle fôra d'ou
ordenaram seu feito.

E partidos elles á quinta feira, ao sabb
guinte, que eram treze dias do dito mez, ch
infante D. João com o mestre de S. Thiago
cantara, com muitas gentes comsigo, e cerc
villa d'Elvas e jouveram sobre ella vinte e
dias, e levantaram seu arraial e foram-se.

CAPITULO CXXI

) Nuno Alvares mandou requestar Juan d'Oso-
', filho do mestre de S. Thiago, e a razão por-
? se demoveu.

QUANDO Nuno Alvares viu que aquelle ajuntamento se desfazia, e que cada uns capitães se tornavam a suas fronteiras, foi mui
ido, como dissemos, e como homem novo de coração, que muito desejava servir el-rei que
eara, dês-ahi ser conhecido e haver nome de cuidou, sem falar com outro nenhum, a gran
ão que el-rei n'elle fizera e as muitas mercês seu linhagem havia d'elle recebidas, e d
oria os desserviços que lhe o mest
'Osorez fizera em seu reino.
poderoso de tantas gentes que
) lhe seu coração mandava, pens
que o mestre muito amava, que
orez, o mandasse requestar
dez por dez; tendo que se
) matar faria grão nojo ac

d'outra guisa não podia fazer, e acontecend.
ser o contrario que elle haveria por bem emp
do aquelle aviamento que lhe Deus dar quize
pois era por serviço de seu senhor, el-rei.

E logo sem mais detença poz em obra seu
samento e mandou requestar Juan d'Osorez,
estava em Badajoz com seu pae, declarando-lh
sua carta, por palavras quaes em tal caso cump
que se queria matar com elle dez por dez.

Juan d'Osorez era bom cavalleiro e de grã
ração, e ledamente recebeu sua requesta, most
do que de lhe ser feita lhe prazia muito, esco
do logo para ello aquelles que com elle haviam de

Nuno Alvares, tanto que houve seu recado
lhe prazia d'entrarem em campo, foi d'ello tão
que mais d'outra cousa não podia ser, e trab
se logo de haver nove companheiros, e com el
viam de ser dez, e houve-os de sua creação e
tade, a saber: Martim Annes de Barbudo, qu
tão era commendador de Pedroso, e depois em
tella mestre d'Alcantara; Gonçalo Annes d'A
que então era senhor de Castello de Vide; V
Fernandes, Affonso Peres, Vasco Martins do
ro e outros, por todos, nove. E com estes part
gradamente do que havia, de guisa que foram
tentes, e muito mais o eram pelo grande amo
lhe haviam.

Nuno Alvares, como os te prestes, qu
que esta obra não se prolo
Castella pedir salvo-conduc
D. João, que na comarca es
D. Fernand'Osorez, perante
assignada; e d'ambos os se
conducto qual cumpri

CAPITULO CXXII

o el-rei D. Fernando soube parte da requesta Nuno Alvares, e mandou a seu irmão que lh'o o consentisse.

AZENDO-SE Nuno Alvares prestes para dar fim a sua requesta, parecia-lhe o dia tarde que havia de ser acabada, e, tendo já para ello pres-eus companheiros e concertado tudo o que r havia, falou com o prior seu irmão, dizendo a guisa:

«Irmão senhor, bem sabeis a obra que hei co-da, e como, a Deus graças, d'aquillo que me ister nenhuma cousa fallece; e porém vos pe-or mercê, que me deis licença para me, com da de Deus, haver d'ella de desembargar.»

o prior, rind[illegible] semblante, lhe respon-l'esta [illegible]

«Irmã[illegible] vontade que é boa, eu [illegible] dizer aquillo que se ma di[illegible] *al cuida io e al* [illegible] digo, por-

tanto. Vós sêde certo que El-rei Meu Senhor, s
be parte da obra em que andaveis, e, segundo p
ce pelo que me escreveu, a elle não praz que
mettaes d'ello, e mandou a mim, que vos não de
logar, e em caso que o fazer quizesseis que
não consentisse; porém, vos rogo que d'isso
cureis mais e que vos façaes prestes para vos
commigo, porque El-rei manda que chegue
aonde elle está, e iremos ambos de compan

Nuno Alvares, quando isto ouvio, pesou-lhe
to de vontade, e bem deu a entender ao prior
irmão que não cria que lhe el-rei tal recado
dasse, mas que elle lh'o dizia de seu, por o des
do que fazer queria. O prior, pelo fazer certo,
mostrou então carta que lhe el-rei sobre
mandara. Nuno Alvares, quando a viu, creu o
lhe seu irmão dizia; então, disse que, pois as
era, elle não sahiria de mandado d'el-rei, pos
fosse muito contra sua vontade, e que lhe p
muito de se ir com elle a casa d'el-rei. E logo
prior fez prestes e partiram ambos de compa

CAPITULO CXXIII

ue el-rei disse a Nuno Alvares em feito de sua uesta, e das razões que lhe respondeu.

) prior e Nuno Alvares chegaram a Lisboa, onde el-rei estava, e, tanto que el-rei viu Nuno Alvares, perguntou lhe como estava obra, que havia começada com Juan d'Osorez, do mestre de S. Thiago de Castella.

«Senhor, disse Nuno Alvares, a vossa mercê e tão bem e melhor que eu.»

tão, falou el-rei e disse:

«De verdade, fazieis isto que assim começas-

«Por Deus, Senhor, de verdade, disse elle, e

guntou qual era a razão porque

pondeu Nuno Alvares e disse:

saiba que por eu ser

itas mercês que meu

esmo de Vós have-

CAPITULO CXXIV

Como as galés de Portugal foram buscar as de Castella, e como as acharam no porto de Saltes.

Como em cima havemos tocado, cada um dos reis, no começo d'esta guerra, se trabalhou de fazer armada de galés, e foram as mais que cada um então poude armar, cá el-rei de Castella armou dezesete em Sevilha, e el-rei de Portugal armou vinte e uma em Lisboa, e uma galeota e mais quatro naus que iam com ellas. E, porquanto para estas galés que el-rei D. Fernando armava não havia abastança de galeotes, mandava el-rei trazer dos outros logares do reino muitos homens presos para ellas, e traziam os baraços cheios d'elles e entregavam-n'os aos alcaides das galés; e d'esta guisa foram em breve tempo armadas, como quer que todos haviam por grão mal tomarem os lavradores e as outras pobres gentes, e metterem-n'as nas galés d'esta guisa, porém foi assim feito como el-rei mandou, e ellas prestes de tudo o que cumpria

mui grande honra, o que eu não queria; ca vós
tros taes tempo e logar havereis, prazendo a
, para ante mim, em uma batalha ou em ou-
grandes feitos, provardes vossa ardideza e von-
onde sei que não fallecereis. E quando isto
rei eu mais razão e azo de vos fazer mercês e
scentar, como é meu desejo, e porém de por-
não em tal requesta não me praz, antes, vos
lo que o não façais, nem cureis mais d'ello.»
no Alvares, quando viu a tenção d'el-rei, des-
-lhe d'ello e ficou muito quebrantado; e assim
: fim sua requesta, porque mais não poude fa-

CAPITULO CXXIV

Como as galés de Portugal foram buscar a Castella, e como as acharam no porto de S.

Como em cima havemos tocado, cada um reis, no começo d'esta guerra, se trab de fazer armada de galés, e foram as que cada um então poude armar, cá el-rei de tella armou dezesete em Sevilha, e el-rei de P gal armou vinte e uma em Lisboa, e uma g e mais quatro naus que iam com ellas. E, po to para estas galés que el-rei D. Fernando a não havia abastança de galeotes, mandava trazer dos outros logares do reino muitos h presos para ellas, e traziam os baraços cheios les e entregavam-n'os aos alcaides das galés: e ta guisa foram em breve tempo armadas, com que todos haviam por grão mal tomarem os dores e as outras pobres gentes, e metteren nas galés d'esta guisa, porém foi assim feito el-rei mandou, e ellas prestes de tudo o que cum

mirante era d'esta frota o conde D. João Affonso
), irmão da rainha, e ia na galé que chamavam a
, e cincoenta homens d'armas comsigo; por capi-
ia Gonçalo Tenreiro, em outra galé mui bem
gida; e por patrões, cada um de sua, iam Es-
n Vaz Philippe, Gonçalo Vasques de Mello, Ay-
eres de Camões, João Alvares, commendador,
o de Nuno Alvares, Affonso Esteves d'Azam-
Affonso Annes, das leis, Gil Esteves Phari-
Ruy Freire d'Andrade, Alvaro Soares, Fernão
leira e outros que não curamos de dizer.

galés e naus, prestes de tudo o que lhes cum-
partiram de Restello no mez de junho, onze
andados d'elle, e chegaram ao Algarve, costa
ortugal, em busca das galés de Castella, que
m sabiam andavam pelo mar, dias havia.

s galés que em Sevilha foram armadas era
ão Fernão Sanchez de Thoar, e chegou com
até o Algarve, e quando houve novas que as
ortugal iam para lá, não embargando que fosse
de bom e ardido cavalleiro, pero receando
era razão, a vantagem das mais cinco galés e
o naus que as de Portugal levavam comsigo,
uiz ali attender e tornou-se.

portuguezes, quando chegaram, iam já algu-
galés minguadas d'agua, e porque souberam
que pouco tempo havia que as galés de Cas-
partiram, por temor que houveram d'ellas, dis-
que se não detivessem mais em a tomar,
uem agua levasse partisse com as outras que
tinham, e logo as seguissem sem fazer mais
ça. E isto foi assim trigosamente feito, que não
im de falar como haviam de fazer, nem pôr
nento nem ordenança de peleja, porque já

com muita gente de cavallo e de pé, em ajuda D. Fernand'Osorez, que elles iam buscar. E houveram accordo que não fossem mais por dea e que se tornassem para suas fronteiras, do conselho Nuno Alvares foi muito anojado, e mostrava que se o poder n'elle fôra d'outra g ordenaram seu feito.

E partidos elles á quinta feira, ao sabbad guinte, que eram treze dias do dito mez, cheg infante D. João com o mestre de S. Thiago e cantara, com muitas gentes comsigo, e cercara villa d'Elvas e jouveram sobre ella vinte e c dias, e levantaram seu arraial e foram-se.

salvo Affonso Annes das leis, que lhe fugiu em Almada, dizendo que o pozessem em terra um pouco, porque lhe fazia o mar grão nojo; e elle prometteu, a um escudeiro que o levava em guarda, que o casaria com uma sua irmã e lhe daria tal casamento por que vivesse honradamente, e elle, consentindo n'isto, fugiram ambos, e assim foi livre da prisão.

brassem os outros tal melhoria sobre elles, certamente não foi affoiteza, mas foi sandia sumpção, como homem que nunca se em outr vira, nem presava avisamentos nem conselho d nhum.

E d'esta guisa, sem mais ordenança, nem regimento bom que tivesse, remou a galé do c contra as de Castella, dizendo ás outras que sem assim como elle.

O almirante de Castella Fernan Sanchez, avisado e sages em tal obra, como aquelle q fôra em similhantes feitos, trazia as galés em escala, eguaes em batalha, e elle na meta como chegaram umas ás outras aferrou cada com sua, e duas de cada parte, e afastaram-s recosso, e onde cumpria mostravam sua aju ferindo-se de boamente, cada uns como melh diam, pela regra de dois a um, começaram vencer as galés de Portugal, porém que taes h ahi que tres vezes foram entradas e tres veze taram os inimigos; e como uma era vencida vam-n'a sobre a ancora e remavam rijamente tra outra, e assim as desbarataram todas. As tras galés que alçavam as redes, quando a ram pelejar d'esta guisa, remaram contra ella as ajudar, e quando chegaram eram já as c cerca todas vencidas; e foram estas oito me de vencer que as doze primeiras, com que já jaram.

E começou-se esta peleja a horas de vespera rou até cêrca da noite, na qual foram d'uma e d'outra muitos feridos e poucos mortos, e a lés de Portugal desbaratadas todas, salvo a em que ia Gil Lourenço do Porto, que não

CAPITULO CXXII

o el-rei D. Fernando soube parte da requesta Nuno Alvares, e mandou a seu irmão que lh'o o consentisse.

AZENDO-SE Nuno Alvares prestes para dar fim a sua requesta, parecia-lhe o dia tarde que havia de ser acabada, e, tendo já para ello pres- ;eus companheiros e concertado tudo o que :r havia, falou com o prior seu irmão, dizendo a guisa:

«Irmão senhor, bem sabeis a obra que hei co- da, e como, a Deus graças, d'aquillo que me ıister nenhuma cousa fallece; e porém vos pe- ɔor mercê, que me deis licença para me, com da de Deus, haver d'ella de desembargar.»

o prior, rindo com ledo semblante, lhe respon- d'esta maneira:

«Irmão, bem vejo vossa vontade que é boa, eu com razão vos posso dizer aquillo que se ıma dizer em exemplo, dizendo que *al cuida io e al cuida quem o sella*, e isto vos digo, por

quando os d'aquella guisa viu vir, disse ao c
mui trigosamente:

— «Senhor, não cumpre mais supportar aq
damno que os da corredura veem soffrendo.
acorrei-lhes depressa, antes que mais seja.»

O conde começou de pôr o feito em vagar.
Fernandes cavalgou logo, com vinte de caval
o seguir quizeram, e disse contra um escudeir
chamavam Gil Vasques Barbudo, com quem
vera palavras perante o conde:

— «Andae para aqui, Gil Vasques, ca agor
quero vêr como se extrema o macho da femea

E o conde, quando isto viu, disse contra
Fernandes:

— «Parece que mal vos lembra o que me
mettestes, que dissestes que vos não partire
mim.»

— «Senhor, disse elle, não é tempo para t
promessa, pois que vemos os nossos passar m
nós estarmos olhando.»

Então se partiu a todo correr e chegou aos
redores esforçando-os quanto podia, e de tal
o fizeram todos que deram volta os castelh
contra sua vontade, e por força lhes fizeram p
o vau do Guadiana e na passagem houve ass
muitos feridos; e assim os metteram dentro
portas da villa, e tornaram-se para Elvas.

O dó foi mui grande, não sómente na cidade, mas em todos os logares d'onde gentes n'ella foram enviadas, cuidando que quantos n'ella iam todos eram mortos, posto que lh'os da galé dissessem que não eram, salvo captivos.

El-rei D. Fernando estava em Santarem quando lhe em outro dia chegou tal recado, e elle, que esperava, estando mui ledo, que a sua frota lhe havia de trazer tomadas as galés de Castella, soube então por certas novas, como as suas, com as gentes, eram todas filhadas, salvo aquella que fugira, que não fôra na peleja; e houve el-rei por ello tão grão nojo quanto bem podeis entender que por tal razão devia filhar.

Muito tinha el-rei gran razão de tomar destemperado nojo por tal contrario aquécimento: primeiramente, pela gran deshonra que em tal feito recebia, sendo elle commettedor da guerra, crendo haver vingança dos nojos passados; além d'isto, a perda de tantas gentes, que lhe faziam mingua, pela guerra que começada tinha; ca eram bem seis mil pessoas, entre cavalheiros, escudeiros, mareantes e outras gentes; dês-ahi, perda de setenta mil dobras, que valiam as galés com suas esquipações.

Assim que, pondo estas cousas e outras em peso, era seu nojo cada vez mais dobrado. A rainha, que o assim viu triste, como era ousada e muito faladora, disse um dia contra el-rei n'esta guisa:

—«Porque vos anojaes assim, Senhor, pela perda de vossa frota? E como outras novas esperaveis vós d'ella senão estas que vos vieram? Digo-vos, Senhor, que nunca eu outras novas esperei d'ella em minha vontade, salvo estas que agora ouço, porque, como eu vi que Vós mandaveis trazer os baraços cheios

de lavradores e de mesteiraes e os mandaveis ter n'ellas, com outros aggravos que fazieis ao sempre eu cuidei em minha vontade que tal dado vos havia de vir d'ella, como vos veiu.»

El-rei callou-se, não dando a isto resposta, e tos falavam entre si, dizendo que a rainha fa mui bem.

CAPITULO CXIX

el-rei D. Fernando mandou aos fronteiros ntre Tejo e Guadiana que fossem pelejar com iestre de S. Thiago de Castella.

L-REI D. Fernando estava em Santarem esperando novas, quando lhe disseram que o mestre de S. Thiago de Castella queria entrar a · em seu reino, como ouvistes, crendo, o que cuidavam, que lhe poriam a praça aquelles res e gentes que estavam pelas fronteiras.
dizem aqui alguns que o mestre D. Fernand' ez, que era mui bom cavalleiro, quando houve zer aquella entrada, mandou dizer a todos os estavam por fronteiros n'aquella comarca que rcebessem, ca elle queria entrar a certo dia; e elles todos houveram seu conselho, e uns dis- ı que lhe pozessem a praça e outros accorda- que não, e n'isto entrou elle, da guisa que tecontado.
quando el-rei ouviu que elle entrara e que os corriam a terra e roubavam, pezou-lhe muito

de os deixarem assim entrar, pero tinha fiuza á tornada pelejassem com elle; e quando s que se o mestre tornara em salvo com tam roubo de sua terra houve grande nojo por is mandou a todos os senhores e cavalleiros que e vam n'aquella pontura que se juntassem toc fossem contra Badajoz, pelejar com o mestre F nand'O sorez; e enviou Gonçalo Vasques d'Az do, seu grande privado, que se fosse para elles e de companha n'aquella obra.

E a fama era que o mandava por capitão de dos, e que por elle se regessem, mas isto era dizer e não verdade, ca não era razão nem c aguisada que tal homem como elle, posto que e grande fosse, tivesse cargo da capitania de senhores e fidalgos como ali estavam; porém ma soava assim d'aquella cousa que aquelles q criam eram muito anojados.

Pero, sem embargo d'isto, todos os fronteiro ram juntos em Villa Viçosa, e Gonçalo Vas d'Azevedo com elles, um domingo, sete dia mez de julho; e seriam por todos até mil lanç boa gente e muitos bésteiros e homens de pé.

CAPITULO CXX

› os fronteiros d'Entre Tejo e Guadiana se ıtaram para pelejar com o mestre, e por qual ¿ão se não fez.

NTES d'este ajuntamento, estando assim os fronteiros cada um em seu logar, mandou el-rei D. Fernando chamar Nuno Alvares, › do prior do Hospital, D. Pedro Alvares, que a Entre Douro e Minho, fazendo-lhe saber por carta que elle, por seu serviço, ordenara de fronteiro Entre Tejo e Guadiana, e mandara em Portalegre o prior D. Pedro Alvares e irmãos, e que porém lhe mandava que se logo para elles.

no Alvares, tanto que viu o recado d'el-rei, sem tardança se guizou do que lhe cumpria, e le- comsigo vinte e cinco homens d'armas e trinta ns de pé escudados, todos bons e para feito, e ›u a Portalegre, onde foi bem recebido dos ›s e d'outros, a que prouve com sua vinda. Nuno Alvares era filho do prior D. Alvaro

Gonçalves Pereira, de cuja geração
adeante entendemos tratar, quando
crever os grandes e altos feitos do
que depois foi rei de Portugal, em
Nuno Alvares foi mui notavel e mar
panheiro.

E, estanto assim Nuno Alvares com
res, ordenaram sua ida n'esta guisa: re
tos capitães que levassem a vanguarda
Gonçalo Vasques d'Azevedo; e porque
que ainda podiam ir, sem empacho d
até Elvas, ordenaram que todos os hor
e carriagem fossem pelo caminho dire
vanguarda, regidos e concertados para
cousa que lhes aviesse. E assim partiram
da feira, e indo assim pelo caminho, d
um sobral que é entre Villa Viçosa e Elva
do campo onde jaz Villa Boim, Nuno A
sahiu do caminho, a cuidar no que lhe
aquelle sobral; e indo assim cuidando
deante pelo caminho contra umas aldeias
são cerca de Villa Boim, e viu nas ladei
riagem e homens de pé, que iam ordena
cumpria, e o sol sahia então, porque era
manhã, e dava nas lanças aos homens de
sa que seu reluzir os fazia parecer homen
postos em azes, como muita gente em b

Nuno Alvares, como isto viu de suspei
lembrando da carriagem que ia deante,
cuidar em que ia pensando, e pelo desej
va na batalha, de que havia gran vontad
gou-se-lhe o coração que aquelle era o
S. Thiago de Castella, que já vinha com s
prestes, e como isto concebeu em sua vc

renço Annes a Inglaterra, chegou a Buarcos em uma barcha, e sahiu em terra, por levar novas a el-rei de como os inglezes vinham em sua ajuda; porque tão grande era o prazer que elles entendiam que el-rei haveria de sua vinda que não viam o dia que lh'o fizessem saber, por haver d'elle grande alviçara e lhe dar boas novas. E foi assim de feito que chegou Ruy Cravo a Santarem, e deu a el-rei novas como a frota dos inglezes partira de Preamua e vinha pelo mar e que muito cedo seria em Lisboa, contando lhe que gentes eram e quaes senhores, e de que guisa e como vinham corregidos, e com que vontade.

El-rei houve grão prazer com estas novas, não embargando o nojo que de presente tinha, pela perda da frota, em guisa que tanto e muito mór foi o prazer que então tomou que o nojo que antes houvera, quando lhe primeiro vieram novas d'ella; e não sómente el-rei e os da sua casa, mas todos os do reino, foram ledos de sua vinda, não embargando o nojo que tinham, esperando por elles de cobrar emenda do damno que dos castelhanos haviam recebido.

Estando el-rei n'esta ledice, chegou-lhe em outro dia recado de Buarcos que já a frota apparecia no mar, e el-rei foi com isto muito mais ledo. Então, ordenou de se partir para Lisboa, e antes que partisse, como lhe chegou recado dos moradores do logar que os inglezes pousaram ante a cidade, partiu logo depressa em um batel e veiu-se a Lisboa; e, depois que ordenou as cousas que cumpriam, foi-se á náu do conde, que estava mui nobremente apostada, e falaram ambos no que lhes prouve, mostrando lhe el-rei de si boa graça, e isso mesmo

á condessa e aos senhores e fidalgos que com
vinham, os quaes eram estes:

Primeiramente, nomeêmos este *mosse* Edmu
conde de Cambridge, filho lidimo d'el-rei Edu
d'Inglaterra, o velho, o qual trazia sua mu
D. Isabel, filha d'el-rei D. Pedro, rei que fôr
Castella, bem acompanhada de donas e donze
e um seu filho pequeno, que havia nome Edu
como seu avô, moço d'edade até seis annos. E
nha ahi um filho d'el-rei de Inglaterra, bastar
mosse Guilhem Beocap, condestavel de toda a f
e o senhor de Botarços, e *mosse* Mau de Go
que era marichal, e sob o duque de Latram, e
maz Simon, alferes do duque de Lencastre.
trazia sua bandeira, e o bispo Dacres, e *mosse*
nom, ordenador das batalhas, e *mosse* Thomaz
chete, e o Garro, e *mosse* João Destingues, e C
Novel, e Maao Borni, e o senhor de Castel
que era gascão, e outros capitães que dize
curamos.

E traziam comsigo, de gentes d'armas e fre
ros, até tres mil, bem prestes para pelejar,
de formosa gente e bem corregidos.

E vinham ahi mais alguns cavalleiros dos
se partiram de Portugal quando el-rei D. Fer
tratou as pazes com el-rei D. Henrique, assim
João Fernandes Andeiro, e João Affonso de
e Fernão Rodrigues d'Aça, e Martim Paulo
naldão, e João Sanches, cavalleiro de Santa
tharina, e outros.

E chegaram estas gentes todas a Lisboa em
renta e oito velas, entre naus e barchas, aos
nove dias de julho da era já em cima escri
quatrocentos e dezenove annos.

CAPITULO CXXIX

) o conde e outros capitães foram aposentados cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.

)EPOIS que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mu- e esses senhores e fidalgos e donas e donzel- muita d'outra gente que com elles vinham; e foram na Ribeira, os da cidade os receberam ıonradamente, segundo el-rei deixava ordena- tomou el-rei a condessa de braço e foram to- pé até a egreja cathedral, onde jaz o corpo Vicente. E como fizeram sua oração e sahi- la sé, estavam já prestes, para o conde e sua r e para outras honradas pessoas, bestas bem idas, como cumpria; e levou el-rei de redea a ssa até o mosteiro de S. Domingos, onde orde- ue pousassem, e o condestavel e o marichal Francisco, e o senhor de Botarcos em Santo inho, e os outros senhores e fidalgos pela ci-

dade, cada um segundo cumpria, salvo na cêrca velha.

E dizem que, falando el-rei ao conde na perda da sua frota, e da guisa que aviera, respondeu elle e disse «que por Deus não forçasse por aquella perda, que quem houvesse a terra haveria as galés e o mar.»

A rainha D. Leonor, a mui poucos dias, partiu de Santarem com a infante sua filha, e os d'el-rei e todos os da cidade a sahiram a receber; e ella, antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Santa Maria de Escada, que é no mosteiro onde pousava o conde, e a condessa de Cambridge lhe veiu fala: e abraçaram-se ambas; e despediu-se a rainha e foi-se para seus paços, e a condessa ficou no mosteiro onde pousava.

N'isto, convidou el-rei o conde e todos os capitães que com elle vinham, e a rainha a condessa e as donas e donzellas de sua companha, e este convite foi nos paços d'el-rei, do castello, onde a todos foi feita sala mui honradamente; e em fim da meza foi apresentado ao conde e aos outros senhores muitos pannos de sirgo com ouro de desvairadas maneiras, segundo por el-rei era ordenado, e isso mesmo deu a rainha á condessa e mulheres de sua casa pannos e joias, de que foram contentes. E por outras vezes convidava el-rei o conde e os outros capitães, e o ia vêr onde pousava elle e a rainha sua mulher, partindo com o conde mui grádamente, e com cada um dos outros, segundo seus estados.

E porquanto nos capitulos entre el-rei e o conde divisados, um d'elles era que el-rei désse cavalgaduras a todos, sendo a cada um descontado, do soldo que havia de haver, o preço da besta que houvesse.

mandou el-rei chamar os fidalgos e concelhos de seu reino e fez côrtes com elles; e acabadas as côrtes mandou el-rei por todos os cavallos dos acontiados de seu reino, e por quaesquer outras bestas que fossem achadas, assim muares como cavallares, para dar aos inglezes. E por esta guisa foram todos encavalgados, e tomadas a seus donos as melhores que ahi havia, sob esperança de serem pagas, a qual paga nunca depois houveram.

Ao conde, mandou el-rei um dia doze mulas, para a condessa, as melhores que se escolher poderam, selladas e enfreadas assás nobremente, e doze cavallos para elle, por essa mesma guisa, entre os quaes ia um grande e formoso cavallo, que el-rei D. Henrique, sendo vivo, mandara em presente a el-rei D. Fernando, que era o melhor que então diziam que havia na Hespanha.

E estas bestas escolheitas que deram aos inglezes muitas d'ellas havia taes que ádur podia um inglez levar uma d'ellas á agua, e como foram em seu poder tratavam-n'as de tal guisa que um levava depois vinte e trinta ante si, como manada de manso gado.

CAPITULO CXXX

Como el-rei se declarou pelo papa de Roma, e sou sua filha com o conde de Cambridge.

SEGUNDO ouvistes em seu logar, el-rei D. Fe tinha declarado por aquelle que se ch Clemente Septimo, cuja parte favorisav de França e el-rei de Castella e alguns ou nhores, e quando os inglezes vieram, porque como papa de Roma Urbano Sexto, não missa de nenhum padre nem clerigo portug tão, disse o conde a el-rei que elle vinha servir e ajudar em sua guerra contra el rei tella, que era schismatico, tendo com um p estava em Avinhão, e que se elle queria que ajudasse em sua guerra que désse a obedi padre santo de Roma, e que d'esta guisa viava el-rei seu senhor dizer, e todo o d'Inglaterra, porquanto eram certos que aq verdadeiro papa e outro não; e elle disse prazia, e outhorgou de o fazer assim.

quando veiu aos desenove dias do mez d'agos-
ıa festa da Degolação de S. João Baptista, el-
). Fernando havendo maduro conselho com o
›ispo de Braga e outros lettrados homens de
reino, ajuramentados sobre uma ostia sagrada
é cathedral da dita cidade, publicamente pre-
todo o povo, declarou Urbano Sexto ser ver-
iro papa e outro não, e isto presente os ingle-
: muito outro povo.
logo n'esse dia, a hora de terça, esposou el-rei
lha, a infante D. Beatriz, por palavras de pre-
, com Eduardo, filho do conde de Cambridge,
s muito pequenos; e foram ambos lançados
ıma grande cama e bem corrigida, na camara
dos paços d'el-rei, e o bispo Dacres e o de
ıa e outros prelados rezaram sobre elles, se-
› costume d'Inglaterra, e os benzeram. A
era bem paramentada e a cubricama d'um
e preto com duas grandes figuras de rei e de
a na metade, todas d'aljofar grádo e meão,
do requeria onde era posto: a bordadura de
era toda d'archetes d'aljofar, e dentro eguaes
s d'aljofar, brolladas das linhagens de todos
algos de Portugal, com suas armas cêrca de
este corregimento de cama foi depois dado a
D. João de Castella, quando casou com esta
e D. Beatriz, segundo adeante ouvireis, e era
a em Castella por mui rica obra, qual outra
ío havia.
foram estes esposorios feitos com esta cond-
que morrendo el-rei D. Fernando sem ha-
de sua mulher, este Eduardo e sua es
dessem no reino depois de sua morte, ou
› isto todos os fidalgos, e fazendo-lh

gem por todas as villas e cidades e fortalez
reino.

E depois d'isto, no mez de setembro, aos
dias d'elle, foi publicada, presente el-rei e o
e muitos senhores e prelados, uma lettra do
Urbano, em que privava de todo bem e
ecclesiastica Roberte, que se chamava Cle
Septimo, e isso mesmo todos os cardeaes e
soas leigas que lhe davam conselho e favor e
assim publicamente como em escondido, e
mungando-os que não podessem ser absoltos
pelo papa, salvo se fosse em artigo de morte,
seus bens e elles por servos áquelles que os
sem, outhorgando-lhe ainda aquelles privilegio
dão áquelles que vão em ajuda da Terra San

CAPITULO CXXXI

no el-rei de Castella houve novas da vinda dos ıgleẓes, e da maneira que n'isto teve.

O conde D. Alvaro Peres de Castro estava em Elvas por fronteiro, segundo já tendes ouvido, e o infante D. João, seu sobrinho, : andava em Castella com o mestre de S. Thia- D. Fernand'Osorez, e o mestre de Alcantara, ı muitas companhas, tinham cêrco sobre elle ia já dias; e quando os inglezes chegaram a boa escreveu logo el-rei D. Fernando ao conde a sua vinda e que gentes eram.

O conde, mui ledo com estas novas, mandou di- ao infante, que o tinha cercado, que, se lhe ıprissem algumas mercadorias ou outras cousas ıglaterra, mandasse a Lisboa onde estavam umas cas de naus de inglezes que então vieram, e que acharia tudo o que mister houvesse; e, quando foi assim dito escusamente ao infante, come- -e a rugir pelo arraial parte d'estas novas, en-

cobertamente. Alguns cavalleiros, ouvindo-o dizer perguntaram a Pero Fernandez de Vallasco, que era na companhia, que novas eram aquellas que se assim rugiam.

— «Que novas hão de ser? disse elle. São novas que el-rei D. Fernando ha mais de nove mezes que era prenhe dos inglezes, e pariu-os agora em Lisboa e tem-n'os comsigo.»

Então ordenaram de não estar ali mais, e partiram d'Elvas uma terça feira, no mez de agosto, havendo vinte e cinco dias que tinham o logar cercado; e esta partida dizem que foi por mandado d'el-rei de Castella, que tinha cercada Almeida, como dissemos, e quando foi certo da vinda dos inglezes mandou chamar estas gentes que se viessem para elle. E chegou o infante D. João e o conde de Maiorca D. Pedro Nunes de Lara, filho bastardo do dito João Nunes de Lara, senhor de Biscaya, e outros cavalleiros, e acharam el-rei não bem são por então.

Ora alguns escrevem aqui que, sendo el-rei de Castella certo da vinda dos inglezes, e que gentes e capitães eram, e como, não embargando que vinham em ajuda d'el-rei D. Fernando contra seu reino, além d'isto traziam voz e titulo do duque de Lencastre, por azo de D. Constança sua mulher, filha que fôra d'el-rei D. Pedro, elle escreveu suas cartas ao conde de Cambridge, dizendo «que sabia por certas novas como elle e muitos bons cavalleiros e homens d'armas haviam chegado a Lisboa, por fazer guerra e damno em seu reino, em ajuda d'el-rei D. Fernando, e que, se o elles fizessem certo de batalha, elle partiria d'aquelle logar, o qual tinha já cobrado por preitesia, e entraria pelo

ino duas ou tres jornadas, e os esperaria em lo-
r azado para lhes pôr a praça;» e que, porquanto
:sta sezão os inglezes não eram ainda encaval-
dos, não deram resposta a isto, antes fizeram
au gasalhado ao que lhes levou as cartas.
El-rei de Castella ordenou então de pôr suas
ntes cêrca do extremo de Portugal, e mandava
›r todos os seus, apercebendo-se de batalha, a
ıal via que se não podia escusar, querendo os in-
:zes entrar em seu reino.

á condessa e aos senhores e fidalgos que com el
vinham, os quaes eram estes:

Primeiramente, nomeêmos este *mosse* Edmundo,
conde de Cambridge, filho lidimo d'el-rei Eduardo
d'Inglaterra, o velho, o qual trazia sua mulher,
D. Isabel, filha d'el-rei D. Pedro, rei que fôra de
Castella, bem acompanhada de donas e donzellas,
e um seu filho pequeno, que havia nome Eduardo,
como seu avô, moço d'edade até seis annos. E ta
nha ahi um filho d'el-rei de Inglaterra, bastardo,
mosse Guilhem Beocap, condestavel de toda a fron
e o senhor de Botarços, e *mosse* Mau de Gorm
que era marichal, e sob o duque de Latram, e Th
maz Simon, alferes do duque de Lencastre, q
trazia sua bandeira, e o bispo Dacres, e *mosse* G
nom, ordenador das batalhas, e *mosse* Thomaz Fa
chete, e o Garro, e *mosse* João Destingues, e Cla
Novel, e Maao Borni, e o senhor de Castelnou
que era gascão, e outros capitães que dizer n
curamos.

E traziam comsigo, de gentes d'armas e frech
ros, até tres mil, bem prestes para pelejar, ass
de formosa gente e bem corregidos.

E vinham ahi mais alguns cavalleiros dos q
se partiram de Portugal quando el-rei D. Fernan
tratou as pazes com el-rei D. Henrique, assim co
João Fernandes Andeiro, e João Affonso de Be
e Fernão Rodrigues d'Aça, e Martim Paulo e Be
naldão, e João Sanches, cavalleiro de Santa C
tharina, e outros.

E chegaram estas gentes todas a Lisboa em c
renta e oito velas, entre naus e barchas, aos de
nove dias de julho da era já em cima escripta
quatrocentos e dezenove annos.

CAPITULO CXXIX

*o o conde e outros capitães foram aposentados
i cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.*

DEPOIS que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mu- e esses senhores e fidalgos e donas e donzel- muita d'outra gente que com elles vinham; e) foram na Ribeira, os da cidade os receberam honradamente, segundo el-rei deixava ordena- : tomou el-rei a condessa de braço e foram to- a pé até a egreja cathedral, onde jaz o corpo . Vicente. E como fizeram sua oração e sahi- da sé, estavam já prestes, para o conde e sua er e para outras honradas pessoas, bestas bem gidas, como cumpria; e levou el-rei de redea a :ssa até o mosteiro de S. Domingos, onde orde- que pousassem, e o condestavel e o marichal . Francisco, e o senhor de Botarcos em Santo tinho, e os outros senhores e fidalgos pela ci-

a el-rei, aos paços, em um taboleiro, mostrando-lhe tal crueldade como aquella; e elle não ousou de tornar a ello, e mandou que o mostrassem ao conde, que fizesse direito d'aquelles que tal cousa fizeram, e o conde o mandou fazer.

E d'esta guisa lhe mandava el-rei rogar muitas vezes, pelos grandes queixumes que lhe vinham fazer, que pozesse castigo em suas gentes, que não destruissem assim a terra; e elle dizia que bem lhe prazia, mas cada vez faziam peor. Outros chegaram acima de Loures, por roubar uma aldeia que é ahi cerca, e em a roubando mataram tres homens. E assim roubavam e matavam e destruiam mantimentos, que muitas vezes mais era o damno que faziam que aquillo que gastavam em comer, que tal havia ahi, se havia vontade de comer uma lingua de vacca, que matava a vacca e tirava-lhe a lingua, e deixava a vacca perder; e assim faziam ao vinho e a outras cousas.

E el-rei, por esta razão, como os encavalgava, mandava-os a Riba de Guadiana, para a fronteira, e elles, em vez de entrarem por Castella a forreiar, davam volta sobre Ribatejo, a roubar quanto achavam, e as gentes não os queriam acolher nas villas, e cerravam-lhe as portas, pelo grão damno que faziam; assim como fizeram em Villa Viçosa, quando ahi chegou Maao Borni com outros inglezes, que alçaram volta com os do logar, e mataram Gonçalo Annes Santos, e feriram outros da villa, e isso mesmo mataram os da villa dos inglezes e foram feridos alguns.

Elles combateram Borba e Monsaraz, e escalaram o Redondo, e combateram Aviz, e quizeram escalar Evoramonte e não poderam. Nos logares

CAPITULO CXXIX

no o conde e outros capitães foram aposentados a cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.

Depois que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mu- e esses senhores e fidalgos e donas e donzel- muita d'outra gente que com elles vinham; e foram na Ribeira, os da cidade os receberam honradamente, segundo el-rei deixava ordena- tomou el-rei a condessa de braço e foram to- a pé até a egreja cathedral, onde jaz o corpo . Vicente. E como fizeram sua oração e sahi- da sé, estavam já prestes, para o conde e sua er e para outras honradas pessoas, bestas bem gidas, como cumpria; e levou el-rei de redea a essa até o mosteiro de S. Domingos, onde orde- que pousassem, e o condestavel e o marichal . Francisco, e o senhor de Botarcos em Santo tinho, e os outros senhores e fidalgos pela ci-

dade, cada um segundo cumpria, salvo na cé velha.

E dizem que, falando el-rei ao conde na per da sua frota, e da guisa que aviera, respondeu e e disse «que por Deus não forçasse por aquella pe da, que quem houvesse a terra haveria as galés o mar.»

A rainha D. Leonor, a mui poucos dias, par de Santarem com a infante sua filha, e os d'el e todos os da cidade a sahiram a receber; e el antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Sa Maria de Escada, que é no mosteiro onde pousa o conde, e a condessa de Cambridge lhe veiu fa e abraçaram-se ambas; e despediu-se a rainha foi-se para seus paços, e a condessa ficou no mo teiro onde pousava.

N'isto, convidou el-rei o conde e todos os ca tães que com elle vinham, e a rainha a condessa as donas e donzellas de sua companha, e este c vite foi nos paços d'el-rei, do castello, onde a to foi feita sala mui honradamente; e em fim da me foi apresentado ao conde e aos outros senhores to tos pannos de sirgo com ouro de desvairadas ma ras, segundo por el-rei era ordenado, e isso mes deu a rainha á condessa e mulheres de sua c pannos e joias, de que foram contentes. E por tras vezes convidava el-rei o conde e os outros pitães, e o ia vêr onde pousava elle e a rainha mulher, partindo com o conde mui grádamen com cada um dos outros, segundo seus estados

E porquanto nos capitulos entre el-rei e o co divisados, um d'elles era que el-rei désse caval ras a todos, sendo a cada um descontado, do s que havia de haver, o preço da besta que hou

nhos, para ajuda de sua defensão, com gentes assás, se lhe tal cousa aviesse.

Jazendo assim a frota d'esta guisa, veiu Fernan Sanchez de Thoar, almirante de Castella, com a armada das galés com que desbaratara as de Portugal quando fôra a de Saltes, cuidando de achar as naus e barcas dos inglezes ante Lisboa, por lhe empecer em tudo o que podesse; e quando chegaram ante a cidade acharam o mar desembargado de navios, e souberam como todos jaziam em Sacavem; e quando lá foram e viram o rio guardado, e as naus estar d'aquella guisa, tornaram-se e não acharam em que fazer damno, segundo seu desejo, e foram-se para Sevilha.

As naus dos inglezes, havendo certas novas que as galés de Castella não haviam tão cedo de tornar e que lhes não podiam fazer nojo, fizeram-se prestes e partiram da cidade, elles e outros navios, aos treze dias de dezembro da dita era, e d'elles carregaram de mercadorias e foram-se suas viagens.

CAPITULO CXXX

Como el-rei se declarou pelo papa de Roma, e e sou sua filha com o conde de Cambridge.

SEGUNDO ouvistes em seu logar, el-rei D. Ferna tinha declarado por aquelle que se chan Clemente Septimo, cuja parte favorisava e de França e el-rei de Castella e alguns outros nhores, e quando os inglezes vieram, porque tin como papa de Roma Urbano Sexto, não ou missa de nenhum padre nem clerigo portuguez tão, disse o conde a el-rei que elle vinha p servir e ajudar em sua guerra contra el rei de tella, que era schismatico, tendo com um papa estava em Avinhão, e que se elle queria que o ajudasse em sua guerra que désse a obedien padre santo de Roma, e que d'esta guisa lh viava el-rei seu senhor dizer, e todo o cons d'Inglaterra, porquanto eram certos que aque verdadeiro papa e outro não; e elle disse q prazia, e outhorgou de o fazer assim.

; quando veiu aos desenove dias do mez d'agos-
na festa da Degolação de S. João Baptista, el-
D. Fernando havendo maduro conselho com o
:bispo de Braga e outros lettrados homens de
reino, ajuramentados sobre uma ostia sagrada
sé cathedral da dita cidade, publicamente pre-
e todo o povo, declarou Urbano Sexto ser ver-
eiro papa e outro não, e isto presente os ingle-
e muito outro povo.

logo n'esse dia, a hora de terça, esposou el-rei
filha, a infante D. Beatriz, por palavras de pre-
e, com Eduardo, filho do conde de Cambridge,
os muito pequenos; e foram ambos lançados
uma grande cama e bem corrigida, na camara
dos paços d'el-rei, e o bispo Dacres e o de
ba e outros prelados rezaram sobre elles, se-
o costume d'Inglaterra, e os benzeram. A
i era bem paramentada e a cubricama d'um
:e preto com duas grandes figuras de rei e de
a na metade, todas d'aljofar grádo e meão,
ido requeria onde era posto: a bordadura de
· era toda d'archetes d'aljofar, e dentro eguaes
is d'aljofar, brolladas das linhagens de todos
lalgos de Portugal, com suas armas cêrca de
este corregimento de cama foi depois dado a
D. João de Castella, quando casou com esta
e D. Beatriz, segundo adeante ouvireis, e era
a em Castella por mui rica obra, qual outra
ão havia.

foram estes esponsorios feitos com esta condi-
que morrendo el-rei D. Fernando sem haver
de sua mulher, este Eduardo e sua esposa
dessem no reino depois de sua morte, outhor-
· isto todos os fidalgos, e fazendo-lhe mena-

gem por todas as villas e cidades e fortalezas
reino.

E depois d'isto, no mez de setembro, aos
dias d'elle, foi publicada, presente el-rei e o
e muitos senhores e prelados, uma lettra do
Urbano, em que privava de todo bem e
ecclesiastica Roberte, que se chamava Clem
Septimo, e isso mesmo todos os cardeaes e
soas leigas que lhe davam conselho e favor e
assim publicamente como em escondido, ex
mungando-os que não podessem ser absoltos
pelo papa, salvo se fosse em artigo de morte, d
seus bens e elles por servos áquelles que os to
sem, outhorgando-lhe ainda aquelles privilegios
dão áquelles que vão em ajuda da Terra Santa.

CAPITULO CXXXI

mo el-rei de Castella houve novas da vinda dos ngleẓes, e da maneira que n'isto teve.

O conde D. Alvaro Peres de Castro estava em Elvas por fronteiro, segundo já tendes ouvido, e o infante D. João, seu sobrinho, : andava em Castella com o mestre de S. Thia- D. Fernand'Osorez, e o mestre de Alcantara, ı muitas companhas, tinham cêrco sobre elle ia já dias; e quando os inglezes chegaram a boa escreveu logo el-rei D. Fernando ao conde a sua vinda e que gentes eram.

) conde, mui ledo com estas novas, mandou di- ao infante, que o tinha cercado, que, se lhe ıprissem algumas mercadorias ou outras cousas iglaterra, mandasse a Lisboa onde estavam umas naus de inglezes que então vieram, e que do o que mister houvesse; e, quando dito escusamente ao infante, come- pelo arraial parte d'estas novas, en-

gem por todas as villas e cidades e fortalezas reino.

E depois d'isto, no mez de setembro, aos d dias d'elle, foi publicada, presente el-rei e o co e muitos senhores e prelados, uma lettra do p Urbano, em que privava de todo bem e ho ecclesiastica Roberte, que se chamava Clem Septimo, e isso mesmo todos os cardeaes e p soas leigas que lhe davam conselho e favor e a assim publicamente como em escondido, ex mungando-os que não podessem ser absoltos s pelo papa, salvo se fosse em artigo de morte, da seus bens e elles por servos áquelles que os to sem, outhorgando-lhe ainda aquelles privilegios dão áquelles que vão em ajuda da Terra Sant

os d'el-rei, onde chamam Villa Nova da Rainha, são oito legoas da cidade; e chegaram muito s acima, ás lezirias de Albacotim e d'Alcoelha, e matavam muitos gados e faziam carnagem, e tran para a frota. E tanto se atreveram, sem achar m lh'o contradizer, que foram em bateis pelo de Coina acima, que são atravez tres leguas da de, e ali sahiram em terra e foram queimar o balde de Palmella, que são d'ali grandes duas las, e mais queimaram o arrabalde d'Almada, e tas casas e quintas por aquella comarca.

CAPITULO CXXXVI

Por que razão tiraram de fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos e foi posto o prior do Crato em Lisboa.

Fazendo-se assim muito mal pela terra, sem haver nenhum que lh'o embargasse, foram vas a el-rei D. Fernando, do grande dan que os da frota faziam por termo de Lisboa soltamente, e como Gonçalo Mendes não tornav ello com algum remedio, nem deixava sahir as g tes da cidade, dizendo que de guardar o loga viam de ter cuidado, e d'outra cousa não.

El-rei houve d'ello grande melancholia, e que lhe parecia que Gonçalo Mendes era n'is como o servo que diz no Evangelho: a quem nhor deu um marco d'ouro, com que trabalhasse seu serviço e proveito, e elle escondeu-o sob t sem fazer com elle nenhuma prole, pela qual foi julgado do senhor por servo mau e preguiç

— «E Gonçalo Mendes, disse el-rei, por tal ser julgado. Queria guardar a cidade onde es

eino duas ou tres jornadas, e os esperaria em lo-
ar azado para lhes pôr a praça;» e que, porquanto
'esta sezão os inglezes não eram ainda encaval-
ados, não deram resposta a isto, antes fizeram
nau gasalhado ao que lhes levou as cartas.

El-rei de Castella ordenou então de pôr suas
entes cêrca do extremo de Portugal, e mandava
or todos os seus, apercebendo-se de betalha, a
ual via que se não podia escusar, querendo os in-
lezes entrar em seu reino.

á condessa e aos senhores e fidalgos que com elle vinham, os quaes eram estes:

Primeiramente, nomeêmos este *mosse* Edmundo, conde de Cambridge, filho lidimo d'el-rei Eduardo d'Inglaterra, o velho, o qual trazia sua mulher, D. Isabel, filha d'el-rei D. Pedro, rei que fôra de Castella, bem acompanhada de donas e donzellas, e um seu filho pequeno, que havia nome Eduardo, como seu avô, moço d'edade até seis annos. E vinha ahi um filho d'el-rei de Inglaterra, bastardo, e *mosse* Guilhem Beocap, condestavel de toda a frota, e o senhor de Botarços, e *mosse* Mau de Gornay, que era marichal, e sob o duque de Latram, e Thomaz Simon, alferes do duque de Lencastre, que trazia sua bandeira, e o bispo Dacres, e *mosse* Clinom, ordenador das batalhas, e *mosse* Thomaz Frechete, e o Garro, e *mosse* João Destingues, e Chiam Novel, e Maao Borni, e o senhor de Castelnou, que era gascão, e outros capitães que dizer não curamos.

E traziam comsigo, de gentes d'armas e frecheiros, até tres mil, bem prestes para pelejar, assi de formosa gente e bem corregidos.

E vinham ahi mais alguns cavalleiros dos que se partiram de Portugal quando el-rei D. Fernando tratou as pazes com el-rei D. Henrique, assim como João Fernandes Andeiro, e João Affonso de Bezerra, e Fernão Rodrigues d'Aça, e Martim Paulo e Bernaldão, e João Sanches, cavalleiro de Santa Catharina, e outros.

E chegaram estas gentes todas a Lisboa em quarenta e oito velas, entre naus e barchas, aos dez nove dias de julho da era já em cima escripta, quatrocentos e dezenove annos.

CAPITULO CXXXVII

no Nuno Alvares lançou uma cilada aos da fro-a, e do que lhe aveiu com elles.

A frota era grande e de muitas gentes, e não lhe podiam os da cidade por tal guisa embargar a sahida da terra que elles por muivezes não sahissem á sua vontade, em logares vistos e outros arredados da cidade, por cujo se faziam entre elles muitas escaramuças, das es, por a Deus assim prazer, sempre os portuzes levavam a melhor d'elles.

Ora assim, aveiu n'esta sezão que Nuno Alvares, ando muito o serviço d'el-rei, dês-ahi, por ser co-cido por bom, ordenou fazer uma escaramuça si, sem o fazer saber ao prior nem a algum dos ros seus irmãos; e vendo como os das naus sa-n a miude, a colher uvas e fructa, porque en-ão tempo d'ellas, falou com um bom cavallei ado com uma sua irmã, que chamavam Pe onso do Casal, como era sua vontade de em dia lançar uma cilada aos da frota, para se

dar d'elles se sahissem fóra como sahiam, e se
prazeria a elle de se ir em sua companha, o
outhorgou que de boa vontade. E por esta
ajuntou Nuno Alvares, dos seus e d'outros, até
te e quatro de bons homens de cavallo, e ser
uns trinta entre bésteiros e homens de pé.

E isto assim acertado, cavalgou Nuno Alv
em outro dia bem cedo, pela manhã, e foi-se
çar em cilada á ponte d'Alcantara, sob o most
de Santos contra Restello, cobrindo-se elle e
seus o melhor que podiam entre as vinhas e ba
caes, que ahi havia muitos, por não serem v
da frota. Estando assim Nuno Alvares fal
com os seus a maneira que houvessem de ter
topar com os castelhanos, se sahissem fóra,
viram vir um batel da frota, e n'elle até vinte
mens, que vinham ás vinhas, por colher uvas.

Nuno Alvares e os seus, como os viram, esg
daram bem onde sahiam e onde haviam de rec
á tornada, e cavalgaram logo os de cavallo, e
bésteiros e homens de pé com elles, e foram
áquelle logar por onde elles subiam, que era
barranco grande contra as vinhas; e, como ali
garam, Nuno Alvares se desceu do cavallo, e ou
alguns com elles, e aderençaram rijo contra os
telhanos. E elles quando os viram comsigo, m
rijo do que subiram, desceram a fundo com
praia, e Nuno Alvares e outros de volta com
e vendo se os castelhanos muito afficados, e
guarecer de morte, que a seus olhos viam m
prestes, lançaram-se todos na agua, e d'elles
dando sem armas nenhumas, outros mergulha
sob a agua, cobraram seu batel sem mais impe
mento, e foram-se para seus navios.

CAPITLO CXXIX

no o conde e outros capitães foram aposentados a cidade, e da maneira que el-rei com elles teve.

Depois que el-rei acabou de falar com o conde, disse que era bom que sahissem em terra, e entraram nos bateis o conde e sua mu- e esses senhores e fidalgos e donas e donzel- muita d'outra gente que com elles vinham; e foram na Ribeira, os da cidade os receberam honradamente, segundo el-rei deixava ordena- tomou el-rei a condessa de braço e foram to- pé até a egreja cathedral, onde jaz o corpo . Vicente. E como fizeram sua oração e sahi- da sé, estavam já prestes, para o conde e sua er e para outras honradas pessoas, bestas bem gidas, como cumpria; e levou el-rei de redea a ssa até o mosteiro de S. Domingos, onde orde- que pousassem, e o condestavel e o marichal . Francisco, e o senhor de Botarcos em Santo tinho, e os outros senhores e fidalgos pela ci-

dade, cada um segundo cumpria, salvo na têr velha.

E dizem que, falando el-rei ao conde na per da sua frota, e da guisa que aviera, respondeu e e disse «que por Deus não forçasse por aquella pe da, que quem houvesse a terra haveria as galés o mar.»

A rainha D. Leonor, a mui poucos dias, par de Santarem com a infante sua filha, e os d'el e todos os da cidade a sahiram a receber; e e antes que fosse ao paço, foi fazer oração a Sa Maria de Escada, que é no mosteiro onde pousa o conde, e a condessa de Cambridge lhe veiu fa e abraçaram-se ambas; e despediu-se a rainha foi-se para seus paços, e a condessa ficou no m teiro onde pousava.

N'isto, convidou el-rei o conde e todos os ca tães que com elle vinham, e a rainha a condess as donas e donzellas de sua companha, e este c vite foi nos paços d'el-rei, do castello, onde a to foi feita sala mui honradamente; e em fim da m foi apresentado ao conde e aos outros senhores c tos pannos de sirgo com ouro de desvairadas ma ras, segundo por el-rei era ordenado, e isso mes deu a rainha á condessa e mulheres de sua c pannos e joias, de que foram contentes. E por tras vezes convidava el-rei o conde e os outros pitães, e o ia vêr onde pousava elle e a rainha mulher, partindo com o conde mui grádamen com cada um dos outros, segundo seus estados

E porquanto nos capitulos entre el-rei e o c divisados, um d'elles era que el-rei désse cavalga ras a todos, sendo a cada um descontado, do s que havia de haver, o preço da besta que houve

guardado para maiores cousas, não outhorgou
uella peleja que seus inimigos lhe podessem dar
te.
uno Alvares, vendo que os seus não davam
ı, e que os castelhanos chegavam cêrca d'onde
estava, aderençou contra elles com gran von-
cavalleirosa, a alguns impossivel de crêr, e só,
parceiro, se lançou na mór espessura dos ini-
ɔs, onde eram aquelles duzentos e cincoenta
ens d'armas; e como se assim lançou entre elles
: de lança o primeiro encontro, perdida a lança
ɔu á espada, e, não o seguindo nenhum dos seus,
tão assignados golpes a toda a parte que, pero
astelhanos fossem muitos, assás havia de logar
: elles.
as em tudo isto foi elle servido de lanças e pe-
e virotões, que era maravilha podel-o soffrer,
ouve a Deus que nenhuma lhe deu em logar
lhe fazer podesse nojo, ca o corpo era bem
ıdo de umas assás fortes solhas, de guisa que
golpes massavam o corpo e nenhum damno
m na carne; pero elle pensava que era chaga-
e morte, pelos muitos golpes que em si sentia.
seu cavallo, com as muitas lançadas, poz as
s e cahiu em terra, e Nuno Alvares, isso mes-
e, cahindo assim ambos, começou o cavallo
ɔulir rijamente com as mãos e com os pés, e,
eando assim rijamente, acertou o canello da
dura da mão o tecido d'uma fivella das solhas
Nuno Alvares, de guisa que elle não se podia
render do cavallo, e ali cuidou
o.
; seus, que estavam a long
perigo em que Nuno Alv

CAPITULO CXXX

Como el-rei se declarou pelo papa de Roma, e s
sou sua filha com o conde de Cambridge.

SEGUNDO ouvistes em seu logar, el-rei D. Fern
tinha declarado por aquelle que se cha
Clemente Septimo, cuja parte favorisava e
de França e el-rei de Castella e alguns outros
nhores, e quando os inglezes vieram, porque t
como papa de Roma Urbano Sexto, não o
missa de nenhum padre nem clerigo portuguez
tão, disse o conde a el-rei que elle vinha p
servir e ajudar em sua guerra contra el rei de
tella, que era schismatico, tendo com um papa
estava em Avinhão, e que se elle queria que o
ajudasse em sua guerra que désse a obedienc
padre santo de Roma, e que d'esta guisa lh
viava el-rei seu senhor dizer, e todo o cons
d'Inglaterra, porquanto eram certos que aque
verdadeiro papa e outro não; e elle disse q
prazia, e outhorgou de o fazer assim.

quando veiu aos desenove dias do mez d'agos-
na festa da Degolação de S. João Baptista, el-
D. Fernando havendo maduro conselho com o
bispo de Braga e outros lettrados homens de
reino, ajuramentados sobre uma ostia sagrada
é cathedral da dita cidade, publicamente pre-
todo o povo, declarou Urbano Sexto ser ver-
iro papa e outro não, e isto presente os ingle-
muito outro povo.

logo n'esse dia, a hora de terça, esposou el-rei
ilha, a infante D. Beatriz, por palavras de pre-
, com Eduardo, filho do conde de Cambridge,
s muito pequenos; e foram ambos lançados
ma grande cama e bem corrigida, na camara
dos paços d'el-rei, e o bispo Dacres e o de
a e outros prelados rezaram sobre elles, se-
o costume d'Inglaterra, e os benzeram. A
era bem paramentada e a cubricama d'um
e preto com duas grandes figuras de rei e de
a na metade, todas d'aljofar grádo e meão,
do requeria onde era posto: a bordadura de
era toda d'archetes d'aljofar, e dentro eguaes
s d'aljofar, brolladas das linhagens de todos
algos de Portugal, com suas armas cêrca de
este corregimento de cama foi depois dado a
D. João de Castella, quando casou com esta
e D. Beatriz, segundo adeante ouvireis, e era
a em Castella por mui rica obra, qual outra
io havia.

foram estes esposorios feitos com esta condi-
que morrendo el-rei D. Fernando sem haver
de sua mulher, este Eduardo e sua esposa
dessem no reino depois de sua morte, outhor-
isto todos os fidalgos, e fazendo-lhe mena-

do, em Extremoz, sobre a vinda dos inglezes que o el-rei teve escondido por alguns dias n... re d'esse logar, soou não honesta fama entre e... a rainha; e posto que á primeira fosse esca... não tendo certos auctores, depois, por firme op... falavam n'ello mui largamente, pela qual rasão e... ambos havidos em grande odio das gentes, es... cialmente dos grandes e bons, que se doiam... deshonra d'el-rei.

Ora assim aveiu que, estando el-rei em Ev... como dizemos, chegaram um dia pela sésta... mara da rainha, o conde D. Gonçalo, seu irmã... João Fernandes d'Andeiro com elle; e pela ca... que fazia, grande, iam elles suando muito. E... quando os assim viu vir, perguntou-lhes se tra... sudarios com que se limpar d'aquelle suor, e... disseram que não. Então tomou a rainha um v... partiu-o por meio, e deu a cada um sua parte... se limparem. E andando-se João Fernandes... seando pela camara, com aquelle véo na mão, ... se em joelhos ante ella e disse com voz baixa... mansamente:

— «Senhora, mais chegado e mais usado q... eu de vós o panno, quando m'o vós houvesse... dar, que este que me vós daes.»

E a rainha começou de rir d'isto; e, per... dissesse estas palavras mui manso, não as o... porém tão passamente que as não ouviu uma... que sia cêrca d'ella, que chamavam Ignez Af... mulher d'um grande privado d'el-rei, e do seu... selho, que havia nome Gonçalo Vasques d'Azev... de quem elle muito fiava; e, porque lhe parece... mui mal ditas, calou-se então por aquella hor... disse-o depois a seu marido.

A cabo de dias, sendo a rainha falando em cousas de sabor, louvando muito o costume dos inglezes e d'aquelles que com elles usavam, respondeu aquelle privado d'el-rei, e disse:

— «Certamente, Senhora, quanto a mim, seus costumes, em algumas cousas, não me parecem tanto de bons como os vós louvaes...»

— «E quaes? disse ella.»

— «Senhora, disse elle, não é bom costume, nem de louvar a nenhum, o que muitos d'elles usam: que se alguma dona ou donzella, por sua mesura, lhes dá algum véo ou joia, elles se chegam a ellas, á orelha, e dizem-lhes que mais chegadas e mais usadas, queriam elles as joias d'ellas que não aquellas que ellas dão...»

A rainha, quando isto ouviu, suspeitou logo porque elle aquillo dizia, e calou-se por então e não disse nada, dando a entender que não parava n'aquillo mentes, e depois chamou-o á parte e disse:

— «Gonçalo Vasques, eu bem sei que vossa mulher vos disse aquillo que vós ora antes dissestes, mas sêde certo que vós e ella não o lançastes em poço vazio, e prometto-vos que ambos m'o pagueis mui bem.»

E elle escusando-se que não sabia d'ello parte, e ella dizendo que era assim, deixaram aquillo e falaram em al.

Onde sabei que este Gonçalo Vasques era segundo co-irmão da rainha D. Leonor, e por ella fôra feito e posto em grande estado; porque D. Aldonça de Vasconcellos, mulher de Martim Affonso Tello, mãe da rainha D. Leonor, era prima co-irmã de Thereza Vasques d'Azevedo, filha de Vasco

Gomes d'Azevedo, irmão de Gonçalo Gomes d'Azevedo, alferes d'el-rei D. Affonso, o que f aos mouros; assim que a infante D. Beatriz, mulher que depois foi d'elrei de Castella, era sobrinha d'este Gonçalo Vasques, filha de sua segunda co- mã. E por este divido que elle havia com a rainha e o accrescentamento que n'elle havia feito, ter ella grão sentido das razões que d'ella dissera azou como depois fosse preso.

CAPITULO CXL

mo Vasco Gomes d'Abreu falou á rainha, e das azões que ambos houveram.

Depois d'isto a poucos dias, um fidalgo que havia nome Vasco d'Abreu, que se chamava parente da rainha, vendo como já temhavia que lhe não mostrava boa vontade, como ıtes havia em costume, dês-ahi, porque diziam ıns que lhes parecia que a rainha lhe não tinha ı desejo, chegou um dia a ella e disse:

– «Senhora, vós me fizestes muito bem e pozesem honra, de guisa que eu não sou mais que nto a vossa mercê em mim fez, pela qual razão sou mui teudo de vos servir e amar emquanto r, e assim o entendo de fazer sempre; e ora não porque, dias ha, vós mostraes que me haveis , como se vos eu houvesse feito algum grande e desserviço. Porém, vos peço por mercê que digaes isto porque é, ou se vos disseram alguma a que eu contra vosso serviço fizesse; e, se fôr lade o que vos de mim disseram, eu vos faço

preito e menagem que d'este logar me não para até esperar aqui a morte.»

Respondeu a rainha e disse:

— «Não sem gran razão, eu hei de vós mui grande queixume, e não sei para que são essas palavras e essa abundancia de arrazoar, ca bem sabeis vos que vós me tendes feito um erro tão grande por que vós merecieis de vos eu mandar cortar a cabeça, e ainda matar de peior morte que esta.»

— «Senhora, disse elle, vós podeis dizer o que vossa mercê fôr, mas outro nenhum não me dirá com verdade, que vos eu nunca haja feito nenhum erro por que eu isso mereça; e, se vos alguma cousa vos alguem de mim disse, peço-vos por mercê que m'o digaes.»

— «Onde me podieis vós mór erro fazer, disse ella, que irdes vós dizer ao conde D. João Affonso meu tio, que eu dormia com João Fernandes d'Andeiro?»

— «Senhora, disse elle, Deus me guarde de mim que eu tal cousa dissesse, e quem vos isso disse mentiu-vos falsamente; e não ha nenhum, que m'o diga, a que eu não ponha o corpo, ainda que seja de muito mór estado que eu.»

— Para que negaes vós isto, disse a rainha, e desdizeis, ca eu vos darei pessoa a quem o vós dissestes?»

— «Senhora, disse elle, eu não o desdigo, nem pois o eu não disse, não o posso desdizer; mas nego e digo que nunca foi nenhum que me tal cousa ouvisse.»

— «Certo é, disse ella, que vós o dissestes, e Gonçalo Vasques d'Azevedo me disse que vós lho dissereis.

— «Não vos disse verdade, disse elle, nem Deus
nca quizesse que eu tal cousa dissesse de vós;
as, pois vós dizeis que vol-o elle disse, a verdade
que eu lh'o ouvi dizer a elle, estando presentes o
nde D. João Affonso, vosso tio, e outros; e vós
andae-o chamar e eu lh'o direi presente vós, e se
'o elle negar eu lhe quero pôr o corpo sobre isto,
l lh'o provarei pelos que ahi estavam, qual antes
ssa mercê fôr.»

Quando a rainha isto ouviu, disse-lhe que não
rasse mais d'aquillo, nem o dissesse a nenhum,
que ella mandaria uma carta a seu tio, que lhe
viasse dizer a verdade d'isto, como se passara.

CAPITULO CXLI

Como el-rei poz em sua vontade de mandar prend o mestre seu irmão, e Gonçalo Vasques d'Azevedo e porque razão.

A rainha, depois que houve estas palavr com Vasco Gomes, cuidou n'isto que lh elle disse e no que antes ouvira dizer Gonçalo Vasques, e pezou-lhe muito de corac e entendeu que por aquelle privado d'el-rei hav de ser publicada sua fama e descoberto todo s feito, e que, sendo isto sabido, era a ella mui gra de vergonha e perigo, e isso mesmo d'aquelle c valleiro com quem ella era culpada, cuja morte e não desejava de vêr. E pensou como no reino n havia outro nenhum do linhagem d'el-rei, que is quizesse vingar, senão aquelle seu irmão bastar que era mestre d'Aviz, segundo já dissemos; e e tendeu que, sendo aquelle privado d'el-rei e e seu irmão mortos, ella seria de todo segura, p quanto todos os outros móres do reino eram se divididos ou postos em honra por ella. Então, cuid

de os fazer culpar em alguma tal cousa porque el-rei houvesse azo de os mandar matar.

E dizem alguns que fez fazer cartas falsas, em nome do irmão d'el-rei e d'aquelle seu privado, as quaes pareciam ser enviadas por elles a Castella, em desserviço d'el-rei e de todo o reino; e fingiram estas cartas ser enviadas e tomadas no extremo, caladamente, segundo a maneira que sobre ello foi ordenada. E uns dizem que foram trazidas a el-rei, outros contam que á rainha, e que ella as mostrou a elle; e que el-rei, quando as viu, foi d'isto muito espantado, porque não havia d'elles tal suspeita, nem sabia cousa por que se a isto demovessem. Nós, porém, como ella isto ordenou por satisfazer a seu desejo, não somos em certo conhecimento, salvo que el-rei e a rainha, e ainda presumèm que aquelle com quem ella era culpada, viram taes carta.

E, falando que se devia n'isto de fazer, foi por elles accordado que era bem de serem presos, e não deixar passar tão má cousa como aquella sem grande vingança, por ser escarmento a todos os outros, que nunca se nenhum atrevesse a fazer similhavel cousa; e que a prisão fosse logo e que depois haveria el-rei accordo sobre a pena que deviam d'haver. A el-rei, pareceu este bom conselho e poz em vontade de o fazer assim, e cuidou de os mandar prender, de guisa que elles não podessem fugir, nem ser tomados áquelle a quem os entregasse.

CAPITTLO CXLII

Como el-rei mandou prender o mestre seu irmão Gonçalo Vasques d'Azevedo.

ESTANDO el-rei em outro dia em um eirado seus paços, e com elle o mestre seu irmão Gonçalo Vasques d'Azevedo e alguns outros senhores e cavalleiros, chegou á porta do paço escudeiro, que havia nome Gonçalo Vasques C tinho, com suas gentes e outros, em guisa que riam até duzentas lanças, todos armados, sem gua de nenhuma cousa. E o logar onde el-rei elles estava era tal que se viam d'ali, e, posto o mestre e Gonçalo Vasques as vissem assim d'aquella guisa, não cuidaram nenhuma cousa ello, como homens que se não temiam, especialmente o mestre; dês-ahi, porque era tempo guerra, não lhes pareceu aquillo cousa nova.

E el-rei, depois que viu ali estar aquellas gen disse a todos os que com elle estavam que se sem para as pousadas; e elle foi-se logo para

ara, e os outros todos começaram de se ir. E
ndo ainda ali o mestre e Gonçalo Vasques, tor-
a elles Vasco M tin s de Mello, que se fôra
el-rei, e disse contra o mestre:
«Senhor, e vós Gonçalo Vasques, eu vos trago
s de que me muito pesa. El-rei, Meu Senhor,
manda que sejaes presos.»
«Porque?» disseram elles.
«Não sei mais, disse elle, senão quanto me
lou que vos guardasse bem e lhe desse de vós
conto e recado.»
«Ha nos de vêr el-rei?» disse o mestre.
«Não, disse elle, mas vinde-vos commigo e
-nos para a pousada.»
tão, se desceram e cavalgaram em cima de
s mulas, e com cada um d'elles um dos escu-
s de Vasco Martins, de traz, e aquellas gentes
com elles. E indo assim pelo caminho, che-
e Gonçalo Vasques Coutinho áquelle privado
i que era seu sogro, e disse-lhe mui manso,
uisa que o não ouviu o escudeiro que com

Parece-me que vós e o mestre ides ambos pre-
Isto porque é?»
Não sei mais, disse elle, que quanto vós vê-

Isto, disse elle, não póde ser senão por grande
e, pois assim é, parece-me que é bem que eu
ie em toda guisa por vós não irdes á prisão,
ito me temo d'esta causa vir a mal.»
E como podereis vós isso fazer?» disse Gon-
asques.
Eu darei volta com todos os meus, disse elle,
ui vão, e entendo com a ajuda de Deus de

vos pôr em salvo, e depois el-rei me perdoará: posto que me não perdôe, eu não dou nada de p der quanto tenho por vós todavia serdes livre d perigo.»

— «Filho amigo, disse elle, vós dizeis mui ben eu vol-o agradeço muito, mas porém não vos cur de trabalhar d'isto, porque aqui vão muitas gent como vós vêdes; mórmente, ser dentro na cid isto era cousa mui grave de fazer, e não se s bando vós serieis preso e morto e eu logo m comvosco. E mór pesar e nojo haveria eu, ve como vos matavam por me vós quererdes liv que da morte que eu morresse, ainda que fo sem meu merecimento. E, porém, não vos tr lheis de nenhuma cousa, que Deus, que sabe eu não fiz por que eu isto mereca me livrará sua mercê.»

E pero lhe elle disse que não tomasse d'aq cuidado, que elle em toda a guisa o livraria, n n'ello quiz consentir, receando-se do grande pe que se poderia seguir a ambos.

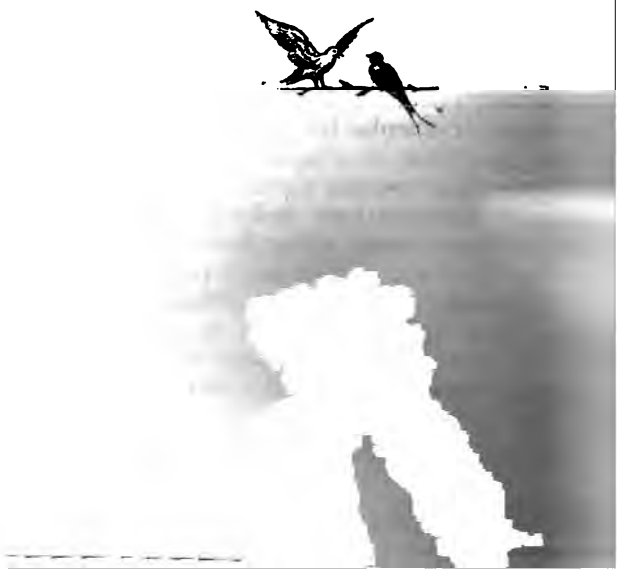
E assim chegaram ao castello da cidade, o haviam de jazer presos; e depois que foram des e descavalgaram, emquanto as gentes andav d'uma parte para a outra, estando ainda as po abertas, chegou-se ao mestre um escudeiro, havia nome Affonso Furtado, que era anadel do reino, e disse-lhe se sabia porque era pres elle disse que não.

— «Senhor disse elle, o grande e bom, qu é preso, não o é senão por grande cousa, e, p que vós não saibaes porque sois preso, e enten que o sois sem porquê, parece-me que não é que vos aguardeis assim d'este feito. E vós s

n como el-rei D. Pedro, vosso pae, me creou e
: em estado, e me deu quanto eu hei; e ainda
: eu d'el-rei D. Fernando, vosso irmão, rece-
se muitas mercês, muito mais teudo sou a amar
cousas d'el-rei vosso pae, e pôr o corpo e quan-
:u tenho por ellas, mormente por vós, que sois
filho. E porém, emquanto estas gentes assim
am e a porta está aberta, saiamo-nos logo am-
, e como nós fôrmos fóra eu vos entendo de
em salvo, ainda que perca quanto tenho.»
o mestre disse que lhe agradecia muito e lhe
:ia. Então, se tomaram pelas mãos, indo falando,
les que chegavam cêrca da porta e o porteiro
a acabava de fechar; e elles tornaram-se então,
dar a entender nada do que fazer quizeram.
isto, pensaram cada um dos que ahi estavam
e ir para as pousadas, e Vasco Martins de pôr
guarda n'elles; e foram ambos bem aprisiona-
com senhas grossas adovas e cadeia pelas per-
e postos em uma tal casa dônde não podes-
fugir.
pelo grão temor que houveram de em outro
ser mortos, enviaram logo depressa um escu-
ao conde de Cambridge, que estava em Villa
sa, que eram d'ali oito leguas, e mandaram-lhe
como os el rei mandara prender, não sabiam
ıe, e que lhe enviavam pedir por mercê que
ıviasse pedir a el-rei, e, se lh'os dar não qui-
, que lhe dissesse porque eram presos.
conde, quando isto ouviu, respondeu que com
o não tinha que fazer, e que, se elles alguma
fizeram contra serviço d'el-rei, era mui bem
pagarem, e que sobre aquillo não entendia de
nenhuma cousa.

Quando o escudeiro que lá foi tornou a elles co
este recado, pesou-lhes muito e não souberam m
que fazer.

E tanto que elles foram presos, logo el-rei m
dou prender um védor do mestre, que chamav
Lourenço Martins, que estava d'ali oito leguas. e
uma villa que chamam Veiros, e tomar-lhe quan
tinha, entendendo que, quanto o mestre fizera e
mandar aquellas cartas que elles cuidavam que e
enviara, tudo fôra por seu conselho.



CAPITULO CXLIII

recado que Vasco Martins houve por que matas-m o mestre e Gonçalo Vasques, e como o não iz fazer.

ogo como foi sabido que o mestre e Gonçalo Vasques d'Azevedo eram presos, foram todos maravilhados d'esta cousa, e foi logo soado todo o reino como o foram por azo da rainha, maneira que tivera para os fazer prender, e que razão fizera isto; e nenhum não podia es suspeitar nenhuma má cousa, antes lhes pe- a todos muito de sua prisão, e maravilha- -se de o não entender el-rei, e bem cuidavam taes cousas se haviam de dar a mal; e eram entendimentos dos homens cheios de desvaira- pensamen

nde [illegible] departem algumas historias, e [illegible] aquella noite que elles foram pre- [illegible] fazer um alvará falso, que pare- [illegible] mão [illegible] rei, no qual mandava [illegible] em seu poder que

tanto que o visse, sem outra detença, os fizesse logo degolar; e se o alvará ia mui afficado, que muito mais afficadamente lh'o disse o mensageiro, em nome d'el-rei.

Quando Vasco Martins viu aquelle alvará maravilhou-se muito que podia ser tal cousa, e porquanto elle entendia que elles eram presos por azo da rainha duvidou muito no alvará porque elle sabia que muitos alvarás passavam para outras cousas em nome d'el-rei, feitos por aquella guisa; pero disse áquelle que lh'o trouxe que elle o cumpriria como n'elle era conteudo. E que, logo a cabo de pouco, veiu saber outro mensageiro, em nome d'el-rei, se era já feito o que lhe mandara fazer, e elle disse que não; e então se foi aquelle e veiu outro, com outro alvará muito mais afficado que o primeiro, em que lhe mandava el-rei que logo lhes fizesse cortar as cabeças, dizendo que el-rei era mui queixoso porque já não era feito. E porque se afficava muito aquelle que o trazia, e Vasco Martins via a cousa mui duvidosa, disse-lhe assim:

— «Amigo, vós vêdes como já é alta noite e horas em que se não costuma de fazer justiça, e parece que el-rei, com gran sanha que agora ha d'estes homens, manda fazer isto, e pode ser que depois se arrependeria muito, como já aconteceu a alguns senhores. E se fossem homens d'outro estado, ainda não era tanto de recear, mas matar eu um irmão d'el-rei e um dos grandes privados que elle tem, por esta maneira, digo-vos que o não cuido de fazer por nenhuma guisa, até de manhã, que eu com elle fale e saiba como é sua mercê de se fazer. E se os elle mandar matar, elles bem guardados estão, e será feito seu mandado; e isto en-

› por mais seu serviço, ca se fazer perda a
depois não podia ser cobrada.»
i-se o mensageiro com este recado e não tor-
depois mais a elle. E elle levantou-se em ou-
lia pela manhã, bem cedo, e foi-se a el-rei e
ou-lhe os alvarás, e contou-lhe tudo o que se
ra aquella noite; e el-rei ficou espantado, di-
› que de tal cousa não sabia parte, e que lhe
ecia muito o que fizera, e disse-lhe que se ca-
e que não dissesse a ninguem nenhuma cousa.

CAPITULO CXLIV

Do grão temor em que o mestre e Gonçalo Vas d'Azevedo estavam, e como a rainha buscav para matar Gonçalo Vasques.

Com grão temor e cuidado, passaram aq noite o mestre e Gonçalo Vasques, cuid que o dia seguinte era o postumeiro d vida, e muito maior fôra o medo se elles soub parte do que se emtanto acontecia; e quando a manhã, e o dia começou a crescer, tão gr era o temor que haviam que como alguem ba porta do castello logo elles cuidavam que er gum mensageiro que trazia recado por que os tassem. E falavam entre si ambos que era a por que eram presos: e o mestre dizia qu achava em si cousa por que merecesse de o s Gonçalo Vasques dizia que bem sabia porque c ainda que dessem a entender que por al o diam, e que mór pezar haveria quando o leva a justiçar, por não ousar a dizer o porque o vam, que da morte que lhe dessem sem porq

E foram-nos vêr n'aquelle dia todos os senhores da côrte, dizendo que lhes pesava muito de sua prisão, a qual não sabiam porque era, e que toda cousa que por elles podessem fazer o fariam mui de grado, não sendo contra serviço d'el-rei, seu senhor; mas não foi lá João Fernandes Andeiro.

Grande guarda punha Vasco Martins n'elles, não embargando o que lhe el-rei dissera, ca elle comia e dormia sempre com elles, e eram guardados de dia e velados de noite de vinte escudeiros, que dormiam sempre armados á porta da casa onde elles jaziam.

N'isto, partiu-se el-rei d'aquella cidade onde estava e foi-se a um logar que chamam o Vimieiro, e a rainha ficou ali. Quando elles viram que se el-rei partia e a rainha ficava, tiveram que era por seu mal, ca muito se temiam d'ella, e que não havia n'elles senão morte; e n'este temor estavam cada dia, sem haver esperança de poder fugir, nem ser livre por nenhuma outra guisa, em tanto, que o mestre fez voto e prometteu a Deus que, se o livrasse d'aquella prisão a seu salvo, fosse a Jerusalem visitar o Santo Sepulchro.

A rainha, quando viu que o seu desejo não fôra acabado sobre a morte d'elles, assim como haveis ouvido, cuidou que o poderia ser por outra guisa, e escreveu uma carta ao conde D. João Affonso, seu tio, que estava em Santarem, recontando-lhe n'ella tudo o que lhe aviera com Vasco Gomes d'Abreu, e como lhe dissera que elle estava presente quando Gonçalo Vasques d'Azevedo dissera d'ella as palavras que dissemos; e que lhe rogava que lhe enviasse dizer, por sua carta, a verdade d'aquelle feito como se passara.

O conde D. João Affonso, quando viu a c
como era homem sisudo, entendeu a vontade d
quejanda era, e trabalhou de buscar taes ra
porque os desculpasse ambos. E uns dizem que
não escreveu resposta, mas que chegou áquella
dade onde ella estava, e que lhe contou quan
d'aquillo sabia por guisa que nenhum d'elles
ficou em culpa, e que se tornou para Santare
outros dizem que lh'o escreveu por carta, por
mesma guisa.

Então, cuidou ella que era bem de trabalhar
elles fossem soltos, por dar a entender que ella
fôra em culpa de sua prisão, e houve com o co
de Cambridge que os pedisse a el-rei. Mas de
guisa isto foi nós não o sabemos em certo, s
tanto que, havendo já vinte dias que elles eram
sos, enviou a rainha chamar aquelle cavalleiro q
tinha em seu poder, e mandou que lhes tiras
ferros, e elle fel-o assim.

E o mestre, quando isto viu, perguntou a G
çalo Vasques que lhe parecia d'aquillo.

—«Senhor, disse elle, parece-me bom sig
hei-o por bom começo de meu feito, e entr
mercês a Deus, que sou seguro de morte. Ma
vós me pesa muito, porque, quando tal ho
como vós é preso não o é por pequeno feito;
pois vos tiraram os ferros, devei-o haver por co
ço de bem.»

—«E a mim, disse o mestre, muito me
de vós serdes livre, e Deus, que sabe que e
sem culpa d'esta prisão, encaminhe meus fe
como sua mercê fôr; e vós, depois que fordes
e solto e fordes no vosso reino, rogo-vos que
lembreis de mim.»

CAPITULO CXLV

o mestre teve ordenado para fugir, e da guisa houvera de ser.

EPOIS que o mestre e Gonçalo Vasques foram soltos dos ferros em que jaziam, tiram-nos d'aquella casa onde jouveram todo aquelle tempo e deram-lhes logar que em folgando pelo curral do castello, e ho- com elles, que os guardassem sempre. E o , depois que se viu sem ferros, pero que o bom signal, cuidou n'aquillo que lhe Gon- asques dissera e pensou em como podesse e um dia pela manhã, que fazia frio, disse o a um filho d'aquelle cavalleiro que o tinha poder:

Martinho, subamos áquelle muro e aquentar- nos áquelle sol que ali faz».

moço se foi com elle, e os escudeiros que o ram. E, andando folgando pelo muro do , olhava elle com gran femença se veria al-

gum logar azado porque depois podes-e fu
viu um que lhe pareceu geitoso para se p
elle em salvo, mais baixo da terra que nenhum
outros, e poz logo em sua vontade de fug
ali o mais cedo que houvesse geito de o pod
zer. E, depois que os a claridade do sol hou
quentados a seu prazer, desceram-se do muro.
haver nenhum d'elle tal suspeita.

Em outro dia, foi o mestre folgar áquelle
mesmo aonde antes fôra, e levou comsigo um
pagem, a quem era dada licença com quem fa
apartado, e mostrou-lhe aquelle logar por q
tendia de fugir, e disse assim:

— «Johanne, trazer-me-has o meu arco dos p
ros, com uma corda bem rija, e outras duas
no seio; e depois que me isto deres irás se
meu cavallo e trazer-m'o-has ali prestes, fi
que vaes para a agua; e uma vara na mão
par d'esporas no seio, que, se m'as tão azin
poderes pôr, com a vara as escuse; e eu
por aqui atirando ás pombas, e chegar-me-hei
logar e atarei as cordas no arco e descer-
por ellas.»

Então lhe divisou o dia e hora a que isto
e que o tivesse em grande segredo; e elle
que assim o fazia e despediu-se d'elle e foi-se
tão se desceu do muro, com aquelles que
davam, sem descobrir sua puridade a outro ne

CAPITULO CXLVI

o mestre foi solto e comeu aquelle dia com a ha, e das razões que com ella houve.

ENDO o mestre ordenado para fugir da guisa que haveis ouvido, a um dia certo, chegou a elle Vasco Martins, antes d'aquelle dia que la havia de ser, e disse a elle e a Gonçalo :s:

)enhor, eu vos trago mui boas novas.»

Quejandas? disseram elles.

A rainha, minha Senhora, disse elle, vem de ouvir missa á sé, e manda-vos soltar, e que)uvir missa com ella.»

es foram muito ledos com isto e disseram) tinham em grande mercê.

)utro dia, veiu a rainha ouvir missa á sé, e á missa chegou Vasco Martins, com elles aonde a rainha estava, e elles beijaram-lhe s e falaram aos outros senhores que ahi ı, e ao conde João Fernandes com elles. E

depois que sahiram da missa tomou o conde J
Fernandes a rainha pelo braço, e o mestre a inf
te D. Beatriz, sua filha, e vieram assim até á p
da sé; então, entrou a rainha nas andas em
fôra, porque andava prenhe, e o conde ia a par
andas falando com ella, e o mestre levava a in
te de redea.

E quando chegaram á porta do paço quize
o mestre e Gonçalo Vasques despedir d'ella
se irem para as pousadas, e ella lhes disse
se não fossem, mas que viessem comer com e
e o mestre foi mui suspeitoso d'este convite.
dando que o queriam matar com peçonha, e
o deixara por aquella hora, se se pudera esc
d'ello.

Então se sentaram a comer na camara da ra
e ella sia á sua meza, e o mestre em cabe
d'outra meza, e o conde João Fernandes junto
elle, e Gonçalo Vasques a fundo d'elles ambo
o mestre comia com grande medo, receand
que já dissemos. Acabado o jantar, trouxer
fruta, e a rainha começou de falar nas joias
tinha, e quanto lhe custaram, gabando-as mu
o conde alçou-se da meza, ficando os outros
tados, e chegou-se a par da cama onde a ra
estava á meza, e ella tirou um annel que tinh
dedo d'um rubi que dizia que era de grão p
e estendeu a mão com elle, e disse ao conde
guisa que o ouviram todos:

—«Johanne, toma este annel.»

—«Não tomarei», disse elle.

—«Porque»? disse ella.

—«Senhora, disse elle, porque hei medo qu
gam d'ambos».

— «Toma tu o que te eu dou, disse ella, e diga cada um o que quizer.»

E, elle tomou-o e pol-o no dedo; e ao mestre e aos outros que ahi estavam não lhes pareceu bem esta cousa, e tiveram aquellas por mui más razões. Então se levantaram de comer, e o mestre ficou-se em joelhos ante a rainha e disse:

— «Senhora, bem vistes como El-rei meu senhor, me mandou prender, e o desejo que contra mim teve emquanto fui preso; e pero eu por muitas vezes cuidasse em minha vontade, emquanto jouve na prisão, que o demoveria a me assim mandar prender, nunca pude achar em mim cousa nem desserviço que lhe eu fizesse por que merecesse de o ser. Pero, não embargando isto, eu tenho a elle e a vós em grande mercê, por me mandares soltar. Mas porque eu entendo que vós sabereis o por que o eu fui, porém vos peço por mercê que m'o digaes, para me eu avisar de outra hora não fazer ou dizer cousa por que anoje El-rei, Meu Senhor, e haja de mim outra tal sanha como esta.»

— «Irmão amigo, disse ella, bem sabeis que aos maldizentes nunca lhes mingúa que digam; e alguns cavalleiros de vossa ordem, que comvosco andam, especialmente o commendador-mór Vasco Porcalho, fez entender a El-rei Meu Senhor que vós vos querieis ir para Castella, para o infante D. João, em desserviço d'este reino; dizendo certamente que era assim, porque vós tomareis gados de suas albergarias que ha em Aviz, e os mandareis vender.»

— «Senhora, disse elle, esse era mui mau cuido que elles cuidavam, que por dezesete cabeças de gado, que eu mandei tomar para algumas cousas

que me cumpriam, não deveram elles a
mim tão má cousa; mas Deus dará a elles
lardão, e a mim ajuda e graça como sirv
Meu Senhor, segundo meu desejo foi sem
bem servir.»

E não podendo d'ella mais saber alçou-s
diu-lhe licença para ir vêr el-rei.

CAPITULO CXLVII

no o mestre foi vêr el-rei, e das palavras que om elle houve; e das razões que o mestre disse m casa do conde de Cambridge.

QUANDO o mestre viu que mais não podia saber da rainha em feito de sua prisão, despediu-se d'ella; e foi-se logo ao Vimeiro, de el-rei estava, e chegou ante a cama onde elle ia doente e beijou-lhe as mãos, e disse:

— Senhor, Vós me mandastes prender, e eu vos ıho em grande mercê por me mandardes soltar, eu alguma cousa fiz por que merecesse de o ser, ainda que o não fizesse. E Vós, Senhor, sabeis m como me creastes, e a honra em que vossa ɜrcê foi de me pôr; e, entre as outras muitas ɜrcês que eu de Vós recebi até o dia de hoje, ora vos peço por mercê que me façaes uma, a ıal é esta: que me digaes qual foi a razão por ıe me mandastes prender. Ca, ainda que vos eu m bom desejo servisse e tenha em vontade de ıs servir, pero pode ser que algumas d'aquellas

cousas em que eu cuido que vos faço serviço e
tade serão a Vós nojo e desprazer; e, não se
eu apercebido d'isto, servir-vos-hia como até
fiz, e, esperando de Vós bem e mercê por gala
de meu serviço, seguir-se-hia o contrario d'isto
porém vos peço por mercê que me queiraes d
quejanda á vossa vontade.»

Respondeu el-rei e disse:

— «Vós dizeis mui bem, e eu entendo vo
bom desejo, mas vós sêde certo que eu não
mandei prender senão por vos mostrar quant
meu poderio era de grande sobre vós, e não
outra cousa.»

— «Senhor, disse o mestre, dês aquelle tem
que me Deus chegou á edade de vos eu conhe
por Meu Rei e Senhor, sempre eu soube e se
grão poderio que Vós sobre mim haveis, e sob
todos os outros de vosso reino; e, se por al
foi senão por isso, parece-me que por outra ga
podéreis saber se havia em mim tal conhecimen
como esse. E se por outra razão e, em que vos
não sirva a vosso prazer, como já disse, peço
por mercê que m'o digaes.»

E el-rei disse que não fôra por [illegible] cousa se
por aquillo. Então [illegible] beijou a [illegible] e despe
se d'elle; e porque [illegible] tre e [illegible] o
de Cambridge fôra [illegible] d' [illegible]
se foi aos paços [illegible] nde
sua reverencia e di[illegible]

— «Senhor, bem s[illegible] El-
me mandou prender [illegible] sua
dou soltar; e pero eu [illegible] nin
r [illegible] porque fu [illegible] o
[illegible] ho em g[illegible] o

estes em trabalhardes por eu ser solto. Além d'is-
Senhor, porquanto a mim é dito que alguns
seram de mim cousas quaes não deviam, eu di-
aqui, perante Vós, que se ahi ha algum que
: diga que eu errei, ou fiz alguma cousa contra
viço d'El-rei, Meu Senhor, eu lhe farei conhecer
e não disse nem diz verdade, mas que sempre
: trabalhei de o servir o melhor que eu pude,
n lhe fazer nenhum erro por que me isto deves-
ser feito.»

E isto disse o mestre porque ahi estavam com o
nde muitos cavalleiros e escudeiros dos que an-
vam com el-rei; mas não houve ahi nenhum que
: a isto respondesse. Então, disse ao conde Vas-
Martins da Cunha, o Moço, que ia com o mes-
::

— «Ainda, Senhor, que o mestre dissesse o que
i teudo de dizer por sua honra, pero porque po-
ser que, porque elle é tão grande homem, ne-
um queira responder a isto, porém eu, que sou
valleiro de mais pequeno estado, a quem de me-
or mente responderão, digo que eu sou prestes
ra fazer conhecer que não é verdade a qualquer
e disser que o mestre fez nem disse nenhuma
usa contra serviço d'el-rei, porque merecesse de
· preso.»

E esta mesma razão disseram alguns outros dos
e ahi estavam, e o conde disse que bem cria que
sim era. Então, se foi o conde para onde el-rei
usava, e o mestre com elle até aos paços, e des-
diu-se d'elle e tornou-se a Evora.

CAPITULO CXLVIII

Como Lourenço Martins quizera matar Vasco Porcalho, e lhe o mestre disse que o não matasse.

Tanto que o mestre chegou a Evora, despediu-se logo da rainha, para se ir á terra da Ordem, e foi-se de pé em romaria a Santa Maria de Benavilla, que promettera quando foi preso; e d'ahi se partiu e foi a Veiros, e achou ahi já solto Lourenço Martins, aquelle seu vedor que d'antes dissemos, mas não lhe foi entregue o que lhe tomaram. E contou-lhe o mestre tudo o que lhe aviera em sua prisão, e as razões que houvera com a rainha depois que fôra solto, e o que lhe disse de Vasco Porcalho.

— «Senhor, disse elle, e vós bem sabeis como fui preso quando o vós fostes, e como me foi tomado quanto me acharam; e, segundo parece, tudo que a vós e a mim foi feito veiu por azo das cousas que este traidor andou dizendo, e porém é bem que elle haja galardão da sua maldade e não escape

morte, por tão má cousa como esta que disse. E vós deixae a mim o encargo d'este feito, e, sem vós n'ello pôr mão, eu o entendo de matar mui cedo.»

E o mestre disse que lh'o agradecia muito e lh'o tinha em grande serviço. Aquella noite seguinte, cuidou o mestre n'esta cousa, e em outro dia chamou-o á parte e disse:

—«Lourenço Martins, cuidei n'aquillo que hontem falámos, e não me parece que é bem que mateis este homem, por duas razões:

—«A primeira, vós sabeis bem como esta mulher é sages em muito mal e sabedora de grandes artes; e, porque viu que não pôde acabar seu mau desejo contra mim emquanto fui preso, póde ser que cuidou de me dizer esta cousa, por tal que eu, com melancolia, pensando que a sem-razão que me foi feita foi por seu azo d'este homem, me demovesse a o matar. E matando-o, elle morreria sem porque, com grão peccado de minha alma, e eu era por força deixar o reino e me iria fóra d'elle, e por esta guisa seria ella desempachada de mim.

«A segunda, posto que assim fosse que o elle dissesse, a mim não vem grande honra de eu matar um homem tal como este, e ainda que o vós mateis, dando a entender que eu não sei d'isto parte, logo a rainha cuidaria que eu vol-o mandara matar, pelo que me disse; e poderia ser que haveria El-Rei de mim tão grande queixume por que eu poderia vir a prisão e perigo de morte ou perderia a terra de todo ponto, o que a mim não cumpria, mórmente em tempo de guerra, como ora estamos.

«Porém, me parece que é bem que, na duvido d'estas cousas, escolhamos o mais seguro e naã

curemos d'isto; e elle, se mal fez ou disse, Deus lhe dará seu galardão.»

— «Senhor, disse Lourenço Martins, a mim parecem estas boas razões, e como vossa mercê fôr eu assim o farei.»

E o mestre disse que não curasse d'ello, e elle assim o fez.

CAPITULO CXLIX

Como os inglezes, e o mestre com elles, entraram por Castella e tomaram os castellos de Lobom e do Cortijo.

A poucos dias que o mestre foi solto, estando elle em Veiros, como dissemos, houveram conselho alguns capitães dos inglezes de fazerem uma entrada por Castella, e divisaram logo entre si o dia a que se todos juntassem, com suas gentes, em uma villa que chamam Arronches, que era duas leguas do reino de seus inimigos; dos capitães eram estes: um filho bastardo d'el-rei de Inglaterra, que havia nome... Canom de Babi Sallas, o sob-duque della Trava, *mosse* João Falconeth e outros. E, indo para aquelle logar onde haviam de ser juntos, um cavalleiro inglez, que havia nome *mosse* Rogel Othiquiniente, chegou por onde o mestre estava e, falando com elle, disse assim:

—«Sabeis vós, Senhor, parte do que se faz n'esta terra onde nós estamos?

—«Não», disse o mestre.

—«Sêde certo, disse o cavalleiro inglez, que nós queremos fazer uma cavalgada e entrar por Castella, na qual, se vós quizerdes ser, podeis fazer muito de vossa honra.»

E disse-lhe logo o dia em que todos haviam de ser juntos, e quando se haviam de partir.

—«Muito me praz, disse o mestre, e sou delle mui ledo e agradeço-vos muito isto que me haveis dito; e eu me farei logo prestes, em guisa que seja com esses senhores n'esse dia que vós dizeis.»

Então se despediu d'elle, e o mestre não quiz mais em tardança, e juntou suas gentes depressa e outras da comarca, as mais que haver poude, e com elle Vasco Peres de Cámões, e levou comsigo, entre lanças e corredores, duzentos de cavallo e quasi mil homens de pé; e chegou a Arronches, onde os inglezes estavam, e foi d'elles bem recebido, e dispuseram-se prestes para entrar, e eram por todos quatrocentas lanças e quinhentos archeiros e seis mil homens de pé.

Então se partiram d'ali e levaram caminho d'Olliguella, e chegaram aquella noite a uma ribeira onde está uma ermida que chamam S. Salvador da Alliança. Ali, dormiram alguns em casas que fazem de ramos d'arvores, e os mais d'elles sobre a herva da terra; o céo era cobertura a todos, ca ali não havia outras tendas que os amparassem de tempo contrario.

O dia seguinte, chegaram a um castello que chamam Lobom, em que estavam até sessenta homens e aquelle filho bastardo d'el-rei d'Inglaterra que primeiro foi o primeiro que o começou de combater, e dês-ahi os outros. E os que eram dentro defendiam-se quanto podiam, e deram-lhe de cima

gran pedrada, em guisa que cahiu logo em terra e todos cuidaram que era morto; e elle alçou-se e cobrou sua força e, não com menos esforço que da primeira, tornou outra vez a combater. E pela fraqueza do logar e pelo fogo que lhe pozeram ás portas, foram logo entrados por força, e foi elle o primeiro que entrou dentro; e mataram d'elles, e outros fugiram, e alguns levaram captivos, e derribaram o logar todo.

Partiram-se então d'ali e chegaram a um castello que chamam o Cortijo; e ali estavam duzentos homens de pé e trinta escudeiros, entre os quaes estavam sete que eram alcaides de senhos castellos, homens de grande esforço, que em se defender bem mostravam para quanto eram. E, como chegaram ao logar, começaram de o combater mui rijamente, pondo o fogo ás portas e picando o muro por outra parte, e os de dentro, em se defender com toda sua força, mataram dois escudeiros, um portuguez e outro inglez, escudeiro de *mosse* João Falconet; mas não lhes prestou nada sua defensão, ca a multidão das gentes de fóra lhes fez perder toda sua virtude, em guisa que desesperaram de se poder defender; e preitejavam-se que os deixassem a vida e que lhes dariam o logar. E os inglezes cobraram tão gran sanha, pela morte d'aquelle escudeiro inglez, que o não quizeram consentir, mas cada vez se esforçavam mais para o entrar.

Quando os de dentro viram isto, houveram mui grão medo, e bem entenderam que, se os entrassem por força, não havia n'elles senão morte; e revestiram-se os sacerdotes e subiram-se ao muro, e mostraram-lhes o Corpo de Deus, rogando-os que, por amor d'aquelle Senhor, se quizessem amercear

d'elles. E os inglezes, com gran sanha que se n'elles mais accendia, não curavam d'aquillo, e bradavam-lhe altas vozes que se defendessem toda via; e o ruido grande de uma e da outra parte fazia que ádur suas preces podiam ser ouvidas; e eram as frechas tantas, ali onde o Corpo de Deus estava e pelos outros logares de redor, que temor grande os fazia d'ali partir.

N'isto, foi o combate tão afficado que, pero o muro fosse mui forte, com alta cava e bem defensavel, tudo não aproveitou nada, e duraram desde a manhã até hora de terça em o combater. E roto o muro, entraram dentro por força e depois pelas portas, que foram ardidas, e começaram de matar quantos homens acharam, em guisa que outra nenhuma pessoa não ficou a vida, salvo mulheres e moços pequenos; e derribaram todo o logar o mais que poderam, e roubaram-n'o de quanto n'elle acharam, e tornaram-se para Portugal.

CAPITULO CL

no el-rei D. Fernando e os ingleẓes chegaram a Elvas, e pariu a rainha D. Leonor ahi um filho.

A rainha, como haveis ouvido, depois que ázou que o mestre e Gonçalo Vasques fossem soltos, por dar a entender que não era culpa, ordenou como casasse um filho de Gon- Vasques, que havia nome Alvaro Gonçalves, uma filha de João Fernandes d'Andeiro, que mavam D. Sancha d'Andeiro, crendo que por casamento cessaria Gonçalo Vasques de falar s em seus feitos e seria da parte d'ella.

l'isto, ordenou el-rei de todos fazerem mudança, ir mais adeante, e escreveu ao conde que par- e de Villa Viçosa: e elle partiu logo, uma se- da feira postumeiro dia de junho, com sua mu- e gentes, e foi pousar seu arraial em Odiana a de Juromenha. E el-rei e a rainha partiram xtremoz, onde já estavam, á quarta feira se- ıte, com todas suas gentes, e vieram-se a Bor-

ba, e á sexta feira chegaram a Villa Boim, ao sá
bado foram pousar a Elvas, que eram seis dias d
mez de julho, onde depois se juntaram todos: e
pousava el-rei em cima, na villa velha, e o conde
em S. Domingos, e a hoste d'el-rei poz seu arraia
nas hortas ao redor da villa, e os inglezes nos o
vaes, caminho de Badajoz. E começaram de corre
a terra uns aos outros.

A rainha, que andava prenhe, havendo treze dia
que ali estava, pariu um filho, e mostrou el-re
mui grão prazer e aquelles que da parte da rainh
eram; e acabados quatro dias morreu. E por sa
morte tomaram todos os grandes que com el-re
estavam capas de burel, por dó, mais por seguire
vontade d'el-rei que por entenderem que era se
filho, ca muitos presumiam que era filho do conde
João Fernandes, dizendo que el-rei, por seu ador
do, havia tempos que não dormia com a rainha:
outros, que se mais estendiam a murmurar, dizi
que el-rei, por esta razão, o afogara no collo d
sua ama.

Onde sabei que n'este tempo e n'esta ida se c
meçaram dois officios em Portugal novamente, q
até então n'elle não havia, a saber, condestavel
marichal; e, tomado tal costume dos inglezes q
então vieram, fez el-rei condestavel o conde
d'Arrayollos, D. Alvaro Peres de Castro, e ma
chal Gonçalo Vasques d'Azevedo. E, se alguem
disser quem usava antes das cousas que a estes
cavalleiros officios pertencem, dizei-lhe que fa
tudo o alferes-mór; e o officio que agora é do ca
mareiro-mór sohia de ser do reposteiro-mór.

CAPITULO CLI

Como Nuno Alvares pediu licença ao prior para ser na batalha com el-rei, e que maneira teve de se partir, porque lh'a não deu.

ESTANDO assim el-rei D. Fernando, com todo seu ajuntamento, em Elvas, era a todos commum fama, por recontamento verdadeiro, como el-rei de Castella juntava suas gentes para se vir a Badajoz e lhe pôr a praça a el-rei D. Fernando, e que se não escusava batalha entre os reis. Nuno Alvares, que estava com o prior na frontaria de Lisboa, como dissemos, esperando cada dia que el-rei mandasse chamar seu irmão e os outros, para serem com elle na batalha; e o prior recebeu sua carta, que não se trabalhasse de ir lá, mas que todavia estivesse em Lisboa com os seus, como estava, ca assim o entendia por seu serviço.

Ao prior pesou muito de tal recado, porque sua vontade era ser todavia na batalha com el-rei; pero foi-lhe forçado fazer o que lhe mandavam e não partir da frontaria, e falou isto com seus irmãos e

com os outros, segundo lhe el-rei escrevera. N
Alvares houve gran tristeza por isto, e, pelos m
tos que então ahi estavam, não respondeu nenh
cousa ao prior; e, como se os outros partiram.
se o prior para sua camara, e Nuno Alvares
elle, e tanto que ambos foram dentro Nuno A
res disse ao irmão n'esta guisa:

— «Senhor irmão, por determinado haveis
todavia não partir d'aqui para ser com el-re
batalha; por mercê, declarae-me sobre isto v
vontade.»

O prior, ouvindo isto, começou de rir e resp
deu d'esta guisa, dizendo:

— «Irmão, bem vêdes vós que eu não posso
fazer senão cumprir o que me El-Rei Meu Se
manda, e fazendo o contrario não m'o conta
por serviço; mas espero em Deus que elle
vencedor da batalha e a nós encaminhará co
gentes d'esta frota, que o serviremos de tão
serviço como lhe lá podiamos fazer. E po
irmão, a vós não seja isto empacho, nem vos
jeis por ello.»

Nuno Alvares, mui cuidoso por todavia se
batalha, pareciam-lhe estas razões compridas
que se o prior escusava de todo, e, como as
bou, muito mesuradamente disse:

— «Senhor irmão, a mim semelha que todas
cousas vós haveis de deixar esquecer por to
ser na batalha com vosso senhor, el-rei, de q
vosso pae e vós e toda vossa linhagem tantas
cês haveis recebidas; pero, porque já por v
ouvi dizer a alguns que melhor é obediencia q
sacrificio, parece-me que é bem de lhe serdes
diente e cumprirdes seu mandado. Mas porqu

entendo que n'esta frontaria, onde ha tantos bons como comvosco estão, eu hei de fazer pequena mingua, dês-ahi porque me parece que eu faria a mór maldade do mundo se n'esta batalha não fosse, vos peço por mercê que me deis logar para ser n'ella, e eu deixarei aqui todos os meus, que não quero levar senão cinco ou seis companheiros com nossas armas.»

O prior respondeu então, já quanto de sanhudo, que tal logar lhe não daria, antes lhe rogava e mandava que de tal cousa se não trabalhasse.

Nuno Alvares, ouvindo a resposta de seu irmão, partiu-se d'ant'elle, não mui ledo, e foi-se para sua pousada; e logo mais em segredo que poude começou de concertar sua ida, e não o poude fazer tão caladamente que o prior d'ello parte não soubesse; e tanto que o ouviu, porque lhe conhecia bem a vontade, — que pois que o começava o havia de acabar, — mandou logo aperceber as portas da cidade e pôr n'ellas tal guarda que não deixassem por ellas sahir nenhuma gente d'armas, especialmente á porta de S. Vicente, por onde elle entendeu que havia d'ir.

Nuno Alvares, por aquelle dia e noite seguinte até meia noite, não se trabalhou de nenhuma cousa, e áquellas horas elle e cinco escudeiros que levou comsigo começaram de se correger, elles e seus pagens, sem outras azemolas, e cavalgaram não muito manhã e chegaram áquella porta, e os homens d'armas que ahi estavam por guardas abriam já as portas ás gentes serviçaes que sahiam para fóra; e como Nuno Alvares e os seus chegaram, os guardas os quizeram torvar que não sahissem, e elles mostraram que queriam sahir por força, e deram-lhes logar e foram-se seu caminho.

Nuno Alvares, quando chegou a Elvas, el-
recebeu mui bem, louvando-o muito perante
e muito mais o louvou depois quando soube o
lhe aviera com seu irmão, e como se parti
cidade sem sua licença e contra sua vontade.

CAPITULO CLII

Como el-rei de Castella juntou suas gentes, e se veiu para Badajoz com ellas.

TORNANDO a falar d'el-rei de Castella, que ordenava em seu reino emquanto estas cousas todas passaram, é de saber que, depois que el-rei tomou o castello d'Almeida por preitesia, e mandou a carta ao conde de Combridge, de que não houve resposta, como ouvistes, tornou-se para Castella; e, porquanto sabia que, tanto que os inglezes fossem encavalgados, se trabalhariam todos d'entrar em seu reino, porém não quiz suas gentes affastar de si, mas ordenou de as pôr cerca do extremo de Portugal, e ali haviam pagamento de seu soldo; e elle emtanto juntava as mais companhas que podia, estando na cidade d'Avila e por aquella comarca de redor.

D'ali, partiu el-rei e veiu-se para Tordesillas, e ahi esteve alguns dias, e dês-ehi veiu-se a Simancas, e esteve ali um mez; e sabendo elle como

o conde D. Affonso estava em Bragança tra
suas avenças com el-rei D. Fernando, escreve
suas cartas, por o torvar d'ello e trazer para
mercê. E, desde que viu que lhe o conde não
pondeu como elle queria, partiu de Simanca
foi-se para Samora, e ali ajuntou suas gentes.
que o certificaram que el-rei de Portugal, co
inglezes, queriam entrar por Castella; e escr
outra vez ao conde, por cartas e mensageiros.
todos os que com elle estavam, que pela natu
que com elle haviam se viessem logo para
mercê, ca sua vontade era partir d'ali depre
por ir pelejar com el-rei D. Fernando.

O conde respondeu bem a suas cartas, per
mandava refens de pessoas e castellos certos
lhe fossem dados. El-rei não quiz consentir
ca lhe demandava o infante D. Fernando, seu
e seis filhos de cavalleiros, quaes elle nome
A'cima, vendo o conde como todos os seus se
tiam d'elle e se iam para el-rei, tratou suas p
sias com elle e veiu-se para sua mercê.

Então, fez el-rei, ali em Samora, condestavel
Castella, D. Affonso, marquez de Vilhena e
de Denia, e fez mariscal da hoste Fernando A
res de Toledo; e estes officios nunca foram
em Castella até aquelle tempo.

E dês-ahi partiu el-rei de Samora, com
suas gentes, que eram cinco mil homens d'ar
mil e quinhentos ginetes, e muita gente de
bésteiros, e chegou a Badajoz uma quinta fei
manhã, postomeiro dia de julho da dita era.

CAPITULO CLIII

Como el-rei D. Fernando poz sua batalha e esperou no campo, e el-rei de Castella não quiz pelejar.

Antes um dia que el-rei chegasse a Badajoz, que eram trinta dias do mez de julho, sahiram os inglezes de seu arraial e foram a Caia, contra Badajoz, vêr o campo onde havia de ser a batalha, e andando lá em Caia disseram a el-rei D. Fernando que gentes dos castelhanos pelejavam com os inglezes; e elle, tanto que o ouviu, partiu logo d'Elvas com toda a sua gente, e quando lá foi achou que não era nada e tornou-se para a villa. N'outro dia, quando el-rei de Castella chegou a Badajoz, como dissemos, armaram os seus uma tenda n'aquelle logar de Caia, e vieram dizer a el-rei D. Fernando como os castelhanos armavam suas tendas e punham suas azes para pelejar, e não era assim; el-rei e o conde partiram logo com todas suas gentes, e foram-se áquelle logar de Caia, e os castelhanos, como os viram ir, alçaram a tenda e tornaram-se para Badajoz.

Então, cortaram os portuguezes as pontas d sapatos, que usavam n'aquelle tempo muito co pridas, e deitadas todas em logar era sabor de ver tal monte de pontas; ca por judeu haviam en quem não trazia as pontas compridas.

El-rei tinha bem seis mil lanças entre suas e inglezes, e muitos bésteiros e homens de pé, ass que os reis haviam assás de gente, cada um sua parte, para pelejar; e ordenaram logo sua talha por esta guisa: o conde de Cambridge es na vanguarda e el-rei D. Fernando na reguard postas suas alas como cumpria.

E tendo suas azes postas, attendendo a bata começou el-rei de fazer cavalleiros assim ingl como portuguezes; e tomaram de sua mão ho de cavallaria *mosse* Canom e outros inglezes. e portuguezes o conde D. Gonçalo, e Fernão G çalves de Souza, e Fernão Gonçalves de Me e Gonçalo Viegas d'Atayde e outros escud fidalgos, até uns vinte e quatro. E, havend el-rei feitos alguns cavalleiros, disseram a e que os não podia fazer, pois elle ainda não cavalleiro; ca, posto que rei fosse, não havia der d'armar cavalleiros pois ainda o elle não Então o armou cavalleiro o conde de Cambridge feito el-rei cavalleiro tornou a fazer os que a havia feitos e outros alguns.

E com os inglezes vinha o alferes do duque Lencastre, que se chamava rei de Castella. azo de sua mulher D. Constança, filha de D. Pedro, que trazia sua bandeira, a qual, tend na batalha, bradavam os inglezes todos: «Cast e Leão por el-rei D. João de Castella, filho de Eduardo d'Inglaterra.» E traziam outro pend

zada contra el-rei de Castella, porque eram smaticos, não tendo com o papa de Roma.
assim com as azes prestes e suas bandeiras lidas estiveram por grande espaço, até depois meio dia, e, vendo que el-rei de Castella não ria vir á batalha, tornaram-se os inglezes para arraial, e el-rei para Elvas, com toda a sua ıpanha.

CAPITULO CLIV

Como foram pazes tratadas entre el-rei D. Fer do e el-rei D. João de Castella, e com que ções.

São algumas cousas calladas nas historias sabemos por qual razão, que muitos q lêem desejam de saber; outras, cerca d das, não falam como devem aquillo de que h queria ser certo, assim como n'este capitulo. do da avença d'estes reis, qual d'elles foi o p ro que a mandou tratar, nenhum auctor o e claramente; e porque nos parece arrazoado n'ello, posto que a certidão d'isto bem não s mos, diremos as opiniões que cada uns têem.

Uns dizem que, vendo-se el-rei D. Fernan vado de dores, que já tempo havia, e que guerras se lhe prolongavam: dês-ahi, porque glezes são homens de forte condição e lhe f muitos nojos em seu reino, como já ouvistes vendo tanto tempo que estavam n'elle: além porquanto el-rei de Castella não quizera logo

batalha, tendo-lhe a praça posta tão perto de seu arraial, por ventura queria ter outra ordenança de prolongada guerra, que a elle muito desprazia: que porém lhe mandou commetter mui escusamente que houvesse com elle paz, e isto por o não saberem os inglezes, de quem era certo que lhes não prazia outra cousa senão guerra.

Outros arrazoam muito pelo contrario, dizendo que el-rei de Castella, quando soube que, antes um dia que elle chegasse, el-rei D. Fernando chegara ao campo com toda a sua gente, cuidando que pelejavam já os seus com os inglezes, dês-ahi no dia que elle chegou que logo se vieram portuguezes e inglezes todos ao campo e ordenaram sua batalha, mostrando grande vontade de pelejar, e que vendo estas afoutezas, lembrando-lhe sobre tudo como seu pae fôra vencido dos inglezes na batalha de Najara, receou muito de lhe pôr o campo e que elle foi o que primeiro requereu a paz.

Alguns outros auctores não escrevem a primeira nem esta segunda razão, mas dizem que houve ahi taes pessoas que desejavam paz e amor entre estes reis, porquanto eram primos co-irmãos; e que trataram entre elles algumas maneiras de bem e de socego, e que el-rei de Castella enviou a elle secretamente seus embaixadores, e el-rei D. Fernando isso mesmo a elle.

Mas, de qualquër guisa que seja, el-rei de Castella foi então mui prasmado por não pelejar com el-rei D. Fernando, mórmente pela ardideza que elle dos seus mostravam á vinda, quando chegaram, dizendo uns contra os outros, por modo d'escarneo.

— «E onde vos ides, compadre?

— «Vou-me depressa, dizia o outro, defend
minha quinta de... (tal logar que logo em P
gal nomeava) que m'a não tomem os inglezes.»

— «E eu tambem vou defender a minha», r
pondia.

Nem defenderam a quinta nem os casaes
pequenos.

E depois que foram no campo enviou el-re
Castella tratar suas avenças a Portugal, uma
por Pero Sarmento e outra por Pedro Fern
de Vallasco, grande seu privado; e el-rei D. F
nando enviava a elle o conde d'Arrayollos, D.
varo Peres de Castro, e Gonçalo Vasques d'A
vedo. E estes iam sempre de noite, encoberta
te, ao arraial d'el-rei de Castella, que estava
Elvas e Badajoz, com senhos escudeiros, não
por não haverem azo os inglezes de saberem
parte. E foram por tantas vezes os embaixa
d'uma e de outra parte, e vieram, que foi ent
reis posta avença por esta seguinte maneira:

Primeiramente, foi posto entre as outras co
um capitulo de que os inglezes não souberam
a saber que a infante D. Beatriz, filha d'el-rei D. F
nando, que fôra primeiro esposada com D. He
que, primogenito filho d'el-rei de Castella, e, de
que os inglezes vieram, com Eduardo, filho do
de de Cambridge, que se desatassem estes esp
rios e que casasse com ella o infante D. Fern
filho segundo d'el-rei de Castella. E d'isto p
mais a el-rei D. Fernando que do casamento
fante D. Henrique, porque o infante D. Fern
pois era segundo filho, casando com sua filha,
rei de Portugal, sem se misturar o reino com
Castella, o que era por fôrça de se misturar

ım o infante D. Henrique, que era herdeiro do

trosim, que el-rei de Castella desse e entre-
a el-rei D. Fernando os logares d'Almeida e
iranda e todas as galés que tomadas foram na
ı de Saltes, com todas suas armas e esquipa-
e que soltasse D. João Affonso Tello, irmão
inha, almirante de Portugal, com todos os ou-
que foram presos na frota, sem rendição ne-
ıa, salvo aquellas que pagas fossem.
mais que el-rei de Castella desse tantos navios
a frota que jazia em Lisboa, em que o conde
todas suas gentes podessem ir seguros em paz
salvo para sua terra, sem lhe pagar nenhum
por sua partida.
que, por segurança d'isto, se pozessem certos
ȝ de uma parte á outra.

CAPITULO CLV

Como o conde e Gonçalo Vasques levaram das pazes, e das razões que houveram as assignasse.

Isto assim accordado e os tratos escrip tiram-se o conde e Gonçalo Vasques m alta madrugada, um domingo, dez dia d'agosto, e chegaram ao arraial d'el-rei de e mostraram a el-rei os trautos que levar gnados na maneira que haveis ouvido. d'elle bem recebidos. E el-rei, sem mais le tos, antes que os assignasse, mandou log uma trombeta, para se juntar a gente e ou gão, segundo é costume quando apregoa e começando de as apregoar as gentes d haviam tão grão prazer que muitos ficava lhos em terra e a beijavam, e taes havia comiam.

Aquelle dia, foram convidados o conde D Peres e Gonçalo Vasques de D. Fernando mestre de S. Thiago, e deu-lhes de comer

radamente e com grão prazer, em tanto que elle não quiz ser, por os melhor fazer servir. E perguntava áquelles escudeiros que iam com o conde e com Gonçalo Vasques que lhes parecia d'aquella obra que fôra feita, em razão das pazes entre aquelles reis, que eram em tão grão desvairo; e elles disseram que lhes parecia que fôra feita por Deus.

— «Não sómente por Deus, disse elle, mais ainda por todos os anjos do céo».

E assim acabaram seu jantar com muita folgança. O comer acabado, folgaram ali um pouco; dêsahi, partiram-se, com outros cavalleiros, para onde el-rei estava, e o mestre ficou em sua tenda.

El-rei, quando os viu, recebeu-os mui bem, e apartaram-se com elle, pedindo-lhe por mercê que assignasse os tratos; e el-rei disse-lhes que lhe prazia, e fez chamar o seu escrivão da puridade e mandou-lhe que os lêsse. E quando chegou áquelle logar onde era conteudo que elle entregasse todas as galés, com suas esquipações, disse que tal cousa não outhorgara, nem o faria por cousa que fosse; que bem lhe prazia dar o almirante, com a gente toda, de quaesquer condições que fossem, mas que dar as galés o não faria por nenhuma guisa.

O conde e Gonçalo Vasques, quando isto ouviram ficaram espantados e disseram:

— «Quanto nós, Senhor, somos muito maravidos de tal cousa! Mandardes vós apregoar as pazes, se vós em vontade não tinheis de assignar os tratos segundo por vós foi outhorgado!

E el-rei disse que lêsse mais adeante, e sobre tudo o que duvidasse queria haver seu conselho. O escrivão tornou a lêr, e quando chegou áquelle

capitulo onde fazia menção que el-rei desse de frota tanta em que os inglezes fossem, e isto frete nenhum, disse que isto não faria por que fosse no mundo, ca não era razão de ell suas naus em poder de seus inimigos, para rem d'ellas o que quizessem, e posto que se fossem irem sem frete nenhum.

Quando isto ouviram os embaixadores, enti ram muito mais maravilhados, e disseram q pediam por mercê que quizesse outhorgar esta sas, segundo por elle fôra accordado, se não paz que apregoada era tudo se tornaria em nec cousa; e el-rei disse que antes queria haver g como quer que fosse, que haver d'outhorga cousas.

Ouvindo Gonçalo Vasque que el-rei por ne guisa não queria assignar os tratos, por q boas razões lhe dizer podiam, então disse ao que lhe pedia por mercê que dissesse a el Castella o que lhe seu senhor enviava dize conde respondeu que lhe dava logar que o di e que o escusasse por então d'aquelle tra E isto dizia o conde porque não tinha a voz clara, por azo de um cêrco em que comera outras taes cousas.

— «Pois m'o vós mandaes, disse Gonça ques, eu o direi da guisa que o El-rei, Meu S disse.

Então, disse a el-rei n'esta guisa:

— «Senhor, pois vossa mercê é d'estas não querer outhorgar, segundo bem sabeis divisado, El-rei, Meu Senhor, vos manda d vós assigneis um logar, qual vos mais procu de vos elle venha pôr a praça, e que áqu

que por vós fôr divisado elle é mui ledo de vir pelejar comvosco.»

—«Assim, disse el-rei, rindo, e sois para tanto?»

—«Certamente, disse Gonçalo Vasques, eu não, digo El-rei, Meu Senhor, que é assás de poderoso rei para isto fazer; mas o conde de Cambridge, só com as gentes que comsigo traz, é bastante para vol-a pôr.»

Estando el-rei n'estas palavras, chegou o mestre de S. Thiago, D. Fernando de Osarez, e, quando os viu n'este desvairo, disse contra el-rei, perguntando:

—«Que é isto, Senhor, em que estaes?»

—«Em que estamos? disse Gonçalo Vasques, estamos na mais vergonhosa cousa que nunca eu vi acontecer entre dois reis tão nobres como estes: serem já as pazes apregoadas, como ouvistes, e ora el-rei não quer assignar os tratos da guisa que n'elles é conteudo, pela qual razão é por força que a paz se desfaça e isto fique em memoria vergonhosa para os que depois vierem!»

—«Santa Maria, val, disse o mestre, em que os duvida el-rei d'assignar?»

E foi-lhe respondido quaes eram, e elle fel-os lêr outra vez, e, quando viu que el-rei duvidava n'aquellas cousas e não em outras, disse contra el-rei:

—«E como, Senhor, por vinte e duas fustas podres, que não valem nada, e por emprestar quatro ou cinco naus sem dinheiro, duvidaes vós d'assignar os tratos?! Certamente, tal cousa como esta não é para vir a praça, e, se o haveis por custa e despeza, eu quero que a casa de S. Thiago pague isto e toda a despeza que se n'ello fizer.»

Então, rindo, filhou a mão a el-rei, c
ça, e disse:

— «Ora, Senhor, eu quero todavia
assigneis, e tal mingua como esta nã
vós.»

Então el-rei, isso mesmo rindo, tom
e assignou-os. Foram então todos mui l
naram-se o conde e Gonçalo Vasques
d'Elvas, onde el-rei D. Fernando estava.

CAPITULO CLVI

os inglezes souberam que as pazes eram tra-las, e que os refens foram postos d'uma parte utra.

HEGARAM a Elvas o conde e Gonçalo Vasques, e contaram a el-rei tudo o que lhes aviera com el-rei de Castella, e el-rei, rindo que entendia que tudo aquillo fôra fingido, nostrar que outhorgava taes cousas contra sua de, porquanto não eram muito sua honra; e n'esse dia mandou apregoar as pazes.

inglezes, quando as ouviram apregoar, hou- tão gran melancolia que maior não podia deitavam os bacinetes em terra e davam-lhes as fachas, dizendo que el-rei os trahira e enga- fazendo-os vir de sua terra para pelejar com inimigos, e agora fazia paz com elles, contra ontade. E dizia o conde de Cambridge sanhu- nte, quando as viu apregoar, que, se el-rei a paz com os castelhanos, elle não a fizera, e

que, se elle tivera juntas suas gentes como as t
quando chegara a Lisboa, não embargando o a
goar das pazes que el-rei mandava fazer, elle
zera a batalha a el-rei de Castella.

Sobre isto, recresceram tantas razões que al
se soltaram em desmesuradas palavras contra e
a que Pero Lourenço de Tavora respondeu co
cumpria. El-rei disse que não curasse de suas
zões, nem houvessem ruido, dizendo contra e
que elle os contentaria e os mandaria para s
terra honradamente, como vieram; e assim o
depois, mas não a todos, ca mui gran parte d
ficaram mortos n'este reino.

Então ordenaram entregar os refens d'uma p
á outra, segundo era divisado nos tratos. E fo
entregues a Castella, da parte de Portugal, s
uma filha do conde de Barcellos; e uma filha
conde D. Gonçalo, que depois chamaram D. I
que foi casada com João Fernandes Pacheco; e
tra filha do conde D. Henrique, que havia n
D. Branca, que depois foi casada com Ruy V
ques Coutinho, filho de Beatriz Gonçalves de
ra e de Vasco Fernandes Coutinho; e Mart
filho de Gonçalo Vasques d'Azevedo; e Vas
filho de João Gonçalves Teixeira; e um filho d
varo Gonçalves de Moura, que chamavam L
E da parte de Castella foram entregues a Por
quatro, a saber: um filho de Pero Fernandez
Vallasco, que chamavam Diego Furtado de M
donça, que depois foi almirante de Castella; e
tro de Pero Rodriguez Sarmento; e outro de P
Gonçalvez de Mendonça; e um filho do mestr
S. Thiago, D. Fernan Osorez, que chamavam
go Fernandez d'Aguilar.

'oram, além d'isto, feitos preitos e menagens,
alguns condes e cavalleiros e fidalgos de Por-
al e de Castella, por certas villas e castellos, por
ırda e firmeza d'estas pazes.
sto acabado, tornou-se el-rei D. Fernando para
ıtro do reino, e mandou as gentes cada uns para
s logares; e trouxe a estrada de Rio Maior, para
a Santarem. E no caminho se despediu d'elle o
de de Cambridge, e chegou a Almada, com sua
lher e filho e gentes, primeiro dia de setembro,
a embarcar nos navios de Castella. Aos caste-
nos pesou muito d'isto, por receber os inglezes
suas naus, que eram seus inimigos, porém foi-
s forçado cumprir mandado de seu rei; e houve-
ı bom tempo e partiram logo, e das outras naus,
: por bem de paz ante a cidade seguras ficaram,
las tomaram carga e outras não, e foram-se cada
as para onde lhe prouve.
N'isto veiu-se el-rei a Rio Maior e estando ali por
aço de dias chegou a elle o cardeal D. Pedro de
ıa, da parte d'aquelle que se chamava Clemente,
ıedir que lhe desse obediencia e tivesse por sua
te, assim como antes que viessem os inglezes.
rei mandou chamar a Lisboa alguns letrados, as-
como o doutor Gil Dossem e Ruy Lourenço,
o de Coimbra, e outros, e o doutor João das
ras com elles, que pouco havia que viera do es-
o de Bolonha; e depois d'alguns dias que el-rei
conselho tornou a obediencia áquelle papa
ue antes tivera, muito porém con-
especialmente do doutor
a el-rei que mostra-
dadeiro papa. E en-
na para Avinhão, e

mandou el-rei João Gonçalves, seu privado, e o b
po de Lisboa, D. Martinho, em duas galés, da
obediencia áquelle papa Clemente.

N'este comenos, havia el-rei mandado a Ser
por suas galés e gentes, que foram tomadas na p
leja de Saltes, segundo nas pazes era outhorgad
e fôra lá *mice* Lançarote, com tantos que as p
dessem trazer, as quaes entregues e as gentes
das, que jouveram presas dezoito mezes, ve
conde D. João Affonso Tello, que n'ellas fô
tomado, indo então por almirante. E, quando a Li
boa chegou, soube que a não boa fama que a r
nha sua irmã havia com o conde João Fernand
era cada vez muito peior e de má guisa publica
a todos, em tanto que poz em sua vontade de
matar, segundo acerca vereis adeante, onde fa
mos da morte do cond e.

CAPITULO CLVII

o morreu a rainha de Castella, e foi commet-lo a el-rei que cazasse com a infante de Portu-l.

)EPOIS das pazes feitas, como ouvistes, par-tiu el-rei de Castella de Badajoz, e foi-se para terra de Toledo, onde adoeceu alguns e jouve em Madrid. E, estando ali, chegaram s como a rainha D. Leonor, sua mulher, que a na villa de Qualhar, depois do parto de uma — que logo a poucos dias morreu, se finou de morte, e grande dó que todos d'ella houve- por morrer de tal cajom; e el-rei houve mui nojo por ella, assim por ser nobre senhora e acostumada, como por ter já d'ella dois filhos, ɔer o infante D. Henrique e D. Fernando; e lou trazer o seu corpo á cidade de Toledo, , enterrada com grande honra, foi posta na a de Santa María, na capella que el-rei D. Hen- fizera.

CAPITULO CLV

Como o conde e Gonçalo Vasques levaram os das pazes, e das razões que houveram an as assignasse.

Isto assim accordado e os tratos escripto tiram-se o conde e Gonçalo Vasques mui alta madrugada, um domingo, dez dias d'agosto, e chegaram ao arraial d'el-rei de C e mostraram a el-rei os trautos que levavam gnados na maneira que haveis ouvido, e d'elle bem recebidos. E el-rei, sem mais lêr tos, antes que os assignasse, mandou loge uma trombeta, para se juntar a gente e ouv gão, segundo é costume quando apregoam e começando de as apregoar as gentes d haviam tão grão prazer que muitos ficavam lhos em terra e a beijavam, e taes havia a comiam.

Aquelle dia, foram convidados o conde D Peres e Gonçalo Vasques de D. Fernando mestre de S. Thiago, e deu-lhes de comer

todas as cousas por miudo, que a feito d'este
mento pertenciam, partiu-se o conde de Ourem
Portugal, ficando el-rei em Tordesillos; e ali
nou de enviar por seu embaixador, sobre isto,
João, arcebispo de S. Thiago, seu chancellер-
E porque aquelle casamento, que antes era
tado, do infante D. Fernando, seu filho, com
infante D. Beatriz, fosse desatado de todo,
actor e curador d'esse infante, para quitar
squer preitos e menagens a que el-rei e a rain-
outros fidalgos eram teudos, por razão de taes
sorios e cousas a elles pertencentes.

Como o
das p
as ass

Isto as
tiram
alta m
d'agosto, e
e mostrara
gnados na
d'elle bem
tos, antes q
uma trombet
gão, segundo
e começando
haviam tão gr
lhos em terra
comiam.

Aquelle dia, f
Peres e Gonçalo
mestre de S. Thi

a a lavarem a seu marido, e que el-rei de Cas-
a chegasse entre Elvas e Badajoz, para a receber
mulher, antes que lhe fosse entregue, mostrando
ensação que quitasse o embargo do divido que
e elles havia; e, posto que ella fosse de edade
ior de doze annos cumpridos, que fosse pronun-
lo, por quem houvesse poder, que ella era per-
ente para acabamento de matrimonio; e que
a levasse el-rei de Castella para Badajoz, onde
sse suas bodas e festa honradamente, receben-
outra vez por palavras de presente;
que el-rei D. Fernando desse a el-rei de Cas-
, em dinheiros, outro tanto quanto fôra dado
dote a el-rei D. Affonso, avô d'esse rei D. João,
a rainha D. Maria, tia d'el-rei D. Fernando,
tudo em tres annos; e que el-rei de Castella
e a ella todas as villas e logares que a rainha
Joanna, sua mãe, havia ao tempo de seu passa-
to, declarando logo certas condições quando
d'elles morresse primeiro, com clausulas que
abreviamento dizer não curamos.

successão do reino, em que pendem as Leis e os
phetas, deixadas todas as opiniões e ditos d'his-
adores, que a isto contradizem, esta só, tirada
thentica escriptura, crêde, sem mais duvidar:
rimeiramente, foi posto que, fallecendo el-rei
Fernando, e havendo filho varão, nado ou por
er, da rainha D. Leonor ou d'outra qualquer
ner lidima, a herança de Portugal fosse de tal
, livre e desembargadamente;

morrendo el-rei D. Fernando sem deixar filho
a maneira, ou, se o deixasse, fallecesse sem li-
os filhos ou netos descendentes, assim que a
ta linha da herança fosse de todo extincta, que

CAPITULO CLV

Como o conde e Gonçalo Vasques levaram os das pazes, e das razões que houveram an as assignasse.

Isto assim accordado e os tratos escript tiram-se o conde e Gonçalo Vasques mu alta madrugada, um domingo, dez dias d d'agosto, e chegaram ao arraial d'el-rei de C e mostraram a el-rei os trautos que levav gnados na maneira que haveis ouvido, e d'elle bem recebidos. E el-rei, sem mais lê tos, antes que os assignasse, mandou log uma trombeta, para se juntar a gente e ouv gão, segundo é costume quando apregoam e começando de as apregoar as gentes d haviam tão grão prazer que muitos ficavam lhos em terra e a beijavam, e taes havia a comiam.

Aquelle dia, foram convidados o conde D Peres e Gonçalo Vasques de D. Fernando mestre de S. Thiago, e deu-lhes de comer

m juntos aos reinos de Castella,
por si, como os possuiram seus
ue era gran duvida se el-rei D.
D. Beatriz houvessem o regi-
mente que para tal governança
ssoas que soubessem as condi-

gado que emquanto el-rei de
que a infante houvesse filho
ssados de quatorze annos, o
reinos, assim na justiça como
ousas, da maior até mais pe-
nto d'um reino pertencem,
rainha D. Leonor, mãe da
elles que ella ordenasse para
no governador dos ditos rei-

a rainha, que então a go-
uelle tempo áquelles que
ainha D. Leonor ordenas-

ndo rainha de Castella,
o dito seu marido, hou-
uctos dos ditos reinos,
castellos e contias dos
se costuma-
ando.

que, se elle tivera juntas suas gentes como as
quando chegara a Lisboa, não embargando o
goar das pazes que el-rei mandava fazer, el
zera a batalha a el-rei de Castella.

Sobre isto, recresceram tantas razões que a
se soltaram em desmesuradas palavras contra e
a que Pero Lourenço de Tavora responden
cumpria. El-rei disse que não curasse de su
zões, nem houvessem ruido, dizendo contra
que elle os contentaria e os mandaria para
terra honradamente, como vieram; e assim
depois, mas não a todos, ca mui gran parte d
ficaram mortos n'este reino.

Então ordenaram entregar os refens d'uma
á outra, segundo era divisado nos tratos. E
entregues a Castella, da parte de Portugal,
uma filha do conde de Barcellos; e uma f
conde D. Gonçalo, que depois chamaram D.
que foi casada com João Fernandes Pacheco;
tra filha do conde D. Henrique, que havia
D. Branca, que depois foi casada com Ru
ques Coutinho, filho de Beatriz Gonçalves de
ra e de Vasco Fernandes Coutinho; e Ma
filho de Gonçalo Vasques d'Azevedo; e
filho de João Gonçalves Teixeira; e um filh
varo Gonçalves de Moura, que chamavam
E da parte de Castella foram entregues a Pe
quatro, a saber: um filho de Pero Fernan
Vallasco, que chamavam Diego Furtado de
donça, que depois foi almirante de Castella.
tro de Pero Rodriguez Sarmento; e outro de
Gonçalvez de Mendonça; e um filho do mes
S. Thiago, D. Fernan Osorez, que chamava
go Fernandez d'Aguilar.

sob governança da rainha D. Leonor e de seu
elho.
stes e outros capitulos, que dizer não curamos,
n firmados n'este casamento, quando se tratou
e el-rei de Castella e a infante D. Beatriz se-
lo então largamente foram publicados.

CAPITULO CLIX

Dos juramentos que foram feitos entre os reis, e guarda das cousas conteudas nas avenças.

Pois tendes ouvido algumas condições que ram postas n'este casamento, bem é que çaes parte da segurança que por guarda las foi outhorgada entre os reis.

Onde sabei que quando estas cousas foram blicadas na camara d'el-rei, dentro em seus pa eram presentes D. Martinho, bispo de Lisboa D. João, bispo de Coimbra, e D. Affonso, b da Guarda, e Fernão Perez Calvilho, deão de T çona, e Gonçalo Rodriguez, arcediago de Tor D. João Fernandes, conde d'Ourem, e Gon Vasques d'Azevedo, e outros fidalgos e escude assim portuguezes como castelhanos. E notifi perante todos estes capitulos e outros que aqu são postos, disse aquelle arcebispo mensageiro rei de Castella:

CAPITULO CLVII

› morreu a rainha de Castella, e foi commet- ɔ a el-rei que cazasse com a infante de Portu-

DEPOIS das pazes feitas, como ouvistes, partiu el-rei de Castella de Badajoz, e foi-se para terra de Toledo, onde adoeceu alguns e jouve em Madrid. E, estando ali, chegaram como a rainha D. Leonor, sua mulher, que na villa de Qualhar, depois do parto de uma – que logo a poucos dias morreu, se finou de morte, e grande dó que todos d'ella houve- ɔor morrer de tal cajom; e el-rei houve mui ɹojo por ella, assim por ser nobre senhora e costumada, como por ter já d'ella dois filhos, :r o infante D. Henrique e D. Fernando; e u trazer o seu corpo á cidade de Toledo, enterrada com grande honra, foi posta na de Santa María, na capella que el-rei D. Hen zera.

submettendo-se a pena d'excommunhão e di
dicto, posta sobre elle e em seus reinos, vindo
tra os ditos capitulos ou cada um d'elles;

Quitando mais a el-rei D. Fernando e á ra
D. Leonor, e a quaesquer de seus reinos, todas
juras e promessas e penas e menagens que fe
haviam a el-rei de Castella e ao infante D. Fer
do, seu filho, segundo era conteudo nos tratos
pazes feitas entre Elvas e Badajoz.

E feitos estes e outros juramentos muito
compridamente pelo dito arcebispo, logo el-re
Fernando e a rainha D. Leonor fizeram outras
por essa mesma fórma e condições; e não se
mais por aquelle dia.

CAPITULO CLX

no a infante de Portugal desdisse os espozorios ue feitos havia, e recebeu el-rei de Castella por iarido em pessoa de seu procurador.

No dia seguinte, que eram tres d'abril, uma sexta feira, sendo el-rei em sua camara, depois que ouviu missa, estando D. Affonso,)o da Guarda, revestido em pontifical, tendo o po de Deus Sagrado em uma patena que nas)s tinha, a dita infante D. Baatriz, que presente va, pediu licença a el-rei e á rainha para se ir e desdizer todos os esposorios e casamentos, foram quatro, como ouvistes, posto que de di- o nenhuma cousa valessem, em que até aquelle po ella fosse obrigada; e, sendo-lhe para ello a, disse que os havia todos por nenhuns, ainda fossem feitos por ella, ou por outrem em seu ıe, renunciando quaesquer juramentos e obriga- ; que feitos havia a algumas pessoas, ou outrem la, por razão de taes esposorios. E então disse :a vez aos ditos senhores pae e mãe seus d'ella

que, porquanto sua vontade èra de casar com e
rei D. João de Castella, lhes pedia por mercê
lhe dessem licença e auctoridade que podesse fa
juramento e prometter d'esposar e casar com e

E elles disseram que lhes prazia, e foi-lhe outo
gada para ello licença. E logo a infante D. Bea
jurou no Corpo de Deus consagrado, tangido
ella, que estava nas mãos d'aquelle bispo da Gu
da, que ella casasse com o dito rei de Castella
houvesse por esposo e marido; e assim o jurar
áquella hora el-rei e a rainha e todos os senho
e fidalgos que eram presentes, e isso mesmo o
cebispo de S. Thiago, por parte de el-rei seu
nhor.

Quando veiu á quinta feira, na festa da As
ção do Senhor, que eram trinta dias d'esse m
sendo presentes na camara d'el-rei os senhore
fidalgos em cima nomeados, e mais D. Pedro,
deal d'Aragão, e D. Fr. Affonso, bispo de Co
e D. João Affonso Tello, conde de Barcellos,
conde D. Gonçalo, e D. Henrique Manuel de
lhena, conde de Cêa, e João Affonso Pimente
João Rodrigues Portocarreiro, e Gonçalo Gomes
Silva, e Lourenço Annes Fogaça, e Ayres Gon
ves de Figueiredo, e Alvaro Gonçalves, véde
fazenda d'el-rei, e muitos outros que dizer
curamos, o dito arcebispo de S. Thiago, em no
d'el-rei, seu senhor, por confirmação do juramen
que fizera para se acabar este casamento, disse
infante, que presente estava, estas seguintes pa

«Eu, D. João, orcebispo de S. Thiago, pro
dor que sou do mui alto principe D. João, i
Castella e de Leão, em seu nome, e por pod
pecial que d'elle para isto hei, recebo por esp

mulher lidima do dito D. João, rei de Castella,
s, senhora infante D. Beatriz de Portugal, filha
ıa e herdeira do mui alto principe D. Fernando,
de Portugal e do Algarve, e da mui nobre se-
ra D. Leonor, rainha dos ditos reinos, segundo
da a Santa Egreja de Roma.»
ntão, a senhora infante, de licença d'el-rei seu
e mãe, disse estas palavras:
E eu, D. Beatriz, infante de Portugal, filha lidi-
ıerdeira do mui alto principe D. Fernando, rei
Portugal e do Algarve, e da mui nobre senhora
Leonor, rainha dos ditos reinos, de consenti-
to dos ditos rei e rainha, pae e mãe meus, que
entes estão, recebo por esposo e por marido
ıo o dito D. João, rei de Castella, em pessoa
ós, D. João, arce-bispo de S. Thiago, segundo
da a Santa Egreja de Roma.»
to assim acabado, foram feitas escripturas de
s as cousas que ouvistes, as mais firmes que
ızer poderam; e foi chamada a infante D. Bea-
desde aquelle dia em deante, rainha de Cas-

CAPITULO CLXI

Como a rainha partiu com sua filha caminho d vas, e d'algumas pessoas que foram em sua panha.

PORQUANTO nos tratos era conteudo que, d d'este recebimento a doze seguintes de de maio, a infante fosse entregue, entre vas e Badajoz, a el-rei seu marido, e el-rei D. nando por fraqueza de sua dôr, não podia foram juntos para partir com a rainha, em co nha da infante, os mais dos fidalgos e prelados havia em Portugal.

E perguntaram a el-rei quaes era sua mer ficarem com elle, e elle disse que não queria nenhum salvo Lourenço Annes Fogaça, seu celler-mór que tinha a cruz de S. Jorge escrip coração, como elle; e isto dizia el-rei porque renço Annes fôra a Inglaterra em mensagem, do vieram os inglezes, como ouvistes.

Então ordenou el-rei officiaes a sua filha, e lhe por mordomo-mór o conde João Fern

ndeiro, e por copeiro-mór Vasco Martins de
lo, e que servisse de toalha Vasco Martins de
:o, o moço, e que cortasse ante ella Estevão
ão, e por escrivão da puridade João Affonso; e
lhe por aia Violante Affonso, mulher que foi
)iogo Gomes d'Abreu, e por sua camareira-mór
ia Affonso, mulher de Vasco Martins de Mello,
or sua covilheira Iria Gonçalves, mãe de Nuno
ires, e por donzellas as filhas do conde D. Alva-
Pires a saber: D. Izabel e D. Beatriz e outras.
artiu então d'aquelle logar a rainha com a infan-
ma segunda feira, e iam com ella grandes pre-
s do reino, e D. João, mestre d'Aviz, irmão
rei D. Fernando, e D. Alvaro Peres de Castro,
João Fernandes, conde d'Ourem, e D. Gonça-
:onde de Neiva, e D. João, conde de Vianna, e
?r. Pedro Alvares Pereira, prior do Hospital, e
Fernando Affonso d'Albuquerque, mestre de
Thiago, e D. Lopo Dias, mestre de Christo, e
: Manuel Pessanha, almirante, e Fernão Gonçal-
de Sousa, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e
çalo Mendes, e João Mendes de Vasconcellos,
lvaro Gonçalves de Moura, e Alvaro Vasques
Goes, e muitos outros fidalgos que seria longo
crever.

chegou a rainha com a infante a Extremoz, e
ve ahi alguns dias.

CAPITULO CLXII

Como se el-rei mandou desculpar a el-rei d'In-terra, pelo casamento de sua filha que havia

Partida a rainha por esta maneira, houve-D. Fernando sentido do casamento que feito de sua filha com Eduardo, filho do de de Cambridge, e que, sendo sabido em I-terra como a elle casara com el-rei de Caste-haveriam por escarneo e teriam que lhe quet-tara os tratos e amizades entre elles firmad-cuidou que era bem de se enviar desculpar, que sobre ello lhe enviasse recado. E indo a ra-com suas gentes pouco mais d'uma legua, ma-el-rei chamar um escudeiro que havia nome Cravo, que ia em companha da rainha, que depressa se tornasse, e elle como chegou a chamou-o de parte e disse:

—«Creio que vós sabeis bem, parte por o como eu tenho meus tratos feitos com os ing-e ora, por este casamento de minha filha, que

hei, não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero fallecer no que entre elle e mim é posto. Porém, fazei-vos prestes para vos ir logo a Inglaterra, e dizei a meu primo, el-rei, e ao duque de Lencastre, que lhes rogo todavia, quanto posso, que se não anojem d'esta cousa que feita é, ca eu, isto que fiz, foi muito contra minha vontade e porque não pude mais fazer; mas que os tratos e a amizade que eu com elles havia os hei por bons e firmes. E que, não embargando isto que assim foi, cada vez que elles quizerem vir a este reino e se prestar d'elle, a mim praz de boa vontade fazer toda cousa que cumprir por suas honras; e que sejam bem certos que ainda que eu soubesse que por esta razão a degolariam perante meus olhos, eu não faria d'ello mais conta, como se nunca fosse minha filha; nem lhes fallecerei, por nenhuma guisa, de cousa que entre mim e elles fosse firmada.»

Mandou-lhe então fazer suas cartas de crença, e partiu-se logo e foi-se em um navio, e chegou a Inglaterra e achou el-rei em Londres, e deu as cartas que levava a elle e ao conde, e disse-lhes sua embaixada.

El-rei, quando o ouviu, filhou-se de sorrir em modo de escarneo, e não respondeu nada ao que lhe disse, mas mandou-lhe fazer suas cartas de resposta e enviou-o. O conde houve d'isto grande melancolia, e emquanto aquelle escudeiro lá esteve não o queria o conde vêr nem lhe falar, especialmente o seu filho, que fôra esposado com a infante quando o pae viera a Portugal, pero que não era de edade mais que até sete annos.

E o escudeiro partiu e chegou a Portugal, e contou a el-rei e á rainha tudo o que lhe lá aviera.

CAPITULO CLXIII

Como el-rei de Castella partiu de seu reino e s para Badajoz.

TRATADO este casamento com as avenç haveis ouvidas, e recebida a infante dissemos, pelo arcebispo, escreveu el-rei de Castella como tinha tudo firmado. e e o logar onde se haviam de fazer as bodas. el-rei D. Fernando, por fraqueza de sua d podia ir a ellas, mas que a rainha sua mãe todos os prelados e fidalgos do reino, han ser aquelle dia com a infante em Elvas.

A el-rei prouve muito d'estas novas, e m fazer prestes todas as cousas que cumpriam suas bodas; e fez chamar os prelados e se que haviam d'ir com elle, e isso mesmo m nobres donas, para acompanhar a rainha D. triz, sua mulher que havia de ser.

E partiu el-rei para Badajoz, cidade de seu cêrca do extremo, muito acompanhado de pr

e fidalgos; e vinha ahi o infante D. Fernando, seu filho, e D. Carlos, infante de Navarra, seu cunhado, e D. Pedro, arcebispo de Sevilha, e D. Diego, bispo d'Avila, e D. Fr. Affonso, bispo de Coyra, e D. Fernando, bispo de Badajoz, e D. João, bispo de Calahorra, e D. Pero Fernandez, mestre de S. Thiago, e D. Diego Martins, mestre d'Alcantara, e D. Pedro, conde de Trastamara, e D. Pedro Nunez, conde de Maiorgas, e D. João Sanchez Manuel, conde de Carrion, e D. João, filho do conde D. Tello, e D. Gonçalo Fernandez, senhor d'Aguilar, e D. Affonso Fernandez de Monte Maior, e Pero Lopez d'Ayalla, e Diego Gomez Sarmento, e Affonso Fernandez Portocarrero, e Lopo Fernandez de Padilha, e outros muitos assás de nobres homens.

A rainha D. Joana, mãe d'el-rei de Castella, que ahi vinha, trazia comsigo sua filha, D. Leonor, mulher do infante de Navarra, e condessas e muitas donas e donzellas.

E como el-rei com suas companhas chegou a Badajoz, partiu logo a rainha, muito acompanhada, e veiu-se a Extremoz, onde a rainha D. Leonor estava com a infante; e d'ali partiu em sua companha, e vieram-se todos para a villa d'Elvas, onde já os fidalgos de Portugal tinham ordenado justas e alçado tavolado, para bafordar e fazer outros jogos para tal festa pertencentes.

CAPITULO CLXIV

Como el-rei de Castella approvou os trâtos a que recebesse a infante sua mulher.

SENDO d'esta guisa el-rei em Badajoz e a rai D. Leonor em Elvas, conveiu primeiro de rem por elle firmados os tratos, antes qu cebesse a infante por mulher; e partiram o me de S. Thiago e alguns fidalgos de Portugal Badajoz, onde el rei estava, para verem a appr ção que fazia das cousas que foram ordenadas seu procurador. E a quarta feira, treze dias de estando el-rei na egreja cathedral d'essa cid e muitos fidalgos castelhanos e portuguezes, sente D. Fernando, bispo do dito logar, reve em pontifical, tendo o Corpo de Deus consag em uma patena que nas mãos tinha, foram trados e lidos a el-rei todos os capitulos, de ve a verbo, que o arcebispo, em seu nome, com e D. Fernando firmara, assim em razão de seu c ento, como da herança do reino.

E depois que acabaram tudo de lêr, respondeu el-rei e disse que tudo aquillo que o arcebispo tratara fôra por seu dito e consentimento, e que primeiramente foram vistas e examinadas por elle aquellas cousas, havendo sobre todas e cada uma d'ellas assás de longo e maduro conselho. Então as approvou, consentindo em todas, obrigando-se em sua pessoa de as ter e guardar e não vir contra ellas.

E por mór firmeza e avondamento, jurou ao Corpo de Deus consagrado, por elle corporalmente tangido, que o bispo tinha em suas mãos, que elle cumprisse todas as cousas por seu procurador tratadas, na forma e maneira que o foram, sem nenhuma arte nem engano algum, e que nunca viesse contra ellas em parte nem em todo, por si nem por outrem, em publico nem em escondido. E assim juraram áquelle Corpo de Deus, tangido por suas mãos, muitos dos fidalgos que ahi eram, promettendo que el-rei, seu senhor, guardaria bem e fielmente todas as cousas conteudas nos tratos.

E todos, de licença que lhes el-rei, seu senhor, para isto deu, fizeram logo preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, vassalo d'el-rei de Portugal, e juraram áquelle Corpo de Deus que, não guardando el-rei de Castella os tratos na forma e maneira que entre os reis fôra posto, ou fosse contra alguma cousa n'elles conteuda, elles se desnaturassem em tal caso d'elle e tivessem com el-rei de Portugal, e lhe fizessem guerra, e, não o fazendo assim, que cahissem n'aquelle caso que cahem aquelles que trahem castello ou matam senhor.

E por esta mesma guisa o juraram, presente o rei, depois muitos fidalgos de Portugal; e o mesmo jurou e prometteu de guardar os ditos e tos a rainha D. Beatriz, depois que foi em poo de seu marido, por sua licença e outhorgamen d'elle.

CAPITULO CLXV

) el-rei de Castella partiu para Elvas, e como ebeu a infante de Portugal por mulher.

RMADOS os tratos n'esta maneira, partiu el-rei de Castella em outro dia, e veiu-se caminho d'Elvas, onde tinha já posto um grande arraial ndas no valle das hortas que chamam a Ribeira hinches, muito perto das tendas dos senhores lgos de Portugal.

rainha pousava na villa com a infante, e, an- ue partisse para trazer sua filha a uma grande formosa tenda d'el-rei D. Fernando, seu pae, primeiro entregue o infante D. Fernando, pequeno pouco mais de dois annos, para o n refens; porque nos tratos era conteudo que D. Fernando o tivesse comsigo até que a in- sua filha houvesse edade d'onze annos cum- ; e entrasse pelos doze, em que o casamento ser firme, e que então fosse aquelle infante ue em Castella, casando el-rei primeiro outra

vez com a rainha sua mulher, por p
sente.

Então, partiu a dita infante da vill
dos portuguezes, bem corrigida e ac
mestres e ricos-homens e cavalleiros
tas gentes que com ella iam. E ind
mui socegadamente, acharam no can
Castella, que outrosim vinha com muit
comsigo; e quando chegou em dire
inclinou a cabeça e fez-lhe reverenci
indo mais adeante foi receber a rainh
sua sogra, á porta da cêrca velha qu
do mosteiro, caminho de Badajoz, e i
fez-lhe reverencia e tomou a redea da m
ia, e começaram d'ir para a tenda aond
infante.

A rainha D. Leonor ia vestida em uns
ouro mui formosos, e sua contenença e r
era assim todo gracioso, que quantos
cavalleiros ahi vinham de Castella todo
sua formusura e graça.

Tanto que el-rei chegou com a rain
onde havia de ser recebido com sua
mostrada uma dispensação assás bastant
de D. Pedro, cardeal d'Aragão, que ah
presente, o qual tomou pelas mãos el-re
te, dizendo estas palavras:

—«Vós, Senhor D. João, rei de C
Leão, que presente estaes, recebeis V
D. Beatriz, filha primogenita e herdeir
rei e rainha de Portugal, que isso mesm
presente, por vossa esposa e mulher
palavras de presente, segundo manda a
ja de Roma, e vos outhorgaes por seu

ua mulher ei de Castella disse que a recebia por sua
: mulher lidima, e se outhorgava por seu
ta infanta Então, disse o cardeal á infante:
m corri Vós, Senhora D. Beatriz, infante de Por-
ns e cr cebeis Vós D. João, rei de Castella e de
ella in ue presente está, por vosso esposo e mari-
acharac o, por palavras de presenté, segundo man-
vinha nta Egreja de Roma, e vos outhorgaes por
hegou her?»
-lhe a disse que assim o recebia por seu esposo
eceber lo lidimo, e se outhorgava por sua mulher.
cêra ssim feito, disse el-rei de Castella que, pois
de B rcê de Deus de tão grão divido haver en-
ou a e el-rei de Portugal, por que as pazes que
a a s foram feitas seriam melhor guardadas d'ali
te por azo d'este casamento, porém elle qui-
vesti ra todo sempre todas as menagens e juras e
conte timentos que por azo d'ellas e do casamento do
que D. Fernando, seu filho, foram feitas; e man-
Cas tregar todos os refens, que dissemos, que
ta razão tinham, que se viessem livremente
'ortugal. E por esta guisa, similhavelmente,
estas cousas logo ahi quites da parte de Por-
a Castella, e que lhe fossem entregues seus
por aquelles que d'el-rei D. Fernando para
aziam poder bastante.

CAPITULO CLXI

Como a rainha partiu com sua filha caminho d
vas, e d'algumas pessoas que foram em sua
panha.

Porquanto nos tratos era conteudo que, d
d'este recebimento a doze seguintes do
de maio, a infante fosse entregue, en
vas e Badajoz, a el-rei seu marido, e el-rei D.
nando por fraqueza de sua dôr, não podia
foram juntos para partir com a rainha, em co
nha da infante, os mais dos fidalgos e prelados
havia em Portugal.

E perguntaram a el-rei quaes era sua mer
ficarem com elle, e elle disse que não queria
nenhum salvo Lourenço Annes Fogaça, seu
celler-mór que tinha a cruz de S. Jorge escri
coração, como elle; e isto dizia el-rei porque
renço Annes fôra a Inglaterra em mensagem,
do vieram os inglezes, como ouvistes.

Então ordenou el-rei officiaes a sua filha, e
lhe por mordomo-mór o conde João Fer

ndeiro, e por copeiro-mór Vasco Martins de
lo, e que servisse de toalha Vasco Martins de
lo, o moço, e que cortasse ante ella Estevão
tão, e por escrivão da puridade João Affonso; e
-lhe por aia Violante Affonso, mulher que foi
Diogo Gomes d'Abreu, e por sua camareira-mór
ia Affonso, mulher de Vasco Martins de Mello,
or sua covilheira Iria Gonçalves, mãe de Nuno
ares, e por donzellas as filhas do conde D. Alva-
Pires a saber: D. Izabel e D. Beatriz e outras.
artiu então d'aquelle logar a rainha com a infan-
ma segunda feira, e iam com ella grandes pre-
s do reino, e D. João, mestre d'Aviz, irmão
rei D. Fernando, e D. Alvaro Peres de Castro,
João Fernandes, conde d'Ourem, e D. Gonça-
onde de Neiva, e D. João, conde de Vianna, e
r. Pedro Alvares Pereira, prior do Hospital, e
Fernando Affonso d'Albuquerque, mestre de
Thiago, e D. Lopo Dias, mestre de Christo, e
Manuel Pessanha, almirante, e Fernão Gonçal-
de Sousa, e Gonçalo Vasques d'Azevedo, e
çalo Mendes, e João Mendes de Vasconcellos,
varo Gonçalves de Moura, e Alvaro Vasques
oes, e muitos outros fidalgos que seria longo
rever.
chegou a rainha com a infante a Extremoz, e
e ahi alguns dias.

CAPITULO CLXII

Como se el-rei mandou desculpar a el-rei d'Inglaterra, pelo casamento de sua filha que havia fe

PARTIDA a rainha por esta maneira, houve e- D. Fernando sentido do casamento que ha feito de sua filha com Eduardo, filho do de de Cambridge, e que, sendo sabido em I terra como a elle casara com el-rei de Castel haveriam por escarneo e teriam que lhe quebr tara os tratos e amizades entre elles firmadas cuidou que era bem de se enviar desculpar, m que sobre ello lhe enviasse recado. E indo a ra com suas gentes pouco mais d'uma legua, man el-rei chamar um escudeiro que havia nome R Cravo, que ia em companha da rainha, que depressa se tornasse, e elle como chegou a c chamou-o de parte e disse:

—«Creio que vós sabeis bem, parte por o como eu tenho meus tratos feitos com os ingl e ora, por este casamento de minha filha, qu

CAPITULO CLXVII

› el-rei fez suas bodas em Badajoz, e tornou ›ois a Elvas e se despediu da rainha sua sogra.

QUANDO veiu ao domingo, que eram dezesete dias d'aquelle mez, ordenou el-rei como recebesse outra vez a infante, em presen- Egreja, fazendo-lhe suas bençãos e officio so- ɛmente, como nos tratos era posto; e foi d'esta :

porta da egreja cathedral, estavam revestidos apas, com baculos e mitras, D. Pedro, arce- de Sevilha, e D. Affonso, bispo da Guarda, Martinho, bispo de Lisboa, e D. João, bispo ɔimbra, e D. Diego, bispo d'Avila, e D. Joã de Calahorra, e D. Fr. Affonso, b a, e D. Fernando, bispo de Bada oito bispos muita outra clerezia, a gidos. O altar era guarnecido de no ɔs e reliquias, e toda a egreja apos ria.

CAPITULO CLXIII

Como el-rei de Castella partiu de seu reino e se para Badajoz.

TRATADO este casamento com as avenças haveis ouvidas, e recebida a infante, dissemos, pelo arcebispo, escreveu logo el-rei de Castella como tinha tudo firmado, e o e o logar onde se haviam de fazer as bodas, e el-rei D. Fernando, por fraqueza de sua dôr, podia ir a ellas, mas que a rainha sua mãe, todos os prelados e fidalgos do reino, haviam ser aquelle dia com a infante em Elvas.

A el-rei prouve muito d'estas novas, e mandou fazer prestes todas as cousas que cumpriam a suas bodas; e fez chamar os prelados e senhores que haviam d'ir com elle, e isso mesmo muitas nobres donas, para acompanhar a rainha D. Beatriz, sua mulher que havia de ser.

E partiu el-rei para Badajoz, cidade de seu reino ca do extremo, muito acompanhado de pre-

com elles. E depois que comeram, levaram a rainha D. Leonor ao arraial fóra da villa, ca el-rei de Castella nunca entrou dentro, e esteve fallando com el-rei gran parte do dia. E depois que foi tarde, tornou-se el-rei para Badajoz, com todos os que com elle vieram, e a rainha para a villa.

A' quinta feira, partiu el-rei d'onde pousava para a sé, onde já estava prestes o arcebispo de Sevilha, revestido em pontifical, tendo o Corpo de Deus consagrado em suas mãos; e por licença e mandado d'el-rei, D. João Affonso, conde de Denya, e D. Pero Nunez, conde de Mayorga, e D. João, bispo de Cordova, e Alvaro Gonçalves Dalbernoz, e Pero Soarez, alcaide de Toledo, e João Rodriguez de Bedma e outros, fizeram juramento sobre o Corpo de Deus consagrado, e preito e menagem nas mãos de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, vassalo d'el-rei de Portugal, que el-rei, seu senhor, guardasse os tratos, com todas as cousas n'elles conteudas, na forma e condições que já tendes ouvido. E outro tal juramento e menagem fizeram nas mãos de D. Pero Fernandez, mestre de S. Thiago de Castella, D. Alvaro Peres de Castro, conde d'Arrayollos, e D. Gonçalo, conde de Neiva, e todos os outros condes e mestres e senhores já em cima nomeados por mandado e licença d'el-rei D. Fernando, que para ello publicamente foi mostrada.

Na segunda feira da outra domaa, tornou el-rei jantar ás hortas d'Elvas, aonde antes viera comer, e depois que houve comido, foi pela rainha D. Leonor cêrca da villa, e levou-a para a tenda onde jantara; e tendo falado gran parte do dia, tornou com ella até aquelle logar, d'onde a levara de redea, e ali se despediram ambos de todo.

CAPITULO CLXI

Como a rainha partiu com sua filha caminho d vas, e d'algumas pessoas que foram em sua panha.

PORQUANTO nos tratos era conteudo que, d d'este recebimento a doze seguintes do de maio, a infante fosse entregue, entr vas e Badajoz, a el-rei seu marido, e el-rei D. nando por fraqueza de sua dôr, não podia foram juntos para partir com a rainha, em co nha da infante, os mais dos fidalgos e prelados havia em Portugal.

E perguntaram a el-rei quaes era sua mer ficarem com elle, e elle disse que não queria c nenhum salvo Lourenço Annes Fogaça, seu c celler-mór que tinha a cruz de S. Jorge escrip coração, como elle; e isto dizia el-rei porque L renço Annes fôra a Inglaterra em mensagem, q do vieram os inglezes, como ouvistes.

Então ordenou el-rei officiaes a sua filha, e lhe por mordomo-mór o conde João Fern

CAPITULO CLXVIII

Como el-rei partiu de Badajoz e foi cercar o conde D. Affonso, e d'outras cousas que se seguiram.

PARTIU el-rei de Badajoz com sua mulher, e foi dentro por seu reino até Leão; e por todos os logares por onde iam, assim cercados como terras chãs, lhes faziam grande festa, e os melhores quatro que ahi houvesse traziam um panno d'ouro em quatro hastes, sobre a rainha, dês fóra do logar até que chegava aonde havia de pousar.

E estando el-rei em Leão, foi-lhe notificado como o conde D. Affonso, seu irmão, abastecia Gijon e todas suas fortalezas.

El-rei mandou logo Pero Fernandez de Vallasco, seu camareiro-mór, e Pero Rodriguez Sarmento, seu adeantado em Galliza, que se fossem com certas gentes ás Asturias; e chegaram cerca de Gijon, onde estava o conde.

El-rei foi para lá a poucos dias, e cercou o conde n'aquelle castello; e o conde e os que estavam com

CAPITULO CLXII

Como se el-rei mandou desculpar a el-rei d'Ing terra, pelo casamento de sua filha que havia fe

PARTIDA a rainha por esta maneira, houve e D. Fernando sentido do casamento que fe feito de sua filha com Eduardo, filho do de de Cambridge, e que, sendo sabido em Ing terra como a elle casara com el-rei de Castel haveriam por escarneo e teriam que lhe quebr tara os tratos e amizades entre elles firmadas. cuidou que era bem de se enviar desculpar, a que sobre ello lhe enviasse recado. E indo a ra com suas gentes pouco mais d'uma legua, man el-rei chamar um escudeiro que havia nome R Cravo, que ia em companha da rainha, que depressa se tornasse, e elle como chegou a e chamou-o de parte e disse:

—«Creio que vós sabeis bem, parte por ouv como eu tenho meus tratos feitos com os ingle e ora, por este casamento de minha filha, que le

CAPITULO CLXIX

o el-rei D. Fernando mandou a Castella recer as menagens, por razão dos tratos, e quaes ssoas foram as que as fizeram.

rainha D. Leonor esteve em Elvas depois
da quinta feira que a infante sua filha foi
recebida e levada a Badajoz, como disse-
até onze dias; e aos trinta d'aquelle mez de
, uma terça feira pela manhã, partiu da dita
muito acompanhada, assim como fôra, como
que muitos fidalgos mandou d'ali que fossem
suas terras, e veiu esse dia comer a Borba e
iu ahi. E indo pelo caminho, trazia-a o mestre
iz de redea; e falando em algumas cousas per-
)u ella ao mestre, dizendo:

«Dizei-me, irmão, que vos pareceu el-rei de
:lla, em seus geitos e maneiras que teve?»

«Parece-me bom cavalleiro, disse o mestre, e
mesurado e sizudo em seus feitos.»

«Bem dizeis, irmão, disse ella; mas, porém,
im vos digo que o homem queria eu que fosse
homem.»

CAPITULO CLXIII

Como el-rei de Castella partiu de seu reino e s
para Badajoz.

TRATADO este casamento com as avenças
haveis ouvidas, e recebida a infante.
dissemos, pelo arcebispo, escreveu
el-rei de Castella como tinha tudo firmado, e
e o logar onde se haviam de fazer as bodas.
el-rei D. Fernando, por fraqueza de sua dô
podia ir a ellas, mas que a rainha sua mãe
todos os prelados e fidalgos do reino, havia
ser aquelle dia com a infante em Elvas.

A el-rei prouve muito d'estas novas, e mand
fazer prestes todas as cousas que cumpriam
suas bodas; e fez chamar os prelados e sen
que haviam d'ir com elle, e isso mesmo mui
nobres donas, para acompanhar a rainha D. B
triz, sua mulher que havia de ser.

E partiu el-rei para Badajoz, cidade de seu r
cêrca do extremo, muito acompanhado de prel

Que bem sabia como, por razão dos tratos que entre elle e el-rei D. Fernando e a rainha D. Leonor, sua mulher, por azo de seu casamento, foram firmados, assim era que elle até certo tempo fizesse côrtes em seu reino, em que fossem juntos os fidalgos e prelados de sua terra e isso mesmo os procuradores das villas e cidades, para por seu mandado e licença fazerem preitos e menagens aos senhores rei e rainha de Portugal, por firmeza e guarda dos tratos e cousas n'elles conteudos; e que, pois que ali eram juntas gran parte das pessoas que os haviam de fazer, fosse sua mercê de lhes dar licença e mandado por que as fizessem na forma que deviam.

El-rei disse que lhe prazia d'ello, e, outhorgada a licença e mandado a todos por pessoa que a fizessem foram estes os prelados que as fizeram: D. Pedro, arcebispo de Toledo; D. Gonçalo, bispo de Burgos; D. Hugo, bispo de Segovia; D. Garcia, bispo d'Oviedo; D. João, bispo de Palenza; D. Lopo, bispo de Siguenga, D. Fr. Pedro Moniz, mestre de Calatrava; D. Fr. Pero Diaz, prior de S. João.

Similhavelmente, os fidalgos foram estes aqui nomeados: o conde D. Affonso, irmão d'el-rei; D. Fradarique, duque de Benavente; D. Fernan Sanchez de Thoar, almirante-mór de Castella; D. Pedro Ponce de Leon; Pero Rodriguez Sarmento, adiantado em Galliza; Pero Fernandez de Vallasco, camareiro-mór d'el-rei; Pero Soarez Davinhone adeantado de Leon; João Furtado de Mendonça, alferes-mór d'el rei; Pero Gonçalvez de Mendonça, seu mordo-mór; João Rodriguez de Castanheda; Alvaro Perez do Soiro, senhor de Villalobos; Diego Gomez Manrique, adeantado-mór de Castel-

la; João Affonso de Lacerda, Ramiro Nunez Gozman, Fernando Alvarez de Toledo, Gon Mendez de Benavides, Fernan Perez d'Andra Pero Gonçalvez de Baçam, Sancho Fernande Thoar; Diego Furtado, filho de Pero Gonçalvez Mendonça; Pero Diaz de Sandoval, João Ro guez de Villalobos; João Fernandez de Thoar, de Fernan Sanchez; João Nunes de Toledo, G çalo Nunez de Gozman, Fernan Diaz de Mend Rui Diaz «Cabeça de Vacca» Pero Nunez de T do, Pedro Alvarez do Soiro, João Furtado de M donça. Estes trinta fidalgos, e outros de que longa ladainha não cumpre fazer, fizeram os mentos adeante escriptos.

As cidades, outrosim, foram estas seguinte saber: a cidade de Burgos, a cidade de Leão, dade de Toledo, a cidade de Sevilha, a cidad Cordova, a cidade de Murcia, a cidade Jaen, de Rodrigo, a cidade d'Oviedo, a cidade de Z ra, a cidade d'Avila, a cidade de Cuenca, a de Palenza, a cidade de Placencia, a cidade de via, a cidade de Soria, a cidade de Coyra, a de Beça, a cidade de Salamanca, a cidade de thagena, a cidade de Lugo, a cidade de Calab a cidade de Ubeda, a cidade de S. Domingos Calzada, a cidade de Badajoz. Estas vinte e cidades, e Toro e Madrid e Exares e Cace outras muitas villas que seria longo de dizer. ram então, por seus procuradores, preitos e gens e desnaturamentos, por guarda das alli entre os reis postas, as quaes em cima já ouvidas.

CAPITULO CLXX

que maneira fizeram os juramentos e menagens prelados e fidalgos de Castella.

Vistas as pessoas e logares que juramento fizeram, por guarda dos tratos entre os reis divisados, aquelles a quem prouver ouvir a eira como foram feitos saibam que foram d'esta ı:

evestido o sacerdote, dizendo missa, e tendo mãos o Corpo de Deus consagrado em uma na, os ditos prelados, senhores e ricos-homens, ıos d'algo, cavalleiros e escudeiros, e isso mes- os procuradores das villas e cidades, que pre- es siam, cada um d'elles por si, por mandado ença do dito senhor rei, cujos vassalos eram, am e prometteram áquelle Corpo de Deus con- ado, que estava ante elles, tangendo-o cada um suas mãos, de consentir, fazer e procurar a seu poder que os promettimentos, juras e obri- es feitas pelo dito senhor rei, em razão de seu

casamento com a rainha sua mulher, e dos tratos e avenças sobre ello feitas e firmadas, que se tivessem e durassem e fossem firmes, assim por el como pela rainha sua mulher; e que não seria então nem em nenhum tempo, em dito nem em feito, nem em conselho, nem em outra maneira alguma, por que o dito casamento fosse embargado nem se desatasse.

E o dito senhor rei, que presente estava, por mais firmeza de ter e guardar e cumprir todos os capitulos nos tratos conteudos, deu licença aos sobreditos prelados, senhores e ricos-homens, cavalleiros e escudeiros, filhos d'algo, e outrosim aos procuradores das villas e cidades, e de certas pessoas que presentes não eram, que, se porventura elle não tivesse e guardasse todos os capitulos nos tratos que entre elle e os ditos rei e rainha de Portugal foram firmados por juramento, e cada uma das cousas n'elles conteudas, na forma e maneira e com condições e aos tempos que se n'elles continha, que os sobreditos n'este caso se podessem desnaturar e desnaturassem d'elle dito rei de Castella, e tivessem com os senhores rei e rainha de Portugal e quanto a ella pertencesse de lhe ser cumprido e guardados os ditos tratos e capitulos e cada uma cousa n'elles conteuda.

Então, os ditos prelados e todos os outros, dissemos, cada um d'elles por si, com aquella graça que lhes para isto deu o dito senhor rei, fizeram preito e menagem, uma e duas e tres vezes, nas mãos do dito conde d'Ourem; e juraram e prometeram ao Corpo de Deus consagrado, que ante elle estava, que elles fariam a todo seu poder com o dito senhor rei de Castella tivesse e guardasse

os senhores rei e rainha de Portugal, e a todos outros que a isto pertencia ou podesse pertencer, r qualquer guisa que fosse, todos os capitulos s tratos e cousas n'elles conteudas, os quaes lhes o foram lidos e feita de cada um expressa men.), na forma e maneira que foram jurados e pro- ttidos. E mais que elles e cada um d'elles guar- sem e cumprissem todos os capitulos e cousas lles conteudas, quanto a elles pertencia de cum- r e guarder, segundo n'elles era conteudo, assim razão de sucessão dos reinos como em todas outras cousas.

Outrosim, os procuradores das villas e cidades, as procurações para isto muito bastantes traziam, iram áquelle Corpo de Deus consagrado que os celhos e pessoas cujos procuradores eram, que os e cada um dos moradores e visinhos dos di- logares, fizessem a todo seu poder que o dito hor rei de Castella tivesse e guardasse aos ditos e rainha de Portugal os ditos tratos, e quanto lla pertencia de serem guardados, e a todos os os a que pertencesse ou podesse pertencer, qualquer guisa que fosse; dos quaes tratos e sas n'elles conteudas, como foram jurados, e i que condições, lhes era logo feita expressa ição, jurando elles que aquelles concelhos e cada dos visinhos moradores d'elles guardassem e prissem os ditos capitulos e cousas n'elles con- las, quanto a elles pertencia de cumprir, assim successão do reino como em cada uma das ou- cousas.

acontecendo que el-rei D. Fernando e a rai- D. Leonor guardassem a el-rei seu senhor os os, e elle não tivesse e guardasse os ditos capi-

tulos e cousas n'elles divisadas, ou passasse com alguma d'ellas, que os ditos prelados, senhores fidalgos, cavalleiros e escudeiros, cada um por si, e isso mesmo os procuradores, em nome d'aquelles concelhos cujos procuradores eram, que elles se desnaturavam e desnaturariam do dito senhor n'este caso, e que cada um d'elles lhe faria guer e seriam contra elle e contra seus reinos, tendo com os ditos senhór rei e rainha de Portugal se o assim não guardassem e cumprissem que cah sim n'aquelle caso que cahem aquelles que trah castello ou matam senhor.

Feitos estas juras e promettimentos, e recebi taes menagens, como ouvistes, despediu-se o con d'el-rei e veiu-se para Portugal.

CAPITULO CLXXI

no vieram receber de Castella a Portugal outros ıes juramentos, por razão dos tratos.

) ESEMBARGANDO-NOS das razões d'estes tratos, por d'elles não fazer mais longo processo, deveis de saber que, assim como o conde urem foi a Castella receber as juras e menagens ›revemente contadas, assim mandou el-rei de tella a Portugal um arcebispo e um cavalleiro, em seu nome receber outras taes. E foram em tarem juntos todos os senhores e fidalgos, e uradores das villas e cidades, que estas juras am de fazer, e no mosteiro de S. Domingos das as aquelle arcebispo, revestido, tendo o Corpo Deus consagrado em uma patena, que em suas s tinha, foram feitos por todos similhantes jura- tos e menagens, na fórma que ouvistes os outros. depois que tudo foi feito, e deixadas as procu- es que cada uns traziam, disse aquelle arce- › contra os seus:

«Quanto agora, vos digo que está isto muito be
para Castella, ca muito damno nos vinha d'este re
con de Portugal!» E isto dizia elle ousadamen
entendendo que, segundo os tratos, e a doença q
el-rei D. Fernando havia, Portugal não se escusa
d'esta vez de todo o ponto ser de Castella; e ain
se elle soubera quão pouca vontade el-rei seu sen
havia de guardar os tratos, mais largamente pod
n'ello falar.

E pesava muito a todos os portuguezes, as
fidalgos como commum povo, com taes conver
da successão do reino, por azo da doença d'el-
tendo que por taes tratos se Portugal vendia; e
não podiam a al fazer, por obedecer a mandad
seu senhor.

Partiu-se o arcebispo para Castella, e soube e
novas como el-rei D. Fernando, seu sogro, era
vez mais adôrado e que sua vida não podia
muita; e, como aquelle que pouco tinha em von
de guardar os tratos que entre elles foram firma
falou logo com taes de quem fiava e mandou
Portugal, por vêr o estado do reino em que p
estava, e que falassem com alguns portuguezes
lhes logo nomeou, que, acontecendo que el-re
Fernando morresse, se acharia elle o reino
mandar, querendo vir a elle para o haver.

El-rei partiu de Segovia e foi para terra de Te
a um logar que dizem Torrijos, com intenção
ir depois á cidade de Sevilha.

CAPITULO CLXXII

no el-rei e a rainha partiram d'Almada e se eram a Lisboa, e morreu ahi el-rei D. Fernando.

ENDO el-rei D. Fernando mais afficado cada vez
de sua dôr, mandou que o trouxessem d'aquella
villa d'Almada, onde estava, para a cidade de
oa, e fosse de noite, por não ser visto; e foi as-
que o trouxeram ao serão, e nenhum não abria
rta, nem tirava candeia á janella, porque tal
ão fôra lançado, e assim escusamente o levaram
us paços.

rainha, a poucos dias depois d'isto, pariu uma
, que nasceu vinte e sete dias de setembro e
reu logo; e as gentes suspeitavam que não era
rei, e não sem razão, ca elle tempo havia que
dormia com ella, segundo fama, e ella paria
nprenhava e que taes filhos não eram d'el-rei.
li jouve el-rei por dias doente, mui desassimi-
o de quando elle começou de reinar, ca elle
o parecia rei entre todos os homens, ainda que

conhecido não fosse, e agora era assim muda
que de todo ponto não parecia aquelle. E sentio
sua morte muito cêrca, sendo já memfestado,
quereu que lhe dessem o Sacramento; e quan
lhe foi apresentado e contaram os artigos da
como é costume, dizendo-lhe se cria assim tud
aquelle Santo Sacramento que havia de rece
respondeu elle e disse:

— «Tudo isso creio, como fiel christão, e cr
mais que Elle me deu estes reinos para os manter
direito e justiça; e eu, por meus peccados, o
de tal guisa que lhe darei d'elles mui mau con

E dizendo isto, chorava mui de vontade, roga
a Deus que lhe perdoasse; e choravam com
dade d'elle, todos os que presentes eram. E as
com gran reverencia e devoção recebeu o S
Sacramento, jazendo vestido no habito de S. Fr
cisco. E quando veiu aos vinte e dois dias de
bro da era já escripta de mil e quatrocentos e
e um, em uma quinta feira á noite, começou
de se afficar, e lidando o espirito com a
n'aquella aspera hora, por se partir d'ella, em
espaço desamparou o corpo e elle deu a al
Deus, a Quem, por sua mercê, praza de a
reinar com os seus santos.

E viveu el-rei D. Fernando cincoenta e tre
nos e dez mezes e dezoito dias, e reinou de
annos e nove mezes, com grão trabalho de
seu povo.

Em outro dia, foi posto em umas andas
de panno preto, e levado em collo de frades
teiro de S. Francisco de Santarem, e foi
pouca gente e dó. E não foi a rainha a seu
nento, dizendo que se sentia mal e não pod

ros dizem que o fez receando o murmurio das
tes; e sua não ida fez mais falar n'ello do que
ventura falaram se áquella hora fôra presente.
E foram suas exequias e sepultura muito simples-
nte feitas, segundo pertencia a estado de rei.

CAPITULO CLXXIII

Como a rainha D. Leonor ficou por regedor reino, e das razões que lhe disseram os de Lis

Morto el-rei D. Fernando, ficou a rainha regedor e governador do reino, com tratos era conteudo, usando de toda dicção e senhorio em quitar menagens e apres egrejas, confirmando seus bons usos e costum villas e cidades que lh'o requerer enviavam. tem usança de fazer um rei, quando nova começa de reinar, obedecendo-lhe os fidalgos e mum povo como a sua rainha e senhora, em as cousas. Seu dictado nas cartas, em vida D. Fernando, era este: «D. Leonor, pela gra Santa Maria, rainha de Portugal e do Algarve. então por accordo dos senhores e lettrados de conselho, se começou de chamar «D. Leonor graça de Deus, rainha, governador e re dos reinos de Portugal e do Algarve;» e em mas, se acontecia nomear sua filha, cham «Rainha de Portugal.» E os tabelliães nas esc

ham: «Eu, fuão, tabellião de tal logar, por
ade da rainha D. Leonor, governador e re-
os reinos de Portugal e do Algarve, isto
revi, e meu signal fiz que tal é.»
) que se el-rei D. Fernando finou, partiu
s paços onde pousava e veiu-se a outros
entro na cidade, cêrca d'uma egreja que
1 S. Martinho, e ali estava em uma camara,
de dó, a que nenhum entrava sem lhe pri-
ser perguntado; e se novamente chegavam
posto de parte todo fingimento, fazia seu
com elles, mostrando-lhes a orphandade do
que perdera com soluços e grandes lagri-
as quaes depois de farta de chorar, dando a
er seu coração ser sempre em dôr, não per-
as gentes porém relembrança d'aquella má
ue em vida d'elrei cobrara.
ons da cidade chegaram então a ella, e dis-
que lhe pediam por mercê que os quizesse
d'algumas cousas que lhe por seu serviço e
egimento e defensão do reino dizer queriam.
prouve de ouvir seu arrazoado, e foi-lhe pro-
n'esta guisa:
Senhora, nós, vendo como Vós tendes cargo
rreger e emendar os damnos e males que os
s reinos hão recebidos até o tempo d'hora, de
Deus, por sua piedade, se queira doer, espe-
n'Elle que vos dará tanta graça que poreis
remedio, como por nós é desejado, propoze-
le o notificar á vossa mercê.
ssim é, Senhora, que Vós vistes bem como,
) tempo que El-rei, Nosso Senhor, cuja alma
haja, teve o regimento d'estes reinos até hora,
guiram n'elles muitos damnos e mortes e fal-

lecimentos d'homens; e que, por muitas desor-
nadas despezas feitas como não deviam, são pos-
as gentes em grandes pobrezas; e tudo por fal-
gua de bom conselho, fazendo seus feitos se
accordo dos de seu reino e por conselho dos estr-
geiros, que mais o aconselhavam em todas as c-
sas por seu ganho e proveito que por acre-
centamento de sua honra e estado, por cujo
foram gastados quantos thesouros e joias ficar-
dos outros reis para defendimento e guarda des
reinos; e ainda não lhe abondou tudo isto, mas
ram feitas e semeadas n'estes reinos moedas
usaveis, de tantas maneiras, por que as gentes
deram a mór parte da riqueza que tinham, co
tudo isto, e outras cousas que seria longo de d
é bem lembrado á vossa memoria.

«Porende, Senhora, se quereis ser guardad
similhantes males, parece-nos que é bem que
leis vossos feitos com os bons e naturaes do
antes que se ponham as cousas em obra, os c-
hão de supportar a mór parte do encargo qu
tal cousa avier. E pois vos Deus fez regedor de
e vos deu senhorio sobre nós, não hajaes por
de vos dizer toda cousa que por vosso serv
bem da terra em que vivemos podermos entend

A rainha, que sentido tinha d'aver bemque
e graça do povo, respondeu que o havia por
feito, e que dissessem em boa hora tudo o que
bem parecesse sobre ello.

«— Senhora, disseram elles, porque o theso
fortaleza por que estes reinos foram sempre
zos e amparados do que lhes avir podia fa
regimento e conselho, segundo Deus e consci
e por mingua d'isto, nos tempos que ora passa-

se seguiu muito o contrario, é bem que hajaes em vosso conselho alguns prelados que sejam naturaes d'estes reinos, e não gallegos nem castelhanos, e dois homens bons cidadãos e entendidos da comarca d'Entre Tejo e Guadiana, e da Extremadura e comarca da Beira, e de Traz os Montes, e d'Entre Douro e Minho, e do Algarve, dois de cada uma comarca; e estes, com os do vosso conselho, hajam cargo do regimento do reino em todas as cousas que cumprir. E podeis tomar assentamento em Santarem ou em Coimbra, ou partir o anno por ambos os logares, com as pessoas que dissemos, e serdes um dia ou dois na domaa com elles em relação, para vos dizerem o que fizeram e accordaram nos outros dias, e com elles livrardes todos os feitos e demandas do reino. E fazendo-o d'esta guisa, nenhuma cousa podereis ordenar de que depois sejaes prasmada.

«Outrosim, Senhora, saberá a vossa mercê que os direitos canonicos e civeis, e isso mesmo as leis do reino, defendem muito que judeus nem mouros não hajam officios sobre os christãos, e não sem razão, porque foram e são creados, especialmente os judeus, em odio e descrença de Jesus Christo, cuja lei e crença mantemos, e asssim o fizeram os reis que antigamente foram n'estes reinos; e por nossos peccados, prouve a El-Rei, cuja alma Deus haja, de lhes dar officios publicos em que estava a mór fieldade e sustancia de sua fazenda, fiando-se d'elles mais que dos christãos. E porém vos pedimos, por mercê, que guardeis os direitos e leis que isto defendem, tirando-lhes taes officios, e não sejam em vossos reinos rendeiros, nem colhedores de nenhuns direitos, nem andem em vossa casa por officiaes.

casamento com a rainha sua mulher, e dos tra
e avenças sobre ello feitas e firmadas, que se tive
sem e durassem e fossem firmes, assim por e
como pela rainha sua mulher; e que não seria
então nem em nenhum tempo, em dito nem e
feito, nem em conselho, nem em outra maneira
guma, por que o dito casamento fosse embarga
nem se desatasse.

E o dito senhor rei, que presente estava, por
firmeza de ter e guardar e cumprir todos os c
tulos nos tratos conteudos, deu licença aos sob
ditos prelados, senhores e ricos-homens, cavalle
e escudeiros, filhos d'algo, e outrosim aos procu
dores das villas e cidades, e de certas pessoas
presentes não eram, que, se porventura elle
tivesse e guardasse todos os capitulos nos tr
que entre elle e os ditos rei e rainha de Port
foram firmados por juramento, e cada uma das
sas n'elles conteudas, na forma e maneira e co
condições e aos tempos que se n'elles continha
que os sobreditos n'este caso se podessem des
turar e desnaturassem d'elle dito rei de Castel
tivessem com os senhores rei e rainha de Port
e quanto a ella pertencesse de lhe ser cumpri
guardados os ditos tratos e capitulos e cada
cousa n'elles conteuda.

Então, os ditos prelados e todos os outros
dissemos, cada um d'elles por si, com aquella
ça que lhes para isto deu o dito senhor rei, fize
preito e menagem, uma e duas e tres vezes,
mãos do dito conde d'Ourem; e juraram e pro
teram ao Corpo de Deus consagrado, que ante
estava, que elles fariam a todo seu poder q
dito senhor rei de Castella tivesse e guardasse

CAPITULO CLXXIV

Da resposta que a rainha deu ás razões que pelos de Lisboa foram ditas.

DEIXADAS outras cousas e suas respostas, que por aquella hora foram ali faladas, sómente o que a rainha a estas que ouvistes respondeu queremos dizer, e mais não. A' primeira, respondeu a rainha e disse:

— «Eu bem vejo que vossa tenção é boa, e que por serviço de Deus e meu, e prol d'estes reinos, vos demoveis a dizer isto.

«E pois me Deus deu regimento d'elles, minha tenção é de tomar para isto dois prelados, quaes entender que são de melhor vida e condição, que sejam naturaes do reino e não estrangeiros; e mais escolher de todas as comarcas do reino os melhores homens que ahi houver, e de melhor condição para o que dizeis, e isto com accordo dos concelhos, quantos virem que é aguisado.

«Quanto pertence á minha estada, a mim não cu-
pre andar pela terra a montes e a caça, como ter
em costume de fazer os reis, mas tenho vonta-
tomar assessego nos logares que dissestes e n'esta-
dade, e dispender meu tempo com meus officios
e reger e assessegar o reino em verdadeira e dire-
justiça; e tomarei trabalho para estar em relação
dias que vir que cumpre, e farei que todas as co-
sas que se houverem de livrar sejam vistas e acc-
dadas por todos ou a mór parte d'elles.

«Em razão do que dissestes dos officiaes jud-
digo-vos que minha tenção foi sempre de os ju-
não haverem officios n'estes reinos, e trab-
muito, em tempo d'El-Rei, meu Senhor, de os
haver ahi; e porque em sua vida não pude fa-
logo como El-Rei morreu tirei o thesoureiro e o
xarife da alfandega d'esta cidade, e todos os
dores e officiaes judeus, como bem vistes, e
lhes entendo tornar seus officios, nem lhes da
tros, nem minhas rendas, como quer que me
ellas mais dêem que os christãos, ca antes
haver perda n'ellas que as dar a elles e ir
direito e bons costumes.

«O que me dizeis em razão das pousadaria
que bem é de se fazerem estalagens em que
possam pousar, — digo que me praz muito,
tendo que é bem e serviço de Deus, contant
os concelhos façam estalagens em que os bons
suas gentes, possam pousar; mas nos logares
se fazer não podem não se poderia isto guar

Fallaram então muito n'isto e n'outras cousas
dizer não curarmos; des-ahi, partiram-se,
de sua resposta, e ella contente do que lhe
ram.

CAPITULO CLXXV

Como foi alçado pendão em Lisboa pela rainha de Castella e do que sobre ello aveiu.

El-rei de Castella, como soube que el-rei D. Fernando era finado, escreveu logo, elle e a rainha sua mulher, á rainha D. Leonor, sua mãe, que fizesse tomar voz por ella, como nos tratos era conteudo, a qual logo ella mandou filhar a todos os condes e mestres e ricos-homens que de presente eram quando este recado chegou, e elles fizeram-n'o assim. E não sómente escreveram el-rei e a rainha de Castella á rainha D. Leonor que fizesse tomar voz, mas ainda mandaram seu recado, pelo arcediago de Cêa e por outros, a muitos alcaides dos logares de Portugal que tomassem voz por ella, pois era sua senhora; e taes ahi houve que o fizeram logo, outros escreveram primeiro á rainha, antes que lhe enviassem a resposta.

A rainha, vistas suas cartas, mandava que tomassem voz por sua filha, e que trouxessem um pen-

dão, cada uns em seu logar, com os direitos sig... de Portugal, que eram os direitos da rainha D. Be... triz, cavalgando todos pela villa com aquelle pe... dão dizendo: «Arraial, arraial, pela rainha D. Be... triz de Portugal, Nossa Senhora», segundo se ... tuma de fazer, quando rei morre, por seu filho he... deiro que deixa. E mandava a rainha aos di... alcaides que escrevessem a el-rei de Castella s... lhes prazia de tomar voz pela rainha D. Bea... sua senhora, segundo eram teudos de o fazer, g... dando-se todavia o tempo da sua governança, ... gundo nos tratos era conteudo; e que no sobresc... da carta da rainha escrevessem: «A' Rainha D. Be... triz de Portugal e de Castella, Nossa Senhora.»

Ora aveiu que um dos principaes logares em... a rainha mandou alçar pendão e tomar voz po... filha foi a cidade de Lisboa, e foi ordenado ... rainha e fidalgos que ahi estavam que um dia ... cavalgassem todos e o trouxessem pela villa.

Os da cidade, quando isto ouviram, não lhe... mais saberem que haviam d'apregoar arraial ... rainha de Castella, sua senhora, ca ouvirem que... haviam todos de lançar em captivo de mouros, ... foi grão murmurio e torvação entre elles, dizen... uns contra os outros:

— «Agora se rende Portugal doado, que m... cabeças e sangue custou a ganhar, quando foi fi... aos mouros.»

E era em todos grande torvação e não sa... que fazer.

N'isto, cavalgaram um dia muitos de best... deram o pendão a D. Henrique Manuel de Vil... conde de Cêa, que tinha o castello de Cintra. E... conde D. Henrique era filho de D. João Manu...

d'el-rei D. Fernando, ca era irmão de D. Consça, sua mãe, e tio da rainha D. Beatriz, mulher -rei de Castella. E começaram d'ir com elle mui so e chegaram até a porta da sé, e detiveram-se quella praça, porque se recearam dos da cidade, ouviram dizer que se alvoraçavam por esta ão; e, emquanto mandaram saber á rua Nova era o que as gentes diziam, disse D. Henrique nuel:

-«Falae, senhores, falae.»

ntão começaram todos a dizer:

- «Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz de Porl, Nossa Senhora.»

orém, taes cavalleiros e escudeiros iam ahi, que am isto, a quem não prazia d'ello. O conde D. aro Peres de Castro quando isto ouviu, deu um ido e disse:

-«Arraial, arraial, cujo fôr o reino leval-o-ha.» isto dizia elle pelo infante D. João e D. Diniz, sobrinhos, que andavam em Castella, que elle ndia que poderiam reinar; e esta intenção tinham os, dizendo uns aos outros que o infante D. queriam haver por seu rei e senhor, por que ino de Portugal sempre fosse reino sobre si tado, e que era por força de se ajuntar com o de Castella, e ser todo um, se o a rainha D. riz herdasse, e isso mesmo seu marido.

s que foram saber que era o que diziam os da le pelo levar d'aquelle pendão disseram que tanto alvoroço nas gentes que lhes aconselhaque não fossem mais por deante, ca lhes parese la fossem, que nunca d'ella viriam elles nem ndão. Então se tornaram todos para d'onde ram, e não se fez porém mais sobre isto.

CAPITULO CLXXVI

Como em Santarem levaram o pendão pela ra
'D. Beatriz, e do que ahi aconteceu esse dia.

D'ESTA guisa que se alvoroçaram as gent
Lisboa, quando alçaram pendão na c
pela rainha de Castella, se levantou
união em Santarem, e foi por esta maneira:

Um escudeiro, que chamavam Vasco Rod
Leitão, era então alcaide de Santarem por G
Vasques d'Azevedo, e um dia pela manhã m
dizer a esses melhores do logar que cavalg
todos, depois de comer, e se juntassem n
d'uma egreja chamada Santa Maria de Ma
para trazerem pendão pela villa e chamarem
pela rainha D. Beatriz, herdeira do reino, por
de seu pae.

Como elle isto mandou dizer, e foi sabid
villa, logo se todos alvoraçaram, dizendo que
se queria alçar por el-rei de Castella, e que
em má hora fosse tal cousa feita, ca nunca el

haviam de consentir; e juntavam-se em assumada uns com os outros, falando sobre isto, aguardando quando haviam de vir com o pendão.

Chegou-se a hora de vespera, e juntaram-se no adro d'aquella egreja até setenta de cavallo, e nenhuns de pé, salvo por olhar. Vasco Rodrigues estava em um formoso e grande cavallo, e depois que viu que já ali eram assás, de que podia ir bem acompanhado, metteram-lhe a bandeira na mão á porta da egreja; e elle, como a teve, deu um brado, dizendo:

— «Arraial, arraial, pela Rainha D. Beatriz de Portugal, Nossa Senhora.»

E elles, que houveram todos de responder altas vozes, dizendo cada um por aquella guisa, segundo é de costume, calaram-se todos, que nenhum não falou. E começou elle de mover deante passamente, e todos apoz elle; e indo assim quanto seria um lanço de pedra d'onde partira, disse contra aquelles que iam com elle:

— «E vós outros não falaes nenhuma cousa? Dizei, dizei: Arraial pela Rainha D. Beatriz.»

E tornou elle outra vez, alta voz, dizendo: «Arraial, arraial,» assim como antes dissera.

E elles, a quem pouco prazia de tal apregoamento, nenhuma cousa responderam mais que da primeira; mas, tanto que elle acabou de dizer aquillo, falou uma velha, alta voz, e disse:

«Em má hora seria essa, mas arraial pelo infante D. João, que é de direito herdeiro d'este reino, mas não já pela rainha de Castella: E como em má hora sujeitos havemos nós de ser a castelhanos! Nunca Deus queira!»

E dizendo ella isto assim o começaram a dizer

CAPITULO CLXXVI

Como em Santarem levaram o pendão pela rai
'D. Beatriz, e do que ahi aconteceu esse dia.

D'ESTA guisa que se alvoroçaram as gent
Lisboa, quando alçaram pendão na c
pela rainha de Castella, se levantou
união em Santarem, e foi por esta maneira:

Um escudeiro, que chamavam Vasco Rodr
Leitão, era então alcaide de Santarem por G
Vasques d'Azevedo, e um dia pela manhã ma
dizer a esses melhores do logar que cavalga
todos, depois de comer, e se juntassem n
d'uma egreja chamada Santa Maria de Ma
para trazerem pendão pela villa e chamarem
pela rainha D. Beatriz, herdeira do reino, por
de seu pae.

Como elle isto mandou dizer, e foi sabid
villa, logo se todos alvoraçaram, dizendo que
se queria alçar por el-rei de Castella, e que
em má hora fosse tal cousa feita, ca nunca elle

·iam de consentir; e juntavam-se em assumada uns
ɔ os outros, falando sobre isto, aguardando quan-
haviam de vir com o pendão.
Chegou-se a hora de vespera, e juntaram-se no
o d'aquella egreja até setenta de cavallo, e ne-
ns de pé, salvo por olhar. Vasco Rodrigues es-
ı em um formoso e grande cavallo, e depois
viu que já ali eram assás, de que podia ir bem
mpanhado, metteram-lhe a bandeira na mão á
:a da egreja; e elle, como a teve, deu um brado,
ndo:
- «Arraial, arraial, pela Rainha D. Beatriz de
ugal, Nossa Senhora.»
elles, que houveram todos de responder altas
s, dizendo cada um por aquella guisa, segundc
: costume, calaram-se todos, que nenhum não
. E começou elle de mover deante passamente,
dos apoz elle; e indo assim quanto seria um
» de pedra d'onde partira, disse contra aquelles
am com elle:
«E vós outros não falaes nenhuma cousa? Di-
lizei: Arraial pela Rainha D. Beatriz.»
tornou elle outra vez, alta voz, dizendo: «Ar-
arraial,» assim como antes dissera.
elles, a quem pouco prazia de tal apregoa-
ɔ, nenhuma cousa responderam mais que da
:ira; mas, tanto que elle acabou de dizer aquil-
ou uma velha, alta voz, e disse:
m má hora seria essa, mas arraial pelo infante
ão, que é de direito herdeiro d'este reino, mas
i pela rainha de Castella: E como em má hora
ɔs havemos nós de ser a castelhanos! Nunca
queira!»
dizendo ella isto assim o começaram a dizer

quantos homens e mulheres havia pela rua, e
se apoz elle dizendo isto e outras más razões.

E como chegou á rua dos Mercadores, que é
cêrca, onde se faz uma pequena praça, disse
outra vez: «Arraial, arraial», como da primei
ali se começaram as gentes mais d'alvoroç
quando passou a rua dos Mercadores e cheg
praça da villa, onde o já muitos estavam aguar
do, e levantou outra vez a voz, bradando: «A
arraial,» ali foi grande alvoroço nas gentes. di
— que muito em má hora fosse tal pregão lan
que nunca Deus quizesse que outrem reinass
Portugal senão o infante D. João, e não já
nha de Castella. E eram os brados tantos e o
tão grande, assim d'homens como de mulheres
se não ouviam uns aos outros.

Muitas das gentes da villa, que estavam em
gotes, começaram de se chegar a elle, dizend
muito em má hora fosse tal pregão lança
agora haviam de ser sujeitos de castelhanos, e
elle era ousado de o dizer ou quem lhe m
fazer tal cousa. Então um pelliteiro, que havia
Domingos Annes, homem refece e de pequena
disse contra os outros:

— «Que estamos fazendo ou que pregão é

E dizendo lançou uma espada fóra; e como
fez assim fizeram todos os outros, dizendo q
tasem o alcaide.

Os que com elle vinham não lhes pesou
começaram de o deixar e ir-se cada um par
melhor podia. Elle, com temor, deu das esp
cavallo e sahiu-se d'entre elles, fugindo; e,
o pendão alto, topou em um sobrado á entr
rua, e, não o podendo mais alçar, o levou

ido até o castello, que entrou com elle pela porta Traição, que é um grande espaço d'ali.
E todo aquelle povo ia apoz elle, com as espas fóra, bradando que o matassem; e os que esam nas casas sahiam vêr o ruido, e iam-se com s de volta; e assim chegaram até as portas do tello, que foram logo depressa fechadas. E torido-se todos, vinham dizendo:
— «Viva o infante D. João, viva! Oh! quem nol-o aqui desse, veriamos quem seria ousado de egoar arraal pela rainha de Castella, para nos armos agora castelhanos!»
foi aquelle dia grande alvoroço na villa, o qual partiu por noite, que não falaram n'outra cousa.

CAPITULO CLXXVII

Do que aconteceu em Elvas quando Alvaro Per[eira] alçou pendão pela rainha.

Não sómente n'estes logares, mas ainda [em] outros do reino, foi grande alvoroço [e] trazer do pendão e apregoamento [da] da rainha, segundo ouvistes, assim como [foi] Elvas, que, tanto que el-rei D. Fernando [m]or[reu] Alvaro Pereira, alcaide do castello, alçou logo [a] deira e trouxe-a de cavallo pela villa até a port[a] S. Domingos, apregoando: «Arraial, pela [rainha] D. Beatriz.»

Gil Fernandes, de que já falamos, não e[stava] villa quando isto foi, e como veiu e soube [a] parte juntou assim os demais do logar, e al[çou] outra bandeira em contrario d'aquella, e trou[xe]-n'a por todas as praças da villa, bradando [e]: «Arraial, arraial, por Portugal.»

Alvaro Pereira houve d'isto melancolia, e [ad]

ı Gil Fernandes que jantasse com elle. O comer
bado, disse Alvaro Pereira:
—« Gil Fernandes, vós sereis preso, e, pois vos
tenho preso, eu tenho todo Elvas.»
—« Prendestes-me como não devieis, disse elle,
ȝ, pois assim é, deixae vir a arraia miuda das
ıas, ca elles me tirarão d'aqui.»
; assim foi de feito, ca, logo como souberam na
ı que elle era preso, metteram mão a repicar os
s, e juntou-se a gente da villa com a que anda-
óra, e foram todos combater o castello, em gui-
que até as mulheres e moços todos ajudavam
ı o que podiam.
endo isto, Alvaro Pereira falou aos de fóra, di-
lo que o soltaria por refens; e logo Vasco Lo-
ı, cavalleiro, e Martim Vasques, escudeiro, fi-
m por elle, e foi solto.
'outro dia, Gil Fernandes e Martim Rodrigues
ıeram que o alcaide mandara por gentes a Cas-
, para defender melhor o castello; e dizem al-
ı que eram cento e cincoenta lanças. Gil Fer-
les e Martim Rodrigues, com outros, começa-
logo de os combater, e foi depressa queimada
rta d'elle, e o muro roto por alguns logares.
varo Pereira deu então o castello, com condi-
que o tirasse Gil Fernandes, d'Elvas, seguro
ȝ sua mulher e filhos e gentes; e quando aquel-
ıite lhe veiu o accorro nenhuma cousa prestou,
naram-se.
ɔutro dia pela manhã, foi-se Gil Fernandes
Alvaro Pereira, pol-o em salvo, e indo já uma
ı da villa disse Alvaro Pereira que se tornasse,
já tempo era; e Gil Fernandes disse que se
va de topar com alguns castelhanos, que lhe

fizessem nojo. E elle respondeu que dos portuguezes o segurasse elle, que dos castelhanos não havia medo; e Gil Fernandes disse:

—«Pois vós castelhano sois? Eu vos seguro dos portuguezes e ide-vos com Deus.»

Então se despediu d'elle, e o outro se foi caminho do Crato.

E d'esta guisa aconteceram outros alvoroços em logares, sobre o tomar da voz e alçamento de perdão, de que mais não queremos dizer.

CAPITULO CLXXVIII

recado que el-rei de Castella mandou aos fidal-s de Portugal, quando fizeram o sahimento d'el-i D. Fernando.

PORQUE o finamento d'el-rei fôra feito muito simplesmente, e não suas exigencias como deveram, ordenou a rainha de mandar cha- todos os senhores e fidalgos do reino, que em ao sahimento do mez, para se fazer o mais idamente que podesse; e foi assim que o fize- o melhor que pôde ser, como cumpria a honra ei, porém alguns se escusaram que não vieram , assim como o conde D. Gonçalo e Gonçalo ues d'Azevedo e outros.

rei de Castella, sabendo como todos haviam r juntos em Lisboa para isto, fez escrever car- ara a rainha D. Leonor, sua sogra, e para to- os condes e mestres e cavalleiros de Portugal, a algumas villas e cidades do reino; e mandou eu embaixador, com ellas, um cavalleiro da or-

dem de S. Thiago, natural de Salamanca, que chamavam Affonso Lopez de Texeda.

Este chegou a Lisboa e deu suas cartas á rainha e áquelles a quem vinham, nas quaes era contendo que bem sabiam como a rainha D. Beatriz, sua mulher, filha d'el-rei D. Fernando, era herdeira do reino de Portugal, pois seu pae era finado, sem deixar outro legitimo filho que de direito houvesse de herdar; e que isso mesmo ficava elle por rei e senhor do reino, pois que seu marido era. E que porém lhes rogava que quizessem guardar n'este caso aquillo que eram teudos de fazer, assim como bons e leaes vassalos, tomando a rainha D. Beatriz por sua rainha e senhora, e elle isso mesmo por seu rei e senhor; e que, fazendo-o assim, fariam o que deviam, cumprindo lealdade a que eram teudos, pela qual razão elle e a rainha sua mulher seriam obrigados de lhes fazer sempre muitas mercês por ello. Além d'isto, falava elle com elles todas as boas razões que entendia por que os a isto podesse mover.

Sua resposta de todos era que elles tinham vontade de haver por sua rainha e senhora a rainha D. Beatriz, filha d'el rei D. Fernando, sua mulher e que estavam e eram prestes para ter e guardar os tratos que sobre esta razão foram ordenados entre el-rei de Castella e el-rei D. Fernando.

E elle, com esta resposta, tornou a el-rei.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

INDEX

CAPITULO CLXXVI

Como em Santarem levaram o pendão pela ra
'D. Beatriz, e do que ahi aconteceu esse dia.

D'ESTA guisa que se alvoroçaram as gente
Lisboa, quando alçaram pendão na c
pela rainha de Castella, se levantou
união em Santarem, e foi por esta maneira:

Um escudeiro, que chamavam Vasco Rodr
Leitão, era então alcaide de Santarem por Gon
Vasques d'Azevedo, e um dia pela manhã ma
dizer a esses melhores do logar que cavalgas
todos, depois de comer, e se juntassem no
d'uma egreja chamada Santa Maria de Ma
para trazerem pendão pela villa e chamarem
pela rainha D. Beatriz, herdeira do reino, por
de seu pae.

Como elle isto mandou dizer, e foi sabido
villa, logo se todos alvoraçaram, dizendo que
se queria alçar por el-rei de Castella, e que
em má hora fosse tal cousa feita, ca nunca elle

iam de consentir; e juntavam-se em assumada uns
i os outros, falando sobre isto, aguardando quan-
haviam de vir com o pendão.
:hegou-se a hora de vespera, e juntaram-se no
ɔ d'aquella egreja até setenta de cavallo, e ne-
ns de pé, salvo por olhar. Vasco Rodrigues es-
ı em um formoso e grande cavallo, e depois
viu que já ali eram assás, de que podia ir bem
npanhado, metteram-lhe a bandeira na mão á
a da egreja; e elle, como a teve, deu um brado,
ndo:
- «Arraial, arraial, pela Rainha D. Beatriz de
ugal, Nossa Senhora.»
elles, que houveram todos de responder altas
s, dizendo cada um por aquella guisa, segundc
costume, calaram-se todos, que nenhum não
. E começou elle de mover deante passamente,
dos apoz elle; e indo assim quanto seria um
ı de pedra d'onde partira, disse contra aquelles
am com elle:
«E vós outros não falaes nenhuma cousa? Di-
lizei: Arraial pela Rainha D. Beatriz.»
tornou elle outra vez, alta voz, dizendo: «Ar-
arraial,» assim como antes dissera.
elles, a quem pouco prazia de tal apregoa-
ɔ, nenhuma cousa responderam mais que da
ira; mas, tanto que elle acabou de dizer aquil-
ou uma velha, alta voz, e disse:
m má hora seria essa, mas arraial pelo infante
ão, que é de direito herdeiro d'este reino, mas
ı pela rainha de Castella: E como em má hora
ɔs havemos nós de ser a castelhanos! Nunca
queira!»
dizendo ella isto assim o começaram a dizer

CAPITULO CLVI. — Como os inglezes souberam que as pazes eram tratadas e que os reféns foram postos a uma parte a outra .....
CAPITULO CLVII. — Como morreu a rainha de Caste... e foi commettido a el-rei que casasse com a infan... de Portugal .....
CAPITULO CLVIII. — Como foi tratado casamento en... el-rei de Castella e a infante de Portugal, e com q... condições .....
CAPITULO CLIX. — Dos juramentos que foram fe... entre os reis, por guarda das cousas conteudas n... avenças .....
CAPITULO CLX. — Como a infante de Portugal desd... os esposorios que feitos havia, e recebeu el-re... Castella por marido, em pessoa de seu procu... dor .....
CAPITULO CLXI. — Como a rainha partiu com sua f... caminho d'Elvas, e d'algumas pessoas que foram... sua companha .....
CAPITULO CLXII. — Como se el-rei mandou desculp... el-rei d'Inglaterra, pelo casamento de sua filha q... havia feito .....
CAPITULO CLXIII. — Como el-rei de Castella partiu... seu reino e se veiu para Badajoz .....
CAPITULO CLXIV. — Como el-rei de Castella appro... os tratos, antes que recebesse a infante sua mul...
CAPITULO CLXV. — Como el-rei de Castella partiu ... Elvas, e como recebeu a infante de Portugal por s... lher .....
CAPITULO CLXVI. — Do que aveiu a Nuno Alvares, s... tando-se el-rei a comer, e das palavras que a ra... disse a el-rei, quando se d'ella houve de despedi...
CAPITULO CLXVII. — Como el-rei fez suas bodas ... Badajoz e tornou depois a Elvas, e se despedi... rainha sua sogra .....
CAPITULO CLXVIII. — Como el-rei partiu de Badaj... foi cercar o conde D. Affonso, e d'outras cousas ... se seguiram .....
CAPITULO CLXIX. — Como el-rei D. Fernando man... a Castella receber as menagens, por razão dos te... e quaes pessoas foram as que as fizeram .....

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
GRADUATE LIBRARY

DATE DUE

UNIVERSITY OF
3 9015 05855 5346

DO NOT REMOVE
OR
MUTILATE CARD